UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Marcela Cristina Quinteros

Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural

Versão Corrigida

Tese de Doutorado

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato

De acordo

São Paulo

2017

Marcela Cristina Quinteros

Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em História.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catlogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Q7j Quinteros, Marcela Cristina
 Juan Natalicio González (1897-1966): um
 intelectual plural / Marcela Cristina Quinteros ;
 orientador Maria Helena Rolim Capelato. - São Paulo,
 2017.
 274 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. Juan Natalicio González. 2. Biografia. 3.
 Escrita de si. 4. Revista Guaraní. 5. Revisionismo
 Histórico Paraguaio. I. Capelato, Maria Helena Rolim,
 orient. II. Título.

QUINTEROS, M. C. **Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social.

Aprovada em 04/11/2016

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: Aprovada

Assinatura: _____

Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Valardaga

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: Aprovada

Assinatura: _____

Profa. Dra. Mariana Martins Villaça

Instituição: UNIFESP - Externo

Julgamento: Aprovada

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Margarida Cintra Nepomuceno

Instituição: Externo

Julgamento: Aprovada

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Antonia Dias Martins

Instituição: CUFSA - Externo

Julgamento: Aprovada

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao entregar uma tese, concluí uma etapa na qual participaram, direta ou indiretamente, muitas pessoas que colaboraram com seu conhecimento, ajuda, compreensão e companheirismo.

Devo um agradecimento muito especial para minha orientadora, Profa. Maria Helena Rolim Capelato, por sua dedicação, abertura e paciência para me acompanhar neste longo e dilatado percurso de pós-graduação que começou no mestrado um par de décadas atrás. Como docente, ela transmite seu conhecimento de forma invejável e ensina através do exemplo, tomando “partido” pela história, pelas pessoas e por um futuro melhor.

Retomar os estudos, interrompidos por circunstâncias da vida, não foi uma tarefa fácil. Mas ela se mostrou estimulante graças a um grupo de pessoas muito especial. Agradeço ao Prof. Miguel Palmeira, por ter partilhado seus conhecimentos e por ter apoiado a formação desse grupo de estudo com pessoas tão maravilhosas, como Franco, Júlio, Lidiane, Carlos, Paulo, Bianca, Marcio. Meu muito obrigada a todos.

As discussões em sala de aula foram fundamentais para o avanço da pesquisa. Fico grata especialmente aos ex-orientandos e orientandos da Profa. Maria Helena: Ângela, Maria Antônia, Carine, Caio, Alexsandro, Eça, Ulisses, Rodolfo, por dicas, materiais e fontes cedidos. Fico em dívida também com a Profa. Gabriela Pellegrino e com o Prof. Olivier Compagnon, pelas aulas e sugestões que aportaram importantes contribuições teóricas. Devo igualmente várias conversas e trocas a Romilda, Livia, Emílio e Natally.

No exame de qualificação, contei com as observações da Profa. Maria Lígia Prado e da Profa. Stella Vilardaga que, além da competência para sugerir os ajustes necessários, são duas pessoas pelas quais tenho um profundo carinho.

A pesquisa no Paraguai só foi possível graças à ajuda, à disposição e ao profissionalismo de um conjunto de pessoas e instituições. No Museu Andrés Barbero, através de suas diretoras, Adelina Pusineri e Raquel Salazar, em cada viagem, tive meu ponto de partida para a busca de fontes, bibliografia e pesquisadores.

Entre os pesquisadores paraguaios que me apoiaram com sugestões, documentos e informações, devo minha gratidão a Andrea Tutte, Jacinto Flecha, Osvaldo Salerno, Jorge Rubiani, Herib Caballero Campos. Entre os pesquisadores “paraguaistas”, obrigada a Liliana Brezzo, Lorena Soler, Magdalena López, Ignacio Telesca e Jennifer French.

Aos biógrafos de Juan Natalicio González – José Arce Farina, Washington Ashwell e Efraín Enríquez Gamón – agradeço a disposição em atender as minhas consultas.

Em Assunção, tive a oportunidade de consultar a documentação no Arquivo do Ministério de Relações Exteriores, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional, instituições muito bem organizadas e preocupadas em atender os pesquisadores estrangeiros com a maior presteza. A seus funcionários e diretores, muito obrigada.

À Elspeth Healey, da Kenneth Spencer Research Library (Universidade de Kansas), agradeço tanto pelas informações sobre a *Natalicio Gonzalez Collection* como pelo envio de seus sumários.

Pela segunda vez, tive o privilégio de fazer um curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo, uma universidade pública e gratuita de qualidade, aberta a alunos estrangeiros. Em tempos de intolerância aqui e acolá, impregnados de velhos e novos “nacionalismos”, experiências gratas e construtivas como a brindada por esta instituição são a chave para combater a xenofobia a que estamos expostos quando decidimos viver fora de nossos países de origem.

Aos queridos amigos de São Paulo, Jorge e Ceila, que semana após semana, me albergaram, escutaram e acompanharam em minhas preocupações, meu cálido agradecimento. Para os amigos de Maringá, Nelly e Hércules, que sabem que “não sumi” e incondicionalmente estenderam a mão nas horas mais críticas, meu abraço fraterno.

Agradeço a generosidade de meus irmãos Javier e Guillermo que, uma vez mais, assumem a parcela de responsabilidade que me corresponde. Ao sorriso lindo da minha mãe, *gracias*.

Fico grata com Felipe, por ter me transmitido seu entusiasmo pela história do Paraguai. Por fim, não acho as palavras para expressar minha gratidão e admiração por Tomás e por Camilo, pelo amadurecimento e pela autonomia ganhos nestes quatro anos.

Por último, agradeço o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que facilitou o andamento da pesquisa.

RESUMO

QUINTEROS, M. C. **Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

Esta tese procura identificar quais eram os principais objetivos intelectuais e políticos de Juan Natalicio González (1897-1966), um escritor paraguaio que desempenhou um amplo leque de atividades – jornalista, ensaísta, editor, político, militante do Partido Colorado e diplomata. A partir da análise de suas biografias, de seus próprios textos (autobiografia, ensaios e a revista *Guaranía*) e do resgate feito pela historiografia, consideramos que González atingiu parcialmente suas ambições políticas, na medida em que chegou a ser presidente de seu país, foi derrubado e já não pôde voltar a ocupar um papel protagonista na cena política nacional. Por outro lado, teve grande sucesso na difusão e na consolidação da interpretação revisionista da história paraguaia, ao articular-se em diversos grupos de intelectuais latino-americanos que reproduziram amplamente sua versão da história.

Palavras-chave: Juan Natalicio González, Biografia, Escrita de si, Revista *Guaranía*, Revisionismo Histórico Paraguaio.

A B S T R A C T

QUINTEROS, M. C. **Juan Natalicio González (1897-1966): an plural intellectual.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

This thesis seeks to identify the main intellectual and political objectives of Juan Natalicio González (1897-1966), a Paraguayan writer who played an extensive variety of activities (journalist, essayist, editor, politician, Colorado Party's member and diplomatic). From the analysis of their biographies, their own texts (autobiography, essays and magazine *Guaranía*) and the study done by historians we consider that Gonzalez partially achieved his political ambitions, because he became president of his country but he was deposed and did not return to play a leading role in the national political scene. He succeeded in spreading and consolidation of the revisionist interpretation of Paraguayan history, after participating in various groups of Latin American intellectuals who widely reproduced his version of the history.

Keywords: Juan Natalicio González, Biography, Writing Self-referential, Magazine *Guaranía*, Paraguayan Historical Revisionism.

RESUMEN

QUINTEROS, M. C. **Juan Natalicio González (1897-1966): un intelectual plural.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

Esta tesis busca identificar los principales objetivos intelectuales y políticos de Juan Natalicio González (1897-1966), un escritor paraguayo que desempeñó un amplio abanico de actividades (periodista, ensayista, editor, político, militante del Partido Colorado y diplomático). A partir del análisis de sus biografías, de sus propios textos (autobiografía, ensayos y la revista *Guaranía*) y del rescate hecho por la historiografía, consideramos que González alcanzó parcialmente sus ambiciones políticas, en la medida en que llegó a ser presidente de su país, pero fue derrocado y no volvió a tener un rol protagónico en la escena política nacional. Por otro lado, tuvo éxito en la difusión y consolidación de la interpretación revisionista de la historia paraguaya, al incorporarse en distintos grupos de intelectuales latinoamericanos que reprodujeron ampliamente su versión de la historia.

Palabras Clave: Juan Natalicio González, Biografía, Escrita de sí, Revista *Guaranía*, Revisionismo Histórico Paraguayo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura. 1.1.	Juan Natalicio González (Óleo de Roberto Holdenjara).....	83
Figura. 1.2.	Juan Natalicio González (Óleo de Felipe Cossio del Pomar).....	84
Figura. 1.3.	Capa do livro <i>La Guerra Inconclusa</i> , de Efraín Enríquez Gamón...	85
Figura. 2.1.	Capa do livro <i>J. Natalicio González</i> , de José Arce Farina.....	112
Figura. 4.1.	Revista <i>Guarania</i> da primeira fase (nº 2, 30/01/1920).....	159
Figura. 4.2.	Capa da Revista <i>Guarania</i> da segunda fase (nº 6, 20/04/1934).....	166
Figura. 4.3.	Capa da Revista <i>Guarania</i> da segunda fase (nº 37, 20/11/1937).....	167
Figura. 4.4.	Capa da Revista <i>Guarania</i> da terceira fase (nº 2, Ago.1942).....	179
Figura. 4.5.	Capa e primeira página da Revista <i>Guarania</i> da quarta fase (nº 3, Março-Abril, 1948).....	185

LISTA DE QUADROS

Quadro 4.1.	Fases de publicação da Revista <i>Guarania</i>	157
Quadro 5.1.	Autores latino-americanos da primeira fase e difusão do Revisionismo Paraguaio.....	210
Quadro 5.2.	Autores latino-americanos da segunda fase e difusão do Revisionismo Paraguaio.....	228
Quadro 5.3.	Autores latino-americanos da terceira fase e difusão do Revisionismo Paraguaio.....	234

ABREVIATURAS

ABNP	Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai
AMREP	Arquivo do Ministério de Relações Exteriores do Paraguai
ANA	Arquivo Nacional de Assunção
ANR	Associação Nacional Republicana (Partido Colorado)
BNC	Biblioteca Nacional da Colômbia
CLC	Congresso pela Liberdade da Cultura
DPD	Direção Política e Diplomática
FGGA	<i>Fondo Gabriela y Germán Arciniegas</i>
FORJA	Força de Orientação Radical da Jovem Argentina
GA	Germán Arciniegas
JNG	Juan Natalicio González
LNI	Liga Nacional Independente
PCP	Partido Comunista Paraguaio
UCA	Universidade Católica de Assunção
UNA	Universidade Nacional de Assunção
VM	Víctor Morínigo

SUMÁRIO

Introdução	25
PRIMEIRA PARTE	43
Capítulo 1: A escrita biográfica na construção do personagem “Natalicio González”	45
Os Biógrafos	49
Um nome para um personagem	54
Um personagem para um nome	59
O homem que se fez a si mesmo	60
O escritor bem-sucedido e articulado	62
O paraguaio respeitoso da mulher	65
O político íntegro	70
Uma imagem para a posteridade	74
Capítulo 2: A escrita de si de “Natalicio González”	87
As missivas para os pares	88
Cartas ao “intelectual” Germán Arciniegas	89
Cartas ao “mestre” dom Juan Emiliano O’Leary	93
Cartas ao “amigo” Víctor Morínigo	101
Uma autobiografia desde o exílio	109
Capítulo 3: O ideólogo e o erudito	121
JNG como ideólogo autoritário e fascista	123
JNG como sociólogo, historiador, geógrafo	129
JNG na historiografia recente	133
O deputado, o jornalista, o ativista (1927-1931)	134
O ideólogo colorado, o nacionalista, o fascista (1932-1936)	136
O ministro, o presidente, o <i>guionista</i> (1945-1949)	138
O exilado, o ideólogo sem partido, o embaixador (1956-1965)	144
SEGUNDA PARTE	151
Capítulo 4: A revista <i>Guarania</i>	153
A <i>Guarania</i> Revisionista	158
A <i>Guarania</i> Nacionalista	164
A campanha nacionalista de JNG	173
A <i>Guarania</i> Latino-americana	178
A <i>Guarania</i> Propagandística	184
A <i>Guarania</i> , um projeto pessoal	190
Capítulo 5: O Revisionismo Histórico Paraguaio na História Latino-americana	195
O momento fundacional	199
Expansão internacional do revisionismo paraguaio	211
Contribuição de JNG para um revisionismo regional	213
Diálogos entre os <i>forjistas</i> e JNG	217
O revisionismo militante	228
Considerações Finais	237
Referências	243
Fontes	253
Glossário	261
Anexos	263

INTRODUÇÃO

Juan Natalicio González (1897-1966) foi um intelectual e político paraguaio que, através de múltiplas atividades, percorreu um longo e controvertido caminho na vida pública paraguaia. Ao se indagar aos paraguaios de hoje qual a opinião a respeito desse personagem histórico, as respostas se dividem em duas posições claramente distintas: positiva ou negativa. Há exatos cinquenta anos de sua morte, ele continua sendo uma figura polêmica, o que demonstra a importância que teve no passado, porque a simples lembrança de sua figura ainda desperta paixões.

Curiosamente, essa importância não tem correspondência na historiografia paraguaia, pois não há pesquisas específicas sobre esse personagem. Ele é mencionado apenas em alguns poucos artigos publicados nos últimos cinco anos, o que indica um interesse recente sobre sua vida e obra. As causas são diversas, mas uma das explicações mais plausível se deveria ao fato de que os pesquisadores dedicados ao estudo da história paraguaia pós-independência têm se interessado muito mais pela história da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) e pelo período de governo de Stroessner (1954-1989); outros momentos da história paraguaia são mencionados apenas quando estão relacionados a esses dois temas.

No entanto, a partir do século XXI, pesquisadores argentinos, paraguaios, brasileiros e uruguaios começaram a se interessar, de forma mais sistemática, pelo período e, especificamente, pela história intelectual paraguaia. Isso favoreceu a realização de pesquisas que cresceram em número e qualidade. A convocatória das Jornadas de História do Paraguai, organizadas anualmente pela Universidade Nacional de Montevideú, reflete esse avanço.

Este trabalho pretende contribuir para o conhecimento de aspectos da história política e intelectual desse país durante a primeira metade do século XX. Considerando que Juan Natalicio González foi um intelectual polissêmico, fui compelida a optar por um recorte temático, porque analisar a ampla gama de atividades desenvolvidas pelo autor – jornalismo, produção literária, política, atividade editorial e diplomacia – se mostrou uma tarefa hercúlea que consumiria um tempo que muito excedia os prazos de um doutorado.

Apresento, inicialmente, a vida de González a partir de uma análise das biografias, da “escrita de si” e da historiografia paraguaia para compreender o significado da ampla literatura laudatória e detratora a respeito do personagem. Em um segundo momento,

procurei estudar duas facetas de González: seu papel como criador e diretor da revista *Guaranía* e sua contribuição para a difusão do revisionismo histórico paraguaio nos países da América Latina.

No aspecto literário, González se destacou como jornalista, ensaísta, romancista e poeta. Sua participação na vida política nacional foi muito variada e relevante: transitou pelos cargos de deputado, ministro, presidente e embaixador. Em diferentes momentos, viveu fora de seu país, o que lhe permitiu criar vínculos com inúmeros intelectuais latino-americanos. Na condição de filiado da Associação Nacional Republicana (ANR ou Partido Colorado), conquistou protagonismo inquestionável, mas controverso. Colaborou na reconstrução da memória nacional, através da qual foi recuperada positivamente a figura de Solano López, tendo como pano de fundo a condenação das ideias liberais e o resgate da cultura autóctone. González contribuiu decisivamente na difusão do revisionismo histórico, não só no Paraguai, mas também entre países latino-americanos.

Nascido em Villarrica, um dos centros urbanos do interior do país, localizado ao leste do rio Paraguai e não muito distante da capital, Assunção, Juan Natalicio González cresceu imbuído no clima de pós-guerra da virada do século XIX para o XX. A Guerra Grande ou *Guasú* (1865-1870), como ficou conhecido o conflito bélico contra a Tríplice Aliança no Paraguai, ainda estava presente na consciência das pessoas e se deixaria sentir por muitas décadas mais.¹

O Paraguai sofria as consequências de um país devastado, traduzido em instabilidade política e fragilidade institucional, em um exército derrotado e sem profissionalização, na existência de *montoneras* com seus caudilhos e em uma população rural dizimada e paupérrima. Era um país cujas elites políticas e econômicas, divididas partidariamente, governavam sob formas democráticas restritivas, mantendo a maior parte da população fora do jogo político.²

Essa população majoritariamente camponesa tinha suas raízes na política de isolamento do governo de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1940) e numa

¹ Para evitar a repetição, utilizamos as diversas denominações dadas à guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil, Uruguai), no século XIX, como se fossem sinônimos. Mas, como bem salienta o historiador uruguaio Tomás Sansón, a “polissemia nominativa utilizada para referi-la – Guerra da Tríplice Aliança, Guerra do Paraguai, Guerra Grande, Guerra Guasú – reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação”. In: SANSÓN CORBO, Tomás. *La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza*. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones? **Diálogos**, Vol.19, No. 3, Maringá, Set.-Dez. 2015, p.955.

² DÍAZ DE ARCE, Omar. *El Paraguay Contemporáneo (1925-1975)*. In: GONZÁLEZ CASANOVA, P. **América Latina: Historia de Medio Siglo**. 8ª. ed. México: Siglo XXI, 1991. (V.1: América del Sur).

incipiente política de modernização sob os governos dos López – pai (Carlos Antonio, 1844-1862) e filho (Francisco Solano, 1862-1870) – que foi truncada pela guerra oitocentista.

Em 1876, com a saída do exército de ocupação brasileiro, duas décadas antes do nascimento de González, o país começava um longo caminho de reestruturação econômica, social e política. A família González pertencia à ANR, mais conhecida como Partido Colorado, um dos partidos surgidos em 1887, no mesmo ano de criação de seu grande adversário, o Partido Liberal.³

A diferença entre ambos os partidos não estava no campo da doutrina liberal, mas na sutileza de sua composição interna. Naqueles que se filiavam ao Partido Colorado, havia certa tendência majoritária a um sentir nacional e a uma pertinência popular com bases rurais; mesclavam-se mais claramente com as figuras dos militares que lutaram ao lado de Solano López, que tinha liderado a guerra contra a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil, Uruguai). Os que se filiavam ao Partido Liberal estavam mais vinculados à influência cultural e econômica estrangeira, principalmente argentina, com base mais urbana.

Juan Natalicio González nasceu no período em que o grupo que conformaria o Partido Colorado manteve a hegemonia política (entre 1877 e 1904), sob a liderança de seu fundador, o general Bernardino Caballero (1839-1912). Porém, tanto a ANR quanto o Partido Liberal tinham suas divisões internas, atravessando por contínuas redefinições e construindo novas alianças para se manter ou conquistar o poder, respectivamente.

Do ponto de vista intelectual, nas últimas décadas do século XIX, se formou um grupo de escritores que foi cobrindo o vácuo intelectual provocado pela Guerra da Tríplice Aliança. Esse grupo, integrado por intelectuais de procedências partidárias e ideológicas diversas, ficou conhecido como a Geração do 900.

Um dos acontecimentos que marcaram época foi o embate jornalístico de 1902, entre o liberal Cecilio Báez (1862-1941), o mais velho dessa geração, e Juan Emiliano O’Leary (1879-1969), o mais jovem e seu antigo discípulo. O primeiro considerava que o povo paraguaio era um dos mais atrasados e “cretinos” da América, vinculando esta situação ao quadro da falta de instrução pública anterior a 1870. Já O’Leary, vinculado ao Partido Colorado, defendia um passado centrado na revalorização da figura de Francisco

³ GOMÉZ FLORENTÍN, C. **El Paraguay de la Post Guerra, 1870-1900**. Asunción: El Lector, 2011. (Colección La Gran Historia del Paraguay, 8).

Solano López, numa proposta de revisão da história escrita sobre pressupostos impostos pelos vencedores da guerra.

Em 1904, a efervescência político-ideológica desembocou num acontecimento que os biógrafos de González consideram determinante na formação de sua personalidade. A autodenominada Revolução Liberal deu fim a quase três décadas de domínio colorado, inaugurando a “Era Liberal” (1904-1936). Mas, apesar da denominação dada ao período, o período estava longe de caracterizar-se pela estabilidade institucional.

Os relatos de González, como os escritos sobre ele, sustentam que seus primeiros anos de escola foram marcados negativamente pela Revolução de 1904. Porém, não seria o único incidente perturbador em sua vida. Quando ele e seus colegas preparavam-se para expor seus escritos nos atos comemorativos da escola em Villarrica, pelo Centenário da Independência, em 1911, um novo distúrbio político ameaçava a tranquilidade do país.

As tensões no interior do Partido Liberal levaram, neste e em outros momentos, a sucessivas divisões internas – contando sempre com as alianças oportunas por parte de setores do *coloradismo* e/ou do exército. Em cada um desses movimentos, dava-se a participação das *montoneras* e dos exilados do momento; com o corolário da morte, da prisão e/ou do exílio de um número cada vez maior de pessoas a cada novo enfrentamento – que podia durar dias, meses ou até anos. O resultado visível foi uma sucessão de presidentes liberais entre 1904 e 1936, depostos por esses movimentos ditos “revolucionários”.

Em 1914, após ter perdido primeiro sua mãe e depois seu pai, Juan Natalicio González decidiu mudar-se para Assunção, sede da “cidade letrada” paraguaia, na acepção de Ángel Rama.⁴ Ali, começaria a trabalhar como jornalista e daria início a sua carreira literária, além de se filiar ao Partido Colorado, em 1916. Até a criação da revista *Guarania*, em 1920, González trabalhou nos jornais *El Liberal*, *General Caballero*, *Fígaro* e *Patria*.⁵ Sua inserção nos periódicos da capital facilitou sua incorporação em círculos literários, como o grupo formado em torno da revista *Crónica*, que agrupava jovens poetas. Também permitiu que conhecesse figuras já destacadas da nova interpretação da história, como Juan O’Leary, Fulgencio Moreno e Arsenio López Decoud.

O ano de 1920 se mostrou o de maiores realizações da juventude de González, ao fundar uma revista e ser contratado pela editora paraguaia *Monte Domecq*, que o enviaria a

⁴ RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

⁵ PRIETO YEGROS, Leandro. *Cronología*. In: GONZÁLEZ, Natalicio. *El paraguay y la lucha por su expresión*. Assunção/Santiago/México: Cuadernos Republicanos, 1990, p. XVII-XXIV.

trabalhar em Buenos Aires. Por um lado, construía seu nome como editor de uma revista e o associava às grandes figuras do revisionismo histórico. Pelo outro, se lançava além das fronteiras do país, para incursionar no trabalho de uma editora maior, sediada na cosmopolita capital argentina.⁶

A experiência, que estendeu-se entre 1920 e 1924, se mostrou positiva. Além do aprendizado no que seria sua futura profissão, a de editor, González entrou em contato com intelectuais de diferentes origens nacionais, o que lhe permitia estabelecer “conexões” que resultavam em vínculos pessoais, mantidos através de contato epistolar, e na sua inserção em círculos intelectuais que propiciavam compartilhar, segundo Eduardo Devés Valdés, de “um clima de ideias no qual determinado argumento tendia a ser predominante”.⁷ Para este autor, os contatos dessa natureza resultavam na formação de “redes ou circuitos intelectuais” que se consolidavam à medida que os autores iam se conhecendo e se citando mutuamente.

González permaneceu em Buenos Aires até dezembro de 1924, quando a editora *Monte Domecq* o enviou, a trabalho, para a Venezuela e, em 1925, para Paris. Na capital da França, decidiu se demitir e criar sua própria editora, a *Editorial de Índias*, com a qual se preocupou em publicar autores paraguaios.⁸

Em uma de suas viagens de regresso para Assunção, González conheceu Lydia Frutos, com quem se casaria no final de 1926 e empreenderia uma nova viagem para a Europa, para dar continuidade a sua editora.⁹ Entre 1925 e 1931, González se dividiu entre Paris e Assunção, tanto para atender sua empresa editorial como para sua primeira incursão política.¹⁰ Em 1927, foi realizada uma reforma da lei eleitoral que ampliava a representatividade proporcional para a primeira minoria e que possibilitou a eleição de González como deputado nacional.¹¹

⁶ Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio González**. Descubridor del Paraguay. Assunção: Guaranía, 1951, p.100-115.

⁷ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**. Entre la modernización y la identidad. Buenos Aires: Biblos, 2000. (T.I: De Ariel de Rodó a la Cepal, 1900-1950), p.163.

⁸ O biógrafo de González detalha o percurso de González durante este período, oferecendo informações que conferem com as vertidas nas cartas que González dirigiu a O’Leary. Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.100-147; e Cartas de Juan Natalicio González (JNG) a J. E. O’Leary. In: Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai (ABNP), Coleção Juan E.O’Leary. Pastas XXXV a XXXVIII.

⁹ Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.171; 197; 211-220.

¹⁰ Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.132-133; e CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre**. Una página de Historia Contemporánea del Paraguay. Buenos Aires: Guayra, 1956, Cap.IV.

¹¹ Ver: SCANOVE YEGROS, R. *Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954)*. In: TELESKA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Taurus, 2010.

Para a época, o país conhecia um incremento no combate à atividade sindical, tanto na capital como no interior, ganhando influência, na classe trabalhadora e nos meios estudantis, as ideias socialistas e comunistas. Para o mesmo período, ganhava força um pensamento de direita inspirado em processos políticos que tinham lugar na Europa e na América, moldando um nacionalismo exaltado em setores da população, especialmente entre os militares.¹²

Os valores individualistas da democracia liberal eram vistos por muitos opositores – entre eles, González – como algo que não se amoldava à “idiossincrasia” dos paraguaios. As críticas, tanto na imprensa quanto no Congresso, se agitaram com o recrudesimento dos atritos fronteiriços entre a Bolívia e o Paraguai na região do Chaco, conflito que vinha se alongando desde fins do século XIX. Os sucessivos governos liberais foram acusados de não prepararem suficientemente o país diante da “ameaça boliviana”. As agitações sociais e a descoberta de um complô contra o governo de José P. Guggiari (1928-1932) determinaram a adoção de medidas repressivas, com a implantação do estado de sítio entre setembro de 1929 e julho de 1930. A tudo isto, se somou o estancamento da economia, como consequência da depressão mundial de 1929, que produziu efeitos sociais desastrosos.

Uma gama de intelectuais paraguaios nacionalistas entendia ser necessário restituir a memória coletiva de um passado heroico e cheio de grandeza. Uma história com ênfase no aspecto bélico, mais ensaísta que erudita, que identificava como adversários o Partido Liberal, os historiadores liberais rio-platenses e as ingerências argentina e brasileira. A reconstrução da memória histórica, ativada pelos *lopistas*, contribuiu para que a sociedade paraguaia manifestasse um forte sentimento identitário e patriótico. Contraditoriamente, esta reconstrução também foi uma ferramenta de eficaz operação e mobilização usada pelo governo liberal, dado o contexto do crescente conflito que se avizinhava com a Bolívia.

No começo de 1931, se efetuaram as eleições de renovação parlamentar, com a participação de alguns setores do *coloradismo*. Segundo os biógrafos, desiludido, González desistiu do trabalho parlamentar, renunciando a seu cargo.¹³ Porém, o historiador liberal Efraím Cardozo afirma que González não obteve os votos suficientes para se reeleger.¹⁴

¹² Ver: SCANOVE YEGROS, R. *Guerra internacional...*

¹³ Ver: ARCE FARINA, José. **J. Natalicio González**. Su expresión, su lucha, su ideología. Assunção: El Lector, 2011, cap VIII.

¹⁴ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.204.

Embora o governo de Guggiari adotasse uma série de medidas legislativas de caráter social, a agitação política não cedia, ocorrendo em abril o amotinamento de reservistas, devido às péssimas condições do serviço militar nas guarnições do Chaco. As condições saíram de controle no dia 23 de outubro de 1931, quando uma manifestação estudantil, que reclamava a defesa do Chaco, dirigiu-se ao palácio presidencial. O episódio, com mortes e feridos, foi muito explorado pela oposição, com os colorados renunciando a seus mandatos legislativos e com alguns deles sendo expulsos do país – como González, que partiu para Montevideu.¹⁵

A Guerra do Chaco (1932-1935) foi central na vida intelectual e política de González; após alguns meses trabalhando como jornalista na capital do Uruguai, ele regressou ao seu país. Segundo os biógrafos, pretendia alistar-se para lutar no campo de batalha, mas teria sido impedido para evitar sua influência entre os oficiais paraguaios. “Confinado” em Assunção, González voltou às tribunas jornalísticas e retomou a revista *Guaranía* para dar “apoio” aos combatentes paraguaios, o que foi, na verdade, uma arenga a favor da guerra, apoiada nos principais elementos constitutivos do revisionismo histórico.¹⁶

Apesar do triunfo na guerra, os liberais paraguaios não conseguiram manter-se no poder. O conflito tinha servido para canalizar os ressentimentos dos opositores durante as três décadas sob governo liberal. Os que participaram na Guerra do Chaco voltaram à normalidade de suas vidas, mas as esperanças de mudanças conflitaram com a realidade de um Estado sem condições financeiras. Assim, se dispôs a desmobilização de oficiais e soldados, sem compensações e sem acompanhar sua reinserção na vida civil.¹⁷

Em 17 de fevereiro de 1936, foi deflagrado o golpe militar liderado por um dos oficiais triunfantes na guerra contra a Bolívia, o coronel Rafael Franco. A autodenominada Revolução Libertadora foi um movimento essencialmente militar, mas que contou com o apoio de civis de diversas extrações e que provocou grandes expectativas na população.

Mas, em março de 1936, o novo governo daria mostra de pouca tolerância política ao baixar o decreto no. 152, que suspendia as atividades partidárias, além de identificar o movimento golpista com as experiências totalitárias europeias. O governo de Franco, inicialmente integrado por várias forças políticas, começou a perder apoio. Pela primeira

¹⁵ Ver: VERÓN, Luis. **El 23 de octubre de 1931**. Asunción: El Lector, 2013. (Colección Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 11); GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.176-177.

¹⁶ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.240.

¹⁷ SCAVONE YEGROS, R. *Guerra internacional...*

vez, não estavam na condução política do país nem os liberais nem os colorados. Antigos aliados foram detidos e expulsos do país, como González, que se exilou em Buenos Aires.

Porém, uma das marcas do governo de Franco foi a denominada Restauração Histórica Nacional. Em março de 1936, no aniversário da morte do Marechal López, foram cancelados todos os decretos contra sua figura e ele passou a ser reconhecido como Herói Nacional Ímpar. Com a construção do Panteão dos Heróis, no centro de Assunção, ficou oficializado o culto patriótico aos governos de Francia e dos López e, a partir de então, o revisionismo abria o caminho para converter-se em história oficial.¹⁸

O isolamento do governo de Franco e as frustradas negociações diplomáticas, para acordar uma paz definitiva com a Bolívia pela Guerra do Chaco, fomentaram um novo levante de alguns setores das Forças Armadas, que destituiu as lideranças da dita Revolução Libertadora.¹⁹ Mas, esta havia rompido com o passado, ao substituir as ideias liberais pelo culto do nacionalismo, ao colocar em marcha a primeira reforma agrária do país e ao implantar os direitos dos trabalhadores.

Para a época, o Partido Colorado já havia sofrido uma profunda mutação ideológica. No novo ideário do partido, de 1935, redigido por González, os colorados abandonavam os pressupostos clássicos do liberalismo político, mais interessados agora num Estado forte, guardião da sociedade, “protetor”, a “serviço do homem livre”, nos termos de González. Embora esse ideário fosse derrubado pouco depois pelas autoridades partidárias, González começava sua carreira política ascendente dentro da ANR e o partido já não era o mesmo de quando fora fundado.²⁰

Entre 1937 e 1945, González permaneceu em Buenos Aires. Sua *Editorial de Índias* tinha sido transformada em *Editorial Guaranía*. Junto a ela e a abertura de uma livraria, a revista foi retomada pela terceira vez, convertendo-se em três ferramentas de luta política desde o exílio.

Após o golpe de 1937, um breve interregno liberal tomou conta do poder até 1940. Mas, a partir de então, os setores nacionalistas das Forças Armadas sinalizaram que não voltariam para os quartéis nem deixariam de influir na gestão governamental. O representante da ala nacionalista foi o coronel Higinio Morínigo que, em 1940, assumiu a

¹⁸ Ver: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la Guerra**. Assunção: Occidente, 2011, p. 26.

¹⁹ SEIFERHELD, Alfredo M. **Estigarribia**. 20 años de vida política paraguaya. Asunción: Servilibro, 2011, 1ª. ed.: 1982. (Biblioteca Bicentenario).

²⁰ SEIFERHELD, Alfredo. **Nazismo y Fascismo en el Paraguay**. Vísperas de la II Guerra Mundial (1936-1939). Assunção: Histórica, 1985, p. 45.

presidência, após a morte, em um acidente aéreo, do presidente anterior, Félix Estigarribia.²¹

O governo de Morínigo era autoritário, fundado no apoio das Forças Armadas, com a oposição exilada e o estrito controle político interno. A economia havia crescido, pelo aumento da produção e das exportações, diante da demanda internacional de produtos provocada pela Segunda Guerra Mundial. O Estado assumiu a direção da economia, dispondo sua intervenção na fixação do câmbio e dos preços de produtos de primeira necessidade, assim como no armazenamento e na comercialização de produtos agropecuários. Em 1942, adotou-se uma nova moeda, o *guarani*. Outras disposições beneficiaram o trabalhador, como o salário mínimo e o seguro social obrigatório; no entanto, pouco se avançou na redistribuição da propriedade rural.

Um dos apoios recebidos por Higinio Morínigo foi o de González. Estando este em Buenos Aires, se comunicou com o presidente paraguaio por correspondência e começou uma campanha propagandística a seu favor por meio da revista *Guaranía*. O resultado dessa aproximação foi a colaboração direta de González no governo de Morínigo, primeiro como embaixador em Montevidéu (1945) e, depois, como ministro, em Assunção (1946). O estreitamento dos laços entre ambos permitiu que González se convertesse no homem forte de Morínigo, principalmente a partir do triunfo governamental na guerra civil de 1947. Coube a González um papel central no desbaratamento dos rebeldes – integrados por liberais, comunistas e franquistas – e, portanto, na sobrevida do *moriniguismo*.

Os acontecimentos de 1947 deixaram marcas de uma violência política transcendental para o Paraguai moderno, com uma sangria econômica e social, que superava amplamente todas as guerras civis anteriores somadas, e um exército com enormes baixas em seus quadros superiores.²²

O conflito também coincidiu com o começo da Guerra Fria, sendo os acontecimentos no Paraguai interpretados também sob a lente da suposta ameaça comunista, fazendo com que o governo dos EUA visse com maus olhos a participação de

²¹ SCAVONE YEGROS, R. *Guerra internacional...*; RODRÍGUEZ, José Carlos. **El Paraguay bajo el Nacionalismo (1936-1947)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011.

²² Autores calculam um número de aproximadamente 30 mil mortos, com 400 mil exilados. O saldo da contenda, divulgado pelo governo na época, rebaixava esses valores, respectivamente, para 15 e 300 mil. Além dos conflitos de 1904 e 1911 mencionados aqui, houve outros, como a Guerra Civil de 1922-1923 que se estendeu por mais de um ano. In: GÓMEZ FLORENTÍN, C. **La guerra civil**. Assunção: El Lector, 2013 (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 12), p.96-97.

membros do Partido Comunista na rebelião e apoiasse a perseguição dos opositores por parte do governo de Morínigo.²³

A propaganda colorada – em grande medida, ideada e executada por González – cumpriu um papel importante na guerra civil e foi muito mais efetiva por parte do governo. Este assinalou uma “Tríplice Aliança” entre franquistas, liberais e comunistas, estigmatizados como “legionários”, evocando diretamente a guerra oitocentista.²⁴ O objetivo era construir a defesa do governo como um ato patriótico, frente a grupos de oposição, identificados como exógenos.²⁵

Finalizada a guerra, Morínigo convocou eleições para o ano seguinte e, com o banimento do Partido Liberal, a escolha seria apenas entre candidatos do *coloradismo*. Na Convenção da ANR, em novembro de 1947, dois grupos disputaram a hegemonia na assembleia: um era o dos “democratas” – liderado por Federico Chaves – e o outro, o dos *guiones rojos* – liderado por González. A confusão e a violência tomaram conta daquela jornada: os *guiones* pressionaram seus adversários até expulsá-los da Convenção. Com a ausência dos “democratas”, os *guionistas* consagraram González como candidato do *coloradismo*. Este retomou pela quarta vez a revista *Guarania*, para alavancar sua própria campanha.²⁶

Eleito, González assumiu a presidência em 15 de agosto de 1948. O *coloradismo* voltava ao poder com um candidato próprio. Porém, com a queda de Morínigo e sem uma estrutura partidária e/ou militar que o respaldasse, não conseguiu superar o meio ano como presidente. Após duas tentativas falidas, González foi finalmente derrubado, em 29/01/1949, por oficiais que contavam com o apoio de setores da ANR. González teve que partir para seu último exílio e, após percorrer Buenos Aires, Santiago de Chile e Montevideu, se estabeleceu na capital mexicana, onde veio a falecer em 1966.

Enquanto isso, no Paraguai, após um curto período de transição, seu adversário, Federico Chaves, foi eleito e assumiu a presidência de Paraguai (1949-1954). No exílio,

²³ MORA, F. O. e COONEY, J. W. **El Paraguay y Estados Unidos**. Asunción: Intercontinental, 2009.

²⁴ Durante a Guerra da Tríplice Aliança, um grupo de paraguaios lutou do lado das tropas argentinas, no batalhão dos “Legionários”. A categoria seria longamente utilizada pelos revisionistas, e muito especialmente por González, para denominar os adversários considerados “traidores” ou antiparaguaios. Ver: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la guerra**. Assunção: Occidente, 2011 (Vol. IX da Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011), p.48. Sobre o longo uso do estigma “legionários” para designar os adversários políticos num binômio “legionário/paraguaio” ou “traidor/patriota”, ver: FUENTES ARMADANS, C. J. **La maldición del legionario**. Cómo se construyó un estigma político autoritario en el Paraguay. Assunção: Tiempo de Historia, 2016.

²⁵ GÓMEZ FLORENTÍN, C. **La guerra civil...**

²⁶ GONZÁLEZ DELVALLE, A. **El drama del 47**. Documentos secretos de la Guerra Civil. Asunción: El Lector, 1987.

González manteve a revista e publicou vários livros, com sua própria editora, na tentativa de reverter o quadro desfavorável das acusações de fraude de que era alvo, principalmente, por parte de Chaves. Mas, divisões dentro do *coloradismo* e das Forças Armadas reavivaram o fantasma da instabilidade e um novo golpe, em 1954, levou o jovem general Alfredo Stroessner ao poder.

A queda de Chaves foi longamente festejada por González, o que facilitou seu regresso momentâneo ao Paraguai, em 1956, convocado pelo partido e por Stroessner – que o nomeou embaixador no México. Embora manifestasse, em sua correspondência, o desejo íntimo de recuperar protagonismo na cena política nacional, González teve que se conformar em continuar fora do país, com uma embaixada como prêmio de consolação.

Depois dessa oportunidade em 1956, González não voltou ao Paraguai. Exerceu seu cargo de embaixador e continuou com sua atividade literária e editorial, praticamente limitada a assuntos sobre história, cultura indígena e poesia. Foram poucos os textos de conteúdo mais político. E alguns dos que estava escrevendo, como suas memórias, foram publicados postumamente.

No México, ao se dedicar majoritariamente à escrita de textos culturais e se inserir em diferentes grupos de intelectuais, González procurou manter seu prestígio como intelectual. Através da embaixada, mantinha um vínculo com seu país que, além de garantir seu sustento, era uma fonte de informação sobre o Paraguai e representava uma parcela de poder em relação aos paraguaios residentes no México, como um cartão de apresentação perante o governo mexicano e as outras representações diplomáticas.

As posições positiva e negativa em relação à figura de González giram em torno de duas imagens construídas tanto por partidários como por adversários: uma é a do erudito cultuado e, a outra, a do ideólogo maldito. Para uns, González foi o intelectual que resgatou as raízes culturais e vernáculas do povo paraguaio; para outros, foi o propagandista do fascismo no Paraguai.

Indo além dos estereótipos, foi possível constatar a complexidade do personagem, um intelectual e político de múltiplas facetas que, de modo camaleônico, foi se amoldando às mais diversas situações políticas, sociais e ideológicas. González se inscreve em um contexto político e ideológico mais amplo da região; sem dúvida, sujeito à influência de correntes ideológicas europeias, mas que também atravessou por processos tipicamente latino-americanos – como foi o surgimento de uma direita nacionalista, antiliberal e autoritária apoiada na recuperação das tradições autóctones.

Segundo José Luis Beired, tanto no Brasil como na Argentina, nas primeiras décadas do século XX, surgiu “um novo nacionalismo de carácter *militante*, que propunha um programa de luta política e a necessidade de organização de movimentos que deveriam atuar em prol da salvação da nação”.²⁷ O Paraguai não permaneceu alheio ao processo de surgimento desse nacionalismo de direita – que rompeu “com o padrão tradicional da direita preexistente” e que era qualitativamente diverso da direita até então liberal ou conservadora.²⁸

O nacionalismo paraguaio compartilhava características similares com os dos países vizinhos, como a defesa de posições antiliberais, nacionalistas, estatistas e corporativistas; mas, também havia diferentes correntes. González pertencia a uma linha interna do Partido Colorado que, além de aderir ferventemente ao revisionismo histórico, foi assumindo posições progressivamente mais intolerantes com os adversários, com a consequente adoção de medidas repressivas enquanto exercia funções públicas.

Com base nas considerações de Jean François Sirinelli, podemos definir González como um intelectual plural e polissêmico: uma figura pública engajada em defesa das causas nas quais acreditava.²⁹ No que tange às atividades políticas, suas características pessoais revelavam um carisma que, segundo Edward Said, constitui requisito básico para a ação do intelectual no campo da política, no qual as ideias se transformam em práticas.³⁰

O estudo dos intelectuais tem despertado grande interesse, não só entre os historiadores, mas também de autores de outras áreas. O tema, abordado a partir de vários ângulos, permite ao analista se beneficiar dos recursos oferecidos pela interdisciplinaridade. Sirinelli comenta que, na França, a abordagem histórica sobre o meio intelectual surgiu em torno das décadas de 1960 e 1970; logo se constituiu como uma área de estudos vigorosa e autônoma, mas aberta ao “cruzamento com as histórias política, social e cultural”.³¹

O autor se refere à dificuldade em definir um intelectual por este estar inserido num campo polimorfo e polifônico. Ao tentar fazê-lo, Sirinelli distinguiu duas acepções do intelectual: uma, ampla e sociocultural, que engloba tanto os criadores, quanto os

²⁷ BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola, 1999, p.17-18.

²⁸ BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo...**, p.19.

²⁹ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

³⁰ SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³¹ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais...*, p.232.

“mediadores” culturais; e a outra, mais restrita, vinculada à noção de engajamento – que significa a intervenção do intelectual a serviço de uma causa com a qual se identifica e defende.³²

Apesar das tentativas de definição do intelectual, ela continua suscitando polêmicas devido às representações plurais elaboradas em torno dele. Sirinelli se refere à complexidade de sua caracterização nos seguintes termos:

A história política dos intelectuais passa obrigatoriamente pela pesquisa (...) e pela exegese de textos, e particularmente de textos impressos, primeiro suporte de fatos de opinião, em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo; e sua história social exige a análise sistemática de elementos dispersos, com finalidades prosopográficas.³³

Suas observações muito contribuíram para a análise do intelectual Gonzalez. Outros autores que também se preocuparam com esta questão, como é o caso de Edward Said, privilegiaram o papel público do intelectual. Neste sentido, considerou importante destacar “o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, uma filosofia ou opinião para (e também por) um público”. Salienta que a função do intelectual é confrontar ortodoxias e dogmas.³⁴

Na América Latina, a reflexão em torno da história intelectual também tem sido profícua. Ángel Rama se dedicou a esse tipo de estudo em sua obra sobre *La ciudad letrada*. No capítulo referente ao período da modernização, ocorrida em vários espaços da América Latina no final do século XIX, Rama analisou as atividades exercidas no espaço urbano que, segundo o autor, se ampliaram consideravelmente: referia-se ao jornalismo, à diplomacia, à literatura e à burocracia. A universidade, uma ponte de acesso à cidade letrada, passou por uma “reforma”, nas primeiras décadas do século XX, favorecendo a incorporação de novos setores sociais e de novas disciplinas, o que, longe de deslocar os tradicionais agentes da cidade letrada, os fortaleceu com a colaboração das inovações e da presença de novos membros. Porém, Rama advertiu:

Más significativo y cargado de consecuencias que el elevado número de integrantes de la *ciudad letrada*, que los recursos de que dispusieron, que la preeminencia pública que alcanzaron y que las funciones sociales que cumplieron, fue la capacidad que demostraron para institucionalizarse a partir de sus funciones específicas (dueños de la letra) procurando volverse **un poder autónomo**... Con demasiada frecuencia, en los

³² Idem, p.242-243.

³³ Idem, p.245.

³⁴ SAID, Edward W. **Representações do...**, p.25-27.

análisis marxistas, se ha visto a los intelectuales como meros ejecutantes de los mandatos de las Instituciones (cuando no de las clases) que los emplean, perdiendo de vista su peculiar función de productores, en tanto conciencias que elaboran mensajes, y, sobretudo, su especificidad como diseñadores de modelos culturales, destinados a la conformación de ideologías públicas.³⁵

Carlos Altamirano, outro autor que contribui para a compreensão do papel dos intelectuais na América Latina durante o século XX, definiu-os como:

Hombres y mujeres, sean escritores o artistas, creadores o difusores, eruditos, expertos o ideólogos, en el papel que los hace socialmente más visibles: actores del debate público, el intelectual como ser cívico – “conciencia” de su tiempo, intérprete de la nación o voz de su pueblo, tareas acordes con la definición de los intelectuales como grupo ético.³⁶

Para Altamirano, a definição do “intelectual” e da “história intelectual” enfrenta dificuldades. Mas considera que é possível identificar o pensamento como objeto de estudo da história intelectual, pensamento esse que é acessível através dos discursos “produzidos segundo certa linguagem e fixados em diferentes tipos de suportes materiais”.³⁷ A história intelectual, conforme o autor, deve analisar as ideias explicitadas nos debates, sobretudo a partir dos conflitos que produzem mudanças de sentido.

Em suma, a história intelectual se caracteriza pela pluralidade de enfoques teóricos, recortes temáticos e estratégias de pesquisa.

A polissemia que se observa nas ideias expressas por Juan Natalicio González, ao longo de sua vida, exigiu um recorte de análise referente a alguns aspectos de sua vida intelectual. No entanto, na elaboração dessa análise, há que se ter sempre em mente as duas facetas propostas pelos autores citados: a de produtor de ideias e a de homem público, facetas essas que se combinaram, no caso de González, para tornar-se um **poder autônomo**, objetivo salientado por Rama em sua definição do intelectual. Alcançar tal autonomia correspondia a duas de suas maiores ambições: converter-se numa referência intelectual e chegar à presidência do Paraguai.

González, em seu percurso pela política, procurou construir uma ideia de nação que, por sua vez, fundamentava uma forma específica de Estado. Neste aspecto, corresponde à acepção de intelectual construída por Sirinelli quando se refere às ambições pretendidas pelos intelectuais. Além disso, na condição de intelectual, destacou-se como produtor de uma obra através da qual contribuiu para o revisionismo histórico paraguaio

³⁵ RAMA, Ángel. *La ciudad letrada...*, p.35-36 (destaque nosso).

³⁶ ALTAMIRANO, Carlos. (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. T.II: Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz, 2010, p.9.

³⁷ Idem, p.11.

iniciado, por outros autores, no início do século XX. Esse revisionismo, definido como *lopismo*, se tornou conhecido em vários países da América Latina, em grande medida, devido à sua bem-sucedida inserção em alguns grupos de intelectuais latino-americanos, mas também pela vasta produção de ensaios, artigos e revistas divulgados, em grande parte, pelas editoras que fundou.

O revisionismo *lopista* produzido por González se inseria num processo mais amplo de redefinição das identidades nacionais rio-platenses ao longo das primeiras décadas do século XX: nesse contexto, ocorreu a revalorização do vernáculo, além de ênfase na reconstrução das memórias nacionais e na reinterpretação da história do país a partir de perspectivas políticas da época.

As interpretações revisionistas revisitaram acontecimentos do século XIX, recuperando a figura de Solano López (no Paraguai) e de Juan Manuel Rosas (na Argentina), figuras políticas depreciadas até então. Para a historiadora uruguaia Laura Reali, esse revisionismo pode ser definido “como uma empresa intelectual de alcance continental”, traduzida na ampla circulação de textos e ideias.³⁸

Tanto o *lopismo* como o *rosismo* foram resultado de lutas político-partidárias que ocorreram na região na passagem do século. A historiadora Diana Quattrocchi-Woisson, em sua análise sobre o revisionismo argentino, mostra como o *rosismo* foi produto dessas lutas.³⁹ E a historiadora Maria Helena Capelato, ao analisar o fenômeno *rosista*, alertou para a necessidade de se compreender o significado e as consequências dos “usos políticos do passado”. Esse tipo de revisionismo com sentido político faz uso indevido da história e as consequências desse procedimento não são inócuas, porque ultrapassam o campo historiográfico e interferem no jogo político.⁴⁰ Segundo a autora, a produção de textos que evocam o passado no calor da luta política acaba se transformando em arma de combate nas disputas pelo poder, interferindo nos rumos da história: essa arma foi amplamente empregada por González que, através do revisionismo *lopista*, obteve conquistas políticas

³⁸ REALI, Laura. *Al margen de “El Relato”*. *Circulación transnacional de lecturas revisionistas sobre el pasado en América Latina (1900-1930)*. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Workshops BOHOSLAVSKY, E. e BOISARD, S. (Coord.). *Las derechas en América Latina en el siglo XX: problemas, desafíos y perspectivas*. *On line* desde 07/07/2016. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/69313?lang=en>>. Acesso em 12/07/2016.

³⁹ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males de la memoria**. Historia y política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995.

⁴⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Carlos Ibarguren e o revisionismo histórico argentino: Usos políticos do passado*. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, PUC Campinas, no. 204-205, 2008, p.19.

no seu país e prestígio intelectual, porque suas ideias ganharam adeptos, tanto no Paraguai como em outros países da América Latina.

Suas múltiplas atividades e escritos de natureza diversa foram alvo tanto de aplausos como de crítica. Para fazer frente às críticas, o autor produziu muitos textos voltados para a construção de uma “imagem de si” positiva, com o intuito de assegurar prestígio político no presente e memória póstuma respeitável.

Os textos revelam grande preocupação em explicar a realidade paraguaia inserida no contexto latino-americano e, ao mesmo tempo, permitem perceber sua preocupação em se projetar entre os intelectuais da América Latina. Pretendemos mostrar que, embora suas aspirações políticas não tenham tido o sucesso almejado, seu empenho na construção e na divulgação da “sua história do Paraguai” foi muito bem-sucedido: o revisionismo *lopista* acabou se convertendo num modelo de interpretação hegemônica sobre a Guerra da Tríplice Aliança, não só no Paraguai, mas também entre historiadores brasileiros, argentinos e uruguaios representantes dos países que compuseram as forças aliadas nessa guerra que envolveu, além do Paraguai, Argentina, Uruguai e também o Brasil.

Os temas abordados na tese exigiram a construção de um arcabouço teórico metodológico amplo. As referências dessa natureza serão explicitadas a partir da abordagem de cada um dos aspectos escolhidos para análise nos diferentes capítulos.

O trabalho está organizado em duas partes, por sua vez, subdivididas em capítulos. A Primeira Parte consta de três capítulos referentes às biografias, à escrita de si e à presença de González na historiografia paraguaia. No primeiro capítulo dessa seção, foram abordadas as biografias escritas sobre o intelectual paraguaio, analisando de que modo os biógrafos e o biografado interagiram. Também são analisados os mecanismos que os biógrafos contribuíram para criar o personagem “Natalicio González”, cujas ideias continuam tendo receptividade até os dias de hoje.

No segundo capítulo sobre a *escrita de si*, foram analisadas as missivas de González endereçadas a três intelectuais e uma autobiografia. Estes temas foram abordados a partir de fontes distintas e fragmentadas, porque grande parte do arquivo pessoal de González se perdeu.

No caso das correspondências, foram consultados, além do arquivo do autor, arquivos de um intelectual paraguaio e o de um colombiano com quem Gonzalez mantinha correspondência assídua. Através dessas fontes, foi possível reconstituir os vínculos, de natureza diversa, que González manteve com escritores próximos a ele. Para a análise da

autobiografia, foi selecionado um de seus últimos escritos, publicado postumamente, no qual demonstra sua preocupação em oferecer a versão dos fatos políticos mais controvertidos de sua vida.

O terceiro capítulo da primeira parte orientou-se pelo objetivo de mostrar a presença de González na historiografia paraguaia. A partir desse objetivo, foram apresentados os principais textos literários que se referem ao intelectual paraguaio, seja de forma positiva – como erudito –, ou negativa – como ideólogo do fascismo e político autoritário. Em seguida, foram analisadas três coleções recentes sobre história paraguaia e textos historiográficos nos quais foram encontradas referências à atuação pública de González – tais fontes permitiram mostrar a persistência de suas ideias no presente.

A Segunda Parte é composta de dois capítulos. O primeiro deles se refere à revista *Guaranía* e teve como propósito identificar e caracterizar os diferentes momentos em que a revista foi publicada, analisando os objetivos de sua criação e os propósitos do editor ao retomar a publicação em cada um dos diferentes momentos.

O último capítulo analisa o papel de González na difusão e na consolidação do revisionismo histórico paraguaio na escrita da história latino-americana. Nesse processo de difusão, foram identificadas três etapas: na primeira, o objetivo consistiu em analisar como e em quais circunstâncias surgiu essa nova interpretação da história no Paraguai e de que modo ela começou a ser divulgada fora do país. Na segunda etapa, a análise se dedicou a mostrar, a partir de seus escritos sobre a história do Paraguai, o empenho de González na construção de uma rede de sociabilidade com intelectuais latino-americanos que escreveram textos sobre a história rio-platense, em particular, e latino-americana, em geral. Para a reconstituição da terceira etapa, foram apresentados textos de autores argentinos, uruguaios e brasileiros que reproduziram, parcialmente ou de forma completa, a versão da história oferecida por González.

Cabe, por último, uma breve reflexão sobre as fontes. No esforço de reconstruir a “vida” e a “produção” de González, foram consultados diversos tipos de fontes escritas pelo próprio protagonista e por pessoas que, direta ou indiretamente, estavam relacionadas a ele. Essas fontes correspondem a distintos gêneros literários – biografias, cartas, autobiografia, romances, ensaios – e formatos – livros, revistas, folhetos. É importante salientar a dificuldade enfrentada na definição de alguns textos como fontes ou como bibliografia, principalmente no caso de outros autores. Em alguns momentos, um texto foi utilizado como fonte e, em outros, o mesmo texto foi mencionado como bibliografia. É

importante mencionar essa dificuldade, porque ela revela a sinuosa fronteira entre fonte e bibliografia.

Alguns textos escritos foram tratados como fonte ou documento na medida em que veicularam a expressão de um pensamento, uma ideia, um projeto ou uma interpretação historiográfica, cultural, sociológica de um ou mais indivíduos. Porém, alguns escritos também oferecem argumentos explicativos de certos processos históricos que permitem considerá-los como bibliografia. Cabe mencionar, também, fontes consultadas apenas com o intuito de complementar as principais – como foi o caso de entrevistas e notas jornalísticas.

P R I M E I R A

P A R T E

CAPÍTULO 1

A ESCRITA BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM “NATALICIO GONZÁLEZ”

Para conhecer a trajetória de Juan Natalicio González, foram consultados diversos textos sobre o personagem, entre eles, as biografias. Neste capítulo, analisaremos quatro textos biográficos: *J. Natalicio González, Descubridor del Paraguay* (1951), de Gilberto González y Contreras; *La Guerra Inconclusa, Esquema para una ideología nacional* (1982), de Efraín Enriquez Gamón; *J. Natalicio González en el Pensamiento de la Patria* (2004), de Washington Ashwell; e *J. Natalicio González, Su expresión, su lucha, su ideología* (2011), de José Arce Farina.

A leitura desses textos, confrontada com outras fontes, permitiu constatar, tanto a veracidade de muitos dos dados factuais oferecidos pelos biógrafos quanto o silêncio em relação a outros aspectos. Esta constatação nos permite refletir sobre as “armadilhas da biografia na construção de uma personagem”, como sugere a crítica hermenêutica deste tipo de fonte.⁴¹

A biografia tem sido tanto um gênero literário utilizado para “contar” a vida de alguns personagens quanto um modo de fazer história – talvez, um dos mais difíceis, segundo Jacques Le Goff.⁴² Este gênero tem atravessado períodos de maior ou menor produção em diferentes momentos da história ocidental. Como gênero, tem sofrido uma evolução com múltiplas mutações, mas sempre mantendo como característica principal o discurso da autenticidade – a busca pela verdade – e a insistência na vida exemplar do biografado.⁴³

Segundo François Dosse, “escrever a vida de alguém é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”. Para o autor, o “desafio biográfico” consiste em captar e reproduzir o movimento de uma vida. O estilo da escrita biográfica tende a atrair o leitor porque, aparentemente, cobre as lacunas deixadas

⁴¹ Este é o título dado por Stella Scatena Franco a um dos capítulos do livro “Peregrinas de Outrora”, no qual reflete sobre as frequentes “armadilhas” ou “objetos camuflados” com que se deparam os pesquisadores ao estudar as biografias. Como tais, esses recursos literários utilizados por alguns biógrafos permitiriam construir um personagem com uma missão e um destino *a priori*. Ver: SCATENA FRANCO, S. M. **Peregrinas de Outrora**. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EUNISC, 2008, p.63.

⁴² LE GOFF, Jacques. **São Luis**. Biografia (Trad. de Marcos de Castro). Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 1999, p.20.

⁴³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009, p.12-13.

pelo vazio documental. Porém, a biografia, assim como a história, é escrita a partir do presente, numa relação de proximidade ainda mais forte quando há empatia entre o autor e o biografado, razão pela qual torna-se uma fonte importante.⁴⁴

O autor/biógrafo passa por um processo de quase dedicação “exclusiva” para relatar a vida de seu biografado, na tentativa de exumar o maior número de fontes e concluir seu trabalho, o que nunca acontece diante do surgimento de novas pistas e/ou perguntas que seu presente lhe oferece. Estabelece-se uma tensão entre a ânsia pela verdade e a necessidade de narrar, dando espaço à ficção que situa a biografia num “ponto médio entre ficção e realidade histórica”.⁴⁵

Nesse processo – tenso, árduo e sem fim – o autor toma partido pelo protagonista; o “biógrafo acaba *possuído* pelo biografado”, diante da “ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente [que] traz em si boa dose de engodo e ilusão”.⁴⁶

A biografia, cujo auge deu-se no século XIX, conheceu um longo declínio no século XX, até que, nas últimas décadas deste, foi retomada tanto por escritores quanto por historiadores, numa clara reivindicação por parte da história erudita. Segundo Levillain e Dosse, o gênero biográfico experimentou uma reabilitação, em parte, acompanhando o processo de recuperação da história política.⁴⁷

Porém, boa parte das biografias – como dos biógrafos – é situada ainda na tortuosa fronteira entre a literatura e a história, como um gênero praticado por aqueles que conhecem a arte da escrita, mas carecem de uma metodologia científica. Neste sentido, a biografia faz uso de recursos literários que permitem compensar as lacunas e os silêncios; com a narrativa, o biógrafo recria o movimento de uma vida; em definitivo, faz uso da ficção.

Por esta razão, a biografia dita “literária” tem sofrido com a censura dos historiadores do século XX. Mas, o historiador Giovanni Levi aponta que a biografia é “o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”.⁴⁸

⁴⁴ Idem, p.11.

⁴⁵ Idem, p.12-13.

⁴⁶ Idem, p.14 (grifo do autor).

⁴⁷ Ver: DOSSE, F. **O Desafio...**, p.17-21; LEVILLAIN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. (Trad. Dora Rocha). 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

⁴⁸ LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.168-169.

Aqui, nos interessa a recuperação da biografia literária como fonte historiográfica, de maneira que, após uma análise crítica que identifique suas “armadilhas”, seja possível tanto desconstruir o personagem construído pelo relato biográfico quanto reconstruir os caminhos percorridos pelo personagem e estabelecer seu papel dentro de determinados espaços sociais, culturais, econômicos e/ou políticos.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu considerava que a biografia, enquanto história de vida – ou seja, o relato da sucessão de acontecimentos de uma existência individual – entrou clandestinamente no mundo científico. Sua origem, segundo Bourdieu, está no senso comum que a descreve como um caminho, um “trajeto”, uma viagem, uma passagem, um deslocamento linear, percorrido unidirecionalmente, desde “o” começo até “o” fim – no duplo sentido de término e de finalidade –, definindo-se como uma biografia exemplar.⁴⁹

Isso pressupõe que a vida constitui um todo coerente e orientado por uma “intenção” subjetiva-objetiva, expressão unitária de um projeto:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.⁵⁰

Ainda segundo Bourdieu, o investigado “se entrega” a um investigador, propondo acontecimentos que, sem ter uma ordem cronológica estrita, tendem a estar organizados numa sequência inteligível. Tanto o objeto quanto os sujeitos da biografia (o biografado e o biógrafo) têm o mesmo interesse em aceitar o “postulado de sentido da existência” narrada. O objetivo é dar sentido, tornar razoável, “extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva”.

Como sociólogo, Bourdieu salientava que “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade”.⁵¹ Portanto, se o biografado converte-se em ideólogo de si, ao selecionar os acontecimentos mais “importantes”, também isso é possível porque há um entorno social que assim o demanda.⁵²

⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. **Usos e abusos...**

⁵⁰ Idem, p.184.

⁵¹ Idem, p.185.

⁵² Idem, p.186.

A identidade constante mais evidente do biografado é o nome próprio, “designador rígido”, “um ponto fixo num mundo que se move”.⁵³ É através dessa forma particular, única, individual, de nominação que é o nome próprio, que:

Institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis (...). Como instituição, o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos.⁵⁴

O nome próprio é a permanência, a constância mais visível do indivíduo, enquanto está vivo e após sua morte também. É a identidade que atravessa todos os tempos – passado, presente e futuro do indivíduo e de seu entorno social – e que atravessa também múltiplos espaços, tenha seu portador transitado fisicamente por eles ou não, como é o caso de intelectuais como Juan Natalicio González. Para Bourdieu, a história de vida se aproxima, em certa medida, da identidade oferecida pelo nome próprio e sua prova material, a carteira de identidade. Esta oferece um conjunto de “propriedades”, como nacionalidade, sexo, idade, etc., que completam a identidade nominativa do sujeito. Por sua vez, o relato de vida é a “apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada”.⁵⁵ Na biografia como história de vida, o biografado, ao ser entrevistado pelo biógrafo, elabora uma representação de si – mais ou menos consciente – “em função de sua experiência direta ou mediata de situações equivalentes (entrevista de escritor célebre ou de político, situação de exame, etc.), que orientará todo o seu esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si”.⁵⁶

Na biografia, o sujeito e o objeto têm o mesmo interesse: dar coerência e unidade à narrativa biográfica e, assim, permitir que a apresentação pública – a identidade representativa da vida do biografado – surja como um novo personagem construído a partir da “produção de si” do entrevistado e da escrita do autor. Entrevistado e entrevistador têm o mesmo interesse; ambos têm um acordo tácito – uma cumplicidade – que permite complementar a “representação de si” do entrevistado e a narrativa linear “começo-fim” do entrevistador.

⁵³ ZIFF, E. **Semantic analysis**. Ithaca: Cornell University Press, 1960, p.102-104. Citado em: BOURDIEU, Pierre. *A ilusão...*, p.186.

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão...*, p.186-187.

⁵⁵ Idem, p.189.

⁵⁶ Idem, p.189.

Neste sentido, a história de vida “conduz à construção da noção de *trajetória*” ou “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente”.⁵⁷ Tais “posições” são os acontecimentos biográficos – “*colocações e deslocamentos* no espaço social” –, sujeitos a múltiplas transformações, não necessariamente coerentes. A variável que permanece é o nome próprio.

Segundo Levillain, as biografias podem ser probatórias: em função de uma vivência, os fatos são ordenados a partir de documentos, que podem provir do testemunho. Com isto, a objetivo da biografia pode ser a homologação de um conhecimento ou de um conjunto de ideias ou bem pode participar de uma história da diferença. Voltando à recuperação da biografia histórica no âmbito acadêmico, o autor defende o gênero como “o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre passado e presente; memória e projeto; indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida”.⁵⁸

Os Biógrafos

A primeira biografia de Juan Natalicio González foi escrita em 1951, pelo salvadorenho Gilberto González y Contreras (1904-1954). Os dois escritores se conheceram em Buenos Aires, no final da década de 1930, quando colaboravam com a *Revista Americana de Buenos Aires*, dirigida pelo espanhol Victoriano Lillo Catalán.⁵⁹ Exilados de seus respectivos países, mantiveram contato até o falecimento do escritor salvadorenho.

Como seu amigo paraguaio, González y Contreras era poeta, ensaísta e jornalista; mas também biógrafo.⁶⁰ A maior parte de sua vida intelectual transcorreu fora de seu país, exilado após os massacres indígenas de 1932 em El Salvador.⁶¹

⁵⁷ Idem, p.189.

⁵⁸ LEVILLAIN, P. *Os Protagonistas...*, p.176.

⁵⁹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, Gilberto. **J. Natalicio González**. Descubridor del Paraguay. Asunción: Guaranía, 1951, p.15.

⁶⁰ Gilberto González y Contreras tinha publicado várias biografias antes de escrever a de Juan Natalicio González, tais como as de Plutarco Elías Calles (1934); José Manuel Puig Casauranc (1934); Lázaro Cárdenas (1934); Martí (1937); Rubén Romero (1940); Rufino Blanco-Fombona (1944); Aristides Sosa de Quesada (1944); Tiburcio Carías Andino (1946), entre outras. Também lhe pertence um livro de biografias de “mulheres trágicas”, de 1945. Ver: LARA-MARTÍNEZ, Rafael. *Del paisaje como identidad cultural: Gilberto González y Contreras*. In: **Revista Virtual Istmo**, n.12, Jan-Jun. 2006. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n12/articulos/paisaje.html>>. Acesso em 18/12/2012.

⁶¹ González y Contreras abandonou El Salvador após os protestos de camponeses indígenas em 1932, severamente reprimidos pelo exército nacional, com a colaboração das milícias privadas dos fazendeiros. Sua posição em relação aos movimentos indígenas era controversa. Segundo o antropólogo salvadorenho Rafael Lara-Martínez, sua saída de El Salvador estaria mais vinculada ao resgate da cultura indígena como

Ao se encontrarem em Buenos Aires, os dois escritores se aproximaram porque tinham afinidades, não somente pela situação de exílio, mas também pela colaboração na revista portenha e pelo interesse de ambos na inserção em determinados grupos de intelectuais argentinos, sobretudo os que eram frequentados por escritores de prestígio como Leopoldo Lugones.⁶² Além disso, compartilhavam preocupações com relação aos indígenas, grupo étnico dominante em seus respectivos países.

O contato entre ambos continuou, principalmente a partir de correspondências, até se reencontrarem em Buenos Aires e no México, após o golpe que derrubou González da presidência do Paraguai e seu exílio decorrente da queda do poder.⁶³

González y Contreras revelou que, para a produção e publicação da biografia do intelectual paraguaio, teve que acompanhar seu biografado em suas viagens pela América Latina, mas também se dedicou à leitura de seus textos, assim como dos autores lidos por ele. O objetivo do biógrafo era retratar a figura de Juan Natalicio González para poder apresentar e explicar, através dele, o Paraguai, país “desconhecido” no resto do mundo e que precisava de um “descobridor”, que não poderia ser outro senão Juan Natalicio González, no entendimento do biógrafo.

A biografia veio a público em 1951, quando González encontrava-se radicado no México. Foi publicada pela editora Guaranía, propriedade do biografado, que, naquele momento, operava, simultaneamente, em Buenos Aires e na cidade do México. Ao longo das mais de 400 páginas, o escritor salvadorenho reforçou, insistentemente, a ideia de que

elemento identitário nacional do que com uma pouco provável adesão ideológica ou apoio aos protestos. Lara-Martínez defende a hipótese do poeta salvadorenho ter um comportamento oscilatório entre os extremos políticos, da justificativa à condenação do massacre indígena. Ver:

GALLEGOS VALDÉS, Luis. **Panorama de la literatura salvadoreña**. Del período precolombino a 1980. San Salvador: UCA, 2005, p.358-367.

LARA-MARTÍNEZ, R. *El paisaje...*

_____. *Del “Mito Fundacional” al archivo factual* (Prefácio). In: MEJÍA BURGOS, Otto. **1932. Um mito fundacional**. San Salvador: Don Bosco, 2016.

VÁSQUEZ RUIZ, Rolando. *¿Rebelión indígena o comunista? Aproximación historiográfica a los sucesos del '32*. In: LÓPEZ BERNAL, C. G. (Comp.). **Poder, Actores Sociales y Conflictividad**. El Salvador, 1786-1972. San Salvador: Dirección Nacional de Investigaciones en Cultura y Arte, 2011.

⁶² Algumas obras de Juan Natalicio González, como de González y Contreras, encontram-se na Coleção de Leopoldo Lugones, na *Biblioteca Nacional del Maestro* (Buenos Aires). Os livros foram obsequiados pelos autores ao escritor argentino, com dedicatórias laudatórias. O endereço colocado por González y Contreras sugere que desempenhava alguma função na embaixada do México, em La Habana.

⁶³ Assim se depreende dos comentários feitos nas cartas entre J. N. González e Víctor Morínigo. Ver: Cartas de Víctor Morínigo (VM) a Juan Natalicio González (JNG). In: Arquivo Nacional de Assunção (ANA) Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. Porém, não foi possível localizar a correspondência entre os escritores salvadorenho e paraguaio.

González era um intelectual que soube interpretar “as bases culturais e caracterológicas de seu povo”.⁶⁴

Cabe ressaltar que o intelectual paraguaio não teria concordado, facilmente, em conceder entrevista para ser retratado numa biografia. Após muita insistência, cedeu – mas apenas teria colaborado com algumas informações. No mais, o biógrafo teve que completar sua obra a partir de muita pesquisa. Curiosamente, comentou que, no caso de “etapas tortas... permiti-me certos giros de livre interpretação”.⁶⁵

A segunda biografia, publicada em 1982, ou seja, muitos anos depois da primeira, foi escrita por um “discípulo” de Juan Natalicio González, o paraguaio Efraín Enríquez Gamón (1935). Sob o título *La Guerra Inconclusa. Esquema para una ideología nacional*, o texto foi dividido em duas partes: a primeira, apresentada como uma peça de teatro, descreve alguns momentos da vida do biografado; na segunda, o autor apresentou uma análise sobre o pensamento de González.⁶⁶

Na década de 1950, Enríquez Gamón conheceu González ao cursar seus estudos universitários no México, onde se graduou em economia. O jovem começava a esboçar seus primeiros poemas e ensaios, quando González – que já era representante diplomático do Paraguai – o estimulou para que se dedicasse às letras, além de seus estudos. A partir de então, o vínculo entre ambos se consolidaria numa relação de mestre e discípulo.⁶⁷

⁶⁴ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. Natalicio..., p.15.

⁶⁵ Idem, p.25.

⁶⁶ Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN, Efraín. **La Guerra Inconclusa**. Esquema para una ideología nacional. Assunção: Litocolor, 1982. O tomo referido a González faz parte de uma coleção de seis tomos, na qual o autor tentou representar, através do gênero teatral, seis momentos ou figuras-chave da história do Paraguai: *Antequer a la revolución de los comuneros*; *Francia, um hombre interminable*; *La agonía del héroe o la agonía de un Pueblo* – referente a Solano López; *Los inmoladores o el crimen de Piribebuy* – referente à Guerra contra a Tríplice Aliança; *El vientre de la tierra o la tragedia del Chaco* – sobre a Guerra do Chaco; e o último tomo corresponde à *La Guerra Inconclusa*, sobre Juan Natalicio González, embora ele tenha sido o primeiro a ser publicado. A coleção completa foi publicada pela editora *Criterios*, em 2013. Segundo Enríquez Gamón, sua obra sobre González nunca foi representada no teatro. In: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón, por M. C. Quinteros, Assunção, 09/09/2015.

⁶⁷ Em entrevista a mim concedida, Enríquez Gamón descreveu sua relação como muito próxima a de um pai e um filho, só que no plano intelectual e com o devido respeito que a trajetória de González impunha. Enríquez Gamón começou a frequentar a casa de González, que fazia uma crítica dos textos do jovem. Na qualidade de estudante estrangeiro com poucos recursos financeiros, cada semana era recebido com carinho e com “uma xícara de leite e bolachas” pela esposa de González. A carreira literária de Enríquez Gamón teria sido orientada por González, através da sugestão de alguns autores, como os gregos clássicos. González lia os textos do discípulo e promovia a publicação de alguns deles em jornais da capital asteca. Além do acolhimento “familiar”, González intermediou para que Enríquez Gamón obtivesse seu primeiro trabalho com o qual teria sido possível permanecer no México e estudar. Ver: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón...

BOSIO, Beatriz G. *Rastreando el Pensamiento Paraguayo: Natalicio González y su legado* (Entrevista com Efraín Enríquez Gamón). In: **Correo de las Ideas.org**. Capítulo Paraguayo. Disponível em: <<http://www.corredordelasideas.org/v2/entrevistas.html>>. Acesso em 09/10/2015.

Devido a uma intensa convivência com Juan Natalicio González nos últimos anos de sua vida, Enríquez Gamón conheceu de perto as atividades desenvolvidas pelo intelectual paraguaio, assim como seus projetos inconclusos.⁶⁸ Ao contrário do primeiro biógrafo, o autor paraguaio teve contato muito próximo com a família de González e, por esse motivo, conseguiu acesso a informações detalhadas da morte de seu mentor literário.⁶⁹

Após seu regresso ao Paraguai, a vida pública de Enríquez Gamón não ficou restrita à faceta de escritor. Ocupou diversos cargos públicos, entre os mais significativos, para ele, o de embaixador no México (1997-2002) – cargo antes ocupado pelo “mestre” – e o de Diretor Geral Paraguaio de Itaipu Binacional (2011-2012).⁷⁰ A partir do falecimento de González, o discípulo escreveu diversos textos relacionados a ele.⁷¹

Vários autores, contemporâneos ou posteriores a González, escreveram breves textos de natureza biográfica sobre ele, a partir da década de 1980. Tratam-se de textos introdutórios de alguma de suas obras com o intuito de contextualizá-las. Este é o caso de Víctor Morínigo (1898-1982), grande amigo de González, que fez a apresentação do livro *Vida y Pasión de una Ideología*. Outros se identificam como discípulos de González ao publicarem breves resenhas sobre obras do mestre. Um deles, filho de um amigo de González, Leandro Pietro Yegros, foi o criador da editora *Cuadernos Republicanos*, responsável pela publicação e/ou reedição de várias obras de ou sobre González.

Todos esses autores têm como denominador comum a proximidade com González, seja como companheiros de toda uma vida – caso de Morínigo – ou como seguidores de suas ideias e práticas políticas. Todos eram, ou continuam sendo, filiados à Associação Nacional Republicana (ANR).

⁶⁸ Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN, Efraín. *Evocación de um eminente polígrafo paraguayo*. In: **Corredor de las Ideas.org**. Disponível em: <http://www.corredordelasideas.org/docs/lecturas/enrique_gamon.pdf>. Acesso em 26/02/2016. Neste texto, o autor enumera os escritos nos quais González estava trabalhando antes de sua morte. Alguns deles – como a autobiografia *Vida y Pasión de una Ideología* – foram resgatados e publicados postumamente. Outros – como *Historia del Paraguay* – desapareceram. A informação de Enríquez Gamón confere com os dados oferecidos por González na correspondência enviada a Germán Arciniegas. Ver: Carta de J. N. González a Germán Arciniegas, de 12/04/1951. In: Biblioteca Nacional da Colômbia (BNC), *Fondo Gabriela y Germán Arciniegas* (FGGA), Caixa 21, Pasta 9.

⁶⁹ Enríquez Gamón foi veemente ao afirmar que não filiou-se ao Partido Colorado por influência de González, como tampouco pertencia à mesma linha interna de seu mestre, o *Guión Rojo*. A influência de González não teria sido político-ideológica, senão exclusivamente literária. In: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón...

⁷⁰ Ver: ADEP. **Representantes Diplomáticos Paraguayos**. Nómina de los Jefes de Misiones Diplomáticas de la República del Paraguay, 1842-2011. Assunção: ADEP, 2011. Ver: *ASUMIO Efraín Enríquez como nuevo director General de Itaipú*, 02/11/2011. Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.py/es/sala-de-prensa/noticia/asumio-efrain-enriquez-como-nuevo-director-general-de-itaipu>>. Acesso em 02/02/2016.

⁷¹ Cabe esclarecer que, com relação a Enríquez Gamón, só foi considerado como texto biográfico a obra de teatro, de pouco mais de 50 páginas, por ser o único escrito que se refere a aspectos da vida pública e privada de González e que teve certa repercussão na sociedade paraguaia.

No caso desses autores que escreveram breves resenhas sobre as obras de González, cabe salientar o texto intitulado *J. Natalicio González en el pensamiento de la Patria*, de Washington Ashwell (1927-2015), autor que também se considerava discípulo de González. Esse texto foi publicado pela editora *Cuadernos Republicanos*, em 2004, como parte de uma homenagem a González.⁷²

Ashwell era um economista paraguaio, formado pela Universidade Nacional de Assunção e com pós-graduação nos Estados Unidos. Ocupou diversos cargos em instituições financeiras públicas e privadas, tanto no Paraguai como no exterior.⁷³ Viveu fora do seu país, não só por motivo de estudo ou trabalho, mas também como desterrado nos últimos anos da ditadura de Stroessner.⁷⁴ Com a queda do ditador, voltou ao Paraguai e foi designado embaixador em diversos países ao longo da década de 1990.⁷⁵ Autor de vários livros de história paraguaia, principalmente sobre história econômica, Ashwell era membro da Academia Paraguaia de História,

Assim como Enríquez Gamón, Ashwell também tinha grande admiração por González. Vivenciou os acontecimentos que marcaram sua designação como candidato presidencial do Partido Colorado e sua posterior eleição como presidente do Paraguai no final dos anos 1940.⁷⁶ Em 1959, conviveu com González no México – e foi a partir das lembranças que redigiu sua breve biografia (de 15 páginas).⁷⁷

A última biografia, publicada em 2011, no marco das celebrações do bicentenário da independência do Paraguai, *J. Natalicio González, Su expresión, su lucha, su ideología*, de pouco mais de 150 páginas, pertence a José Arce Farina.⁷⁸ O autor, formado em História pela Universidade Nacional de Assunção, é professor no curso de Ciências Políticas dessa mesma universidade.⁷⁹ Responsável por numerosos livros relacionados com

⁷² ASHWELL, Washington. *J. Natalicio González en el Pensamiento de la Patria*. In: **EL HOMENAJE a J. Natalicio González largamente esperado**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.

⁷³ No Paraguai, Ashwell ocupou funções no Ministério de Economia e no Banco Central, em diferentes momentos. No estrangeiro, trabalhou no Fundo Monetário Internacional e no Banco Interamericano de Desenvolvimento. Ver: ASHWELL, Washington. **Concepción 1947**. Sesenta años después. Assunção: El Lector, 2007.

⁷⁴ Ver: Entrevista com Washington Ashwell, por L. F. Viel Moreira, Assunção, 2012.

⁷⁵ Na década de 1990, Ashwell foi embaixador no Canadá, no Reino Unido, na Suécia e na Noruega. Ver: ADEP. **Representantes...**, p.19.

⁷⁶ Ver: ASHWELL, W. **Concepción...**, Cap.IX.

⁷⁷ Carta de Víctor Morínigo a Juan Natalicio González, de 24/06/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

⁷⁸ Em 2011, as editoras paraguaias publicaram várias coleções sobre a história do país. Uma delas é a Coleção Protagonistas da História, à qual pertence o livro de Arce Farina. Ver: ARCE FARINA, José. **J. Natalicio González, Su expresión, su lucha, su ideología**. Assunção: ABC Color/El Lector, 2011.

⁷⁹ Ver: ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.157; ARCE FARINA, J. **La Revolución de 1936**. Assunção: ABC Color/El Lector, 2013, p.89.

a história paraguaia da primeira metade do século XX, Arce Farina afirmou ter entrevistado, em várias ocasiões, Washington Ashwell para a realização de sua biografia.

Dos quatro biógrafos, González y Contreras é o único estrangeiro e o único que escreveu sobre a vida de González quando ele ainda era vivo. Os outros três são intelectuais paraguaios, mas de gerações posteriores à de González. Enríquez Gamón e Ashwell o conheceram pessoalmente e compartilharam, em maior ou menor medida, parte de seu cotidiano quando ele morava no México. Ambos escreveram seus respectivos textos biográficos a partir de suas lembranças e documentos pessoais. Arce Farina analisou a trajetória de González levando em conta as biografias anteriores, mas seu trabalho foi realizado a partir de uma perspectiva acadêmica.

A biografia de González y Contreras é a mais longa e detalhada. Foi escrita a partir de inúmeros questionários, de textos oferecidos pelo próprio biografado e de textos produzidos por intelectuais amigos do protagonista. A trajetória de vida do biografado é narrada até o momento da publicação, 1951, quando o protagonista iniciava um longo exílio no México.

Os textos biográficos de Enríquez Gamón e de Ashwell, apesar de pertencerem a gêneros literários diferentes, podem ser localizados no limite impreciso entre biografia e memória: as lembranças pessoais dos biógrafos estão presentes nas biografias que narram a vida de uma pessoa admirada e com a qual compartilharam relações de afeto até os últimos anos de vida do biografado. Nas lembranças (memórias) desses biógrafos, aparecem outros personagens, mas como coadjuvantes.

Embora a biografia produzida por Arce Farina não se compare, nem com a do escritor salvadorenho, nem com a de Ashwell, ela merece atenção porque também permite desvendar as “armadilhas” do gênero e identificar o modo pelo qual foi construído o personagem “Natalicio González”.

Um nome para um personagem

Os biógrafos de Juan Natalicio González Paredes (JNG) – exceto Enríquez Gamón – iniciam seus respectivos relatos fazendo referência à filiação, à infância, à adolescência e ao local de nascimento do biografado.⁸⁰ Nascido em Villarrica, JNG viveu e cresceu no

⁸⁰ A partir daqui, nos referiremos a Juan Natalicio González pelas suas iniciais JNG, na tentativa de abstrair o sujeito histórico das diferentes denominações/conceptualizações assinaladas pelos biógrafos.

interior do Paraguai até os 17 anos. Ao finalizar seus estudos, decidiu se estabelecer na capital do país. Com mais detalhes, como no caso de González y Contreras, ou de forma sucinta, como Arce Farina e Ashwell, os três autores descrevem o núcleo familiar, a escola, as primeiras amizades, os professores, bem como os entornos social e geográfico.

O escritor salvadorenho foi além desses dados, ao iniciar o relato a partir das origens da família González, instalada na região desde fins do século XVIII e dedicada à agricultura e à pecuária. Durante o governo de Carlos Antonio López (1844-1862), mudaram-se para Caaguazú e, durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), o avô paterno de JNG teria morrido na fortaleza de Humaitá, sitiada pelos aliados (1868).

O pai de JNG, Pablo, dedicava-se à exploração da erva-mate e à criação de gado, sendo dono de várias propriedades – o que o obrigavam a viajar frequentemente.⁸¹ Pablo González casou-se com Benita Paredes, pertencente a uma família que também se dedicava à pecuária. O casal decidiu morar em Villarrica.

Segundo o biógrafo, o pai, Pablo González, era um agricultor orgulhoso de sua origem camponesa, “um dos mais distinguidos reconstrutores da agricultura”, razão pela qual era filiado à ANR. Era um homem que conversava com os índios guaranis, amava os animais e tomava chimarrão. A mãe, Benita Paredes, ensinava ao filho os contos guaranis, a identificar animais e plantas da região, com seus nomes em espanhol e em guarani. Por sua parte, JNG aprendia com as crianças brincadeiras e lendas indígenas.

A leitura do texto de González y Contreras sugere um entorno familiar feliz, de constante aprendizado sobre a vida rural, a cultura guarani e a paisagem, porque “a devoção pela terra e a generosidade para com todas as coisas era a única religião daquele lar”.⁸² O relato descreve imagens vivas e ricas, com multiplicidade de cores, sons, formas, cheiros e sabores. No lar e no campo, o ambiente era paradisíaco e ali reinava a harmonia entre a natureza e o homem. No entanto, a visão romântica/idílica se interrompeu abruptamente:

Cuando el menor de los González acababa de cumplir los siete años, oía hablar de la guerra. Armados en la Argentina, los liberales se apoderaron del Paraguay. Una mañana, a hurtadillas, y en atmósfera de opresión y de tristeza, vio Juan Natalicio un desfile de tropas, con pañuelos azules en el cuello. Pasaban viviendo al partido liberal. Doña Benita hizo cerrar las puertas de su casa. El niño se preguntaba: ¿Cómo explicar la tristeza que un desfile ha acarreado en este pueblo?⁸³

⁸¹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.32.

⁸² *Idem*, p.37.

⁸³ *Idem*, p.46.

A partir de então, a adjetivação positiva é substituída por uma descrição cinzenta e triste para denunciar o empobrecimento e a destruição provocados pela Revolução de 1904, ou seja, o levante armado que inaugurou a Era Liberal (1904-1936).

Como consequência dessa ruptura institucional, segundo o biógrafo Arce Farina, a família de Pablo González “foi vítima do saque sistemático, praticado pelos caudilhos maiores e menores que respondiam ao novo regime liberal”.⁸⁴ Aos saques, teria seguido um longo período de carências que obrigaram o pai e os dois irmãos de JNG a trabalhar como agrimensores. Longe de ser um caso particular, o biógrafo descrevia a tristeza do “povo depauperado, com invernos cruéis e camponeses desabrigados”. A tragédia particular de “Natalicio”, segundo Arce Farina, se completaria com a morte da mãe por má conduta médica.⁸⁵

Para o escritor salvadorenho, após os acontecimentos de 1904, JNG passou a ser uma criança – e mais tarde um adolescente – ensimesmado: JNG “se *ensereceu* (sic) prematuramente; acompanhado de seu cachorro, marchava devagar...”.⁸⁶ A escola teria sido sua válvula de escape ao drama provocado pela perda da mãe e o distanciamento do pai e dos irmãos, obrigados a trabalhar longe de Villarrica. Ele morava sozinho na velha e grande casa dos González Paredes e, ainda menor, acabou tendo que trabalhar no juizado local como auxiliar escrivão.

As adversidades, segundo o biógrafo, não teriam sido um obstáculo, mas um estímulo para que JNG se tornasse mais reflexivo e absorto em seus pensamentos, porque “nada ocupou seu tempo, exceto seus estudos ou suas horas de leitura”.⁸⁷ Para isso, contou com o incentivo de um grupo de estudantes, do qual participava, e o apoio de seus professores. Entre estes últimos, o biógrafo destacou aqueles que foram responsáveis por seus ensinamentos de história e língua e também os que “abriram suas bibliotecas aos alunos”.

Deste modo, os biógrafos González y Contreras, Ashwell e Arce Farina, ao darem ênfase a este tipo de aspectos – um JNG criança e adolescente ensimesmado, dedicado aos estudos e leitura; o contato com os professores de história e línguas; o acesso a bibliotecas – estavam contribuindo para a criação do personagem, ou seja, o de um estudante promissor, com características que já permitiam vislumbrar a formação de um intelectual

⁸⁴ ARCE FARINA, José. **J. Natalicio...**, p.14.

⁸⁵ ARCE FARINA, José. **J. Natalicio...**, Cap. I; GONZÁLEZ Y CONTRERAS, Gilberto. **J. Natalicio...**, p.46-47; 50. Ambos fazem uma referência à morte da mãe, mas não entram em detalhes.

⁸⁶ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, Gilberto. **J. Natalicio...**, p.47.

⁸⁷ ARCE FARINA, José. **J. Natalicio...**, p.16.

de destaque. Nas referências dos biógrafos a atividades de JNG com os colegas, nota-se também a preocupação em apontar indícios de um interesse precoce do biografado pela política.

O relato biográfico era completado salientando-se a transcendência posterior dos amigos de escola. Segundo Ashwell, os “jovens escritores e oradores” Leopoldo Ramos Jiménez (1891-1988) e Manuel Ortiz Guerrero (1897-1933), juntos com JNG, fundaram um jornal estudantil, no qual “estes juvenis escritores que, por caminhos diferentes chegaram aos mais altos cumes da literatura paraguaia, apresentaram seus primeiros versos e ensaios literários”.⁸⁸ A amizade continuaria mais tarde, em Assunção, especialmente com Ortiz Guerrero que, junto com José Asunción Flores (1904-1972), seria um dos responsáveis pela criação do ritmo musical *guarania*. Já Ramos Giménez, “impulsivo e apaixonado, preferia o protesto e o caminho da rebeldia”, segundo Ashwell, abraçando a causa anarquista “propagada” por Rafael Barret (1876-1910).⁸⁹

Quando estava finalizando seus estudos, o pai de JNG faleceu. A data coincidiu com o primeiro ensaio de JNG, *Misión del Arte*, considerado pelos biógrafos como um texto fundador em sua carreira como escritor. Segundo o biógrafo Arce Farina, ele teria marcado o início da idade adulta de “Natalicio González”, quando, “convencido de que já não tinha nada pendente em Villarrica, preparou suas malas e dirigiu-se para Assunção”.⁹⁰

Ainda que os três biógrafos julgassem a infância e a adolescência de JNG como fundamentais para explicar suas futuras escolhas, González y Contreras foi mais incisivo e recorrente, porque vislumbrava, nesse período de vida de seu biografado, a formação de um homem aguerrido. Segundo o autor, JNG “cresceu sentindo o palpitar da batalha”.⁹¹ O escritor salvadorenho salientou, em várias passagens da biografia, que JNG era um lutador, um guerreiro como todo membro da “raça paraguaia”. A história paraguaia era retratada pelo biógrafo como uma sucessão de batalhas – como as livradas pelos guaranis, pelos *comuneros*, pelos “Francia” e os “López” contra as ambições dos países vizinhos, pelos

⁸⁸ ASHWELL, Washington. **J. Natalicio...**, p.11.

⁸⁹ ASHWELL, Washington. **J. Natalicio...**, p.12. Rafael Barret era um escritor espanhol radicado no Paraguai, que escreveu sobre a realidade sociocultural do país, diferenciando-se do resto da Geração do 900, mais preocupada em assuntos vinculados à Guerra da Tríplice Aliança. Em “A dor paraguaia”, tentou retratar a sociedade paraguaia do início do século XX, negando-se à “predicação de um pseudoevangelho patriota e nacionalista do pior cunho e do não menos falso mito do etnocentrismo guarani... Barret queria formar gerações de homens que soubessem *pensar* e trabalhar *livremente* na construção de um futuro menos inumano, menos dominado, menos submetido”. Ver: ROA BASTOS, Augusto. *Rafael Barret. Descubridor de la Realidad Social del Paraguay*. In: BARRET, Rafael. **El Dolor Paraguayo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, p.XXIII.

⁹⁰ ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.17.

⁹¹ GONZÁLEZ y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.58.

homens e mulheres “paraguaios” contra os “aliados” na guerra oitocentista, pelos “paraguaios” contra “liberais” nas primeiras décadas do século XX, pelos “paraguaios” contra os “imperialistas” na Guerra do Chaco.

Na medida em que o relato da infância e da adolescência de JNG avança, nas biografias, numa lógica supostamente cronológica, o “nome próprio” usado para qualificar o personagem, entanto “designador rígido” nos termos formulados por Bourdieu, sofreu leves alterações.

Quando González y Contreras se refere a JNG criança e adolescente, o apresenta como “Juan Natalicio”. Arce Farina e Ashwell se referem a ele só pelo segundo nome, “Natalicio”, por considerar que esta denominação sozinha era “suficiente para saber de quem estamos falando”.⁹²

As escolhas dos biógrafos não foram arbitrárias. O nome deveria evocar tanto o sujeito quanto o que ele representava. Entre os três elementos que constituíam a identidade do biografado, “Juan Natalicio González”, só “Natalicio” era capaz de carregar uma significação inequívoca porque “Juan” e “González”, nominações extremamente comuns em todo o universo hispanófono, eram consideradas impróprias para alguém que merecia destaque. Segundo González y Contreras:

Todas las circunstancias geopsíquicas, históricas y tradicionales se unieron para hacer de Juan Natalicio González el primer intérprete de la cultura en el Paraguay, un excelente pintor de la naturaleza y de las costumbres, un exégeta de la raza guaraní y el más alto representante de la lucha entre la paraguayidad, entre la afirmación autóctona y las tenencias exóticas que torcieron el rumbo del Estado.⁹³

O nome próprio “Natalicio” adquire individualidade e significação não por ser incomum, mas sim pelo fato de carregar as acepções de “poeta” e de “herói”. González y Contreras o explicita afirmando que “Juan Natalicio era atraído pelos triunfos imediatos. Queria palpar o renome. Entre cultivar a terra e ser um Natalicio Talavera, quem duvidaria?”.⁹⁴

Natalicio de María Talavera (1839-1868), nativo de Villarrica como JNG, foi jornalista, poeta e cronista da Guerra do Paraguai. Incorporado ao exército nacional em 1865, Talavera ficou responsável por escrever as crônicas do conflito e, segundo JNG, foi

⁹² ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.11.

⁹³ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.58.

⁹⁴ Idem, p.50.

secretário de Solano López.⁹⁵ Morreu de cólera antes do fim da guerra, mas foi resgatado pela historiografia como o primeiro poeta do Paraguai independente e como herói da guerra oitocentista.⁹⁶

Assim, o nome “Natalicio” complementa o relato dos três biógrafos que associa a história dos González – o avô, o pai e JNG – à história dos heróis paraguaios. O que surge como uma ordem cronológica, que permite a exposição de fatos em forma sequencial, também permite mostrar uma sucessão de “batalhas” através da quais JNG mostrou-se como um político que deu luta a cada uma das adversidades e que possibilitou construir seu prestígio como intelectual. As bases para iniciar este prestígio foram dadas em Villarrica. Ao decidir se mudar para Assunção, JNG teria entrado na idade adulta e, assim, perdeu o “Juan” para ganhar nome e sobrenome – “Natalicio González” – ou simplesmente um nome carregado de história – “Natalicio”.⁹⁷

Um personagem para um nome

Os relatos biográficos de González y Contreras, Enríquez Gamón e Ashwell podem ser englobados na categoria que a historiadora Stella Scatena Franco qualifica genericamente de biografia “tradicional”, ou seja, aquela preocupada com a busca pela “verdade absoluta, a visão evolutiva, a heroicização do indivíduo e a perspectiva factual”.⁹⁸

A biografia de Arce Farina, no esforço de aplicar o rigor teórico-metodológico acadêmico, buscou explicar a trajetória de JNG através de sua interação com o contexto histórico. Porém, o peso dado às biografias anteriores e aos textos do próprio personagem,

⁹⁵ GONZÁLEZ, Juan Natalicio. *Letras Paraguayas*. Terceira Parte: Literatura de la Independencia (ítem IV). In: Revista **Guaranía**, Ano 1, n.8, 15/08/1920, p.19.

⁹⁶ Ver: CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de la Cultura Paraguaya**. Assunção: Lumen, 1961, T.I, p.267-269.

MÉNDEZ-FAITH, T. **Antología de la Literatura Paraguaya**. Assunção: El Lector, 2004.

VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. **Breve Historia de la Cultura en el Paraguay**. Assunção: Lítero-Técnica, 1966, p.164-165.

ZUBIZARRETA, Carlos. **Cien vidas paraguayas**. Assunção: Araverá, 1985, 2ª. ed., p.179-181.

⁹⁷ Em seus respectivos títulos, as três biografias analisadas até aqui referem-se a JNG com a identidade “J. Natalicio González”, pelo qual o “Juan” não desaparece completamente, mas surge subordinado. Porém, ao longo do texto, há uma clara tendência a ficar circunscrito à etapa vivida em Villarrica. O mesmo acontece nas cartas escritas pelo próprio JNG quando, a partir de aproximadamente os 22-23 anos, abandona o uso exclusivo de “Natalicio” para assinar com nome e sobrenome, “Natalicio González”. Em relação aos artigos e livros de sua autoria, foram publicados inicialmente sob o nome “J. Natalicio González”, mas com o tempo a letra “J” foi abandonada.

⁹⁸ SCATENA FRANCO, S. **Peregrinas...**, p.63.

citados como fontes, acabou reproduzindo vários elementos que contribuem para a consolidação da imagem do herói JNG.

Os autores não deixam de assinalar a necessidade de retratar a vida de JNG tal como ela teria acontecido. Enríquez Gamón, ao escolher o gênero teatral, fez questão de esclarecer que o que foi contado em seu livro corresponde ao que “realmente ocorreu”. O que não são absolutamente fiéis aos fatos históricos são o modo, as palavras, a sequência dos diálogos em que os fatos são apresentados, porque, como escritor, ele teve a liberdade de fazer uso de um recurso literário, o teatral, para contar algo que “verdadeiramente” sucedeu.⁹⁹

Com maior ou menor ênfase, os autores coincidem em salientar quatro aspectos que permitiriam definir JNG como um intelectual ímpar: ele foi o homem que se fez sozinho, o escritor que teve uma inserção bem-sucedida nos circuitos intelectuais, o paraguaio leal à mulher e o político íntegro. Tais características contribuíram na construção de uma imagem positiva de JNG para a posteridade.

O homem que se fez a si mesmo

Nas biografias, JNG é referenciado como um autodidata, o que é vinculado ao “drama” vivido pela família González Paredes, que teria empurrado JNG para uma vida solitária, austera e introspectiva.¹⁰⁰

Ao mesmo tempo em que os biógrafos destacam a precocidade de JNG e sua disciplina para o estudo, “silenciam” a presença de outros personagens no relato.¹⁰¹ Apesar do retrato edulcorado da vida familiar de JNG, além dos pais, não aparecem outras influências familiares.

⁹⁹ Entrevista com Efraín Enríquez Gamón...

¹⁰⁰ A palavra “drama” é recorrente em diferentes tipos de escrita de JNG (epistolar, ensaística, autobiográfica), principalmente após o golpe de Estado que o expulsou do Paraguai. Ao se referir à sua situação de exilado, estendia a característica dramática a todo o povo paraguaio e, inclusive, ao povo latino-americano. González y Contreras, ao contrastar o clima idílico anterior a 1904 e as penúrias vividas pelos González após esta data, acabou assinalando a vida do protagonista como uma tragédia. Muito provavelmente, o autor era influenciado pelo biografado, que atravessava os primeiros anos após golpe de Estado que o derrubou da presidência.

¹⁰¹ A precocidade de JNG era destacada insistentemente através de frases como: era “uma criança quando incorporou-se a um jornal de combate” ou “entre os 11 e os 14 anos, Natalicio escutava os debates [...] imbuído na necessidade reivindicativa da memória do Marechal Solano López”, ou “escreveu seus primeiros poemas quando ainda era um adolescente”. Ver: ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.16; 21; ASHWELL, W. **J. Natalicio...**, p.15; GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p. 54; 60-61; 100.

Os tios teriam morrido em meio a um passado conturbado.¹⁰² Os dois irmãos são mencionados só em duas ocasiões por González y Contreras. Numa delas, refere-se à prisão de um deles, um “homem de trabalho que nunca ocupou nenhuma função pública”, preso injustamente como represália de adversários de JNG, após o golpe de Estado de 1949, que o tirou da presidência do país.¹⁰³

Praticamente sem parentes após perder os pais, JNG se mudou para Assunção, onde teria continuado com seu perfil estudioso e introspectivo. Instalado numa pensão, JNG “se fez autodidata e devorador de livros”.¹⁰⁴ O próprio JNG teria comentado a seus discípulos que:

Todos los días de mi vida, nos dijo ya en su madurez, tratando quizás de influir en nosotros, he leído por lo menos seis horas diarias, incluyendo los sábados y domingos y aún hoy sigo con ese hábito invariable en mi vida.¹⁰⁵

Isso teria sido possível porque JNG tinha “talentos naturais”, uma “inteligência ágil e rápida”, que se desenvolveram estimulados pelo pensamento de intelectuais paraguaios da envergadura de Juan O’Leary.¹⁰⁶ Mas, González y Contreras sugere que isso teria sido possível porque JNG era disciplinado para o estudo e para a vida.¹⁰⁷ Enquanto muitos de seus amigos levavam uma vida boêmia – alguns eram libertinos, outros alcoólatras ou até usavam morfina –, JNG:

Siguiendo las huellas de O’Leary y Domínguez, va adquiriendo en la lucha cotidiana aquella resistencia, aquel espíritu resuelto y batallador, de los antiguos pioneros que se aventuraban en la selva, buscando abrir una brecha a la cultura, y así se libró del destino truncado de sus compañeros.¹⁰⁸

¹⁰² Segundo o biógrafo González y Contreras, o pai de JNG não tinha irmãos. Sua mãe tinha vários, mas dois teriam morrido assassinados e outra morreu do coração em decorrência desses crimes. In: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.33.

¹⁰³ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.53; 380.

¹⁰⁴ ASHWELL, W. J. **Natalicio...**, p.12. Segundo Ashwell, JNG não terminou seus estudos em Villarrica. Os continuou no Colégio Nacional de Assunção, mas não os concluiu, porque não lhe satisfazia a rigidez das disciplinas e preferiu estudar sozinho.

¹⁰⁵ ASHWELL, W. J. **Natalicio...**, p.13. Este dado também é citado por Arce Farina. Ver: ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p. 18.

¹⁰⁶ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.63; 67.

¹⁰⁷ São inúmeras as passagens descritas pelos biógrafos em que JNG aparece como autodidata e autodisciplinado ao manter sua longa jornada diária de leituras, de estudo de línguas estrangeiras e de escrita poética, jornalística e ensaística. Nos diferentes exílios, surge como uma pessoa que, por seus próprios méritos, obteve os meios para sua subsistência.

¹⁰⁸ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.66. Especificamente, o autor fazia referência ao poeta Guillermo Molina Rolón (1892-1945) que, alcoólatra, teria sido tragado pelo silêncio; o escritor e jornalista Leopoldo Centurión (1893-1922) e o escritor italiano-paraguaio Roque Capece Faraone (1894-1928), que teriam usado morfina, acabando, o primeiro, num hospício e, o segundo, teria morrido. Os três intelectuais, junto com Adriano Irala, Pablo M. Ynsfrán e L. Ramos Giménez fundaram a revista Crónica, à qual integrou-se JNG.

JNG também pode ser visto como um ser único, adiantado à sua geração. Seus primeiros amigos de Assunção se “perderam”, mas JNG continuou “lutando”, “inteiro”, “sem vícios”, numa “disciplinada ascensão” que foi marcando “as múltiplas etapas de sua vida”.¹⁰⁹ Segundo o biógrafo Enríquez Gamón, JNG era o homem a quem sua esposa, Lydia Frutos (s/d-1966), recriminava gentilmente:

Lydia: Sí, ya sé; tú te conviertes en un empecinado bebedor de café porque ni fumas ni te afanas por las bebidas alcohólicas...

Natalicio: Creo que fumar y beber sin continencia, o con ella, es el peor y más inútil de los descubrimientos humanos.¹¹⁰

Assim, a autonomia do personagem é salientada em relação a parentes e amigos. Mas também em relação ao modo de se vincular a grandes intelectuais paraguaios, como o “pai do revisionismo”, Juan O’Leary. Trabalhando como jornalista em Assunção, JNG ficou encarregado de entrevistá-lo. O’Leary teria ficado tão impressionado, que ofereceu a ele a possibilidade de estudar em sua biblioteca, garantindo, ainda, “um prato de uma boa sopa e uma boa bolacha” ao meio-dia, todos os dias.¹¹¹

A capacidade de JNG de se sobrepor às circunstâncias adversas é salientada novamente quando os biógrafos falam de sua precariedade econômica, seja em Villarrica, Assunção, Buenos Aires ou no México.¹¹² Portanto, JNG é representado como um intelectual que soube preservar sua autonomia intelectual, social e/ou econômica.

O escritor bem-sucedido e articulado

Os biógrafos relatam os sucessivos vínculos intelectuais que JNG forjou no Paraguai e no exterior. O jornalismo, a escrita ensaística e o trabalho editorial abriram

¹⁰⁹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.65.

¹¹⁰ ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La guerra...**, p.13.

¹¹¹ ASHWELL, W. **J. Natalicio...**, p.15; ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.19. Esta citação sobre a ajuda de O’Leary a seu discípulo é frequente em diversos textos sobre JNG. O que chama a atenção é que, em entrevista, Enríquez Gamón relatou uma situação similar entre ele e JNG, mas este último no papel de mestre. Assim, ambos os relatos sugerem uma prática sociointelectual de proximidade afetiva e de subordinação mestre/discípulo que teria se reproduzido com o tempo e com diferentes gerações. Mas, os relatos também sugerem o uso do vínculo “mestre/discípulo” para dar legitimidade às ações e aos escritos do discípulo que se arrogava a amizade com o mestre, ou seja, com a autoridade intelectual.

¹¹² Segundo González y Contreras, JNG e sua esposa moraram na casa de O’Leary enquanto este desempenhava-se como embaixador em Madri. Também informa que a primeira estadia de JNG em Buenos Aires deveu-se ao reconhecimento de sua capacidade por parte da editora Monte Domecq que o contratou “sem cartas de recomendação e só pelo esforço desenvolvido” em diversos jornais assuncenos. Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.195-196; 100. O biógrafo Enríquez Gamón também se referiu à precariedade de JNG quando este pretendia voltar para o Paraguai. Sem bens materiais, JNG pretendia trocar sua biblioteca por cinco hectares de terra em Villarrica. Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La guerra...**, p. 45. Após sua chegada no México, JNG teria sido ajudado economicamente pelo presidente mexicano para se estabelecer nessa cidade. Ver: ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.31.

caminhos para chegar a outros escritores. Assim, sua participação em diferentes círculos de intelectuais ocupa um lugar destacado nos relatos de González y Contreras, Arce Farina e Ashwell. A intencionalidade era dupla. Por um lado, pretendia-se mostrar uma bem-sucedida inserção social do protagonista em níveis nacional e latino-americano, como trazer a palavra legitimadora de vários desses intelectuais, que confirmavam diferentes qualidades positivas de JNG.

O’Leary é apresentado como a principal referência de JNG em cada biografia, com uma importância fundadora na vida profissional de JNG, por tê-lo acolhido afetiva e intelectualmente. Porém, além de “discípulo”, JNG poderia ser erguido como “sucessor” do mestre, na medida em que se diferenciava dele. Se O’Leary podia ser considerado um nacionalista um tanto “místico”, em oposição, González podia ser apresentado como um nacionalista enraizado na sua terra e no seu povo, preparado para a ação.¹¹³

O primeiro grande projeto de JNG foi a revista *Guaranía*, criada em 1920, “tão erudita e brilhante” que permitiu congregar muitos dos intelectuais que JNG lia ou alternava nos primeiros anos em Assunção.¹¹⁴ Naquele mesmo ano, foi contratado pela editora *Monte Domecq* para trabalhar no exterior. Seu traslado a Buenos Aires permitiu vislumbrar os benefícios da atividade editorial para a sua vida, ao mesmo tempo que possibilitou “acumular conhecimentos e relações e tentar compreender a vida indo-americana”.¹¹⁵ De fato, JNG encontrou nessa cosmopolita cidade a possibilidade de conhecer intelectuais de diversas origens, inclusive, do Paraguai.

Por um lado, González y Contreras menciona que na primeira estadia em Buenos Aires (1920-1924), JNG conheceu os paraguaios Fulgencio Moreno (1872-1933), Eloy Farina Núñez (1885-1929) e aquele que seria seu maior e fiel amigo, Víctor Morínigo (1898-1981), com os quais manteria um contato mais fluido.¹¹⁶

¹¹³ Em várias ocasiões, González y Contreras menciona que JNG foi um “político da cultura”, um “militante da cultura”, porque, diferentemente dos outros ensaístas culturais, “Natalicio quer ser um homem de ação”. In: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.192.

¹¹⁴ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.68.

¹¹⁵ Idem, p.100-101.

¹¹⁶ Fulgencio Moreno foi escritor, historiador, jornalista e diplomata. Segundo Zubizarreta, junto com Blas Garay e Manuel Domínguez, foi um dos mais sérios pesquisadores da história paraguaia. Colaborou com o jornal *La Prensa*, de Buenos Aires. O principal tema de interesse, pelo qual participou em várias comissões de limites, era sobre os direitos de soberania paraguaia sobre a região do Chaco. Eloy Farina Núñez era um ensaísta e poeta com “sentido guaranizante”, que estudou na Argentina e também colaborava com jornais e revistas de Buenos Aires. In: ZUBIZARRETA, C. *Cien vidas...*, p.228-231; 273-275. Víctor Morínigo era escritor, filiado à ANR e se converteu no principal colaborador de JNG. Nos referiremos a ele com mais detalhe ao analisar a escrita de si de JNG.

Por outra parte, JNG buscou estabelecer nexos com escritores locais. Arce Farina afirma que, na década de 1920, JNG frequentava as casas de Ricardo Rojas (1882-1957), David Peña (1862-1930) e Ernesto Quesada (1858-1934). Os três intelectuais são considerados os iniciadores do revisionismo argentino e mantinham permanente contato epistolar com O’Leary. Eram críticos da história “mitrista” que considerava Solano López como o maior responsável pela Guerra da Tríplice Aliança. Muito provavelmente, O’Leary intermediou para que o “jovem” JNG os frequentasse; porém, os biógrafos sugerem que o intercâmbio intelectual foi iniciativa de JNG ou, inclusive, dos argentinos que teriam procurado o nosso personagem.¹¹⁷

Na segunda estadia em Buenos Aires (1937-1945), deu-se a experiência mais significativa de JNG na Argentina, ao participar nas reuniões da Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA).¹¹⁸ A organização era aberta aos intelectuais latino-americanos. Isso permitiu que JNG e seu grupo de amigos paraguaios participassem e entrassem em contato com os argentinos Gabriel del Mazo (1898-1969), Luis Dellepiane (1895-1951), Raúl Scalabrini Ortiz (1898-1959) e Atilio García Mellid (1901-1972). Entre as amizades latino-americanas que perduraram além das reuniões *forjistas*, figuram o colombiano Germán Arciniegas (1900-1999) e o peruano Luis Alberto Sánchez (1900-1994).¹¹⁹

Outras amizades latino-americanas foram feitas em suas viagens pela América do Sul e pela Europa. Em dezembro de 1924, a editora *Monte Domecq* encomendou a JNG um trabalho sobre a Venezuela, com o objetivo de publicar um livro informativo sobre o país. Segundo González y Contreras, JNG permaneceu dois meses nesse país e conheceu alguns jornalistas e escritores. Um deles se converteria em codiretor da revista *Guarania*, Jesús Antonio Cova.

Finalizado seu trabalho na Venezuela, a *Monte Domecq* enviou JNG para Paris. Num detalhado capítulo, González y Contreras descreve as circunstâncias em que

¹¹⁷ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.29; GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.100-115.

¹¹⁸ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.30. A FORJA, formada na década de 1930, era uma organização de jovens intelectuais que, críticos dos governos da chamada Década Infame argentina (1930-1943), decidiram discutir e apresentar novas propostas políticas e interpretações historiográficas. No último capítulo, serão apresentados mais detalhadamente tanto as características desta organização como o modo em que se deu a inserção de JNG nela.

¹¹⁹ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.30; GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.261-275. O biógrafo salvadorenho menciona muitos outros contatos estabelecidos por JNG em Buenos Aires, mas um deles cobra transcendência na biografia, como em posteriores textos de críticos literários, por ser considerado um poeta destacado de sua geração. Macedonio Fernández (1874-1952), primo de Gabriel del Mazo, só publicou quatro obras em vida, e uma delas pela editora Guarania. Ver: FERNÁNDEZ, Macedonio. *Poemas*. México: Guarania, 1953.

conheceu o venezuelano Rufino Blanco-Fombona na capital da França, bem como o mexicano Carlos Pereyra, quando visitava o “mestre” O’Leary, que naquele momento era o representante diplomático do Paraguai na Espanha.¹²⁰

Os biógrafos, ao vincular o nome “Natalicio” ou “Natalicio González” a nomes “consagrados” internacionalmente, tentam dar maior notoriedade ao protagonista. Por isso, as apreciações desses intelectuais sobre JNG são reproduzidas algumas vezes. O título da biografia de González y Contreras, “*Descobridor do Paraguai*”, corresponde a palavras de Arciniegas. Sánchez é um dos autores mais citados para dar fé da integridade e da luta de JNG na história do Paraguai e da América Latina.¹²¹ Profeticamente, numa das reuniões de FORJA, Del Mazo teria previsto que:

De nuestra corriente sudamericana, de hombres con métodos políticos distintos, pero esencialmente fieles a sus pueblos, saldrán, por lo menos, tres presidentes de República: Rómulo Betancourt, Natalicio González y Haya de la Torre.¹²²

Dessa maneira, os biógrafos constroem a imagem do JNG “intelectual” com ambições políticas a partir de declarações de escritores reconhecidos internacionalmente. Para um JNG que, segundo González y Contreras, não pôde estudar na universidade – porque estava fechada ou porque teve que trabalhar – e que, segundo Ashwell, teria abandonado a escola, porque o ensino não atingia suas expectativas, essa imagem era imprescindível para a defesa do personagem.¹²³ A recorrência de citações desses outros intelectuais legitimaria a caracterização dos biógrafos de JNG como um intelectual.

O paraguaio respeitoso da mulher

No relato biográfico, JNG era um homem praticamente sem ascendência. Tampouco teve filhos. Mas teve o referente feminino ao se casar, em dezembro de 1926,

¹²⁰ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio**..., p. 124; 136; 201.

¹²¹ Idem, p.265; 331; 367.

¹²² GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio**..., p.296. Em suas memórias, Del Mazo confirma ter dado este pronóstico. Ver: DEL MAZO, Gabriel. **Vida de un político argentino**. Convocatoria de recuerdos. Buenos Aires: Plus Ultra, 1976, p.241.

¹²³ Não há precisões de González y Contreras sobre o assunto, levando a pensar que JNG teria terminado seus estudos em Villarrica. Ashwell é o autor que afirma que JNG abandonou seus estudos e Arce Farina não entra no assunto, exceto para mencionar que o Colégio Nacional de Assunção não satisfazia as expectativas de JNG. Segundo González y Contreras, o desejo de JNG era ser um grande escritor e médico. Mas, quando mudou-se para Assunção, a faculdade de medicina encontrava-se fechada por motivos políticos, portanto, JNG apenas “graduou-se de autodidata na vida e diplomou-se de polemista nos jornais”. Ver: ASHWELL, W. **J. Natalicio**..., p.12; ARCE FARINA, J. **J. Natalicio**..., p.18; GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio**..., p.63-64.

com Lydia Frutos, a mulher que o acompanharia até o fim de seus dias.¹²⁴ Ela aparece “discretamente” nas biografias do marido – exceto na de Enríquez Gamón – para destacar o carácter leal de JNG. Apesar da suposta “discrição”, um capítulo é dedicado exclusivamente à figura de Lydia tanto na biografia de González y Contreras como na de Arce Farina.

Nascida em San José de los Arroyos, Lydia provinha do seio de uma família “pluripartidista”: liberal pela linha paterna e colorada por parte de mãe. Segundo González y Contreras, seu pai, Odón Frutos, era “um grande senhor camponês, culto e engenhoso, um dos caudilhos de grande formato do Partido Liberal”. Lydia também era a “sobrinha predileta do Dr. Eusebio Ayala, financista e escritor que assumiu a presidência do Paraguai durante a Guerra do Chaco”.¹²⁵

O nome da mãe não aparece em nenhuma das biografias. Porém, González y Contreras e Arce Farina fazem referência aos tios maternos, o “chanceler colorado” Antolín Irala e o escritor Adriano Irala.¹²⁶

Formada como professora normal, Lydia viajou para a capital da Argentina, onde obteve o título de Recitado e Declamação, como o de doutora em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires. Era poliglota e dominava o latim e o grego.¹²⁷ Segundo Arce Farina, em um baile no “exclusivo Clube União”, Lydia chamou a atenção de JNG por sua “graça interiorizada e sua fina inteligência”.¹²⁸

¹²⁴ No artigo *Padres, hijos y... primeras damas*, figura como Lydia Severiana Frutos Alderete. Mas, Arce Farina a menciona como Lydia Frutos Irala. Exceto as biografias de JNG, não há muita mais informação sobre a biografia da esposa de JNG. Ver: Jornal ABC Color, 10/08/2003. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/padres-hijos-y-primeras-damas-713617.html>>. Acesso em: 13/05/2015; ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p.67.

¹²⁵ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.194.

¹²⁶ Antolín Irala foi resgatado parcialmente para indicar o “passado colorado” de Lydia, mas sem mencionar que, em 1911, foi chanceler do presidente liberal Liberato Rojas e responsável por nomear Cecílio Báez como representante do Paraguai em Washington. Era formado em Direito pela Universidade Nacional de Assunção; foi embaixador e ministro em diversas oportunidades; e escrevia nos jornais da ANR *El Colorado* e *Patria*. In: ZUBIZARRETA, C. **Cien vidas...**, p.277-279. Adriano Irala foi um escritor, formado em Direito, que incursionou na história e no ensino. Integrou a Liga Nacional Independente, que agrupava os formados em Direito e que fundou o jornal *La Nación*, do qual foi diretor. Participou na Guerra do Chaco, mas morreu um ano depois de seu início. In: CENTURION, C. **Historia de la Cultura Paraguaya**. Assunção: Biblioteca “Ortiz Guerrero”, 1961, T.II, p.22-24.

¹²⁷ Lydia Frutos, ao voltar de Buenos, teria permanecido em Assunção onde “destacou-se como declamadora durante as décadas de 1920 e 1930. Os jornais de época dão conta das muitas vezes em que era convidada para declamar em todo tipo de atos”. Foi docente no Ginásio Paraguaio e, ao viajar a Paris com JNG, aperfeiçoou-se em Recitado. In: BARRETO, Ana. **Mujeres que hicieron historia en el Paraguay**. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, Servilibro, Secretaría de la Mujer (Presidencia de la República del Paraguay), 2011, p.264-265.

¹²⁸ ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p.67.

Segundo González y Contreras, Lydia era uma pessoa “cult”, membro da elite social e política do Paraguai, que se entrosava muito bem entre intelectuais de diferentes raízes políticas, preparada para declamar e tocar piano nas reuniões da “alta sociedade paraguaia” – que eram frequentemente publicadas nos jornais assuncenos.¹²⁹

Para González y Contreras, os mais importantes trunfos literários de JNG começaram após o casamento porque sua esposa “o induzia a empreender o voo lírico”.¹³⁰ Nesse sentido, Lydia lia os escritos de JNG, colaborava na tradução de textos ou se antecipava nas viagens do marido, dando entrevistas favoráveis à figura pública de JNG.¹³¹

Deste modo, a esposa representava um papel passivo – escutá-lo, esperá-lo, animá-lo, reconfortá-lo, ajudá-lo, defendê-lo – que complementava a vida de JNG como “confidente”.¹³² No entanto, um fato na vida de Lydia ganha destaque no relato biográfico de Enríquez Gamón. Arce Farina se refere a ela por meio das palavras de Arciniegas:

Lydia calentaba una cera para los pisos de la cocina. No sé cómo, estalló el hornillo, ella quedó lavada de gasolina en llamas y echó a correr como una antorcha viva. Lo que tapó con el poncho Natalicio era una miseria. Olía a carne asada... Lydia, que en un principio intentó suicidarse, comenzó esa vida de operaciones sin término que lentísimamente fueron colocándole la boca, los ojos, las narices en su puesto, y devolviéndole la piel. Natalicio vivía para devolverle la figura”.¹³³

Se as biografias de JNG acabaram contribuindo para a construção de um personagem, Enríquez Gamón erigiu JNG deliberadamente como personagem, ao contar aspectos de sua vida por meio do gênero teatral. O autor deu voz ao personagem “Natalo”, como teria sido chamado por Lydia na intimidade, diferente do sujeito histórico JNG. Isso permitiu apresentá-lo como um JNG humanizado, com dúvidas e certezas, e, por isso, era necessário mostrá-lo na sua intimidade, com Lydia.

Segundo Enríquez Gamón, Lydia pensou no suicídio quando o casal González morava exilado em Buenos Aires, e, em 1944, JNG recebeu a proposta de ser embaixador

¹²⁹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.168. Del Mazo fez uma breve referência à Lydia Frutos em suas memórias, afirmando que era uma “grande pianista”. In: DEL MAZO, G. **Vida de um...**, p.240.

¹³⁰ DEL MAZO, G. **Vida de um...**, p.398.

¹³¹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.397-398. Na correspondência e na autobiografia de JNG há várias referências às viagens e entrevistas concedidas por Lydia Frutos. González y Contreras é o único autor que menciona seu papel como tradutora. É possível que Lydia ocupasse um lugar chave como tradutora e corretora no andamento da editora Guaranía a partir de sua formação acadêmica e poliglota.

¹³² Como, por exemplo, quando da Guerra do Chaco, em que JNG teria sido impedido de ir para o campo de batalha, falavam sobre histórias de “mulheres-coragem”. Tal o caso da mulher que vendia *chipas* e tinha orgulho de todos seus filhos mortos na guerra, porque aqueles que “caem em defesa de sua terra vão direto para o céu”. Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.241-242; 313.

¹³³ ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.68-69. O texto completo de Arciniegas forma parte da publicação em homenagem a JNG, em que está a biografia de Ashwell. Ver: ARCINIEGAS, G. *Natalicio, Lydia...*

em Montevideu. Para ela, no relato teatral, uma figura pública como um embaixador não deveria ser acompanhada por uma esposa desfigurada. Porém, JNG teria reagido com uma contraproposta:

Si has decidido quitarte la vida porque eres um “monstruo”, según tu forma de autorretrato; si crees que ya has vivido bastante; que has sufrido mucho y debes descansar... ¡yo estoy en lo mismo!... ¡Te amo, Lidia! Y si te mueres, yo también quiero morir, y que sea contigo!...¹³⁴

A partir de então, JNG teria apoiado incondicionalmente sua esposa nas inúmeras cirurgias e evitando o suicídio. O fato permitiu aos biógrafos estabelecer um novo paralelismo entre a história pessoal de JNG e a história nacional. O cuidado do protagonista com sua companheira corresponde ao reconhecimento que o Paraguai deve, segundo a interpretação revisionista da história, à mulher paraguaia que lutou na Guerra da Tríplice Aliança.

O primeiro biógrafo de JNG, González y Contreras, não mencionou o acidente doméstico de Lydia. Provavelmente, JNG não o autorizou. Porém, este controle do biografado não se estendeu postumamente, já que seus amigos e discípulos o divulgaram – ainda que com divergências nos detalhes – para exaltar a figura de JNG.

Diante do infortúnio da mulher – paraguaia/Lydia – pouco interessava sua beleza física; o importante na escrita biográfica era resgatar o que ela representava: a perseverança, a luta até o fim, a beleza espiritual, a fortaleza herdada de tempos remotos.

Em 1966, após 17 anos ininterruptos de “exílio forçado”, de “ostracismo concertado” no México, quando o casal González se preparava para voltar a seu país, JNG teria morrido subitamente de um ataque cardíaco.¹³⁵ Ao encontrá-lo, Lydia teria se suicidado imediatamente para “acompanhá-lo nessa viagem sem retorno”.¹³⁶

Com mais ou menos detalhes, com divergências na sequência dos fatos daquela noite, a morte de JNG se transformou na sua mais simbólica tragédia. A melhor forma de representá-la como tal foi dando vida aos personagens, como fez Enríquez Gamón.

A tragédia individual, “injusta”, de JNG foi a morte tê-lo surpreendido poucas horas antes do voo marcado para levá-lo de volta ao Paraguai, após tantos anos de exílio.¹³⁷ O suicídio de Lydia segue, de certa forma, o percurso da tragédia da mulher

¹³⁴ ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La guerra...**, p.35.

¹³⁵ ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La Guerra...**, p.45.

¹³⁶ ASHWELL, W. **J. Natalicio...**, p.24.

¹³⁷ Em nenhuma das biografias se explica o porquê de tão longo “exílio forçado”, nem por que foi considerado como tal, se JNG atuava como embaixador de seu país. Por outro lado, ainda que os biógrafos coincidam, ao assinalar o falecimento de JNG como uma morte “inesperada”, que chegou muito cedo,

paraguaia que, diante da perda de seus homens – pai, marido, irmão –, tem que afrontar as atividades masculinas para continuar a vida, alimentando e educando os filhos. Mas, o casal González não tinha filhos.¹³⁸ A razão de viver de Lydia era seu marido.¹³⁹

Com o desaparecimento de JNG, desaparecia sua missão de mulher. Lydia acompanhou seu marido até o fim de seus dias, literalmente. E morreu no último ato, um ato certamente shakespeariano.¹⁴⁰ Apesar do conflito religioso do suicídio no âmbito do catolicismo, Lydia o teria resolvido resgatando “a morte” como fonte de “vida”, assim como soldados e mulheres entregaram suas vidas por um futuro digno e heroico para o Paraguai. Finalmente, o rosto desfigurado do personagem Lydia, falando ao público, cobrava sentido:

¡Ved, vosotros: mi cara es la cara de mi Pueblo! ¡Muchas guerras infames la hicieron presa de sus garras corrosivas! ¡La han desfigurado los políticos insanos; los gobernantes mediocres y retardatarios! ¡La han desfigurado los buitres extranjeros! Como a Icaro, cuántas veces le quemaron las alas! ¡Oh, Dios! ¡Oh, Dios! El proceso ha terminado. El escenario sigue siendo el mismo, pero ya tiene otros actores.¹⁴¹

A tragédia do último ato se completa com o sumiço da biblioteca e do arquivo de JNG.¹⁴² Definitivamente, na ótica dos biógrafos Enríquez Gamón e Ashwell, os atores eram outros, tanto do ponto de vista político e intelectual quanto ético.

segundo Jennifer Franch, existem boatos de que JNG también teria se suicidado. In: FRENCH, Jennifer L. *Traumatismo y la nación telúrica: La raíz errante de J. Natalicio González*. In: CASAL, J. M. e WHIGHAM, T. **Actas de las IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay** en la Universidad de Montevideo. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2015.

¹³⁸ Em um dos monólogos da personagem Lydia, Enríquez Gamón dá a entender que a esposa de JNG não podia ter filhos. ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La Guerra...**, p.34.

¹³⁹ Arce Farina reproduz a Del Mazo que teria escutado de Lydia que “Vivo por Natalicio!” Ver: ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p.144; DEL MAZO, G. **Vida de...**, p.240.

¹⁴⁰ Arce Farina menciona os detalhes do suicídio de Lydia que, em estado de choque, tomou vários comprimidos e cortou as veias de seus pulsos, e “finalmente entregou-se aos braços de seu marido, para dormir o sono imperecedouro, o sono final de um amor além da vida e da morte”. In: ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p.144. Enríquez Gamón expõe os detalhes da tragédia num epílogo, coincidindo com Arce Farina. Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La Guerra...**, p.55.

¹⁴¹ ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La Guerra...**, p.53.

¹⁴² Nos depoimentos de amigos e discípulos, constata-se que JNG era muito cuidadoso com seus documentos e sua biblioteca. A partir da correspondência com Víctor Morínigo, ou de memórias, como a do peruano Luis Alberto Sánchez, se deduz que JNG arquivava absolutamente tudo e tinha especial interesse na aquisição de livros e bibliotecas completas. Mas, no lapso compreendido entre a morte do casal e o envio dos corpos para Assunção, esses materiais teriam sido roubados. Ver: Cartas de VM a JNG. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3; MSE 192 v2_1 e MSE 192 v2_2. Sánchez expressou em suas memórias que, no seu exílio em 1948, JNG o ajudou economicamente, comprando tanto seus direitos de autor sobre algumas obras – mais tarde publicadas pela editora *Guaranía* – como sua biblioteca. Ver: SÁNCHEZ, L. A. **Testimonio Personal**. (1ª. ed.: 1969) T.3: La caldera del diablo, 1945-1956. Lima: Mosca Azul, 1987, 2ª. ed., p.127-128.

O político íntegro

Os quatro biógrafos coincidem em moldar um JNG íntegro, honesto, nobre. Assim, o personagem teria mantido uma posição ética inquestionável tanto no jornalismo quanto na política. Os autores tentam, com maior ou menor sutileza, rebater críticas que acusavam JNG, enquanto escritor, de incitar ao ódio, à intolerância ou de exaltar figuras autoritárias.

Alguns fatos da vida de JNG foram alvos reiterados tanto de críticas como de defesa por parte de opositores e partidários, respectivamente. É o caso de sua viagem para a Venezuela, em 1925. A editora *Monte Domecq* o enviou junto com o arquiteto paraguaio Tomás Romero Pereira, com o objetivo de produzir um livro informativo sobre o país.¹⁴³

Segundo Arce Farina, após encontrar-se com vários intelectuais em Caracas, JNG viajou para a costa, onde, por coincidência, teria encontrado e entrevistado Juan Vicente Gómez, que “governava despoticamente esse país desde 1908”.¹⁴⁴ González y Contreras explicita as críticas de contemporâneos que consideraram que JNG simpatizava e teria exaltado a figura de Gómez. Segundo o biógrafo, na verdade, esse encontro casual na praia de Macuto serviu para que os inimigos de JNG “o chamem de apologista do caudilho andino, personagem apaixonante e contraditório sobre o qual não escreveu nunca uma só linha”.¹⁴⁵

Outra das ações muito questionadas a JNG é a que seus biógrafos chamam de “campanha jornalística contundente” para combater o que ele considerava o maior problema de seu país, o governo do Partido Liberal.¹⁴⁶ Porém, segundo Ashwell, o nosso protagonista nunca teria usado a palavra escrita “para desprestigiar a seus perseguidores” enquanto morava fora do Paraguai ou durante os difíceis anos da Guerra do Chaco.¹⁴⁷ Arce Farina e González y Contreras acrescentam que JNG foi impedido de estar no campo de

¹⁴³ O livro publicado foi “Venezuela em 1925”, no qual colaboraram vários escritores. Tomás Romero Pereira era um militar retirado que, em Buenos Aires, trabalhava com JNG na *Monte Domecq*. Juntos, viajaram para a Venezuela e depois para Paris, onde fundaram a *Editorial de Índias*. Membro do Partido Colorado, foi presidente da Junta de Governo em 1931. Após o golpe de Estado que tirou Federico Chaves da presidência, Romero Pereira foi designado presidente do país, entre maio e agosto de 1954, até Alfredo Stroessner assumir. Ver: BENÍTEZ, Luis. **Breve História de Grandes Hombres**. Assunção: Gráfica Comunerros, 1986. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/1827_tomas_romero_pereira.html>. Acesso em 18/03/2016.

¹⁴⁴ ARCE FARINA, J. J. **Natalicio...**, p.31.

¹⁴⁵ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.127. Como resultado dessa viagem, JNG publicou um ensaio sobre literatura venezuelana, no qual o balanço se inicia com Bolívar, no século XIX, para chegar ao século XX de Vallenilla Lanz e Blanco-Fombona, momento da escrita do ensaio, sem nenhuma alusão a Gómez. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **La Literatura Venezolana**. Assunção: La Colmena, s/d.

¹⁴⁶ ASHWELL, W. J. **Natalicio...**, p.17.

¹⁴⁷ Idem, p.18-19.

batalha por questões políticas, mas “não claudicou em seu afã de lutar pela soberania nacional e depositou todos seus esforços na redação do jornal *Pátria*”.¹⁴⁸

À integridade moral soma-se a honestidade político-administrativa. Segundo os biógrafos, ao longo de sua carreira política, JNG teria mantido uma posição incorruptível e a maior prova disso seria sua permanente situação financeira precária.

Arce Farina é o autor que dedicou mais páginas para descrever a atividade política de JNG, dentro do Partido Colorado e no governo (como deputado, ministro e presidente). Segundo este historiador, após ser eleito deputado em 1927, JNG teria travado uma “dura batalha contra as medidas impopulares do oficialismo liberal e do espírito colaboracionista” de alguns membros do Partido Colorado.¹⁴⁹ No entanto, JNG teria renunciado a seu mandato, por considerar “estéreis suas tentativas em contribuir para uma mudança”.¹⁵⁰ Ainda assim, sua capacidade de liderança apareceria claramente quando conseguiu que a bancada colorada se retirasse do Parlamento em repúdio à repressão governamental da manifestação estudantil, em 23/10/1931.¹⁵¹

O autor baseia-se em textos de Ashwell e do biografado, com o qual reproduz a visão de JNG sobre as causas da suposta renúncia a seu mandato, ao mesmo tempo em que salienta sua capacidade de liderança. Arce Farina omite uma análise sobre um possível fracasso de JNG como representante legislativo e deixa de mencionar as condenações de contemporâneos de JNG, por ele ter incentivado exacerbadas críticas contra o governo num momento muito delicado das relações com a Bolívia.

Em 1936, com o fim da Era Liberal e a sanção do decreto n.152 emitido pelo governo de Franco, que identificava a autodenominada Revolução Libertadora com o Estado paraguaio, proibindo todas as atividades políticas, JNG foi identificado por alguns setores como um de seus autores.¹⁵² O biógrafo salvadorenho preocupou-se em oferecer um detalhamento minucioso dos passos dados por JNG antes e depois do golpe de 1936 com o objetivo de desvinculá-lo como ideólogo do polêmico decreto.

¹⁴⁸ ARCE FARINA, J. J. **Natalicio**..., p.80. Ver também: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio**..., p.178.

¹⁴⁹ ARCE FARINA, J. J. **Natalicio**..., p.75. O autor faz referência à linha representada por Federico Chaves, enfrentada por JNG já na década de 1920.

¹⁵⁰ Cabe lembrar que, segundo Efraím Cardozo, JNG saiu do Parlamento porque não conseguiu ser reeleito em 1931. Ver: CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre**. Una página de historia contemporánea del Paraguay. Asunción: Guayra, 1956, p.204.

¹⁵¹ ARCE FARINA, J. J. **Natalicio**..., p.76-77. No capítulo 3, analisaremos a participação de JNG nesta manifestação estudantil.

¹⁵² Ver Decreto-Lei no.152. In: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la guerra**. Assunção: Occidente, 2011 (Vol. IX da Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011), p.21.

Em diversas oportunidades, JNG e o grupo de escritores da revista *Guaranía* foram acusados de serem colaboradores do golpe de 1936. Sem dizê-lo, ao mostrar que JNG foi expulso do país pelo governo de Franco, Arce Farina também procura evidenciar a contradição da afirmação de um intelectual colorado colaborar com um governo que depois o expulsou.¹⁵³

Avançando cronologicamente nas biografias, Arce Farina é o único biógrafo que teve a preocupação de explicar a situação política e econômica do Paraguai durante a década de 1940, quando JNG assumiu o ministério da Fazenda e, depois, a presidência. Ele afirma que, em 1946, durante a “primavera democrática” em que a ditadura de Higinio Morínigo prometeu eleições e autorizou atividades partidárias, os colorados voltaram ao poder, graças a JNG que foi “o principal negociador dos espaços de poder pelo Partido Colorado”.¹⁵⁴

Porém, a fracassada “primavera democrática” terminou na Guerra Civil de 1947. Os biógrafos destacam o protagonismo de JNG nela, a ponto de tornar-se principal referência política após o triunfo do governo sobre os rebeldes. Porém, os relatos omitem os discutíveis mecanismos utilizados para o triunfo governamental nesse conflito, como o inevitável corolário de perseguição dos derrotados.

De qualquer forma, o prestígio ganho por JNG na guerra civil alavancou o apoio de Higinio Morínigo a sua candidatura para a presidência. A decisão foi tomada em uma “acidentada” e controvertida Convenção da ANR, em novembro de 1947, em que JNG, líder do *Guión Rojo*, disputou a candidatura com Federico Chaves, líder dos democratas.

¹⁵³ O assunto também foi tratado por Ashwell, afirmando que a revista *Guaranía* foi “o único baluarte político que repudiou de imediato a identificação do governo revolucionário com as ‘transformações sociais totalitárias da Europa contemporânea’ que fez o ignominioso Decreto-Lei 152”. In: ASHWELL, W. **J. Natalicio...**, p.19. De fato, o golpe foi em fevereiro de 1936 e em março publicaram o controvertido decreto. Mas, por decreto de 27/03/1936, JNG e Víctor Morínigo foram nomeados Comisionados Culturais do Paraguai no Exterior. O artifício legal provavelmente foi o mecanismo utilizado para o distanciamento do país de ambos os jornalistas e militantes colorados. Por nota de dezembro de 1936, do vice-chanceler de Relações Exteriores ao cônsul do Paraguai em Campo Grande, se notificava da admissão de JNG e de Guillermo Enciso Velloso, como emigrados políticos. In: Arquivo do Ministério de Relações Exteriores do Paraguai (AMREP), Direção Política e Diplomática (DPD), vol. 50, Nota N^o 166bis; AMREP, DPD, vol. 582, Nota N^o 799.

González y Contreras reconhece a participação inicial do coloradismo no golpe de 1936, mas nega a intervenção de JNG na redação do decreto no. 152. Ele analisa que o apoio colorado contribuiu para a saída dos “oligarcas liberais” e que o golpe teve o apoio contundente do povo. Mas, afirma que, com o decreto 152, se estabeleceu o totalitarismo no Paraguai. Como consequência, JNG e Víctor Morínigo reabriram o jornal colorado *Pátria* – para combater o dito totalitarismo. In: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. **J. Natalicio...**, p.247-249.

¹⁵⁴ ARCE FARINA, J. **J. Natalicio...**, p.97.

Enquanto González y Contreras apoia a defesa do próprio JNG, que teria denunciado a suposta fraude na eleição do presidente da assembleia, Arce Farina reproduz cuidadosamente a versão mais difundida entre os historiadores.¹⁵⁵ Sem se posicionar, como González y Contreras, Arce Farina apenas “descreve” os fatos: a eleição do presidente da assembleia, partidário de Federico Chaves, foi questionada pelos *guionistas*, que começaram a jogar objetos e a gritar a famosa frase “A balaço, a sabraço, Natalicio ao Palácio!”. Os chavistas se retiraram da convenção e JNG foi escolhido como candidato à presidência.¹⁵⁶

Após a descrição da queda de Higinio Morínigo e da eleição de JNG para a presidência, Arce Farina dedica um capítulo sobre o dia em que JNG assumiu a presidência e outro para fazer um balanço das obras de governo durante os cinco meses de exercício na presidência. Neste último capítulo, sobre política econômica, o autor segue a enumeração e os dados apresentados por JNG em suas memórias, *Vida y Pasión de una Ideología*. Ainda que inclua outros dados e fontes, vinculados à educação e às relações exteriores, se impõe a visão do biografado que é a de um presidente que teria concretizado grandes mudanças – positivas – na política econômica paraguaia.¹⁵⁷

Quase finalizando o livro, Arce Farina menciona brevemente as tentativas golpistas que JNG sofreu enquanto foi presidente, até a última, de janeiro de 1949, que atingiu o objetivo que o levou a seu último exílio, obrigando-o a peregrinar por vários países latino-americanos. Apesar dos quinze anos no México, o autor não dedica espaço a esta etapa da vida de JNG, exceto para mencionar as acusações de seus “detratores”, que o apontavam como corrupto, por dilapidar recursos públicos. Destaca também as injustiças as quais ele teria sido alvo, como o que considera a expropriação indevida de sua casa, biblioteca e pinacoteca.¹⁵⁸

Arce Farina não entra na questão da veracidade ou não das acusações contra JNG. Mas, para fechar o penúltimo capítulo, apenas menciona que JNG foi embaixador no

¹⁵⁵ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.333.

¹⁵⁶ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.111. Segundo a historiadora paraguaia Mary Monte de López Moreira, uma série de anomalias nos dias da Convenção – infrações, protestos, impugnações, violentas acusações, etc. – provocou a saída dos representantes democratas. Simultaneamente, bandos armados assaltaram o jornal *La Razón* e a polícia interditou as rádios assuncenas e a Central Telefônica, impedindo o envio de notícias dentro e fora do país. Para a autora, “a campanha empreendida por Natalicio González e seus partidários constituiu um duro amedrontamento à cidadania”. In: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la Guerra**. Assunção: Occidente, 2011 (Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011; T.IX), p.96.

¹⁵⁷ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.122-131.

¹⁵⁸ Idem, p.139-140. Novamente, aqui o biógrafo segue a linha definida por JNG em *Vida y Pasión de una Ideología*.

México e reproduz um diálogo entre Ashwell e o presidente mexicano, Miguel Alemán. Nele, se menciona a penosa situação econômica de JNG, que teria pedido um crédito para construir sua casa. Não podendo pagar, o presidente mexicano lhe assinou um fundo cultural. Em troca, JNG teria respondido com uma “formidável investigação” sobre a história e a cultura mexicanas.¹⁵⁹ Através da reprodução deste diálogo, o autor conclui o delicado assunto da “corrupção de JNG”, com um texto que fala da humildade, da honestidade e da capacidade intelectual de JNG.

Ao destacar as qualidades extraordinárias de JNG, os biógrafos contribuíram para construir o personagem “Natalicio González”. A empreitada apoiou-se em entrevistas ao biografado, em recordações dos biógrafos, mas também nos textos de JNG que foram extensamente citados nos relatos biográficos. Desse modo, os autores acabaram reproduzindo e reforçando uma autoimagem cuidadosamente elaborada por JNG, especialmente após o golpe de Estado de 1949.

Uma imagem para a posteridade

Os biógrafos, em particular González y Contreras e Arce Farina, citam exaustivamente os textos de JNG com o objetivo declarado de expor seu pensamento e destacar a qualidade de sua produção. Mas, ao mesmo tempo, acabam reproduzindo a imagem que o biografado construiu sobre si.

O escritor centro-americano tem a particularidade, enquanto poeta, em apresentar uma análise específica da poesia de JNG, dedicando-lhe um capítulo. Ao longo da apresentação dos poemas, o biógrafo se antecipa a possíveis críticas e orienta como devem ser lidos.¹⁶⁰ Para González y Contreras, a importância da poesia de JNG não reside em responder aos modismos poéticos do momento, senão justamente no contrário, em preservar e apresentar ao mundo o que o Paraguai tem de permanente, como suas tradições e seus mitos guaranis contemplados na produção de JNG.¹⁶¹

O biógrafo se dirige a um público leitor específico, o dos críticos literários. A necessidade de valorizar a poesia de JNG, a partir de seu conteúdo e não de sua qualidade poética, traz implícito o reconhecimento de que a transcendência de JNG não radicava no

¹⁵⁹ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.140-141.

¹⁶⁰ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.79-80.

¹⁶¹ Idem, p. 71-72.

estilo – possivelmente, muito questionado no momento da escrita biográfica – e sim na veemência para transmitir seu ideal.¹⁶²

Outro aspecto destacado pelos biógrafos é o papel de JNG como historiador das “letras paraguaias”. O escritor salvadorenho faz sua própria apresentação da literatura paraguaia a partir de textos de JNG.¹⁶³ Do mesmo modo, suas menções sobre a história paraguaia também têm como base textos do biografado. Seguindo as posições de JNG, González y Contreras se coloca como férreo defensor do *lopismo*.¹⁶⁴

Mas, o que chama a atenção é que, na narrativa de González y Contreras, há referência a vários textos de JNG que só seriam publicados após a divulgação de sua biografia sobre JNG, tais como *Elegías de Tenochtitlán* (1953), *La Raíz Errante* (1953), *Ideología Guaraní* (1958) e *El Estado Servidor del Hombre Libre* (1960). Em alguns

¹⁶² Seguindo a sugestão do salvadorenho, Ashwell cita umas estrofes de JNG, que dariam conta da “descrição apaixonada” da paisagem. Ver: ASHWELL, W. J. **Natalicio...**, p.25.

¹⁶³ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p. 73. O autor não menciona expressamente a fonte, mas muito provavelmente referia-se ao livro “Letras Paraguaias”, pois mantém o mesmo critério de exposição de JNG. Os primeiros esboços desse livro foram publicados na revista *Guaranía*, em 1920. Nas cartas endereçadas para O’Leary, em 1922, JNG manifestava que havia concluído a obra, mas que não lhe satisfazia. Portanto, dizia que ainda não a publicaria e que isso só seria possível um ou dois anos mais tarde. Em 1924, voltava sobre o assunto, dizendo que ainda estava trabalhando nessa obra, faltando poucos capítulos. Ver: Cartas de JNG a Juan O’Leary, de 1922 (s/d) e de 03/02/1924. In: Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai (ABNP), Coleção Juan E. O’Leary. O livro foi publicado em 1988 e em 1991, pela editora Cuadernos Republicanos. Nesta última edição, figura que a primeira publicação da obra seria de 1921, pela editora Mundial, dado confirmado por Francisco Pérez-Maricevich e por Viriato Díaz-Pérez. Porém, contradiz a informação brindada pelo próprio JNG em 1922 e em 1924. Segundo Herib Caballero Campos, em 1919, os estudantes de Direito da Universidade Nacional de Assunção organizaram a editora “Biblioteca Paraguai do Centro Acadêmico de Direito” para publicar livros que pudessem apresentar a cultura paraguaia aos públicos local e estrangeiro. O oitavo volume publicado foi “Letras Paraguaias” de JNG. Possivelmente, os estudantes compilaram os artigos publicados na revista *Guaranía*. O livro publicado por Cuadernos Republicanos é um texto ampliado, tanto no período quanto nos autores considerados. Ver:

CABALLERO CAMPOS, Herib. *Entre Clío y Astrea: La Biblioteca Paraguaya del Centro de Estudiantes de Derecho*. In: **Diálogos**, Vol. III, Maringá, 2016 (No prelo).

GONZÁLEZ, Natalicio. **Letras Paraguayas** (Edição Homenagem). Assunção: Cuadernos Republicanos, 1991 (3ª ed.)

PÉREZ-MARICEVICH, F. *Introdução*. In: GONZÁLEZ, Natalicio. **Textos Escogidos**. Assunção: El Lector, 1996, p.15

DÍAZ-PÉREZ, V. **Literatura del Paraguay**. Vol.II. Biblioteca Virtual Universal. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/134266.pdf>>. Acesso em 15/03/2016.

¹⁶⁴ Uma das obras mais citadas por González y Contreras é *Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya* (1938), para a descrição geográfica e cultural do país de JNG, inclusive servindo como título de um dos capítulos. *El Paraguay Eterno* (1935), *El paraguayo y la lucha por su expresión* (1945) e *Cómo se construye una nación* (1949) constituem suas fontes para descrever a história política do país. Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p. 150; 165; 276-289.

GONZÁLEZ, Natalicio. **Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya**. Asunción/Buenos Aires, 1938, T.I. Inicialmente, JNG tinha pensado publicá-lo em dois tomos, mas só apareceu o primeiro. O livro foi reeditado pelas editoras Cuadernos Republicanos (1988) e El Lector (1998).

_____. **El Paraguay Eterno**. Assunção: Guaranía, 1935.

_____. **El paraguayo y la lucha por su expresión**. Assunção: Guaranía, 1945.

_____. **¿Cómo se construye una nación?** Assunção: Guaranía, 1949.

capítulos, a citação é parcial; em outros, a reprodução de capítulos inteiros é sugestiva, aderindo abertamente às ideias políticas e até partidárias de JNG.¹⁶⁵ A reprodução desses textos ainda inéditos revela o acesso aberto que o autor salvadorenho tinha sobre os escritos e documentos de seu biografado.

Enríquez Gamón apresenta muitos “semimonólogos” do personagem “Natalicio”, apenas interrompidos por seus interlocutores, com perguntas ou comentários breves, para facilitar a exposição dos principais conceitos político-ideológicos de JNG aos “expectadores”. O autor não se remete a nenhum livro específico de JNG, mas tenta expor – por meio da peça teatral – seu pensamento segundo sua interpretação.

Arce Farina dedica o quarto capítulo de sua biografia para a apresentação cronológica de toda a produção de JNG, com uma breve resenha de cada livro, alternada com comentários de seus biógrafos, de críticos literários e do próprio JNG. Trata-se da biografia mais recente e, portanto, inclui as publicações posteriores à primeira edição do texto de González y Contreras, tais como *Geografía del Paraguay* (1964), *Vida y Pasión de una Ideología* (1982) e *La ideología americana* (1984).¹⁶⁶

Embora menos enfático e mais pedagógico do que González y Contreras, na sua exposição, Arce Farina reproduz alguns conceitos de JNG, sem conseguir evitar expor sua simpatia pelo biografado, qualificando-o com epítetos como “espírito criador”, “intérprete continental”, “soberba exposição”, e reconhecendo suas contribuições literárias, históricas, geográficas, culturais e sociológicas.¹⁶⁷

Em maior ou menor medida, e por caminhos históricos diferenciados, os biógrafos de JNG acabaram reproduzindo conceitos e imagens elaborados pelo biografado ao longo dos diferentes textos produzidos durante toda sua vida. González y Contreras publicou sua biografia pela editora do biografado, na sequência de sua saída do Paraguai, para cultivar a imagem de um “Natalicio González” intelectual, comprometido, íntegro, em contraposição à imagem do JNG deposto e corrupto.

¹⁶⁵ Para González y Contreras, só o *coloradismo* conseguiria a “expressão autêntica do ser e da terra paraguaia”. In: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p. 160; 187; 326; 423. Ver também: GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Elegías de Tenochtitlán*. México: Guaranía, 1953.

_____. *La raíz errante*. México: Guaranía, 1953.

_____. *Ideología Guaraní*. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1958.

_____. *El Estado Servidor del Hombre Libre*. México: Guaranía, 1960.

¹⁶⁶ Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. *Geografía del Paraguay*. México: Guaranía, 1964.

_____. *Vida y Pasión de una ideología*. Assunção: Napa, 1982.

_____. *La Ideología Americana*. Assunção: Cuadernos Republicanos, 1984.

¹⁶⁷ ARCE FARINA, J. J. *Natalicio...*, p.39-55.

A exaustiva citação de textos do biografado leva à reflexão – mais do que se o biógrafo acabou sendo “possuído” pelo biografado – de onde termina a escrita de González y Contreras e onde começa a de JNG. Ciente deste problema, o autor se debruça sobre autores que “confirmariam” a veracidade de suas afirmações. Porém, esses autores são igualmente favoráveis a essa imagem positiva de JNG, além de terem publicado também pela editora do biografado.

É a partir da correspondência de Víctor Morínigo que podemos afirmar que houve intervenções no texto do escritor salvadorenho. Em várias oportunidades, o “fiel escudeiro” de JNG manifestou estar fazendo a leitura e as correções da biografia de González y Contreras, acreditando que a publicação da biografia era um degrau a mais na recuperação do mito do *Tendotá*:

La lectura del libro de González y Contreras, cuyas pruebas he terminado hoy de corregir, me satisface plenamente. Será un gran libro, con el que vas a continuar – sin proponértelo – sirviendo a nuestro país y a nuestra causa. Quieras o no quieras, como quieran o no, los otros, es indudable que si tu condición de Tendotá te la niegan hoy, la historia que ya comienza a escribirse te la discernirá ampliamente. Está visto que cualquier acto tuyo, o lo que te toque, es un acto de servicio para nuestra causa patriótica. La rebelión de la mediocridad contra el talento, como te dije alguna vez, si ha triunfado ha sido para poner de relieve precisamente las tristes consecuencias que se acarrea a un pueblo cuando ello sucede.¹⁶⁸

Tendotá é uma palavra de origem guarani que significa “guia”.¹⁶⁹ Neste sentido, foi resgatado por González y Contreras ao afirmar que, no Dia do *Pynandí*, em 14/03/1948, “liderando a imponente coluna camponesa, caminhava o *Pynandi Tendotá*, como era chamado Natalicio, o que significava que era o guia dos pynandis”.¹⁷⁰ À condição de paraguaidade de JNG, somava-se a de liderança.

Porém, para os adversários políticos de JNG, a apropriação desse título era uma prova a mais de seu fascismo. Em 1952, o escritor colorado Osvaldo Chaves escrevia a Arciniegas para esclarecer quem era “realmente” JNG. Diferentemente do exposto pelo autor colombiano, em seu livro *Entre la libertad y el miedo* (1952), Osvaldo Chaves tentou

¹⁶⁸ Carta de VM a JNG de 09/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

¹⁶⁹ Em alguns casos, é traduzido como “presidente”. Ver: SAGUIER, Eduardo. **El idioma guaraní**. Método Práctico para su enseñanza elemental. Buenos Aires: Padilla & Contreras, 1946; Diccionario Guaraní-Español Glosbe. Disponível em: <<https://es.glosbe.com/gn/es/tendota>>. Acesso em: 29/03/2016.

¹⁷⁰ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio**..., p.340. Também era chamado de *Mburuvichá Pynandí* ou “chefe dos pynandis”. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Reportaje al Paraguay**. Assunção: Guaranía, 1949, Cap 9; TARROUX-FOLLIN, C. *Une figure mythique au service du nationalisme paraguayen: le Pinandí, um soldat-laboureur em terre guarani*. In : CMHLB Carabell, N° 74, Toulouse, 2000, p. 189.

expor as características que definiam o autoritarismo de JNG.¹⁷¹ Para ele, *Tendotá* é o “equivalente guarani mais próximo para expressar a ideia de Caudilho, Duce, Führer”.¹⁷²

Ao longo das mais de 400 páginas de biografia, González y Contreras relata a trajetória de vida de JNG, do “início” ao “fim” – nos termos propostos por Bourdieu – com uma precisão, com relação a datas, nomes e lugares, que evidencia o uso de documentos.¹⁷³ Porém, os “silêncios” sobre alguns assuntos constituem a prova mais tangível da parcialidade e da “possessão” do biógrafo pelo biografado. A exposição lógica de alguns fatos e o silêncio sobre outros têm como objetivo último contrapor uma autoimagem positiva de JNG à imagem negativa de seus opositores – naquele momento, no comando político do Partido Colorado e do país. Mas também havia a clara estratégia de deixar uma imagem para a posteridade.

Essa imagem implicava na busca pelo reconhecimento, das gerações posteriores, da contribuição de JNG ao mundo cultural e político-ideológico. Daí o esforço desmedido em associar sua figura e sua história privada e pública à história paraguaia, como uma forma de legitimar, indiscutivelmente, sua heroicidade.

Ao heroizar seu biografado – concedendo-lhe as qualidades de integridade, honestidade, desprendimento, de homem que se fez sozinho numa jornada vital marcada pelas tragédias – González y Contreras contribuiu para reforçar o papel de protagonista – e, muitas vezes, de pioneiro – de JNG nas letras paraguaias, na história da ANR e na história nacional. Este eixo foi mantido pelos biógrafos posteriores, quer seja porque foram discípulos de JNG e escreveram com a intencionalidade expressa de homenagear e/ou de resgatar JNG do esquecimento – como Ashwell e Enríquez Gamón – ou porque não conseguiram transcender completamente a biografia “pioneira” de González y Contreras – como Arce Farina.

O primeiro grande êxito do biografado, ao “possuir” o primeiro biógrafo que o entrevistou e consultou seus documentos, foi a consagração de seu nome, o “designador rígido”. Como tal, já tinha sido construído, pelo próprio JNG, mas seu biógrafo acabou mostrando as etapas pelas quais passou até chegar ao nome próprio que designava sua

¹⁷¹ ARCINIEGAS, Germán. **Entre el miedo y la libertad**. 6ª. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1956 (a primeira versão foi de 1952, em inglês).

¹⁷² CHAVES, Osvaldo. *Carta a Germán Arciniegas sobre la Teoría y la Práctica del Totalitarismo*. Nova York: s/d, 1952. Disponível em: http://www.portalguarani.com/382_osvaldo_chaves/20342_carta_a_german_arciniegas_sobre_la_teor%C3%ADa_y_la_practica_del_totalitarismo_por_osvaldo_chaves.html. Acesso em: 20/05/2014.

¹⁷³ Há poucos erros, como, por exemplo, datar a primeira publicação da revista *Guarani* em 1917, quando, na verdade, começou a aparecer em 1920. Ver: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.68.

identidade, mas também a abstração do que ele representava – ou que devia representar. Uma identidade que se mostrou não tão rígida ao perder o “Juan” e diante da possibilidade de abstrair, num nome só – “Natalicio” –, todos os elementos representativos de sua personalidade.

A redação da biografia de Arce Farina, 60 anos mais tarde, reiterando e reforçando esta abstração, mostra o sucesso da intervenção de JNG em sua própria biografia, ao oferecer uma “representação de si” por meio de seu biógrafo González y Contreras, que, por sua vez, seria citado por outros biógrafos de JNG. Sem dúvida, ele foi “ideólogo de si” ao selecionar e oferecer a seus biógrafos os acontecimentos mais importantes de sua vida e ao silenciar outros que podiam questionar seu protagonismo histórico ou que estavam relacionados com aspectos controvertidos de sua vida.

Ashwell e Enríquez Gamón reforçam cada um dos elementos que contribuem à idealização do biografado, incluindo suas tragédias. Porém, o fazem aportando novos dados, tendo em vista que escrevem seus respectivos textos após a morte de JNG e após terem vivenciado a longa ditadura de Stroessner. Ao serem entrevistados, e por diferentes razões, ambos se mostraram claramente *anti-stroessneristas* e admiradores de Natalicio. Os biógrafos podem ter enxergado na escrita biográfica um meio de crítica a Stroessner – que tinha se apropriado da estrutura partidária para seu próprio projeto político. Ao resgatar positivamente JNG, esses autores resgatavam o Partido Colorado anterior a Stroessner.

Algumas situações/imagens se repetem nos relatos e permitem refletir sobre o papel e o reconhecimento aos “mestres” na história latino-americana. Por um lado, em nível nacional, os biógrafos insistem em ressaltar o papel de O’Leary na formação de JNG, convidando-o a tomar “a sopa” todo dia. Situação similar teria sido vivida por Enríquez Gamón quando visitava o casal González toda semana no México.

A relação mestre/discípulo pressupunha o reconhecimento intelectual do primeiro com o segundo, mas também era uma relação impregnada por afeto e proteção. Nela, se estabelecia uma fidelidade do discípulo com seu mestre. Porém, no caso de JNG, há críticas sutis ao mestre, como quando González y Contreras afirma que O’Leary teria ficado circunscrito ao aspecto ideológico, sem se propor agir politicamente – como o fizera seu discípulo. Essa posição daria a JNG maior autonomia e, portanto, maior protagonismo.

A autonomia era em relação a O’Leary e em relação a outros intelectuais latino-americanos do início do século XX, também considerados “mestres”. Enríquez Gamón afirma que JNG não foi seu líder partidário, mas sim seu guia literário. Quando lhe

mostrou seus primeiros poemas, JNG o aconselhou a deixar de ler Rodó – que escrevia bem, mas não passava de um modismo – e começar a ler os clássicos gregos.¹⁷⁴

Ao tentar reproduzir a imagem de autodidata através de seus biógrafos, JNG também podia prescindir dos “mestres”, enquanto pertencia a uma geração de intelectuais que, imbuídos do indigenismo, tentavam se distanciar da corrente arielista, considerada europeizante – e construir uma interpretação da América Latina autóctone.

Segundo o historiador chileno Devés Valdés, entre o início do século XX e a década de 1930, as concepções sobre o caráter identitário predominaram entre os intelectuais latino-americanos. Enquanto, nos primeiros anos do século, o arielismo centrou-se na defesa de uma “cultura própria, humanista em oposição à nordomania”, após o fim da Primeira Guerra Mundial, a identidade foi relacionada com o social e, especificamente, exaltava todo o não branco – o índio, o camponês, o rural, o interior, o afro-americano.¹⁷⁵

Para este autor, o indigenismo é um dos movimentos mais interessantes do pensamento latino-americano, porque, entre outros fatores, gerou uma reflexão bastante autônoma, devido a que, diante da falta de suficientes antecedentes extra-latino-americanos, viu-se obrigada a desenvolver a criatividade. Um dos resultados desse movimento é que estabeleceu o binômio “indígena/não indígena” como expressão do “latino-americano/não latino-americano”. Para Devés Valdés, os autores indigenistas seguem o arielismo, mas colocando a ênfase no próprio. A nova proposta não necessariamente rompe com essa tradição, mas deixa de lado a identidade latinista-culturalista para salientar a identidade indígena, “símbolo e expressão do mais próprio e radical do continente que passa a ser denominado ‘Indo-América’”.¹⁷⁶

Quando JNG aconselhava a seu discípulo a deixar de lado Rodó e retomar os gregos, estava propondo novas formas interpretativas da realidade latino-americana. Por um lado, provavelmente influenciado pelo amigo peruano Sánchez, buscava romper com a

¹⁷⁴ O uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917) exerceu ampla influência entre os intelectuais latino-americanos das primeiras décadas do século XX, entre eles, Juan O’Leary. Segundo Otávio Ianni, sua obra “Ariel” (1900) adota os personagens shakespearianos de “A Tempestade”, Próspero – como o herói civilizador; Ariel – como o jovem, idealista, inteligente, europeizante; e Caliban – “como o utilitarista sem ideais, interessado apenas em realizações e bens materiais, uma nítida alusão ao modelo norte-americano – que considerava impróprio para a América Latina. Uma paráfrase de “A Tempestade” recriada com elementos da época”. Ver: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991, Apresentação de O. Ianni, p.10-11.

¹⁷⁵ DEVÉS, VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latino-americano en el siglo XX*. Entre la modernidad y la identidad. T.I: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000, p.109.

¹⁷⁶ DEVÉS VALDÉS, E. *El pensamiento...*, p.110;128.

tradição dos “grandes mestres” da juventude.¹⁷⁷ Pelo outro, apresentava propostas “inovadoras”, como a reinterpretação guaraníca de “A Tempestade”, publicada em 1934 pela revista *Guaranía* e retomada por González y Contreras, afirmando que:¹⁷⁸

Con gran tino en este artículo ensayístico, González apunta al acopio de documentos e interpretaciones, clavando el dato de las antecedentes shakespearenses con el alfiler de la precisión comparativa, dejando lli disecada para que la estudie cualquiera, la tesis de que el “genio extraordinario de Shakespeare, leyendo la apologética de los guaraníes que trazó la prosa seductora de Montaigne, informándose quizá en las obras de Lery y de Thevet, se apoderó de las costumbres y los dioses de los indios para construir el más fantástico y el más humano de los dramas. Lega a la humanidad las figuras imperecederas de Ariel y de Calibán, símbolos felices del impulso originario del bien y de los instintos bajos y fecundadores del mal”.¹⁷⁹

JNG equiparava Caliban com o guaraníco Anhangaba – o mal – e Ariel com Tupã – o bem – e, para o biógrafo, isso era o triunfo da erudição de seu biografado, que conseguia trazer as raízes guaranis “transculturadas”, em sentido inverso ao processo tradicionalmente considerado pelos idealistas, da América para a Europa. Assim, JNG teria conseguido identificar que, apesar de nascer “entre as brumas da Inglaterra, nas veias de Ariel e Caliban galopa o sangue guarani”.¹⁸⁰

Curiosamente, González y Contreras menciona uma amizade mexicana de JNG como circunstancial – ou apenas como uma amizade afetiva e não intelectual, sem alusão às identidades em comum de ambos os escritores: José Vasconcelos.¹⁸¹ Porém, em entrevista, Enríquez Gamón assinalou a importância de Vasconcelos na inserção de JNG

¹⁷⁷ Segundo Sánchez, na sua adolescência, a formação intelectual esteve nas mãos dos “grandes mestres” Rodó, Chocano, Darío, Ingenieros, Vasconcelos e García Calderón. Porém, em 1925, “queimei definitivamente os ídolos do ‘meu 1914’”. A crítica fundamentava-se em que todos seus “professores” militavam no arielismo, cujos mestres eram de “além-mar”. Para Sánchez, era necessário sair desse labirinto “idealista” e aterrisar na realidade. Tal idealismo “radicava mais na palavra do que na conduta”. Essa posição teria sido possível pelo estado de bem-estar prévio à guerra. Mas, após 1920, “o clima social transformou-se”; enquanto os “novecentistas” mantiveram “um critério estético, deslumbrador, mais egoísta, erudito, mas circunscrito e alheio à nossa realidade; hoje, prima um critério pragmático-ético, talvez opaco, mas solidário, amplo e próprio, fundo e social”. Assim, Sánchez chega a se questionar: “Tivemos mestres na nossa América?”. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. **¿Tuvimos maestros en nuestra América?** Buenos Aires: Raigal, 1956. Prefácio, p.11-20.

¹⁷⁸ Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. *Los orígenes guaraníes de ‘La Tempestad’ de Shakespeare*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº3, 20/01/1934, p.16.

¹⁷⁹ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.161.

¹⁸⁰ Idem, p.162.

¹⁸¹ O biógrafo menciona apenas que Vasconcelos e outros intelectuais visitavam o casal González no seu exílio no México. Também afirma que ambos, junto com diferentes pessoas, reuniam-se toda quarta-feira para almoçar. In: GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.399; 414.

nos grupos indigenistas de seu país, o que facilitou sua inclusão no Instituto Indigenista Interamericano, como vice-presidente e colaborador do Boletim Indigenista.¹⁸²

Quando JNG começou a participar nas reuniões do Instituto, na sua qualidade de exilado, teria sido desautorizado pelo embaixador paraguaio. Segundo Enríquez Gamón, a intervenção de Vasconcelos em defesa de JNG – alegando a idoneidade deste em cultura guarani – foi fundamental para sua continuidade e, portanto, para suas publicações e palestras no Instituto.¹⁸³

Provavelmente, González y Contreras, influenciado pela preocupação do biografado em salientar a injustiça da perda do poder e do exílio, não deu maior atenção a esta relação tão pouco explorada. Talvez o biografado colocasse a ênfase nas relações construídas a partir da FORJA. Ou, também, tivesse algum peso o fato de Vasconcelos ser um intelectual que, para a década de 1950, havia sido deslocado da cena política e JNG tentasse evitar qualquer paralelismo entre as trajetórias de ambos, coincidentemente, duas personalidades múltiplas em suas posições político-ideológicas que, em determinado momento de suas respectivas vidas, coincidiram na cidade de México como dois políticos relegados à atividade cultural.¹⁸⁴

Além das imagens descritas até aqui, que permitiram a construção do personagem “Natalicio González”, os biógrafos oferecem imagens fotográficas, retratos ou traços físicos de JNG, que são coerentes com as descrições do homem circunspeto, reservado, do interior, mestiço – em suma: uma síntese do “homem paraguaio”.

Quando González y Contreras entrou na casa do casal González, viu um quadro do pintor paraguaio Roberto Holdenjara (1899-1984), no qual representou JNG com poncho vermelho, com “o rosto largo e pétreo; com campesina senhoria”.¹⁸⁵ O óleo de Holdenjara

¹⁸² JNG foi nomeado vice-presidente do Conselho Diretivo do Instituto Indigenista Interamericano em 06/09/1956. Ver: **BOLETÍN Indigenista** do Instituto Indigenista Interamericano, Vol.XVI, N° 4, México, Dez. 1956, p.298.

¹⁸³ Segundo Enríquez Gamón, JNG foi convocado pelo Instituto Indigenista Interamericano, nos primeiros anos da década de 1950, para dar uma palestra sobre os guaranis. Na ocasião, o representante diplomático do Paraguai no México – que representava o governo de Federico Chaves – teria interrompido sua fala, argumentado que JNG não era a pessoa idônea para isso. Após alguns desconfortáveis minutos de silêncio, o escritor mexicano José Vasconcelos teria saído em sua defesa e JNG, não só teria conseguido concluir sua palestra, como teria dado origem ao livro “Ideologia Guarani”, publicado pelo mesmo Instituto em 1958. Ver: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón...

¹⁸⁴ Sobre os vaivéns na vida de José Vasconcelos, ver: MOTTA, Romilda Costa. **José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”**. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2010, Cap. I.

¹⁸⁵ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**, p.276. Roberto Holden Jara – como pseudônimo, uniu os dois sobrenomes – foi um pintor formado em Buenos Aires, que aperfeiçoou-se na Europa e voltou ao Paraguai em 1926. Participou na Guerra do Chaco, experiência que daria início a seus retratos sobre pessoas e formas de vida do interior, especialmente sobre os índios do Chaco. Chegou a ser presidente da

coincide com a descrição física e psíquica feita pelo biógrafo – de um JNG ensimesmado, concentrado em seus pensamentos, de “cabelo negro e liso, e olhos inquisitivos”.¹⁸⁶ Uma reprodução deste quadro encontra-se nas primeiras páginas da biografia:

Figura 1.1. Juan Natalicio González (Óleo de Roberto Holdenjara)¹⁸⁷.

O poncho vermelho era a vestimenta tradicional dos *pynandis*, muito possivelmente escolhida por JNG para posar para seu pintor. Esta não é a única referência ao uso do poncho por parte de JNG. Quando Arce Farina relatava o acidente que desfigurou o rosto de Lydia, através das palavras de Arciniegas, JNG a teria coberto com o poncho vermelho que usava naquele momento. A vestimenta constituía claramente um símbolo de identidade dos camponeses paraguaios que apoiavam o Partido Colorado – cuja bandeira é vermelha – e, portanto, JNG quis ser retratado com essa identidade nacional, partidária e popular.

Associação Indigenista Paraguaia. Ver: *Pinturas de Roberto Holden Jara en la manzana de la Rivera*. Disponível em: http://www.portalguarani.com/155_roberto_holden_jara/2319_pinturas_de_roberto_holden_jara_en_la_manzana_de_la_rivera.html. Acesso em 02/07/2014.

¹⁸⁶ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. *Natalicio...*, p.276.

¹⁸⁷ A imagem foi extraída do Portal Guarani, já que, na biografia de González y Contreras, só é reproduzida em branco e preto. Disponível em: http://www.portalguarani.com/436_juan_natalicio_gonzalez_paredes.html. Acesso em 13/12/2012.

Em várias oportunidades, os amigos de JNG – principalmente os *forjistas* – o descrevem como índio ou mestiço, como representante genuíno da “raça” paraguaia. Porém, os biógrafos não o fazem diretamente, mas sim através de fotografias ou desenhos e das citações desses contemporâneos de JNG.¹⁸⁸ A biografia de Ashwell, que foi publicada numa compilação, utilizou um retrato de JNG realizado pelo peruano Felipe Cossío del Pomar (1888-1981):

Figura 1.2. Juan Natalicio González (Óleo de Felipe Cossío del Pomar).

Este retrato também é utilizado em várias publicações de JNG e o representa com terno e gravata, falando mais do homem público, do intelectual e do político conhecido dentro e fora do Paraguai. As duas pinturas, uma feita por um pintor paraguaio e a outra por um peruano, sintetizam duas facetas da “paraguaidade” de JNG: por um lado, é o

¹⁸⁸ Sánchez descrevia JNG como um “índio de sorriso plácido, lábios apertados e cabelos curtos, negros e duros; escutava com atenção; quando falava o fazia numa língua doce e apertada”. In: SÁNCHEZ, L.A. **Testimonio Personal**. 2. El Purgatorio, 1931-1945. 2ª. ed. Lima: Mosca Azul, 1987 (1ª. ed.1969), p.141. Para Del Mazo, JNG “era um índio – mais que pelo rosto, de caracteres brancos exceto pela cor morena, face triste e sonhadora, de olhos inteligentes”, além de introvertido e desconfiado. In: DEL MAZO, G. **Vida de...**, p.232.

representante dos *pynandis* e, pelo outro, é o intelectual que “descobre” o Paraguai para os latino-americanos.

A imagem de JNG de terno e gravata se reitera nas fotografias. Tanto Enríquez Gamón quanto Arce Farina as utilizam. Na capa do livro do primeiro constam as fotografias dos personagens da obra de teatro. Em sentido horário, aparecem JNG, Víctor Morínigo, Mario Ferrario, Leandro Prieto e Lydia Frutos:

Figura 1.3. Capa do livro *La Guerra Inconclusa*, de Efraín Enríquez Gamón.

Arce Farina emprega várias fotografias. Na capa, aparece JNG de terno e gravata, sentado, com uma biblioteca ao fundo.¹⁸⁹ No interior do livro, reproduz o quadro de Holdenjara e quatro fotografias do dia em que assumiu a presidência. Por último, há uma das poucas fotografias de JNG no México, de 1963, sendo condecorado na Academia de Direito.¹⁹⁰

¹⁸⁹ Esta fotografia é reproduzida no Cap. III.

¹⁹⁰ Em nenhuma das biografias se comenta nada sobre esta condecoração. Porém, a fotografia reforça o argumento de JNG ser reconhecido, no México, exclusivamente pela sua atividade intelectual. Outra das considerações recebidas no México e que sim é lembrada pelos biógrafos é o Doutorado Honoris Causa outorgado pela Universidade Autônoma de Guadalajara. Segundo Prieto Yegros, JNG recebeu seu doutorado em 1964; porém, Morínigo, já em 1961, parabenizava o amigo pelo título. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. *Obra Poética Completa*. Assunção: Atlas, 2010, p.265 (Bio-cronología confeccionada por

As fotografias e os retratos contribuem para completar a narrativa biográfica. Tanto González y Contreras como Ashwell só fazem uso de um retrato pintado, mas que define a centralidade do personagem. Enríquez Gamón só apresenta um conjunto de cinco rostos/cinco personagens centrais da obra na capa do livro. Arce Farina publicou nove fotografias, que ajudam a narrar os momentos mais importantes da vida pública do personagem: de quando assumiu a presidência, de um ato político dos *guiones rojos*, de quando assumiu o cargo de embaixador no México e de quando foi condecorado no México.

Possivelmente, os três primeiros biógrafos tiveram acesso aos retratos pela proximidade com o biografado. Já Arce Farina pode ter acessado algum arquivo fotográfico público – considerando que boa parte das fotografias são sobre atos públicos. Algumas delas também foram utilizadas na autobiografia de JNG, *Vida y Pasión de una Ideología*, pelo que podemos supor que os quatro biógrafos também sofreram algum tipo de intervenção, direta ou indireta, do biografado na escolha das imagens gráficas.

CAPÍTULO 2

A ESCRITA DE SI DE “NATALICIO GONZÁLEZ”

Tão importantes quanto as biografias de Juan Natalicio González (JNG) são as “escritas de si” que permitem conhecer aspectos de sua vida a partir de outras perspectivas. Seu epistolário e uma autobiografia, escrita pouco antes de seu decesso, serão analisados para compreender como se relacionava com seus pares e qual a imagem que tinha de si mesmo.

A pesquisa em arquivos pessoais demonstra que JNG tinha especial interesse em preservar tudo o que produzia ou recebia, como cartas, presentes, artigos jornalísticos, desenhos, retratos e fotografias – provenientes de pessoas pertencentes a diferentes círculos de sociabilidade que frequentou ao longo de sua vida. Da leitura de textos de JNG e de considerações feitas sobre ele por seus amigos e intelectuais mais distantes com os quais se correspondia, se depreende que o escritor paraguaio tinha grande interesse em conservar, para a posteridade, textos e objetos relacionados à sua vida.

Segundo o testemunho dos amigos mais próximos (Víctor Morínigo, Washington Ashwell, Efraín Enríquez Gamón), antes de sua morte, no México, o projeto de JNG era organizar sua biblioteca e seu arquivo pessoal para levá-lo consigo em seu regresso ao Paraguai, em 1966.¹⁹¹ No entanto, após sua morte súbita, poucas horas antes de embarcar para Assunção, o material, que já tinha sido encaixotado, desapareceu. Alguns textos inéditos foram recuperados e publicados, como é o caso de suas memórias, sob o título *Vida y Pasión de una Ideología*.¹⁹²

Segundo Ashwell, as caixas foram vendidas como papel, por peso, a diferentes sebos no México.¹⁹³ A declaração confere com os registros da biblioteca da Universidade de Kansas, que adquiriu dois lotes do arquivo de JNG, provenientes de um sebo da Carolina do Norte. Nessa documentação, catalogada sob a denominação *Natalicio*

¹⁹¹ Ver: ENRÍQUEZ GAMÓN, Efraín. **La guerra inconclusa**. Esquema para una ideología nacional. Assunção: Litocolor, 1982, p.45. Em entrevista, Enríquez Gamón confirmou a importância da biblioteca e do arquivo de JNG como únicos patrimônios e bens mais prezados. Segundo este autor, JNG teria acordado com um empresário de Villarrica a doação da biblioteca para a cidade em troca de alguns hectares produtores de uva, propriedade do dito empresário, onde poderia viver e se manter da produção da terra. Ver: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón, por M. C. Quinteros, Assunção, 09/09/2015.

¹⁹² GONZÁLEZ, Juan Natalicio. **Vida y Pasión de una ideología**. Assunção: NAPA, 1982.

¹⁹³ Entrevista com Washington Ashwell, por L. F. Viel Moreira. Assunção, 2012. A informação também foi confirmada por Efraín Enríquez Gamón. In: Entrevista com Efraín Enríquez Gamón, por M. C. Quinteros, Assunção, 09/09/2015.

Gonzalez Collection, encontra-se parte da correspondência entre Víctor Morínigo e JNG, intercambiada entre 1950 e 1965.¹⁹⁴

Apesar da fragmentação da documentação, foi possível a leitura da correspondência que JNG manteve com outros dois intelectuais, o escritor colombiano Germán Arciniegas e o paraguaio Juan Emiliano O’Leary.¹⁹⁵

Além das cartas, a autobiografia *Vida y Pasión de una Ideología* permite compreender aspectos importantes das concepções do autor sobre sua vida como intelectual e como político.¹⁹⁶

As missivas para os pares

Há diferentes modos de se debruçar sobre a vida e a produção de um intelectual como JNG. O epistolário é um tipo de fonte que permite resgatar a percepção que o próprio intelectual tinha de si, quais eram suas principais preocupações e quais suas projeções para o futuro.

A maioria das cartas analisadas neste item refletem o estado de ânimo de JNG em diferentes etapas de sua vida, mas todas elas têm como denominador comum o fato de terem sido escritas nos períodos em que ele viveu fora do Paraguai.

A historiadora Ângela de Castro Gomes teceu considerações importantes sobre o uso das cartas como fonte/objeto da escrita de si. Segundo a autora, elas definem “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado

¹⁹⁴ Além desse acervo, preservado pela Universidade de Kansas e digitalizado pelo Arquivo Nacional de Assunção, estão disponíveis para consulta cópias de documentos sobre história colonial e oitocentista do Paraguai, recortes jornalísticos, fotografias, missivas, desenhos, entre outros objetos de natureza diversa. Parte dessa documentação fragmentada pertenceu a Morínigo que, como não tinha interesse em preservá-la, doou esse material para JNG. Morínigo, que transitou por diversos países, quer como exilado, quer como diplomata; considerou que a “estabilidade” do amigo no México garantiria a preservação de seus documentos. In: Cartas de Víctor Morínigo (VM) a JNG. In: Arquivo Nacional de Assunção (ANA) Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3; MSE 192 v2_1 e MSE 192 v2_2. Cabe esclarecer que, mesmo esta documentação tendo sido consultada no Arquivo Nacional de Assunção, ao ser digitalizada e dispormos uma cópia completa dela, mantivemos o nome e os critérios de catalogação da Spencer Research Library, para a localização dos documentos.

¹⁹⁵ A correspondência que JNG endereçou ao escritor colombiano (18 cartas escritas entre 1942 e 1957) encontra-se na Biblioteca Nacional da Colômbia, como parte do arquivo privado deste. As enviadas a O’Leary (33 cartas escritas entre 1920 e 1927) fazem parte da coleção Juan E. O’Leary, pertencente ao Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai. Foram consultadas também 14 cartas endereçadas a Morínigo entre 1951 e 1956.

¹⁹⁶ Esta autobiografia foi escrita durante a década de 1960 e publicada em 1982, com prólogo de Víctor Morínigo.

período”.¹⁹⁷ Chama a atenção para o fato de que as cartas, assim como os diários e as memórias, são textos íntimos; no entanto, as cartas se diferenciam dos outros textos porque “o que é escrito só pode ser apreendido em função de um ‘outro’”, que é quem recebe e se torna seu proprietário.¹⁹⁸ Além disso, alerta que há diferentes tipos de missivas que dependem do relacionamento do autor com o destinatário e cada uma delas permite mostrar o “lugar social” de quem escreve, ou seja, a posição que ocupa nos campos intelectual e político.

A autora identifica, basicamente, dois tipos de correspondência: as que servem como instrumento de construção de redes e as que expressam, mesmo dentro do campo intelectual, relações de amizade; estas últimas, de caráter mais informal, são importantes porque evocam sentimentos, além da troca de ideias e favores.¹⁹⁹

Ainda que o epistolário de JNG seja incompleto, a correspondência trocada com o colombiano Arciniegas e outros intelectuais latino-americanos demonstra sua preocupação em estabelecer e manter um círculo de amizades entre autores de diferentes países da América Latina. Trata-se de uma correspondência formal, apresentada manuscrita ou datilografada.²⁰⁰

As epístolas trocadas com os paraguaios O’Leary e Morínigo se diferenciam das demais porque demonstram afetividade. As dirigidas a O’Leary foram escritas com afetividade, quando JNG estava vivendo, pela primeira vez, fora do Paraguai. Já as cartas destinadas a Morínigo datam de outro momento, de seu último exílio, no México, onde viveu os últimos três lustros da sua vida. Trata-se de uma correspondência para o amigo fiel, num momento difícil; nesta circunstância, o apelo emocional é mais visível.

Cartas ao “intelectual” Germán Arciniegas

Arciniegas e JNG se conheceram e mantiveram contato entre 1939 e 1940, na capital argentina. Naquele momento, a situação dos dois intelectuais era bem distinta: enquanto o intelectual colombiano era um diplomata representante de seu país, o outro era um exilado após sua expulsão do Paraguai, em 1936, pelo governo de Franco.

¹⁹⁷ GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.52.

¹⁹⁸ Idem, p.53.

¹⁹⁹ Idem, p.54.

²⁰⁰ Algumas cartas são manuscritas ou datilografadas em folhas brancas ou em papel timbrado do hotel *Lancaster* de Buenos Aires, onde JNG permaneceu hospedado após o golpe de Estado de janeiro de 1949 que o derrubou da presidência do Paraguai. Algumas traziam o timbre de sua editora *Guaranía* e outras eram identificadas apenas com o nome “Natalicio González”, impresso no papel.

O contato com o diplomata colombiano tinha um caráter de afinidade pessoal; mas, quando ele voltou para Colômbia e se tornou Ministro da Educação do Governo Liberal, as cartas passaram a ter um caráter formal. Embora JNG o tratasse como “amigo”, o tratamento formal se revelava no uso do pronome *usted*. Em geral, as cartas não eram muito longas e, do conjunto das 18 missivas dirigidas a Arciniegas, 8 são manuscritas e, o restante, datilografado.

As cartas foram remetidas por JNG entre 1942 e 1957; porém, treze delas concentram-se entre 1948 e 1952, coincidentes com o período da presidência de JNG, sua destituição e seu exílio (em Buenos Aires e na cidade do México). A leitura desta correspondência deixa entrever dois tipos de preocupações por parte de JNG, de acordo com o momento que atravessava na hora da escrita: a troca intelectual e as questões políticas.

É perceptível o uso de uma linguagem diferenciada, sinalizando quando escrevia como presidente, como um exilado (em Buenos Aires ou no México) e como embaixador. Portanto, é possível identificar três momentos na relação epistolar de JNG com Arciniegas.

As duas primeiras missivas, de 1942 e de 1943, demonstravam o esforço feito por JNG para manter o vínculo intelectual com o escritor colombiano, através da troca de publicações, recomendação de autores e reenvio de artigos jornalísticos de mútuo interesse.²⁰¹ Este foi o início da correspondência e o momento mais formal da relação.

No segundo momento, no qual ocorreu a reativação do vínculo epistolar em 1948, JNG era presidente do Paraguai. Nessa época, à preocupação com os intercâmbios editoriais, somou-se o interesse em mostrar o Paraguai sob seu governo.²⁰² No entanto, foi a partir da queda de JNG do poder que as missivas, enviadas a partir do exílio em Buenos Aires, se tornaram mais frequentes. Elas tiveram continuidade quando já estava estabelecido no México; período em que JNG se dedicou intensamente à atividade editorial.

A carta de 1948 foi escrita dois meses depois de ter assumido a presidência e, além de agradecer os artigos publicados por Arciniegas sobre o Paraguai, o Presidente JNG o convidava a visitar o país, lhe enviava um informe sobre pessoas detidas em território

²⁰¹ Cartas de JNG a Germán Arciniegas (GA), de 03/07/1942 e de 18/08/1943. IN: Biblioteca Nacional da Colômbia (BNC), Fondo Gabriela e Germán Arciniegas (FGGA), Caixa 21, Pasta 9.

²⁰² Carta de JNG a GA, de 05/10/1948. IN: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

nacional, detalhando a causa de suas detenções, advertindo que “não há no Paraguai nenhum detido sem ordem judicial”.²⁰³

JNG via, em Arciniegas, não só um intelectual, mas também um amigo e um aliado no plano internacional que podia dar fé do que “verdadeiramente” acontecia no Paraguai.

O tom das missivas seguintes muda, progressivamente, a partir de 1949, quando JNG passa a escrever ao amigo a partir do exílio. Nessas cartas, nota-se a preocupação em contar com o amigo para divulgar, no mundo intelectual latino-americano, as conquistas de seu governo e as “ignomínias” do novo poder instalado no Paraguai.

As correspondências de JNG revelam que, nesse momento, o interesse pelas questões políticas sobrepujava o interesse intelectual. Fazia referência ao “drama que o mundo de hoje vive”, com o intuito de mostrar que o problema não estava restrito ao Paraguai e envolvia os intelectuais do continente comprometidos com a democracia.²⁰⁴ O uso do pronome em primeira pessoa do plural *nosotros* passou a caracterizar suas cartas a partir de 1949:

Los hombres libres de América **vivimos** desconectados, mientras las fuerzas de la opresión actúan orgánicamente. ¿Por qué no **unirn**os? ¿Por qué no estudiar el desgarrador problema americano en un esfuerzo para poner término a **nuestros males**?

Algo he meditado sobre la tragedia continental y he llegado a estas conclusiones: **nuestro problema** no es local sino continental y no puede tener solución aislada; digo crear, en todas nuestras Repúblicas condiciones adecuadas para la [ilegível] de la libertad, lo cual supone un planteamiento totalmente nuevo de nuestros problemas económicos y culturales; y por último, para triunfar, **necesitamos** dar categoría mundial a nuestros problemas...

Pienso, finalmente, que usted y yo... estamos en condiciones de prestar grandes servicios a la causa de Indoamérica, entregándonos a una acción orgánica, de acuerdo a mi planteo que podemos estudiar y discutir.²⁰⁵

O interesse em unir os “escritores democratas do nosso hemisfério” foi apresentado, insistentemente, ao escritor colombiano. A proposta de união compreendia a criação de uma editora que editasse uma revista através da qual se fizesse propaganda contra as ditaduras do continente para servir ao “ideal da libertação americana”.²⁰⁶

²⁰³ Carta de JNG a GA, de 05/10/1948. IN: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9. Em várias oportunidades, Arciniegas publicou no jornal *El Tiempo*, de Bogotá, vários artigos intitulados *Estampas del Paraguay*.

²⁰⁴ Carta de JNG a GA, de 14/05/1949. IN: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

²⁰⁵ Carta de JNG a GA, de 08/12/1949. IN: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9 (grifo nosso).

²⁰⁶ Ver: Cartas de JNG a GA, de 26/04/1950, de 23/10/1951 e de 14/08/1952. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

Ao apresentar sua proposta, JNG deixava claro que o financiamento dessa atividade não era problema, pois ele já dispunha de recursos para viabilizar, tanto a criação de uma associação de escritores, como a sobrevivência da editora *Guarania*, que já atuava, simultaneamente, no México e na Argentina.²⁰⁷ Nesta empreitada, ele contava com o apoio político do governo mexicano de Miguel Alemán Valdés (1946-1952). Em algumas das missivas, JNG deixava clara sua proximidade com o presidente mexicano.²⁰⁸

As cartas escritas em Buenos Aires e na cidade do México, entre 1949 e 1952, apesar de formais, revelavam uma intensa busca de aliados “continentais” e prezavam, acima de tudo, o apoio de Arciniegas devido ao seu prestígio e inserção em circuitos intelectuais mais amplos. Cabe esclarecer que durante esse período ambos estavam exilados – Arciniegas nos EUA e JNG no México.

Em 1954, JNG escreveu uma carta ao colombiano na qual passava algumas informações sobre a marcha da venda dos livros de Arciniegas editados pela *Guarania*. Escreveu que continuava no México, onde seguia sendo “muito bem tratado” e, entusiasmado, se referiu aos novos ares que estavam soprando em Assunção; talvez o entusiasmo se devesse mais à queda de Federico Chaves do que à ascensão de Alfredo Stroessner ao poder.²⁰⁹

Em outra carta, datada de janeiro de 1956, JNG manifestou entusiasmo ainda maior ao noticiar que voltara ao Paraguai, “respondendo a um chamado urgente do presidente Stroessner e dos dirigentes oficialistas do Partido Colorado”. E comentou: “depois de sete anos de ausência, meus amigos paraguaios me receberam com uma grande recepção”.²¹⁰ Outra notícia que JNG comemorou, nessa ocasião, foi a queda de Perón, principal aliado internacional de seu arqui-inimigo Federico Chaves.

Stroessner o nomeou embaixador, mas o fato de representar o governo de Stroessner, denunciado como um dos ditadores da América Latina, provocou o prudente distanciamento de antigos aliados, como o peruano e *aprista* Luis Alberto Sánchez ou até mesmo de Arciniegas, democrata e republicano que, na ocasião, atuava intensamente no

²⁰⁷ Ver: Cartas de JNG a GA, de 26/04/1950; 12/04/1951; 23/10/1951; 14/05/1952; 22/05/1952; 02/06/1952. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

²⁰⁸ Porém, em outras cartas, JNG confessava que, apesar do apoio do governo de Alemán, teve que buscar outras fontes de sobrevivência. Em 1951, confessava ao amigo colombiano que fora obrigado a exercer “algumas atividades inimagináveis”, como a de gerente de uma companhia norte-americana de compra e venda de camarões. Ver: Cartas de JNG a GA, de 26/04/1950; 12/04/1951; 17/09/1951; 23/10/1951; 02/06/1952; 29/08/1952; 12/11/1954. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

²⁰⁹ Carta de JNG a GA, de 12/11/1954. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

²¹⁰ Carta de JNG a GA, de 06/01/1956. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.

Congresso pela Liberdade da Cultura. Embora JNG e o escritor colombiano se identificassem, ideologicamente, como antiperonistas e anticomunistas, a correspondência e as colaborações intelectuais se interromperam após o primeiro assumir a representação paraguaia no México.

Cartas ao “mestre” dom Juan Emiliano O’Leary

Juan Emiliano O’Leary (1879-1969), considerado o pai do revisionismo histórico paraguaio e reivindicado como o historiador oficial do país durante o governo de Alfredo Stroessner, foi a principal referência no que se refere à recuperação da figura de Solano López como herói nacional e à reinterpretação da derrota bélica de 1870 como “epopeia nacional”.²¹¹

A primeira batalha da reescrita da história aconteceu no começo do século XX, a partir dos debates jornalísticos entre Juan O’Leary e Cecilio Báez.²¹² A segunda se iniciou a partir das comemorações do cinquentenário do fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1920. Valeu-se, novamente, da escrita jornalística e ensaística, mas, desta vez, a batalha se travou na arena política e não mais no campo do debate intelectual. Seu propósito era instalar uma disputa envolvendo a opinião pública, a que se estendeu a um terceiro momento, em 1926, no centenário do nascimento do Marechal López.

Esta luta, mais longa e sistemática, exigiu o recurso de diversas estratégias, desde a troca de nomes de ruas e bairros até a construção de monumentos e o traslado dos restos de Solano López ao Panteão Nacional dos Heróis em 1936.²¹³ O’Leary ocupou o papel central nesse processo, mas a figura de JNG também foi de extrema relevância, porque escreveu

²¹¹ BREZZO, Liliana. *El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay*. In: Revista **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Questões do tempo presente, online desde 03/12/2014. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/67479?lang=pt>>. Acesso em 23/09/2015.

²¹² Sobre a polêmica jornalística entre Báez e O’Leary, ver: BÁEZ, C. e O’LEARY, Juan. **Polémica sobre la historia del Paraguay**. Assunção: Tiempo Historia, 2008 (Introdução de L. Brezzo).

²¹³ Solano López tinha decidido a construção de um oratório para a Virgem de Assunção, ficando interrompido por conta da Guerra da Tríplice Aliança iniciada dois anos mais tarde. A construção seria concluída só em 1936, como Oratório e também como Panteão dos Heróis. Naquele ano, eram exumados e trasladados os restos de Solano López de Cerro Corá até a cidade de Assunção. O lugar foi erguido no centro histórico da capital paraguaia, no ponto mais alto, de frente para o rio Paraguai, e converteu-se no espaço físico e simbólico de permanentes disputas pela construção e apropriação da memória nacional. Até o presente, continuam se apresentando projetos para a inclusão dos restos de ex-combatentes da Guerra do Chaco como heróis nacionais, ao mesmo tempo em que o lugar passa por sucessivas e prolongadas reformas.

inúmeros artigos jornalísticos e ensaios, além de sua atuação no Partido Colorado e como parlamentar no Congresso Nacional.

A partir da troca epistolar de JNG com O’Leary, percebe-se a forma pela qual o primeiro se relacionou com o segundo e o papel que assumiu nesse processo histórico de consolidação e difusão do revisionismo paraguaio, dentro e fora do país. Como contrapartida, O’Leary tinha em seu discípulo um fiel assessor e defensor de sua imagem e seus ideais.

O’Leary teve um grupo de seguidores, militantes e escritores “disciplinados”, como JNG, que o defendiam e o ajudaram na consolidação do *lopismo* como parte de um mesmo processo. Algumas das contribuições de JNG para o revisionismo histórico podem ser identificadas a partir da análise da correspondência entre ambos.²¹⁴

Todas as cartas de JNG ao O’Leary tinham o mesmo cabeçalho respeitoso e carinhoso – “Querido Dom Juan”. Tal saudação evidencia sua proximidade com o “mestre”.²¹⁵ Havia, por parte de JNG, um permanente reconhecimento da liderança de O’Leary, mas não deixava de fazer críticas a seus textos e sugestões para a ação política. O reconhecia como fundador do movimento revisionista, mas preservava sua individualidade no que dizia respeito às suas atividades literária, editorial e/ou política.

O período em que JNG escreveu esse conjunto de cartas corresponde à fase de grandes mudanças e definições em sua vida. Nessa época, criou uma revista, saiu do Paraguai e morou em diversos países, fundou sua editora, voltou para sua pátria, foi eleito deputado e se casou com Lydia Frutos. Foi nesse período que ocorreu a “glorificação” de Solano López. Todos esses acontecimentos da vida pública e privada de JNG estão registrados na sua escrita epistolar, que comprova o percurso que, segundo seus biógrafos, JNG teria percorrido.²¹⁶

A maioria das cartas – 28 do total – foi escrita no período em que JNG morou em Buenos Aires. O destinatário, O’Leary, também transitara por diversos lugares, circulando

²¹⁴ As epístolas de JNG a O’Leary pertencem ao acervo pessoal deste último, preservadas pelo Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai. Foram consultadas 33 cartas, em sua maioria, manuscritas entre 1920 e 1927. Para o mesmo período, só foram encontradas cópias de duas cartas de O’Leary para JNG.

²¹⁵ Em quase todas as cartas, menciona o envio de revistas, livros, artigos de uso pessoal, remédios, tinta, pedidos de recomendações para terceiros, promessas de ajuda intelectual, econômica ou até laboral, etc.

²¹⁶ As primeiras cartas correspondem ao período 1920-1924, quando JNG morava em Assunção e mudou-se para Buenos Aires para trabalhar na editora paraguaia *Monte Domecq*. A última missiva deste grupo foi escrita a bordo do barco que o levaria até a Venezuela, para a execução de um projeto editorial encomendado pela mesma editora. Em outubro de 1925, escreveu uma carta a bordo do barco que o trouxe de volta da Europa e, a última – escrita em Assunção – data de agosto de 1927.

entre Assunção e Europa, continente onde desempenhou as funções de embaixador em diferentes momentos de sua vida.²¹⁷

As missivas, no seu conjunto, revelavam a troca intelectual, preocupações com acontecimentos na cena política nacional e no Partido Colorado, contatos e intercâmbios com intelectuais de outras latitudes, troca de informações sobre amigos e adversários, relatos sobre as tarefas intelectuais e políticas executadas ou programadas.

As duas primeiras cartas foram escritas em Assunção, entre 1920 e 1921, e deixam clara a preocupação com os acontecimentos relacionados ao Partido Colorado, por exemplo, quando se referiam às autoridades, às condições de publicação do jornal *Patria* (principal órgão jornalístico do partido) ou quando se referiam ao projeto de elaborar um plano para remover os adversários da cúpula partidária.²¹⁸

O conjunto de epístolas escritas em Buenos Aires evidencia a preocupação em prestar contas de suas ações a O’Leary e a necessidade de se desculpar quando havia interrupções “involuntárias”.²¹⁹ Na primeira carta, de junho de 1921, JNG demonstrava gratidão e reconhecimento intelectual. Porém, já a partir da segunda carta, surge um “Natalicio” mais seguro de si, com autonomia e confiança de quem se dirige a um igual. JNG demonstrava o desejo de se inserir no meio intelectual portenho. Em janeiro de 1922, dizia:

En cuanto a mí, no hay que preocuparse. Ya voy conociendo el ambiente bonaerense y no hay tempestad que pueda derribarme. Si pierdo mi puesto, casi saldría beneficiado, pues hay que convenir que Buenos Aires no es ciudad para empleados. Para hacerse de dinero aquí hay que trabajar uno por su propia cuenta, no depender de nadie en una palabra, ideal que estoy empeñado en realizar y creo firmemente que no pasará este año sin que salga con la mía.²²⁰

Referia-se à iniciativa de abrir sua própria editora, empreendimento que permitiria a publicação de seus textos e beneficiaria o grupo de sociabilidade ao qual pertencia.

²¹⁷ Juan E. O’Leary foi diplomata na Espanha (1925-1929 e entre abril e dezembro de 1936); na Itália (1936-1937 e 1947-1948) e no Vaticano (1951-1954). In: ADEP. **Representantes Diplomáticos Paraguayos**. Assunção: ADEP, 2011, p.73.

²¹⁸ Ver: Cartas de JNG a J. E. O’Leary, de 16/01/1920 e de 23/02/1921. In: Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai (ABNP), Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVI.

²¹⁹ Ver: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 11/06/1921. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVI.

²²⁰ Ver: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 24/01/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII. Em dezembro de 1924, manifestava que não seria um barco que o derrubaria com tontura já que “meu forte sangue guarani tem me imunizado contra enjoos”. In: Ver: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 12/12/1924. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XL, Ano 1924, segundo semestre. A autoconfiança de JNG era tão sólida que considerava ter o critério suficiente para saber quais de seus escritos deveriam ser publicados e quais não. Em 1922, confessava ter terminado de escrever sua melhor novela e de ter orgulho de ter criado algo, enquanto outros só sabiam destruir, referindo-se à Guerra Civil de 1922. In: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 31/10/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XL.

O projeto de criar uma editora era extremamente ambicioso: permitiria a divulgação de autores revisionistas, “sem censuras”, e contribuiria para a revisão da história nacional. Pretendia colaborar, também, para a renovação do quadro de escritores. Dessa forma, segundo alegava, os escritores paraguaios não ficariam à mercê da tirania das editoras portenhas que, praticamente, monopolizavam as publicações dos paraguaios.

Mesmo seu livro *Cuentos y Parábolas* tendo sido publicado pela *Monte Domecq*, em 1922, JNG aspirava que sua editora inaugurasse uma nova era no campo editorial, explicitando sua tenacidade na reativação dessa empreitada. Nesse sentido, afirmou:

Mi célebre editorial de que le hablé tantas veces. Ya ve que la tenacidad elevada al grado heroico suple a veces a la falta de dinero... No descansaré, no reprimiré fatigas ni trabajos hasta realizar esta quimera mía para que todos nosotros podamos editar en adelante nuestros libros, sin renunciar a los legítimos beneficios de nuestra labor literaria a favor de editores inescrupulosos. El mercado paraguayo es una gran base para empresas de esta índole.²²¹

Para JNG, seu projeto editorial tinha fins intelectuais e políticos, mas não descuidava do aspecto econômico. Assim, na correspondência dirigida a O’Leary, surge também o “Natalicio González” empresário, conhecedor das condições de produção e comercialização do mercado editorial.

Para iniciar a editora, em 1922, JNG revelava ter poupado os recursos necessários para abri-la.²²² Porém, o grande sonho teve que esperar até 1925, quando, estabelecido em Paris e, em sociedade com Tomás Romero Pereira, abriu a *Editorial de Índias*.²²³ JNG reconhecia, nas cartas, que o aprendizado sobre o trabalho editorial fora adquirido nos anos em que foi funcionário de editora *Monte Domecq*.²²⁴ Para JNG, ser editor significava abrir

²²¹ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 24/01/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²²² Ver: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 24/01/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²²³ Segundo Enríquez Gamón, JNG teria lhe manifestado, em 1962, que seu pai continuava cortando madeira no monte localizado entre Caaguazú e Villarrica, para contribuir com os “entretenimentos livrescos” do filho. In: ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **Yo y mi sombra, o El cazador de Luciérnagas**. Assunção: Servilibro, 2012, p. 125. Porém, segundo os biógrafos de JNG, seu pai teria falecido em 1914, muito antes de JNG iniciar suas atividades editoriais.

²²⁴ A Editora *Monte Domecq* foi fundada em 1910, em Assunção, pelo paraguaio Ramón Monte Domecq (1883-1970). Ela começou com a publicação de reproduções iconográficas da história paraguaia e continuou com publicações de alta qualidade fotográfica sobre a história do Paraguai. A partir de 1916, deu início a publicações destas mesmas características qualitativas sobre outros países latino-americanos (Brasil, Peru, Argentina, Venezuela, etc.). Para isto, no início da década de 1920, trasladou-se à cidade de Buenos Aires, contando com os serviços de JNG e Tomás Romero Pereira, entre outros. As atividades editoriais foram continuadas pelos sucessores de Ramón Monte Domecq, estendendo-se ao longo de todo o século XX. Ver: SERVÍN GAUTO, R. (Org.). **Forjadores del Paraguay**. Assunção: Aramí, 2001. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/2079_ramon_monte_domecq.html>. Acesso em 23/09/2015.

EDITORIAL longeva. In: **ABC Color**, de 12/11/2006. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresas/suplementos/abc-revista/transportistas-pioneros-943178.html>>. Acesso em 12/11/2006.

espaço para a publicação de autores e temas considerados marginais pelas grandes editoras. Seu interesse como empresário, portanto, se limitava a viabilizar sua empresa e não o lucro pelo lucro.²²⁵

Na última carta, de 1927, JNG referia-se aos percalços da tarefa editorial. Nesse momento, havia regressado a Assunção e estava em plena campanha parlamentar para a construção de um monumento ao Marechal López. Já era casado com Lydia Frutos e sua editora superava as dificuldades dos dois primeiros anos de vida.

Alguns desses obstáculos referiam-se à falta de máquinas e papel adequados para a impressão de livros de maior qualidade no Paraguai, dado assinalado nas cartas anteriores, explicando o porquê da decisão de imprimir na França.²²⁶ Nesta mesma carta, JNG dizia ter aceito o desafio de publicar um álbum sobre o Paraguai:

Por indicación del Presidente de la República [Eligio Ayala], no por iniciativa mía, tendré que hacerlo con mis propios medios, sin ayuda oficial, porque yo me niego rotundamente a ultrajar a mi país en un libro llamado a enaltecerlo a los ojos de los extraños.²²⁷

Este álbum foi publicado em 1929, pela *Editorial de Índias*, em Paris, sob o título *El Paraguay Contemporáneo*. JNG compartilhava sua autoria com Pablo Max Ynsfrán.²²⁸ Resulta chamativo o fato de JNG fazer referência à origem dos recursos dois anos antes de sua publicação, porque o acontecimento seria motivo de intermináveis controvérsias que levariam JNG a se justificar das acusações de fraudar o Estado paraguaio até o fim de seus dias – sem muito sucesso.²²⁹

A editora era, para JNG, um instrumento para promover autores pouco publicados e já desaparecidos (como alguns cronistas e historiadores do período colonial) ou autores contemporâneos *lopistas*, como Juan O’Leary, Fulgencio Moreno e Arsenio López Decoud. O objetivo não era só publicar seus textos, senão também biografias sobre tais

²²⁵ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 26/08/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²²⁶ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 08/07/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²²⁷ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 01/08/1927. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta LX.

²²⁸ Pablo Max Ynsfrán (1894-1972) foi jornalista, ensaísta e poeta paraguaio que participou no governo do General José Félix Estigarribia (1939-1940) e foi embaixador nos Estados Unidos. Durante o governo de Higinio Morínigo (1940-1948), radicou-se definitivamente nos Estados Unidos, onde ministrou a disciplina História Hispano-americana na Universidade de Austin (Texas) até sua aposentadoria. Suas principais obras, *El Paraguay Contemporáneo* (1929) e *La expedición norteamericana contra el Paraguay* (1958) foram publicadas pelas editoras de JNG. Ver: BENÍTEZ, L. G. **Breve Historia de Grandes Hombres**. Assunção: Gráfica Comuner, 1986. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/975_pablo_max_ynsfran.html>. Acesso em 11/10/2015.

²²⁹ O assunto surge em várias oportunidades, mas na autobiografia ele ocupa um lugar preeminente entre as preocupações de JNG, em vistas a deixar para a posteridade uma memória de si positiva. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**

autores, com a clara intencionalidade de promovê-los e, desse modo, promover também seus textos.²³⁰

A promoção do grupo devia ser feita em nível internacional, estabelecendo os vínculos necessários com diplomatas e/ou intelectuais estrangeiros que possibilitassem a publicação de textos de escritores paraguaios fora das fronteiras do país e, se possível, em outras línguas. Este objetivo foi particularmente perseguido enquanto JNG morou em Buenos Aires. Obviamente, sendo seu destinatário, a maioria das cartas faz referência a cuidar da imagem de O’Leary e só ocasionalmente menciona outros autores. Era a defesa internacional do intelectual que teria salvado Solano López das “injustiças” de uma história escrita pelos liberais paraguaios.

A primeira atitude de JNG foi a de garantir a publicação de ensaios de O’Leary pela *Monte Domecq*.²³¹ Em segundo lugar, trabalhou intensamente, promovendo encontros com intelectuais-diplomatas europeus que pudessem intermediar a publicação de textos de O’Leary em italiano ou francês.²³² Uma terceira atitude foi mostrar sua preocupação com a integridade física do mestre quando da Guerra Civil de 1922.

Nas cartas, JNG deixou registrado que, ao chegar a Buenos Aires, além dos paraguaios e europeus, se preocupou em visitar também alguns intelectuais portenhos, vinculados a O’Leary e precursores do revisionismo histórico argentino, como Ernesto Quesada e David Peña.²³³ A troca intelectual com esses intelectuais permitia a publicação de seus artigos no jornal colorado *Patria*.²³⁴ JNG preocupava-se em sua própria autopromoção ao vincular-se a intelectuais latino-americanos que, naquele momento, encontravam-se em Buenos Aires.²³⁵

Nessa fase de sua vida, o escritor não media esforços para dar a conhecer ao mundo a “verdadeira” história e a beleza de seu Paraguai, ao mesmo tempo em que se mostrava como um intelectual e um militante preocupado com a imagem de seu mestre. Diante da

²³⁰ Nas primeiras cartas, é revelado que esta prática era veiculada através do jornal partidário *Patria*. Mas, a partir da criação da *Editorial de Índias*, JNG se propôs escrever ensaios sobre O’Leary, Moreno, López Decoud e Domínguez para aqueles que “queiram conhecer a formação de nossa cultura”, numa clara promoção do grupo de pensadores revisionistas ao qual pertencia. Ver: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 03/02/1924. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXIX.

²³¹ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 24/09/1921. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVI.

²³² Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 26/04/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²³³ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 26/08/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²³⁴ Cartas de JNG a J. E. O’Leary, de 02/09/1922 e de 29/11/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²³⁵ JNG manifestou seu interesse em viajar até o México para publicar seu último livro, após o incentivo do diplomata Enrique González Martínez, que teria oferecido introduzi-lo no mundo literário de seu país. In: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 21/03/1923. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVIII.

extensão da guerra de 1922, surgia um JNG crítico dos governos liberais, mas também sensibilizado pela existência de “medíocres que dominam e dilaceram o país”.²³⁶

Em outubro de 1922, reforçava seus argumentos e explicitava um posicionamento político favorável aos intelectuais, desenhando um projeto político para si:

Sigo con intensa amargura los episodios de nuestra guerra civil. No me entusiasma ni uno ni otro bando... Triunfe quien triunfe, los males causados al país serán inmensos. Y así seguiremos mientras no se conceda prioridad a los intelectuales sobre los políticos... lo que da personería, significación ideal a las naciones, son sus pensadores y sus artistas...²³⁷

Este era o objetivo principal de JNG. Quando fazia uso de sua “pluma” para recriar “nossa vida camponesa, tão cheia de beleza e poesia” não representava só um ato de criação estética. Era também um ato político. Daí a necessidade de promover o grupo de intelectuais ao qual pertencia e, muito particularmente, o seu líder, Juan O’Leary.

A promoção da figura de O’Leary dava legitimidade ao grupo de jovens escritores que o seguiam, como o próprio JNG. E aqui a luta política, nessa fase da vida de JNG, adquiria outro matiz: o da renovação da velha guarda pelos mais jovens na política nacional, nos quadros dirigentes do Partido Colorado e nas autoridades das associações de paraguaios no exterior, como o Centro Paraguai de Buenos Aires.²³⁸

Se as atividades literárias e editoriais eram, indiretamente, atividades políticas, a participação de JNG nas organizações associacionistas dos paraguaios na Argentina foi sua etapa preparatória para a política nacional paraguaia, ao mesmo tempo em que foi seu cartão de apresentação diante da sociedade receptora portenha enquanto representante de sua coletividade.

Nas décadas de 1920 e 1930, a cidade era o centro urbano que nucleava intelectuais e publicações como nenhum outro na América do Sul. Daí a importância da mudança da *Monte Domecq* para Buenos Aires e do projeto editorial autônomo de JNG. A cidade oferecia os meios técnicos, de divulgação e circulação necessários para o crescimento e a expansão de editoras de menor porte como as paraguaias. Porém, JNG observava

²³⁶ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 03/06/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²³⁷ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 31/10/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²³⁸ Ver: Cartas de JNG a J. E. O’Leary, de 26/04/1922; de 03/06/1922; de 26/08/1922; s/d e 21/03/1923. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pastas XXXVII e XXXVIII. Segundo JNG, houve grave choque entre dois grupos que pretendiam controlar a direção do Centro Paraguai de Buenos Aires, identificados genericamente como os “velhos múmias” e as “jovens promessas”. Para JNG, sua participação na vida interna do Centro Paraguai em Buenos Aires era de fundamental importância para sua efetiva inserção política, não só no interior da comunidade paraguaia, como também na sociedade argentina – ao se apresentar como representante de sua comunidade. In: Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

diferenças qualitativas profundas nos modos de vida assunceno e portenho, salientando as saudades e a “superioridade espiritual” de sua terra.

JNG preocupava-se em mostrar o que circulava em Buenos Aires, enviando livros e revistas para O’Leary – em muitas cartas, mencionava o envio de exemplares das revistas *Caras y Caretas* e *Fray Mocho*, nas quais teria publicado alguns artigos. Porém, os benefícios materiais da grande “Cartago” – em referência a Buenos Aires – não compensavam a distância da “superioridade de nosso pequeno país”.²³⁹

Aquí, donde todo el mundo se empeña exclusivamente en la caza del oro, uno se siente de a ratos en una desoladora soledad... hay más espiritualidad en nuestra tierra mártir.”²⁴⁰

A partir de dezembro de 1924, “Natalicio” passou a assinar como “Natalicio González”, assinatura que manteria em outros documentos. A proximidade e o distanciamento dados pelo vínculo de amizade intelectual com O’Leary se manteriam, mas o personagem “Natalicio” tinha ganho nome e sobrenome para empreender seu caminho por si.

A autonomia e o prestígio construídos por JNG eram tais que Juan O’Leary o considerava como um amigo e uma referência das letras paraguaias. Em julho de 1927, O’Leary comunicava a JNG que tinha obtido o reconhecimento da Academia da Língua no Paraguai, por parte da Real Academia Espanhola, integrada, entre outros, por JNG.²⁴¹ Isto era de fundamental importância para O’Leary, que considerava-o um trunfo que permitiria o reconhecimento do Paraguai no universo da língua espanhola.

Nesta carta, a relação entre ambos os intelectuais ia além do binômio mestre/discípulo. O’Leary mostrava grande afeto e reconhecimento por JNG, aprovando quase todas suas ações: a publicação de artigos em jornais de diferentes países, a atividade editorial – confiando-lhe a primeira edição de um livro seu pela *Editorial de Índias* – e a “tendência dos senhores dentro de nosso partido”. O’Leary só manifestava certo incômodo quando reiterava a falta de notícias do “recordado Natalicio” e ao resgatar a importância de sua nomeação como membro da “Real Academia Espanhola da Língua”, assunto sobre o qual JNG não teria se manifestado.²⁴²

²³⁹ Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 02/09/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII; e Carta de JNG a J. E. O’Leary, de 26/04/1922. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta XXXVII.

²⁴⁰ Cartas de JNG a J. E. O’Leary, de 26/08/1922 e 03/02/1924. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pastas XXXVII e XXXIX.

²⁴¹ Carta de J. E. O’Leary a JNG, de 05/07/1927. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta LX.

²⁴² Carta de J. E. O’Leary a JNG, de 12/09/1927. In: ABNP, Coleção Juan E. O’Leary, Pasta LXI.

O que fica evidente a partir da leitura das cartas trocadas entre JNG e O'Leary é a crescente autonomia do primeiro em relação ao segundo durante a década de 1920, o que teria sido facilitado pela sua inserção no mundo literário, editorial e político na cidade de Buenos Aires. A estadia de JNG na capital argentina contribuiu para abrir portas para o universo literário e editorial parisiense.

Ambas experiências favoreceram o regresso ao Paraguai de um “Natalicio González” maduro, um escritor e editor de certo prestígio e com a bagagem política necessária para assumir a condução do partido e liderar o grupo de parlamentares que lutaram pela reivindicação de Solano López em todos os níveis (monumental, escrita, editoração de livros de história, etc.).

Cartas ao “amigo” Víctor Morínigo

Víctor Morínigo (1898-1981) foi o companheiro de todas as horas de JNG. Além de grandes amigos, tinham afinidade intelectual – a ponto de seus amigos, mesmo os mais próximos, terem dificuldade em reconhecer a autoria de alguns textos ou documentos.²⁴³

Nascido no seio de uma família liberal, Morínigo desistiu da carreira militar, após breve período na Escola Naval uruguaia, para se dedicar ao jornalismo e à ensaística. Conheceu JNG em Buenos Aires, no início da década de 1920, justamente através do jornalismo.²⁴⁴ Entusiasmado com os ideais de JNG, Morínigo incorporou-se ao Partido Colorado para “trabalharemos juntos num empreendimento cultural, político e social que compartilharão sem trégua nem pausas ao longo de suas vidas”.²⁴⁵

A cooperação entre os dois escritores paraguaios só foi interrompida com a morte de JNG, em 1966. Nos anos em que JNG viveu no México, Morínigo residiu em vários países da América e da Europa, ora na condição de exilado, ora na condição de embaixador. Em várias ocasiões, tentou se fixar no Paraguai, mas, sem sucesso, viu-se compelido a aceitar as sucessivas designações como embaixador no Peru (1956-1959), na

²⁴³ São frequentes as afirmações como a de JNG: “Não há um limite preciso que possa separar o que pertence a Víctor Morínigo ou o que me pertence na formulação do pensamento colorado”. In: GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...** Ver também: MORÍNIGO, Víctor. **Ensayos y escritos**. Assunção: Gráfica Color, 2004 (Prólogo de Marcial Valiente, p.III) e Carta de JNG a Víctor Morínigo (VM), de 14/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁴⁴ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio González**, Descubridor Del Paraguay. Assunção: Guaranía, 1951, p.104.

²⁴⁵ Palavras de Marcial Valiente, biógrafo de Víctor Morínigo. Ver: MORÍNIGO, Víctor. **Ensayos...**, p.V.

Venezuela (1959-1960) e na Itália (1960-1963).²⁴⁶ Excetuando algumas raras ocasiões em que se encontraram pessoalmente, entre 1950 e 1965, Morínigo e JNG mantiveram a amizade pessoal, intelectual e política por meio das missivas.

Pelas cartas que JNG enviou para Víctor Morínigo, apesar de terem sido preservadas só 14, é possível indagar como ele se via enquanto um intelectual e ex-presidente no exílio, ao mesmo tempo em que é possível identificar quais eram suas preocupações no final de sua vida. O contexto em que estas cartas foram escritas pode ser reconstruído, porém, tendo como referência o epistolário de Víctor Morínigo.

As cartas compreendem o período de 1950 a 1965, coincidindo com os anos em que JNG viveu no México. Foram quinze anos de trocas periódicas: em alguns momentos, tinham se proposto manter uma comunicação semanal; em outros, a escrita era diária; porém, há lapsos maiores, nos quais a correspondência se interrompe. Mesmo sendo possível pensar em extravio de cartas, ambos reclamavam da falta de notícias.

Os dois amigos explicitavam a necessidade de sustentar o vínculo epistolar periódico para se manterem informados do que acontecia no Paraguai, mas também era um mecanismo de diminuir os sentimentos de “isolamento” e “saudades”. Somado ao “relatório da situação no Paraguai”, algumas cartas sugeriam ideias ou planos de ação para mudar, manter ou reverter determinadas circunstâncias de vida no exílio, no Partido Colorado ou na política paraguaia. Mas tudo isto era feito com um rigoroso cuidado, para evitar que as cartas caíssem nas mãos “equivocadas”, refletindo uma preocupação obsessiva com a possibilidade de as cartas se extraviarem.²⁴⁷ O sigilo era extremo, mas se propuseram não interromper a periodicidade.²⁴⁸

²⁴⁶ Da leitura das cartas de Morínigo a JNG, depreende-se o sentimento de pesar e de contrariedade por não poder voltar ao Paraguai. Nos quinze anos de correspondência, Morínigo descreve os mais diversos mecanismos do governo de Alfredo Stroessner para manter seus adversários políticos longe do território paraguaio. Talvez a estratégia mais eficaz de Stroessner, para se manter no governo, tenha sido a nomeação dos opositores como embaixadores. Ver: SEIFERHELD, A.M. e TONE, J.L. **El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez**. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988 (Introd.); ADEP. **Representantes...** Op. Cit.

²⁴⁷ Para prevenir o “extravio” da correspondência, ambos os escritores evitavam o uso do correio oficial do Paraguai e da Argentina, e recorriam a amigos ou parentes que viajassem aos respectivos destinos de JNG e de Morínigo. Para garantir que a carta tinha sido recebida, os dois amigos iniciavam cada missiva explicitando a carta à qual estavam respondendo, indicando as datas de envio e recebimento. In: Carta de JNG a VM de 27/01/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3; Carta de VM a JNG, de 28/02/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁴⁸ A primeira carta de Morínigo para JNG, da documentação consultada, é de 26/06/1950. Nela, o autor colocava em relevo que com ela “iniciamos assim uma nova série” de missivas semanais. Em carta de 05/01/1952, Morínigo justificava a interrupção epistolar devido a problemas com os intermediários. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

O excesso de cuidados refletia a preocupação com a possibilidade de estarem sendo vigiados pelos “tentáculos” do Estado paraguaio, nas mãos de adversários políticos – primeiro sob a presidência de Federico Chaves e, depois, sob o governo de Alfredo Stroessner –, agindo dentro e fora das fronteiras do Paraguai, independentemente de serem exilados ou representantes diplomáticos desse mesmo Estado.²⁴⁹

Na correspondência com Morínigo, JNG fazia uso de uma linguagem que refletia afetividade e proximidade entre ambos. JNG se permitia expressar sentimentos de carinho e reconhecimento para com Morínigo, “amigo incomparável, talvez o único que me resta”.²⁵⁰ Sem dúvida, é uma narrativa muito próxima da linguagem oral. O próprio JNG assim o reconhecia: “Percebo que estou incorrendo naquele estilo discricionário... Não posso evitá-lo. Nas cartas, me agrada ser como nas conversações”.²⁵¹

Porém, apesar dessa proximidade verbal, o estilo de JNG era mais reservado – ou menos “espontâneo” – que o de Morínigo. Quando este último escrevia ao primeiro, descrevia detalhadamente situações domésticas, sua saúde e a falta de recursos financeiros, assim como expunha sua impaciência por voltar ao Paraguai e recobrar o protagonismo do *Guión Rojo*.

JNG, ao contrário, não fazia referência a assuntos domésticos ou a questões financeiras, exceto numa única ocasião enquanto era embaixador, para se referir ironicamente sobre seu “exílio assalariado”.²⁵²

Em relação à situação interna do Paraguai e o que deveria ser feito, JNG se situa na posição de líder, acalmando o amigo e dando as diretrizes de ações futuras. Diante da proposição de funções de liderança, Morínigo era esquivo, argumentando se considerar um dirigente de segunda linha. Isso não lhe impedia de fazer sugestões, críticas e propostas a JNG; mas era este quem, com grande sutileza, aceitava, rejeitava e/ou aprovava as ideias do amigo. Diante da ideia de Morínigo de pedir sua demissão da embaixada no Peru, JNG

²⁴⁹ São muitas as menções à vigilância a que se encontravam submetidos; mas, em 1964, com a autoridade indiscutível e consolidada do “Capo” – referindo-se a Stroessner – Morínigo acreditava que “nossas cartas são cuidadosamente controladas, e acreditamos que os longos braços de nossa gestapo podem nos seguir aonde formos”. In: Carta de VM a JNG de 30/12/1964. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

²⁵⁰ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁵¹ Carta de JNG a VM de 14/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁵² Carta de JNG a VM de 30/01/1965. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

o aconselhou a continuar em Lima, “porque essa nossa ausência é o melhor serviço que podemos dar agora à nossa causa”.²⁵³

A ausência a que se referia JNG era o distanciamento físico e político do Paraguai. Após o golpe de Estado de 29/01/1949, que o derrubou da presidência do Paraguai, JNG reivindicou sua condição de exilado até sua morte, embora, em 1956, fosse nomeado embaixador no México.

Não há uma menção direta sobre o exílio nas cartas escritas até 1956. Depois dessa data, JNG era mais explícito: entendia que havia sido objeto de calúnias desde sua saída do Paraguai, responsabilizando Federico Chaves e seu aliado argentino, Juan Domingo Perón. Porém, naquele momento e dadas as “circunstâncias”, entendia que sua melhor contribuição e estratégia era o silêncio: “Hoje me calo, e penso manter meu mutismo enquanto não me firam”, pelo bem do partido e do país.²⁵⁴

O exílio era visto a partir de dois aspectos: a vida longe da terra natal, por um lado, e a ausência da cena política paraguaia, pelo outro. Se era obrigado a permanecer no México, tinha consciência da progressiva perda de espaço político na vida nacional. No entanto, manter o *status* de embaixador facilitava a preservação do que restava de seu capital político e de seu prestígio intelectual. JNG insistia em manter um perfil discreto:

Nuestra ausencia no puede torcer los acontecimientos. Ahora dicen en Asunción que estamos lejos, pero que nuestros amigos reciben nuestras orientaciones, lo cual no es cierto... más bien los amigos se quejan de mi silencio... No es el momento de actuar, sino de estudiar, analizar e incubar”.²⁵⁵

Trabalhar na embaixada era, segundo JNG, uma forma de servir a seu país, embora não contasse com a “colaboração de Assunção”. Dito “serviço” era complementado com o serviço intelectual.²⁵⁶ Se JNG tinha concordado em aceitar uma embaixada no marco de expulsão *stronista*, sentia necessidade de se justificar diante da posteridade.

JNG referia-se de diferentes maneiras a seu exílio, sempre com certa nostalgia e ironia: “esta minha solidão mexicana”, “minha tumultuosa solidão americana”, “desterro assalariado”, “meditativa solidão”, mas sem explicitar por que se sentia no ostracismo. Só

²⁵³ Carta de JNG a VM de 03/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3. Dois anos depois, Morínigo era da opinião de que não “há outro caminho exceto renunciar a nossas embaixadas. Espero tua decisão para fazê-lo”. In: Carta de VM a JNG de 31/05/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. O arquivo não possui a resposta de JNG, mas pouco mais de uma semana depois, Morínigo respondia que já tinha superado a crise e que “como sempre, estamos de acordo”. In: Carta de VM a JNG de 08/06/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

²⁵⁴ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁵⁵ Carta de JNG a VM de 14/04/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁵⁶ Carta de JNG a VM de 14/04/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

se referia metaforicamente aos motivos que Stroessner teria para mantê-lo distante do Paraguai: “O alemão é tão desconfiado quanto um galo zarolho. Ele não tem antipatia da gente: o que ele tem é medo de nós, alimentado pelos chavistas”.²⁵⁷

A narrativa mais espontânea, menos medida, de Morínigo permite reconstruir os mecanismos utilizados pelo governo de Stroessner e pela Junta de Governo do Partido Colorado para manter os adversários não só fora do território paraguaio, como também longe de suas fronteiras: nomeação dos adversários como embaixadores em países não limítrofes; atraso no pagamento dos salários; não pagamento de passagens e de diárias de viagens; espionagem interna nas embaixadas; difusão de boatos como possíveis translados dos embaixadores; esperas prolongadas nos países de trânsito até a efetiva nomeação no lugar de destino – a espera não podia ser feita no Paraguai, sendo “aconselhados” a abandonar o país; superposição de embaixadores numa mesma embaixada e momento; não envio de passagens de retorno para o Paraguai quando finalizada a função diplomática.

Da correspondência se depreende que JNG só regressou ao Paraguai em 1956 para sua nomeação como embaixador no México. Segundo um de seus biógrafos, Efraín Enríquez Gamón, JNG preparava seu retorno definitivo em 1966.²⁵⁸ Ao que parece, pelas cartas, JNG tinha liberdade para viajar a outras nações que não fossem o Paraguai nem seus países limítrofes – como os países centro-americanos e a Venezuela.

Portanto, amigos como Morínigo o mantinham informado sobre o que acontecia no Paraguai, especialmente sobre suas três obsessões, segundo González Delvalle: o Partido Colorado, o adversário Federico Chaves e o Partido Comunista.²⁵⁹ As três aparecem nas cartas, mas com um peso diferente. Sem dúvida, as disputas internas do Partido Colorado cobravam maior importância.

A inimizade entre Federico Chaves e JNG era de longa data. O primeiro confronto intrapartidário foi na década de 1920, quando eram deputados e o primeiro apoiou a continuidade do abstencionismo do partido enquanto o segundo apresentou a moção de participar nas eleições – posição que acabou se impondo. Na convenção do partido, realizada em novembro de 1947, para escolher o candidato do coloradismo para as eleições presidenciais de 1948, JNG – líder do *Guión Rojo* – “venceu” Chaves – representante do

²⁵⁷ Carta de JNG a VM de 02/08/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

²⁵⁸ ENRÍQUEZ GAMÓN, E. **La Guerra...**

²⁵⁹ GONZÁLEZ DELVALLE, Alcibíades. **La Hegemonía Colorada (1947-1954)**. Assunção: El Lector-ABC Color, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, N° 12).

setor dos democratas – após estes últimos se retirarem da assembleia diante das manifestações violentas dos *guiones rojos*.

Durante e após a presidência de JNG, vários militantes colorados participaram nas diferentes tentativas de golpe de Estado até que, em setembro de 1949, Chaves assumiu o poder até 1954. A aliança entre Chaves e o mandatário argentino, Juan Domingo Perón, teria contribuído para que JNG abandonasse a Argentina e se exilasse no México.

A animosidade contra os chavistas é evidente nas cartas que JNG enviou a Arciniegas, ao estereotipar Chaves como comunista e peronista. Nas missivas dirigidas a Morínigo, antes de 1954, a preocupação era organizar a oposição no exílio, majoritariamente residente na cidade argentina de Clorinda, distante a meros 4 km da capital do Paraguai.²⁶⁰

Após a queda de Chaves, a postura de JNG passou a ser de cautela: além do silêncio a que se impôs, considerava prudente não agir de nenhuma maneira no Paraguai.²⁶¹ Sem dúvida, a queda de Chaves e a sua posterior nomeação como embaixador na França, na Bélgica e na Espanha, entre 1955 e 1962, pode ter brindado o sabor de uma vingança executada por Stroessner.²⁶² Apesar de não guardar admiração pelo “alemão” ou “galo zarolho”, JNG afirmava:

No teníamos ninguna otra solución. Ningún amigo... duraría en el poder más de quince días, pues, si bien nos sobra pueblo, no tenemos el control de los cuarteles. Un presidente chavista sería la vuelta a las andadas. Stroessner, que probablemente no nos quiere, es para nosotros la única garantía de que la unidad colorada se consolide.²⁶³

O protagonismo do Partido Colorado na política nacional e a exclusão do chavismo eram essenciais para JNG. Mesmo Morínigo e JNG tendo apresentado diversos “planos de ação”, ao longo dos quinze anos de correspondência, em geral, o líder dos *guiones rojos* reiterou seu “conselho” de não conspirar contra Stroessner: este não era um mal em si mesmo, senão um sintoma do mal chavista. No lugar de conspirar, JNG propunha “uma higiene mental” de “nossos amigos que, arrastados pela propaganda chavista, identificam

²⁶⁰ Morínigo era o responsável por organizar os exilados em Clorinda, mas o fazia sob a vigilância do governo peronista (1946-1955). Em 1953, denunciava ter sido detido pelas autoridades argentinas, as que também teriam levado seu arquivo. Transladado a Buenos Aires e reenviado para Clorinda sem documentos, teria ficado impossibilitado de movimentar-se fora da cidade fronteiriça. Ver: Carta de VM a JNG de 19/12/1953. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. Dois meses mais tarde referia-se a sua situação como um “forçado plano quinquenal de desterro”, denunciando seu duplo exílio do Paraguai e interno na Argentina, ao mencionar os planos quinquenais de Perón. In: Carta de VM a JNG de 03/02/1954. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

²⁶¹ Carta de JNG a VM de 26/12/1956. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁶² ADEP. **Representantes...**, p.33.

²⁶³ Carta de JNG a VM de 14/04/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

erroneamente as causas do mal”, para depois hegemonizar o grupo que servia de suporte partidário a Stroessner.²⁶⁴

Porém, apoiar Stroessner trazia sérias contradições e o distanciamento de antigos aliados latino-americanos. Como embaixadores, os intelectuais paraguaios tinham a missão de “limpar” a imagem do governo *stronista*, acusado de ditatorial e repressor.²⁶⁵ Oficialmente, Morínigo e JNG defendiam o governo paraguaio aludindo ter sido eleito democraticamente. Extraoficialmente, ambos apresentavam-se como diplomatas colorados não *stronistas*.²⁶⁶ Nas missivas, JNG enumerava suas recomendações para reverter a má imagem do governo paraguaio: levantar o estado de sítio, revogar a Lei de Defesa do Estado e convocar uma Assembleia Constituinte.²⁶⁷

Nas últimas cartas, JNG deixava transparecer o desejo de que o governo Stroessner chegasse ao fim, mas, ao mesmo tempo, parecia entender que as regras do jogo político tinham mudado e que os *guiones rojos* estavam “ausentes” desse jogo. Contrário a conspirações e favorável a dar apoio condicionado a Stroessner, JNG argumentava:

La eliminación de Stroessner, en un momento en que el comunismo cuenta con un apoyo internacional poderosísimo, y en que en el coloradismo proliferan ambiciosos incultos y sin ideas, sin envergadura de estadistas, provocaría una crisis más grave que la que estalló a raíz de mi eliminación de la presidencia.
Stroessner a mí me odia profundamente, y probablemente a ti también, pero eso no cuenta. Lo que nos interesa es el Paraguay y no nosotros. Sobre estas realidades hay que esbozar una política constructiva.²⁶⁸

Entre as condições, figuravam recuperar a presidência do Partido Colorado e a implementação de mudanças na agricultura e na vida dos camponeses. Em outras palavras, respeitando o governo de Stroessner, pretendiam recuperar o poder partidário e a base eleitoral dos *guiones rojos*.

A preocupação de JNG com os camponeses se reitera em várias cartas. A questão era cara para JNG, não só para preservar seu prestígio eleitoral, diante de uma possível

²⁶⁴ Carta de JNG a VM de 24/06/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

²⁶⁵ Morínigo contava em suas missivas o progressivo distanciamento de membros do *aprismo*, enquanto esteve no Peru, em particular, Luis Alberto Sánchez In: Carta de VM a JNG de 05/03/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

²⁶⁶ Carta de JNG a VM de 05/08/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1. As dificuldades enfrentadas por JNG para defender Stroessner se evidenciam nas entrevistas jornalísticas. Em 1960, era entrevistado por Fernando Revuelta, que, em um “trocadilho” de perguntas, fez JNG admitir que o mesmo partido – Colorado – que o derrocou, era o que apoiava Stroessner. Porém, JNG reforçava em cada resposta que Stroessner era “um democrata querido e respeitado”. In: REVUELTA, FERNANDO. *Con sus propias palabras*. Recorte de artigo jornalístico, de 19/06/1960, em: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Paraguai (AMREP). Direção Política e Diplomática (DPD), vol. 196.

²⁶⁷ Carta de JNG a VM de 23/03/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

²⁶⁸ Carta de JNG a VM de 14/01/1965. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

volta ao jogo político, como para “modernizar” o país, com a inclusão desses setores ao mercado, e para construir a imagem de intelectual e político comprometido com os setores sociais mais desfavorecidos.

JNG tinha especial interesse em se projetar para a posteridade como defensor de diversas causas, entre elas, a do “povo colorado”, do camponês descendente do guarani e do espanhol, ou seja, do *pynandi*.

A decisão de guardar “silêncio” durante seu último exílio, para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual e para servir a seu povo, através de seu trabalho na embaixada, era outra faceta para consolidar seu prestígio como escritor e erudito, responsável pela difusão da história e da geografia do povo paraguaio. Ainda que de forma passiva, JNG teria conseguido lutar pelo campesinato informando ao mundo sobre seu “drama”.

JNG se via como um ideólogo militante, um intelectual que optou pela luta política para conseguir um futuro melhor para o povo paraguaio. A luta empreendida até o momento da escrita devia ser continuada para “converter o cancerígeno presente em que vivemos numa bela realidade”. O esforço não podia ser poupado, mas era o momento de uma “luta ideológica”.²⁶⁹

Se a história recompensaria JNG, reconhecendo sua obra e seu sacrifício pessoal em prol do país, não faria o mesmo com alguns opositores, que “estão tendo um final sem glória e sem honra”.²⁷⁰ JNG dizia preferir “morrer no exílio a se misturar com essa gente”.²⁷¹ À ideia de uma vida dedicada à causa do povo colorado, somava-se a necessidade de construir a imagem de honestidade, dedicação desinteressada e incorruptibilidade.

Embora não o admitisse explicitamente, JNG tinha consciência de que as possibilidades reais de um retorno à cena política nacional desvaneciam-se progressivamente. Restava-lhe cuidar de sua imagem para a posteridade: assim, aconselhava amigos, como Morínigo, a não conspirarem – numa última tentativa de não ser mais associado a manobras violentas para recuperar o poder, ao mesmo tempo em que evitava deliberadamente emitir juízos sobre o governo de Stroessner, para se dedicar exclusivamente à atividade intelectual, última escolha para preservar a sua memória.

²⁶⁹ Carta de JNG a VM de 14/09/1957. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_3.

²⁷⁰ Carta de JNG a VM de 23/03/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

²⁷¹ Carta de JNG a VM de 02/08/1960. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_1.

Uma autobiografia desde o exílio

Em 1982, foi publicado o livro *Vida y Pasión de una Ideología*, de JNG, pela editora paraguaia NAPA. Pela correspondência trocada com Víctor Morínigo, percebe-se que ele foi concebido ao longo de seu exílio no México. Porém, coube a Víctor Morínigo a recuperação e a organização dos textos e a redação do prólogo, publicados um ano após sua morte.²⁷²

A autobiografia é uma narrativa escrita no presente, na qual o autor fala de si, dando testemunho de seu eu a partir de um relato sobre o seu passado. Para Philippe Lejeune, a autobiografia pressupõe uma “relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*”.²⁷³

A historiadora Romilda Costa Motta adverte que a análise da escrita autobiográfica exige um esforço reflexivo e um trabalho rigoroso de pesquisa para não se deixar seduzir pela “verdade” do objeto de estudo; mas, ao mesmo tempo, é uma fonte que abre a possibilidade de indagar sobre as representações criadas pelo memorialista em relação ao passado.²⁷⁴

A autora distingue dois estilos de escrita autorreferencial: a autobiografia e as memórias, gêneros diferentes cujas fronteiras são fluidas. A autobiografia, segundo Lejeune, é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.²⁷⁵ Já as memórias *podem* tratar-se da história de uma personalidade, de sua vida individual, mas não há uma obrigatoriedade. Na maioria das vezes, a narrativa limita-

²⁷² Pelas cartas escritas por Morínigo, depreende-se que JNG começou a pensar neste livro de memórias desde o início de sua estadia no México. Morínigo lhe dava diversas sugestões, porque considerava que “o mito do Tendotá deve sobreviver”, já que o ciclo de Chaves chegava a seu fim, enquanto o ciclo de JNG “ainda permanece intacto, de acordo com tua envergadura e força”. In: Carta de VM a JNG de 04/04/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_1. Ainda que o objetivo imediato em 1951 era voltar ao cenário político, não era menos importante deixar um recado para a posteridade. Assim, ainda em 1951, Morínigo destacava a importância de publicações como a biografia de González y Contreras. In: Carta de VM a JNG de 09/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. Por isso, a escrita das memórias era vista como um ato mais, no qual a história pessoal de JNG e a história nacional estavam imbricadas num corpo só. Em 1958, dizia ter feito o prólogo do livro “História de uma ideologia e de uma causa”, provavelmente uma primeira versão das memórias de JNG. In: Carta de VM a JNG de 12/03/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

²⁷³ LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.15.

²⁷⁴ COSTA MOTTA, Romilda. **José Vasconcelos**: as Memórias de um “profeta rejeitado”. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2010, p.10.

²⁷⁵ LEJEUNE, Philippe. *O Pacto...*, p.14.

se a representar um testemunho pessoal do autor sobre um fato histórico, alheio à sua vida pessoal”.²⁷⁶

Enquanto “gêneros vizinhos” de diferenças muito tênues, ambas as escritas têm como objetivo contar sobre fatos passados, “sob o amparo da memória”.²⁷⁷ Esse olhar retrospectivo tem uma ordem, dada pelo autor, que outorga um sentido ao relato.

A escrita autorreferencial de JNG situa-se no encontro entre os dois gêneros: por um lado, o “autor” – JNG – “narra” a vida do “personagem” principal – Natalicio González. Por outro lado, JNG escreve como memorialista: recorre à memória pessoal e à memória socialmente construída – cartas, memórias de terceiros, documentos “oficiais” –, majoritariamente produzida por partidários de JNG. Como memória, seu livro se debruça sobre outros personagens, identificados como adversários, amigos ou traidores.

JNG fez uso da escrita como sua principal arma de luta política, mas o fato de ter optado pela escrita autobiográfica, no final de sua vida, revela uma tentativa de preservar sua imagem e desmascarar as “calúnias” dos adversários contra ele. Morínigo o apoiou muito na realização desse objetivo e contribuiu para a publicação do livro.²⁷⁸

Vida y Pasión de una Ideología contém 230 páginas, divididas em 14 capítulos e uma longa introdução de Víctor Morínigo, na qual apresenta os dados biográficos do autor, bem como uma análise da sua produção escrita. O autor alternou o uso da primeira pessoa no singular e no plural; empregou numerosas e longas citações de cartas de terceiros, de artigos, de documentos oficiais, etc. Mas, é possível esclarecer que se trata de um texto inconcluso ou que talvez tenha sofrido intervenções de Morínigo, apresentando numerosos parágrafos escritos na terceira pessoa do singular.

A identidade do personagem com o autor se mantém ao longo do todo o texto, enquanto JNG se autobiografou com o objetivo deliberado de deixar para a posteridade a imagem de um intelectual e político íntegro e comprometido.

A tentativa de construir uma autoimagem positiva, no momento em que estava próximo de completar os setenta anos de idade, está vinculada à necessidade de perpetuar essa imagem após sua morte.

²⁷⁶ COSTA MOTTA, Romilda. *José...*, p.29-30.

²⁷⁷ COSTA MOTTA, Romilda. *José...*, p.30.

²⁷⁸ Carta de VM a JNG de 27/04/1958 e 30/01/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2. M. Morínigo também propôs redigir um “catecismo” de JNG – provavelmente seguindo o modelo do Catecismo de San Alberto – e publicar rapidamente suas memórias. In: Carta de VM a JNG de 14/04/1959. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

Para evitar a “difamação” e/ou o “esquecimento”, era tão essencial “limpar” seu nome como identificar quem eram os amigos, os adversários e os traidores “de Natalicio González” – o que, para o autor, era praticamente o mesmo que dizer “da pátria” ou “do povo colorado”.

JNG não se preocupou em narrar assuntos pessoais ou íntimos e sim em contar a “verdadeira história” sobre os fatos políticos que rodearam sua vida: sua militância no Partido Colorado, seus atos de governo, seus exílios, sua ideologia, seu prestígio. Para JNG, o seu maior êxito tinha sido:

Entregar el poder a mi Partido. Este es un honor que se me discute, pero si bien en ocasiones cubrí con mi silencio a los que me despojaron de lo material y perecedero, no dejaré que ni el encono, ni la conjura de los malquerientes, manche o tergiverse esta página de mi vida.²⁷⁹

Para narrar os “verdadeiros fatos” da história paraguaia, era necessário ser fiel a eles. E assim o enunciou JNG já no primeiro parágrafo da introdução:

En mi lejano retiro de México los ecos de las disputas rioplatenses llegan atenuados y con retardo. Los libros, los periódicos, que amigos diligentes me remiten, ya no encienden las pasiones ni provocan las cóleras de los que viven un drama o pugnan por fijar rumbos a la historia que se está elaborando. La distancia se interpone entre el espectador y los acontecimientos con el mismo suave imperio atenuante del tiempo, y hay que evocar lo que acontece en el Paraguay, por ejemplo, con el arte del historiador que reconstruye un fragmento del pasado a través del testimonio de quienes lo vivieron.²⁸⁰

JNG se considerava capaz de contar a verdade sobre seu passado, ao mesmo tempo em que se via no dever de analisar a “verdadeira” história de seu país, a partir do papel de erudito que se autoconcedia – e lhe fora reconhecido por alguns intelectuais paraguaios e latino-americanos. Sua história particular se entrelaçava com a história nacional paraguaia, de tal modo que ambas eram indivisíveis.

A narrativa oferece algumas imagens trabalhadas exaustivamente pelos biógrafos, como a de autodidata. Mas, também foram incorporados os retratos e as fotografias. Uma imagem recorrente é a utilizada na orelha da capa, que é uma fotografia de JNG sentado, de terno, com as mãos sobre uma escrivaninha e uma estante com livros atrás dele. A imagem corresponde à figura de um intelectual em seu espaço de trabalho:²⁸¹

²⁷⁹ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.33.

²⁸⁰ Idem, p.33.

²⁸¹ A mesma fotografia foi utilizada em diversas publicações, como, por exemplo, no livro “Textos escogidos” de Natalicio González, cujo prólogo pertence a Francisco Pérez Maricevich, e na capa da biografia de JNG escrita por J. Arce Farina. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **Textos Escogidos**. Assunção: El Lector, 1996 e ARCE FARINA, J. **J. Natalicio González**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011.

JNG organizou seu livro a partir de uma ordem cronológica, desde seu início, como jornalista e como militante do Partido Colorado, até seu exílio no México; mas esta ordem é um artifício para dar coerência não só ao relato, como também ao personagem “Natalicio González”, pois reverter a imagem de homem público corrupto e de intelectual que esmoreceu em seus ideais é central para o autor/historiador que quer oferecer a ideia de um homem comprometido com seu povo – o povo camponês “colorado” –, de raízes guaranis, capaz de todos os sacrifícios em benefício deste objetivo altruísta.

Figura 2.1. Capa do livro *J. Natalicio González*, de José Arce Farina.

Outro fio condutor que dá coerência ao texto é a escolha de três personagens com os quais “dialoga”, “discute” e “se confronta”. Por um lado, Efraím Cardozo é o historiador liberal que o confronta profissional e ideologicamente, é seu “adversário”, mas é com quem pode manter um diálogo intelectual, apesar das diferenças partidárias e ideológicas. Víctor Morínigo é o “amigo” que o apoia em todas suas ações e sugere a contenção ideológica necessária para dar continuidade à sua missão explicitada no início de sua escrita autobiográfica. Por último, Federico Chaves é o “traidor” que, apesar de ser

um colorado como JNG, é capaz de se aliar aos liberais, a Perón e aos comunistas, traindo o povo paraguaio para atingir seus interesses mais mesquinhos.

JNG começou sua autobiografia respondendo às acusações de Efraím Cardozo, que, em seu livro de 1956, analisava os acontecimentos do traumático 23 de outubro de 1931, em que a manifestação de estudantes foi severamente reprimida.²⁸²

Para Cardozo, houve grande responsabilidade de JNG e dos colorados, que publicavam nos jornais partidários procurando incitar a população contra o governo, num momento crítico do conflito do Paraguai com a Bolívia e “avanço” do comunismo. O que mais incomodou JNG foi a crítica de ter renunciado aos princípios democráticos e negado a origem liberal do Partido Colorado e dele próprio.²⁸³ JNG rebatia da seguinte forma:

Ahora, me toca explicar el proceso de mi evolución ideológica. Pertenecí a una generación imbuida de la doctrina liberal...; a una generación individualista, anárquica, que procuraba importar ideas y hábitos exóticos... Un día leí a Bergson y conocí la primera sacudida espiritual que resquebrajó las bases de mis antiguas creencias... Pero nadie se libera de golpe de las ideas que impregnan una época... El influjo de la campaña nacionalista de Juan o’Leary... y la lectura de Platón... me impulsaron hacia una interpretación paraguaya de la vida, hacia el análisis de lo que piensa, siente y quiere el campesinado.²⁸⁴

A mudança, empreendida com Víctor Morínigo, foi o início da “nova ideologia”, que teria impregnado as bases do Partido Colorado, liberando-o de suas raízes liberais.²⁸⁵ Os liberais paraguaios não teriam acreditado, segundo JNG, que a “ideologia de dois jovens, que se diziam intérpretes de um povo poderoso e indomável, pudesse menosprezar seu poderio”. JNG atribuía-se a liderança no processo pelo qual o Partido Colorado teria assumido a luta pela preservação do vernáculo frente à imposição de modelos “exóticos”.

Para mostrar a coerência ideológica e ética, JNG se apresentava como um militante colorado e um intelectual que, além de comprometido, foi inovador. Ele teria conseguido se desprender de suas bases liberais a partir da influência de O’Leary. O fato de ser do interior do país e de ter tido contato desde criança com os camponeses teria ajudado a se livrar do clima conturbado do início do século XX, marcado pela presença de ideologias

²⁸² Sobre o assunto, ver: CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre**. Una página de Historia Contemporánea del Paraguay. Assunção: Guayra, 1956. Ver também: GUANES DE LAÍÑO, R. **El liberalismo y la inestabilidad política**. Assunção: Occidente, 2011. Col. Páginas de Nuestra Historia (1811-2011), T.VII. Em 1958, Morínigo aconselhava a JNG a assumir sua defesa escrevendo e publicando seu livro para contar o que tinha sido feito e proposto por JNG durante seu governo. Para Morínigo, era importante opor um texto defensivo ao livro de Cardozo. In: Carta de VM a JNG de 27/04/1958. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

²⁸³ CARDOZO, E. **23 de Octubre...**, Cap. IV.

²⁸⁴ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.33-34.

²⁸⁵ Idem. p.34.

“forasteiras”; dessa forma, teria ajudado seu partido a transitar pelo mesmo caminho, auxiliando o povo paraguaio a canalizar suas aspirações:

Descubrí con sorpresa que el campesino, sin buscar normas de vida en el libro europeo, tenía aspiraciones concretas y una ideología sintetizada en su concepción del hombre paraguayo libre. Y me empeñé en ser el intérprete oscuro pero veraz de aquella inmensa energía espiritual que surgía de la tierra materna y vibraba en la mente y en la carne asceta de los hombres del agro.²⁸⁶

Em seguida, JNG respondia a outras críticas de Cardozo, como a de ser admirador do ditador venezuelano Juan Vicente Gómez, de obter recursos do Estado paraguaio para a publicação de seu livro superfaturado, *El Paraguay Contemporáneo*, e de tentar vender ao Estado mapas históricos do Paraguai, que teria adquirido em sebos de Buenos Aires. O historiador liberal o denunciava de ser admirador de Maurras e de Mussolini; como de fraudar o Estado durante o exercício do Ministério da Fazenda e durante sua presidência.

JNG negava e denunciava cada uma destas acusações como injúrias, cujo objetivo seria desprestigiar-lo. JNG se atribuía o mérito de ter “arrancado” as raízes liberais da ANR e de lutar pela tomada da consciência de ser “um movimento popular e telúrico”, cuja:

Elite intelectual se esforzaba en esclarecer sus propósitos confusos pero irreprimibles, mediante la formulación de un ideario propio, que sea objetivación de los hábitos, intereses y supremas aspiraciones del pueblo paraguayo [...] El ideario colorado nació de las entrañas del pueblo y le dio forma, no un hombre, sino dos jóvenes luchadores.²⁸⁷

JNG referia-se ao Ideário Colorado, redigido em 1935, que teria dado as novas bases ideológicas do partido. Ambos “jovens lutadores”, ele próprio e Víctor Morínigo, teriam sido responsáveis tanto pelas inovações ideológicas quanto pela confecção de seus símbolos, dando identidade ao partido.²⁸⁸ Esse trabalho no partido teria sido possível porque ele destacava-se na elite partidária, a ponto de se converter numa liderança. Apesar de ser um “paraguaio comum”, tinha:

²⁸⁶ Idem. p.34-35.

²⁸⁷ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p. 40.

²⁸⁸ Idem. Cap. II. O texto citado no livro corresponde a informações dadas por Morínigo em uma das cartas enviadas a JNG, detalhando como teria sido idealizada e confeccionada a bandeira partidária. A carta é de 1951 e Morínigo menciona o livro que JNG estaria escrevendo, no qual não deveria esquecer de “consignar en las páginas venideras que yo fui el creador y diseñador de la bandera colorada, en 1935, para que vean estos pobres hombres que vocean el nombre de nuestro partido en sus bocas inmundas de mercaderes, que el símbolo que agitan en sus brazos, hasta eco, eso es de ninguno de ellos. En otra próxima, ya que ésta va siendo larga, te daré algunas sugerencias sobre lo que convendría hablar en ese libro, ya que yo lo considero, como te dije, un acto de servicio a la causa de nuestra patria, no tan sólo del Coloradismo”. O texto evidencia que o projeto das memórias de JNG começou a ser gestado logo que JNG chegara ao México, como uma estratégia de defesa diante de seus adversários – naquele momento, no poder. In: Carta de VM a JNG de 09/07/1951. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v1_2.

La ambición de sentirme un fragmento vivo de mi tierra, una célula pensante de mi pueblo. Si alguna vez, en la perspectiva de nuestro tempo, asomó por encima de ellos mi cabeza, fue porque me alzarón sobre sus hombros para visorar el horizonte y elegir el camino a seguir.²⁸⁹

Os adversários, como Cardozo, também atribuíram a JNG a autoria do decreto no. 152/1936, sob o governo de Franco. Ainda que alguns setores do *coloradismo* apoiassem esse governo, JNG negava sua autoria no polêmico decreto e, como prova, citava um artigo seu, no qual tratou de relativizar a transcendência de suas afirmações.²⁹⁰ Desse modo, no final de sua vida, JNG tentava se desvencilhar dos epítetos de fascista e totalitarista.²⁹¹

Segundo o autor, às difamações de cunho ideológico, somaram-se as acusações de corrupção. Com o golpe de janeiro de 1949, JNG partiu para o exílio em Buenos Aires. Após um ano, teve que partir para o México, porque as acusações por malversação de fundos do Estado deram início a um processo judicial contra ele – e os temores de o Estado argentino extraditá-lo eram reais.

O capítulo nove das memórias de JNG está dedicado a “demonstrar” sua inocência no referido procedimento judicial. Sem especificar em qual data, relatava que teria voltado ao Paraguai para responder ao processo, do qual teria sido inocentado. Para demonstrar sua inocência, reproduziu os pareceres dos advogados defensores e do juiz, segundo os quais JNG teria sido incriminado com fins políticos. Por fim, JNG concluía o capítulo alegando que:

Pese a estas amargas pruebas, estoy seguro de haber asumido la actitud que correspondía a un Presidente paraguayo... Dejé la primera magistratura, no sin prever las luchas y las decepciones que me esperaban, y que acepté lúcidamente, porque quise y quiero a mi pueblo con encarnizamiento, y me anima una fe invencible en su destino. El destierro, el vilipendio, el despojo, fueron el precio de mi elección, pero en mí no se pervirtieron la suma de aspiraciones y pensamientos que encarné.²⁹²

Para contrabalançar as denúncias de fraude ao Estado paraguaio, JNG dedicou os capítulos VII e X para informar o leitor sobre suas obras de governo – reforma financeira;

²⁸⁹ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.44.

²⁹⁰ Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. *Sobre Ideologías*. In: Revista **Guaranía**, Ano III, N° 27, Assunção, 20/01/1936, p.1.

²⁹¹ Nas diferentes viagens ao Paraguai, ao ser questionado sobre nosso objeto de estudo, a reação das pessoas transita, como um pêndulo, entre o estupor e a alegria, evidenciando o binômio antipatia/simpatia pelo personagem escolhido. Um dos comentários mais interessantes, que repete-se em diversas oportunidades, foi o da filha de um destacado intelectual liberal: “Falar de ‘Natalicio’ em casa era como falar do diabo... Porque ele era um nazista! Estava proibido mencionar o nome dele... Porém, ele cuidou de sua esposa após o acidente que a desfigurou. Nunca a abandonou! Pelo menos uma coisa boa ele fez...”

²⁹² GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.127.

estímulo às indústrias; nacionalização das empresas de energia elétrica e de transportes; política monetária; entre muitos outros assuntos.²⁹³

Aos “grandes êxitos” de seu curto governo, JNG opunha os “fracassos” de seu arqui-inimigo, Federico Chaves. Para reforçar o estigma de traidor, JNG o acusava de se aliar ao presidente argentino, Juan Domingo Perón. Este último, por sua vez, era responsabilizado por JNG pelo golpe de janeiro de 1949, o que teria sido o primeiro passo para implementar seus planos anexionistas.²⁹⁴

O “terror chavista”, aliado ao peronismo, teria facilitado a perseguição, a tortura e o assassinato dos opositores. Para isto, segundo JNG, o governo argentino teria colaborado na formação dos quadros da Polícia de Assunção.²⁹⁵ Assim como tinha informado a Arciniegas, JNG retomava o caso do estudante Alonso, torturado e assassinado sob o governo de Chaves – caso que teria sido mantido em segredo.²⁹⁶

Outro adjetivo usado por JNG para qualificar Chaves como traidor era o de comunista. No contexto da Guerra Fria, JNG já tinha-o estigmatizado desse modo através da “escrita de si”. Mas, outros dirigentes partidários, identificados como cúmplices de sua destituição e de sua difamação, também foram etiquetados como comunistas.²⁹⁷

Para a execução dos planos “maquiavélicos” do chavismo e do peronismo – que girariam em torno do desprestígio de JNG – no dia 19/09/1949, a Junta de Governo do Partido Colorado teria elaborado um documento que condenava o mecanismo fraudulento

²⁹³ Assim como Morínigo pediu para contar a história da bandeira, também recomendou a JNG que incluísse em seu livro a justificativa da expropriação de algumas empresas e a criação de empresas estatais para promover o desenvolvimento econômico do país. E, de fato, estes assuntos sugeridos foram incluídos. Ver: Carta de VM a JNG de 07/12/1965. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

²⁹⁴ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, Cap. XI.

²⁹⁵ Idem. Cap. VIII. De fato, a colaboração de Perón com Chaves estendeu-se a todos os níveis da vida social, econômica, política e militar do Paraguai. O tema está muito bem documentado em: BREZZO, L. e FIGALLO, B. **La Argentina y el Paraguay, de la guerra a la integración**. Imagen histórica y relaciones internacionales. Rosario: Instituto de Historia, PUCA, 1999.

²⁹⁶ Idem. p.111. Um amigo de confiança teria enviado a JNG um informe detalhando minuciosamente a tortura e o momento da morte do estudante Alonso. Com base neste documento, JNG escreveu a Arciniegas, que usou a informação para escrever o capítulo sobre o Paraguai em seu livro *Entre la libertad y el miedo*. O documento encontra-se em: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSP 492.2-1 e MSP 492.2-4 e 5.

²⁹⁷ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.94. Documentos como as epístolas mostram que JNG só começou a aplicar os estigmas de “peronista” e “comunista” aos chavistas após a queda de Chaves e de Perón. É provável que JNG evitara usar estas acusações para não sofrer represálias de ambos os mandatários enquanto eles eram governantes; mas também é real que, no momento da escrita autobiográfica, JNG tinha uma participação ativa nos circuitos de escritores anticomunistas, como no Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC). Portanto, JNG era influenciado pelo clima da Guerra Fria Cultural, mas também era consciente das consequências “práticas” de denunciar alguém como comunista.

de eleição da Convenção de 1947 – na qual JNG foi eleito candidato presidencial do partido – e denunciava os métodos violentos do *Guión Rojo* e de seu líder.²⁹⁸

Para JNG, a “chuva putrefata” de injúrias e vilipêndios não o desviou do caminho escolhido que, segundo ele, era a defesa dos interesses do povo paraguaio e da democracia. Acusado por Cardozo de ter fracassado, JNG defendia-se argumentando que, apesar dos obstáculos de percurso, tinha a íntima satisfação de ter sido o responsável por levar o Partido Colorado ao poder – fato considerado um grande triunfo.²⁹⁹

JNG se atribuía o planejamento da transição da ditadura de Higinio Morínigo (1940-1948) para um governo colorado, primeiro integrando seu gabinete e depois como presidente. Mas, a Guerra Civil de 1947 teria colocado em xeque este minucioso planejamento natalicista. Porém, foi o prelúdio da vertiginosa ascensão de JNG à presidência.

Por esta razão, ele dedicou um capítulo para demonstrar a ação dos *guiones rojos* em “defesa da pátria”. Assim, descreve detalhadamente a ação efetiva de Víctor Morínigo para derrotar os insurgentes e a cumplicidade de Federico Chaves – na época, ministro de Higinio Morínigo – com os rebeldes liberais e comunistas. Para JNG, “durante este grande drama, lutamos decididamente contra os comunistas e seus companheiros de estrada. Afrontamos simultaneamente a agressão externa e a traição interior”.³⁰⁰

Uma estratégia de JNG para confrontar as críticas de seus detratores foi por meio da reprodução de “alguns” dos juízos favoráveis feitos por intelectuais e jornais do resto do continente. Com a mesma certeza de que “tantas impugnações falsas não tiveram ressonância na alma do campesinato colorado”, JNG trazia as apreciações da “inteligência americana” para que os paraguaios as conhecessem, impedidos até então pela censura dos “traidores”.³⁰¹

²⁹⁸ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, Cap. IX e XII.

²⁹⁹ Idem, Cap. IV.

³⁰⁰ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, p.80. A redação do livro segue quase textualmente uma carta enviada por Vitor Morínigo, com o expresso objetivo de relatar os acontecimentos de janeiro de 1947. Em fevereiro de 1962, Morínigo respondia a JNG que atenderia seu pedido de relatar o acontecido naquele 13/01/1947. A descrição dos fatos, segundo Víctor Morínigo, só aconteceu um ano mais tarde, em abril de 1963. A carta datilografada, de sete folhas, escrita em papel da empresa marítima que levava Morínigo da Europa até a América do Sul, após renunciar à embaixada de Roma, contém anotações manuscritas de JNG nas margens, o que delata as pequenas intromissões deste para aproveitar o texto como um dos capítulos de suas memórias. No relato, Morínigo tenta dar uma nota engraçada, ao contar como neutralizou um dos adversários – justamente Guillermo Enciso Velloso que, na década de 1930, tinha assumido a direção da revista *Guaranía* quando da expulsão de JNG e de Víctor Morínigo – que foi até sua casa para saber o que estava acontecendo, através da “dopagem etílica”, ou seja, ministrando-lhe cachaça. Ver: Cartas de VM a JNG de 04/02/1962; 12/04/1963 e 13/04/1963. In: ANA. Natalicio Gonzalez Collection, MSE 192v2_2.

³⁰¹ GONZÁLEZ, Natalicio. **Vida y pasión...**, Cap. XIII.

Para que o povo “que me colocou à sua cabeça veja que seu escolhido foi digno dele”, JNG dava a conhecer os escritos dos brasileiros Gilberto Freire e Pedro Calmón; do hispanista norte-americano Waldo Frank; do colombiano Germán Arciniegas; dos argentinos Scalabrini Ortiz e Gabriel del Mazo; do boliviano Carlos Montenegro; do peruano Luis Alberto Sánchez; do venezuelano Jesús Antonio Cova; do chileno Hugo Goldsack; dos mexicanos José Vasconcelos e Enrique Lumen; e claro, de seu mestre, o paraguaio Juan O’Leary.

Completava a lista com reproduções de artigos publicados nos jornais *El Tiempo*, de Bogotá; *La Prensa* e *La Nación* de Buenos Aires; *Marcha*, de Montevideo; *La Hora* de Santiago de Chile; *Últimas Noticias*, de Caracas; *Novedades* e *El Universal*, do México; *Última Hora*, de La Paz; e *El Comercio*, de Lima. Todas estas publicações explicariam o “drama do Paraguai e o drama da democracia americana” após a saída de JNG do governo do Paraguai.

Com grande orgulho, JNG citava os parágrafos que elaboravam um perfil de sua esposa, destacada como doutora em filosofia, especialista em línguas indígenas e em grego antigo, conhecedora da literatura latino-americana, estudiosa, inteligente, simples, cativante. Era a figura feminina que completava o intelectual e o político. Quase concluindo sua autobiografia, JNG a resgatava para completar seu relato sobre si, que não era senão o relato sobre o povo paraguaio, o grande herói da história nacional. Esta não estaria completa se não se falasse do papel inquestionável da mulher paraguaia na construção da figura heroica do povo. Lydia resumia, em sua pessoa, a figura simbólica da mulher paraguaia: forte, culta, heroica.

O último capítulo, intitulado “A nova ideologia”, é uma tentativa de propor novas ideias para o Partido Colorado e para o país. Morando no México, perto dos Estados Unidos, JNG surgia um tanto deslumbrado pelos avanços econômicos e tecnológicos do norte; e aderiu completamente ao desafio de preservar o continente do avanço do comunismo.

JNG passou a defender novas ideias relacionadas à modernização do país através da incorporação de novas formas de energia, melhoria dos sistemas de transportes e da agricultura no Paraguai; a partir desse objetivo, propunha a criação de universidades e indústrias. Uma das ideias resultava interessante, porque colocava em relevo a qualidade mediterrânea do Paraguai. Ela teria sido iniciada pelo argentino Gabriel del Mazo e

completada por Víctor Morinigo.³⁰² JNG a apresentava em duas partes: por um lado, propunha a “americanização” da bacia amazônica – após a construção de canais que comunicassem os grandes rios da América do Sul – e, pelo outro, a “soberania hemisférica” dos mares.

A aplicação destas novas ideias beneficiaria não só o Paraguai, mas o continente todo. O processo devia ser liderado pelo Paraguai, porque era o único país que não tinha sofrido a influência de forças externas e que conservara sua estrutura indígena, portanto, tinha os elementos espirituais para conduzir o processo da unidade continental. A proposta encaixava-se, perfeitamente, na política norte-americana de segurança hemisférica no contexto da Guerra Fria.

³⁰² O assunto foi longamente desenvolvido por Víctor Morínigo, através de artigos jornalísticos e projetos técnicos de canais que comunicassem os grandes rios da América do Sul. Esta documentação encontra-se dispersa no arquivo de JNG, consultado aqui como: ANA. Natalicio Gonzalez Collection. MSE 192 (5 vol.).

CAPÍTULO 3

O IDEÓLOGO E O ERUDITO

As representações de JNG, a partir de textos biográficos e autobiográficos, contribuíram para construir imagens positivas e negativas sobre o personagem. No entanto, a leitura das memórias de intelectuais contemporâneos e dos comentários de críticos literários e historiadores fornece informações que contribuem para esclarecer aspectos importantes relacionados às suas ideias e atuações.

Em 1943, num momento em que Getúlio Vargas perdoou a dívida do Paraguai com o Brasil, adquirida durante a Guerra da Tríplice Aliança e ainda pendente, um jornal carioca entrevistou JNG com o objetivo de esclarecer aspectos relacionados a esse assunto. O jornalista brasileiro apresentou “Natalício González” como “historiador” e “voz autorizada das letras hispano-guaraníticas”.³⁰³ Uma década mais tarde, o escritor paraguaio Osvaldo Chaves comentava com Germán Arciniegas que JNG era considerado “o propagandista mais influente das ideias totalitaristas no Paraguai”.³⁰⁴

Estas duas imagens, positiva e negativa, ou seja, a de “erudito cultuado” e a de “ideólogo maldito” persistiram nas representações do personagem ao longo dos anos. Cabe identificar alguns elementos que contribuíram para a construção dessas imagens, desde as primeiras intervenções públicas de JNG. A partir dessas imagens, cabe analisar as interpretações historiográficas sobre o autor.

Os historiadores de ofício dedicaram pouca atenção à atuação de JNG na vida pública nacional ou no exterior. Excetuando seus seguidores – alguns deles, historiadores como Washington Ashwell – poucos são os pesquisadores que se detiveram na análise desse personagem importante e polêmico. A explicação para esse desinteresse pode ser atribuída ao fato de que, na primeira metade do século XX, a instabilidade política retardou a formação de pesquisadores dedicados à pesquisa, não só na área de história, mas em geral. E, na segunda metade do século XX, a longa ditadura *stronista* dificultou ainda mais a produção de pesquisas historiográficas, sobretudo as que se referiam à história recente.

³⁰³ ORICO, Osvaldo. *Os povos valentes, dignos e leais terminam sempre sendo amigos*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 30/05/1943. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 12/09/2014.

³⁰⁴ Ver: *Carta de Osvaldo Chaves a Germán Arciniegas*. Nova York, 24/06/1952. Disponível em: <http://www.porta guarani.com/382_osvaldo_chaves/20342_carta_a_german_arciniegas_sobre_la_teor%C3%ADa_y_la_practica_del_totalitarismo_por_osvaldo_chaves.html>. Acesso em 16/09/2014.

Mesmo a partir da queda de Alfredo Stroessner, em 1989, o estudo do período anterior ao *stronismo* não ocorreu.

Não por acaso, na historiografia paraguaia predominam as pesquisas sobre história colonial e sobre temas do século XIX (período dos governos de Francia e de Solano López).³⁰⁵ Só nas últimas duas décadas começaram a ser realizados trabalhos acadêmicos sobre história política nacional do século XX.

Uma das primeiras instituições de pesquisa em História, o Instituto Paraguai de Pesquisas Históricas foi criado em 1937 e, em 1966, adotou o nome de Academia Paraguai de História. Entre seus primeiros integrantes, destacaram-se intelectuais formados na Universidade Nacional de Assunção (UNA) e pesquisadores que não tinham formação acadêmica, mas eram de “reconhecido saber”, como foi o caso de JNG.

A UNA foi criada em 1889, a partir de três faculdades, entre elas, a de Direito e Ciências Sociais; nelas se formaram muitos dos intelectuais que se dedicaram à escrita da história na virada do século XIX para o XX e durante a primeira metade do século XX. Muitos anos depois, em 1948, foi criada a Faculdade de Filosofia na qual se inseria o curso de História.³⁰⁶ Efraím Cardozo, formado em Direito, lecionou nesse curso como professor de História do Paraguai, a partir de 1954.³⁰⁷ Contemporâneo e adversário político de JNG, foi um dos poucos historiadores que escreveu sobre sua trajetória política.

³⁰⁵ Aqui não foi feita uma análise dos artigos publicados no Anuário da Academia Paraguai de História, mas o predomínio da história colonial – com particular ênfase na cultura guarani – e do período independente anterior à Guerra da Tríplice Aliança é notório. Muito provavelmente, a escolha temporal seguiu os lineamentos dados por Juan O’Leary, de resgatar nesses períodos os elementos identitários da nação paraguaia.

³⁰⁶ Das três faculdades criadas em 1889, só a de Direito funcionou com normalidade. Medicina foi aberta, mas sofreu várias interrupções por diversas razões, embora a falta de recursos fosse decisiva. Já o curso de Matemáticas não passou do papel. Daí a exclusividade da Faculdade de Direito na formação dos intelectuais paraguaios. Ver: *Cronología de la UNA*. In: **Breve Reseña Histórica**. Disponível em: <http://www.una.py/images/stories/Universidad/Rese%C3%B1aHistorica/CRONOLOGIA_UNA_03.06.2014.pdf>. Acesso em 11/04/2016.

MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Reseña Histórica de la Educación Universitaria en el Paraguay*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, Vol. XLVIII, Assunção, 2008.

PRIETO YEGROS, Margarita. *El Profesor Doctor Mariano Morínigo y el Cincuentenario de la Facultad de Filosofía (UNA)*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, Vol. XLIX, Assunção, 2009.

³⁰⁷ PEÑA VILLAMIL, M. *Aniversario de la Academia Paraguaya de la Historia*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, Vol. XXXVII, Assunção, 1997, p.16. Efraím Cardozo era filho de um dos fundadores da Academia, Ramón Cardozo.

JNG como ideólogo autoritário e fascista

Efraím Cardozo também era nativo de Villarrica, onde fez seus primeiros estudos. Completou-os no Colégio Nacional de Assunção e se formou como advogado na UNA. Filiado ao Partido Liberal, exerceu várias funções de governo durante a década de 1930, mas também teve que partir para o exílio em vários momentos, principalmente na década de 1940, durante as presidências de Higinio Morínigo e dos colorados JNG e Federico Chaves, e só pode voltar para o Paraguai após a queda Chaves, em 1954.

Autor de diversos textos de história, como os clássicos *Breve Historia del Paraguay* e *Historia Cultural del Paraguay*, também foi professor da Universidade Católica de Assunção (UCA), fundada em 1960.³⁰⁸ Na primeira obra, publicada em 1965, o autor fez uma rápida recapitulação da história do país até o fim da era liberal, em 1936.³⁰⁹ O texto foi escrito durante a ditadura de Strossner, ou seja, quando o revisionismo histórico já se tornara uma versão hegemônica da história paraguaia. Divergia dessa versão em alguns aspectos, sobretudo ao relativizar a heroicização das figuras de José Gaspar Rodríguez de Francia e de Francisco Solano López, destacando as práticas autoritárias desses governantes.

Na obra, que apresenta um relato cronológico da história paraguaia, a questão limítrofe com a Bolívia, na região do Chaco, adquire certo destaque. O interesse de Cardozo era mostrar as diferenças entre os diversos grupos políticos do país e especialmente daqueles que, segundo os representantes do poder, exacerbavam os ânimos da população, dificultando as negociações entre o Presidente liberal José Patricio Guggiari (1928-1932) e os representantes diplomáticos da Bolívia. O momento de maior tensão ocorreu quando foi reprimida a manifestação de estudantes, que terminou na morte de várias pessoas, no dia 23/10/1931, poucos meses antes do início da guerra.

Em 1956, Cardozo tinha escrito um livro para apresentar e analisar os fatos daquele trágico outubro de 1931. O livro de quase 400 páginas dedica um capítulo à influência e à responsabilidade de JNG naqueles acontecimentos.³¹⁰

³⁰⁸ Ver: IRALA BURGOS, J. *Prólogo*. In: CARDOZO, Efraím. **Apuntes de Historia Cultural del Paraguay**. Assunção: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 1998, 6ª. ed. VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. *Prólogo*. In: CARDOZO, Efraím. **Breve Historia del Paraguay**. Assunção: El Lector, 1994, 2ª. ed. Entre as muitas publicações sobre história paraguaia de Cardozo, cabe salientar *El Paraguay Independiente* (1949), *El Paraguay Colonial* (1955), *Historiografía Paraguaya* (1959), *Historia Cultural del Paraguay* (1964) e *Breve Historia del Paraguay* (1965).

³⁰⁹ CARDOZO, Efraím. **Breve Historia del Paraguay**. Buenos Aires: Eudeba, 1965.

³¹⁰ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre**. Una página de historia contemporánea del Paraguay. Asunción: Guayra, 1956. O capítulo referido é intitulado “O Partido Colorado e Natalicio González”.

Na introdução, o autor esclarece que, à época, ele era secretário da presidência, mas que o texto, longe de ser um livro de memórias, era o resultado de uma pesquisa documental apoiada, basicamente, em dois tipos de fontes: os inquéritos policiais e os depoimentos daqueles que participaram no impeachment instaurado contra o presidente Guggiari, do qual foi absolvido.

Além de um balanço elogioso da era liberal iniciada em 1904, e muito especialmente do governo de Guggiari, Cardozo historiza a participação dos colorados na vida política nas primeiras décadas do século XX como oposição. O autor procura salientar que os governos liberais respeitaram rigorosamente a liberdade de imprensa e, de modo algum, os colorados foram perseguidos dos pontos de vista econômico e político.

Segundo Cardozo, o Partido Colorado era um partido tradicional do Paraguai, fiel à Constituição de 1870, que, além de democrata e liberal, era imune às ideologias de Moscou e de Roma; porém, tinha sofrido várias divisões.³¹¹ O autor afirma que, no final da década de 1920, o Partido Colorado se encontrava em decadência e um grupo de intelectuais colorados se organizou em torno do Clube Republicano para salvar o partido. A figura proeminente deste grupo era JNG.³¹²

Em 11/03/1926, JNG pronunciou um discurso anunciando os novos rumos ideológicos do partido. Segundo Cardozo, JNG se manifestou contra o uso da força, confiante nos comícios para alcançar o poder. O autor não deixava de reconhecer a qualidade de intelectual de JNG, mas sem deixar de ser irônico ao afirmar que era o único que conseguia viver da escrita, uma escrita propagandística de governos autoritários.³¹³

Quando em 1927 foi promulgada a nova lei eleitoral, o Partido Colorado suspendeu sua política abstencionista. Segundo Cardozo, o modo de participação dos colorados no governo nacional provocou a divisão entre os intransigentes, que aprovavam participar no jogo eleitoral ocupando somente cadeiras no parlamento, e os chamados “*infiltristas*” – liderados por JNG –, que propunham uma “*infiltração*” na administração pública, ocupando a maior quantidade de cargos possíveis – na administração, embaixadas, etc. –, além dos mandatos parlamentares.³¹⁴

Ao assumir a direção do jornal *La Unión*, na avaliação de Cardozo, JNG mantinha sua posição contrária ao uso da violência e confiava no crescimento da ANR. Mas, para

³¹¹ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.81.

³¹² CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.86-87.

³¹³ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.89.

³¹⁴ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.92.

1931, “mudou subitamente de opinião e o apologista do regime liberal se converteu em seu maior detrator e inimigo”.³¹⁵

O autor atribui a mudança de opinião ao impacto da “artilharia pesada dos totalitarismos europeus contra os Estados liberais”.³¹⁶ Para ele, a influência do fascismo em JNG era visível na revista *Guaranía*, no livro *El Paraguay Eterno* e no *Nuevo Ideario* do Partido Colorado, aprovado pelo diretório em 26/03/1934.

Um antiliberalismo de tintas reacionárias teria aflorado na obra de JNG, menos por influência de Mussolini e mais pela leitura de escritores como Maurice Barrés, Charles Maurras e León Daudet, autores considerados precursores das ideias nazifascistas. Esteticamente, Maurras inspirava um JNG que não era um bom orador, no entendimento de Cardozo, mas, em compensação:

Estava dotado de una de las plumas mejor talladas del periodismo paraguayo, y fácil le fue seguir las huellas de su admirado guía Maurras. [...] No razonaba sino dogmatizaba. Nunca aportaba pruebas ni análisis. [...] Natalicio González se entregó a la tarea de demolición del régimen liberal. Y al igual que Maurras también creó, como complemento para sua acción periodística, una fuerza de choque. Calcado de su modelo, los “camelots” de la “Action Francaise”, surgió la “Acción Colorada” Pero a diferencia de la flor de lis azul, el flamante cuerpo adoptó como insignia un guión rojo. ¡El Guión Rojo acababa de nacer!³¹⁷

O autor considerava que JNG era suficientemente inteligente para não reproduzir textualmente o pensamento de Maurras e, portanto, o adaptou à realidade paraguaia para evitar que parecesse uma cópia grosseira.

Em 1931, a propaganda contra o governo de Guggiari foi exercida a partir dos jornais *La Unión* – sob a direção de JNG – e *La Nación* – órgão da Liga Nacional Independente (LNI). Diante da falta de apoio popular, segundo Cardozo, ambas as forças buscaram apoio nos estudantes secundaristas e universitários.

Ao contrário do que afirmam os biógrafos, que JNG teria abandonado o Parlamento porque sua “presença já não era útil”, Cardozo informa que, nas eleições de 08/03/1931, ele não conseguiu se reeleger como deputado, motivo pelo que se tornara mais radical em suas posições e começara a apoiar atos de violência.³¹⁸ Segundo o autor:

³¹⁵ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.101.

³¹⁶ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.103.

³¹⁷ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.106.

³¹⁸ PRIETO YEGROS, Leandro. **Natalicio y el Guión Rojo**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 1997, p.28. Segundo Arce Farina, JNG renunciou a seu mandato de deputado por considerar “estéreis suas intenções de contribuir a uma mudança”. In: ARCE FARINA, José. **J. Natalicio González**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011, p.76.

Desalojado del Parlamento y de la prensa por acción de sus propios correligionários, desahuciado em la Dirección del Partido y convencido de la inutilidad de sus esfuerzos de lograr por las vías democráticas la satisfacción de sus objetivos, Natalicio González optó por las tácticas totalitarias de su íntima preferencia. Dio vida a la ‘Acción Colorada’... con estilo y modos de los ‘fascios’ italianos... Un guión rojo en las solapas fue la señal individualizadora del flamante Klux Klux Klan colorado.³¹⁹

O episódio que contribuiu para que JNG e a LNI pudessem acionar alguns grupos contra o governo liberal foi o recrudescimento do conflito com a Bolívia. Uma sucessão de pequenos confrontos entre as forças dos dois países foi motivo de inúmeras críticas e teria permitido captar o apoio dos estudantes e de setores dissidentes do exército.³²⁰

Na leitura de Cardozo, a manifestação estudantil estava prevista para o dia 22/10/1931. Porém, os dirigentes estudantis perderam a direção da manifestação, ocupada pelas lideranças da LNI e dos colorados *infiltristas*.³²¹ Segundo o autor, no dia seguinte, “agentes externos” – entre eles, JNG – entraram nas instituições educativas e conseguiram que os alunos abandonassem as salas de aula em direção ao Palácio de Governo. Ao chegarem nos jardins do palácio presidencial, um dos manifestantes teria feito os primeiros disparos e o governo teria reagido abrindo fogo com uma metralhadora.³²² Cardozo justifica a reação do governo e deposita a responsabilidade nos manifestantes da LNI e dos colorados *infiltristas* que, após cooptarem os estudantes, teriam dado o caráter violento à manifestação. O saldo trágico teria sido de nove mortos e trinta feridos.³²³

Na análise de Cardoso, a confusão e o estupor causados pelo resultado da manifestação teriam facilitado que JNG se apoderasse do controle no Partido Colorado.³²⁴ Porém, a população não teria dado seu apoio aos “sediciosos” e as lideranças do movimento, como JNG, partiram para o exílio.

Essa versão sobre o JNG violento e fascista foi reproduzida por três críticos literários: Osvaldo Chaves, Guido Rodríguez Alcalá e Rubén Bareiro Saguier. O primeiro

³¹⁹ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.206.

³²⁰ Sobre os confrontos na fronteira com a Bolívia, antes da Guerra do Chaco, ver: MENDOZA, Hugo. **La Guerra del Chaco (1932-1935)**. Assunção: ABC Color/El Lector, 2013, p.21-22.

³²¹ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.231-250.

³²² Cardozo faz um detalhado relato sobre a sucessão dos fatos com base no inquérito policial. Alguns relatórios correspondem a policiais infiltrados anonimamente entre os manifestantes e que revelaram a presença de um manifestante desconhecido, sem vínculos partidários, detido e condenado mais tarde por ser identificado como o autor dos primeiros disparos que teriam dado origem ao enfrentamento armado. O sujeito era César Berni Sarubbi, de 30 anos, sem profissão e desempregado. Ver: CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.250-376.

³²³ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.311-313. Não há consenso entre os historiadores sobre o número total de mortos e feridos.

³²⁴ CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre...**, p.351-352.

resumiu suas observações sobre JNG na carta direcionada a Arciniegas, em 1952, a propósito da publicação do livro deste, *Entre el miedo y la libertad*, no qual dedicava um capítulo ao Paraguai. Chaves considerava JNG, além de propagandista das ideias totalitárias, um tirano efêmero.³²⁵

Segundo este autor, o modelo de Estado autóctone proposto por JNG no ensaio *El Paraguay Eterno* seguia o de Estado corporativo de Mussolini, cuja doutrina fora apresentada na revista *Guarania*, “tão admirável por outros motivos”. Osvaldo Chaves denunciava o autoritarismo de JNG, tanto na teoria quanto na prática: por um lado, lhe atribuía uma influência direta no decreto no. 152, de 1936.³²⁶ Pelo outro, o acusava de ser o líder de “uma organização de tipo terrorista”, *Guión Rojo*, dentro do Partido Colorado. Para o autor, JNG era “o homem mais odiado no Paraguai”.³²⁷

O outro crítico, Guido Rodríguez Alcalá, pertence a uma família vinculada ao mundo das letras. Formado como advogado na UNA, estudou literatura no exterior, doutorando-se nos EUA. Segundo Mar Langa Pizarro, no final da década de 1970, Rodríguez Alcalá foi transformando seu amor pela literatura numa arma política, expressando uma tensão constante entre a crítica e o interesse pela política nacional.³²⁸

Em 1981, regressou ao Paraguai onde, ao trabalhar como jornalista, publicou vários artigos contra o autoritarismo e a ditadura. Em 1982, obteve outra bolsa para estudar na Alemanha. Novamente de regresso e com a debilitação do *stronismo*, Rodríguez Alcalá pôde publicar suas primeiras novelas históricas, nas quais criticava o autoritarismo, por meio da desmitificação da história revisionista.³²⁹ Em 1987, publicou *Ideología Autoritaria*, livro no qual faz um percurso pela história do Paraguai para analisar a

³²⁵ Ver: *Carta de Osvaldo Chaves a Germán...*

³²⁶ No capítulo 2, falamos sobre o decreto nº152/1936, baixado pelo governo *febrerista* e que identificava o Estado com a “revolução” em marcha naquele momento. Ver: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la guerra**. Assunção: Occidente, 2011 (Vol. IX da Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011), p.21. O decreto é reproduzido em: ARCE FARINA, José Gabriel. **La Revolución de 1936**. Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, T.13. Assunção: ABC/El Lector, 2013, p.63-65.

³²⁷ As diferenças entre JNG e Osvaldo Chaves não eram só ideológicas. Ambos pertenciam ao Partido Colorado, mas a linhas internas confrontadas. A dois meses de assumir a presidência, JNG sofreu a primeira tentativa de golpe, na qual Osvaldo Chaves participou. Após a derrota da insurreição, este foi expulso do Partido Colorado. GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La Hegemonía Colorada (1947-1954)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011, p.114.

³²⁸ LANGA PIZARRO, Mar. **Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Alicante, Alicante, 2001, p.213-214.

³²⁹ LANGA PIZARRO, Mar. **Guido...**, p.215. As novelas referidas são *Caballero* (1986) e *Caballero Rey* (1987). Rodríguez Alcalá continua publicando novelas e contos históricos, seguindo esse eixo de desmitificação do revisionismo histórico. Langa Pizarro descreve a vasta produção deste escritor que também continua no jornalismo.

“tradição autoritária”, desde a independência até a ditadura de Higinio Morínigo. Um dos capítulos é dedicado ao nacionalismo de O’Leary e de JNG.³³⁰

Segundo o crítico, as obras dos dois nacionalistas colorados eram influenciadas pelo pensamento da direita francesa – em particular, Maurras – por “seu peculiar culto irracional das grandes figuras do passado militar”, consagrado em uma “mitologia de nulo valor histórico, mas de grande operabilidade política”.³³¹

A diferença entre O’Leary e JNG é que o primeiro divulgava esses ideais, mas não assumia uma posição a favor do fascismo. No entanto, JNG, em *El Paraguay Eterno*, “arremeteu diretamente contra o liberalismo, valendo-se da distinção de Maurras entre *país real* e *país legal*” para questionar as ideias liberais consideradas exóticas e, portanto, inadequadas à tradição “autóctone”. Rodríguez Alcalá, à semelhança de Cardozo, reforçou a imagem de JNG como ideólogo fascista, de modo mais enfático, com o intuito de desprestigiá-lo como intelectual. Neste sentido afirmou:

Intelectualmente mediocre como O’Leary – González se destacó como agente propagandista de Juan Vicente Gómez y director de la revista *Guaranía*, que difundió ideas fascistas. Em 1948 llegó a la presidencia del Paraguay con el lema: *A tiros y a sablazos, Natalicio al palacio*. Sin embargo, no pudo cumplir su promesa de que *dentro de un año no habrá ni un solo colorado pobre* porque duró seis meses en el poder.³³²

Neste trecho, é possível constatar, não apenas a desqualificação de JNG como intelectual, mas também como político. Rodríguez Alcalá foi uma das poucas vozes que ousou desqualificar abertamente a produção intelectual de JNG como medíocre. Ao analisar trechos do livro *El Paraguay Eterno*, concluiu que ele teria se valido, também, dos conceitos de Renan, Taine e Barrés para explicar os fenômenos culturais com base em três fatores – terra, raça e história. Além de se referir à falta de originalidade de JNG, o definiu como racista e antissemita como Maurras.³³³

A desqualificação de JNG alcançou maior virulência quando o crítico afirmou que seus textos eram extremamente contraditórios e imprecisos, além de serem uma cópia ruim de autores franceses. Ironicamente, complementou que, enquanto JNG ainda era valorizado no Paraguai, as ideias de Maurras tinham se tornado um fóssil na França.³³⁴

³³⁰ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología Autoritaria**. Assunção: RP Ediciones, 1987. O texto foi reeditado (parcialmente ou completo) em várias oportunidades, dentro e fora do Paraguai.

³³¹ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología...**, p.92.

³³² RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología...**, p.98.

³³³ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología...**, p.99.

³³⁴ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología...**, p.104-105.

Cardozo, Rodríguez Alcalá e Osvaldo Chaves concordam que a revista *Guaranía*, o livro *El Paraguay Eterno* e o *Ideário* do Partido Colorado são as três fontes nas quais é possível identificar, com mais clareza, a proposta de JNG de um Estado autoritário.

Em 1990, Bareiro Saguier e Christiane Tarroux-Follin publicaram um artigo sobre a revista *Guaranía* em sua segunda etapa (1933-1936), quando foi identificada como um veículo de divulgação dos ideais fascistas, principalmente a partir do número 26, dedicado à “Nova Itália”, no qual foi publicado “O Fascismo”, de Benito Mussolini.³³⁵

O escritor paraguaio Bareiro Saguier, formado em direito e em letras pela UNA, obteve seu doutorado em letras na França, onde viveu exilado a maior parte de sua vida. Após a queda de Stroessner, continuou naquele país e chegou a ser embaixador. Só no final de sua vida, voltou para o Paraguai, continuando com sua vasta produção, na qual aborda o tema do exílio e do autoritarismo.³³⁶

No artigo sobre a *Guaranía*, o escritor paraguaio e a pesquisadora francesa analisaram a revista em sua segunda fase de publicação, concentrando-se no número dedicado ao fascismo, chegando à conclusão de que JNG teve um papel essencial na introdução e na divulgação das ideias fascistas no Paraguai.

JNG como sociólogo, historiador, geógrafo...

A desqualificação do personagem do ponto de vista intelectual e político contrasta com as opiniões de autores latino-americanos. Fora do país, a imagem de autoritário e fascista desaparece diante da hegemônica referência a JNG como sociólogo, historiador, geógrafo, linguista, etnógrafo, estadista, entre outros títulos atribuídos.

A nota publicada no jornal brasileiro *A Manhã*, citada no início deste capítulo, projetava a imagem de JNG como erudito, longamente elaborada pelo próprio JNG, a partir de seus vínculos com diferentes grupos de intelectuais latino-americanos. O jornal escolheu JNG para uma entrevista sobre um assunto vinculado à história do Paraguai e do Brasil porque Gilberto Freyre, colaborador do periódico, o conhecia e foi o responsável pela sua apresentação ao público brasileiro.

³³⁵ Ver: Revista *Guaranía*, Ano III, n.26, Assunção, Dez.1935; TARROUX-FOLLIN, C. e BAREIRO SAGUIER, R. *Le discours idéologique de Guaranía, Paraguay (1933-1936)*. In: **Revista América: Le Discours Culturel dans les revues Latino-Américaines de l'entre deux-guerres, 1919-1939**. No. 4/5, 1990.

³³⁶ MÉNDEZ-FAITH, T. **Breve Diccionario de la Literatura Paraguaya**. Assunção: El Lector, 1998.

Segundo Pablo Rocca, na década de 1940, Freyre tinha como objetivo conhecer os países vizinhos do Rio da Prata: começou a viagem por Montevideu e continuou em Buenos Aires, onde conheceu JNG – que estava residindo na capital argentina.³³⁷ Em 1948, Freyre escreveu que, quando conheceu JNG, em 1940, apesar de ele estar no exílio, continuava sendo uma força política e moral no Paraguai; sua ausência era uma “poderosa e inevitável presença”.³³⁸

Os contatos entre intelectuais brasileiros e hispano-americanos contribuíram, significativamente, para a integração dos mundos culturais de falas portuguesa e espanhola da América na primeira metade do século XX.³³⁹ A experiência de viagem de Freyre se refletiu nas notas jornalísticas, que iam da “crônica de costumes à impressão subjetiva, o ensaio sociopolítico e a agradável observação científico-cultural”, dando a conhecer o que estava acontecendo e quem eram as principais referências dos países vizinhos ao Brasil – como uma forma de traduzir o universo rio-platense para o público brasileiro.³⁴⁰

Gilberto Freyre apresentou o paraguaio aos brasileiros e o jornal *A Manhã* confirmou que seus leitores conheciam JNG graças aos artigos de Freyre. A nota definia JNG como o “historiador paraguaio”, um “historiador à maneira do nosso Capistrano, com a soma de erudição e o sentido de estilo”.³⁴¹ Talvez, esta imagem positiva de JNG, projetada por Freyre e pelo referido jornal tenha contribuído para informar, com certa parcialidade, que JNG tinha sido indicado “por unanimidade”, como candidato presidencial, em novembro de 1947, apoiado pelo Partido Colorado.³⁴²

³³⁷ ROCCA, Pablo. *Apuntes sobre las relaciones literarias entre el Brasil y el Río de la Plata. ¿Dos islas o un archipiélago?* In: Revista **Dossier**, 3 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistadossier.com.uy/acervo-cultural-y-patrimonial/apuntes-sobre-las-relaciones-literarias-entre-brasil-y-el-rio-de-la-plata-dos-islas-o-un-archipelago/>>. Acesso em 13/10/2014.

³³⁸ FREYRE, Gilberto. *A propósito de Natalicio González*. In: **A Manhã**. Suplemento Letras e Artes. Ano 3, No. 96. Rio de Janeiro, 22/08/1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 13/09/2014. O artigo foi reproduzido na revista *Guarania*, N.5, Assunção, julho de 1948.

³³⁹ SCHWARTZ, Jorge. *Abaixo Tordesilhas!* In: **Estudos Avançados**, v.7, n.17, São Paulo, Jan-Abr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000100008>. Acesso em 26/10/2014.

³⁴⁰ ROCCA, Pablo. *Apuntes...*

³⁴¹ ORICO, Osvaldo. *Os povos valentes, dignos e leais terminam sempre sendo amigos*. In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 30/05/1943. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 12/09/2014.

³⁴² Candidato à presidência do Paraguai. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 21/11/1947, p.9. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 20/04/2016. De fato, JNG foi eleito o candidato do Partido Colorado por “unanimidade”, mas logo após seus adversários se retirarem da convenção em protesto pelo confuso tumulto ocasionado pelo enfrentamento entre democratas e *guiones rojos*.

O sociólogo brasileiro foi um dos intelectuais latino-americanos convidados por JNG para assistir à cerimônia de posse do Presidente paraguaio.³⁴³ Embora Freyre não estivesse presente no dia da transmissão do cargo, o Brasil foi representado por Pedro Calmon que tinha “grande curiosidade por esse país que tanto pesou na história do Brasil”.³⁴⁴ Calmon aceitou o convite de bom grado porque tinha curiosidade de compreender *in situ* a veneração dos paraguaios a Solano López.³⁴⁵

Em 1938, Lídia Besouchet qualificou JNG como um vanguardista, pela sua capacidade de refletir sobre o processo cultural do povo paraguaio em *El Paraguay Eterno*.³⁴⁶ Em 1942, o marido de Lídia, Newton Freitas deu continuidade a esta interpretação em “Ensaio Americanos” e reconheceu JNG como historiador.³⁴⁷ A amizade do casal brasileiro com JNG, futuramente um férreo anticomunista, chama a atenção, dado o vínculo do primeiro com o Partido Comunista Brasileiro.³⁴⁸

“Folheando” o que restou do arquivo de JNG, hoje digitalizado, vários artigos de jornais brasileiros mencionavam JNG como “uma das figuras mais jovens e de mais relevo nas letras paraguayas (sic)” (*Correio da Manhã*, 1925); como “o mais jovem dos poetas paraguayos (sic)” (*Jornal do Brasil*, 1926) e o “jovem, mas afamado literato paraguayo (sic)” (*Fon-Fon*, 1936). JNG também era reverenciado como “vanguardista da nova geração paraguaia” (s/d, 1938) e como destacado “político e escritor” (*Jornal da Manhã*, 21/09/1938).³⁴⁹

³⁴³ Luis Alberto Sánchez relata, em suas memórias, que JNG tinha enviado a todos seus amigos convites para assistirem à sua “exaltação”, assim como o fizera Rómulo Gallegos, quando assumiu a presidência na Venezuela, que pagou as passagens e a estadia de seus convidados. Mas, JNG simplificou, enviando mil dólares a cada um. Como Sánchez não pôde viajar na data da cerimônia, pretendia devolver o dinheiro, ao qual JNG teria respondido que o reservasse para viajar mais tarde, recomendando-lhe não deixar de conhecer o Paraguai. In: SÁNCHEZ, L. A. **Testimonio Personal**. Memorias de un peruano del Siglo XX (1ª ed.:1969). T.II: La Caldera del Diablo (1945-1956). Lima: Mosca Azul, 1987, p.103.

³⁴⁴ CALMON, Pedro. **Memórias...**, p.345.

³⁴⁵ CALMON, Pedro. **Memórias...**, p.346.

³⁴⁶ BESOUCHET, Lídia. *El Paraguay...*

³⁴⁷ FREITAS, Newton. **Ensaio Americanos**. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945, p.161. A primeira edição, em espanhol, foi feita em Buenos Aires, pela Editora Schapiro, em 1942.

³⁴⁸ RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. *Intelectuais Brasileiros no exílio platino: caso de Lídia Besouchet e Newton Freitas (1938-1948)*. In: RANGEL, M.; PEREIRA, M. H. e ARAUJO, V. L. (Orgs.). **Caderno de Resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia** – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas. Ouro Preto: EJUFOP, 2012. Muito provavelmente, o casal e JNG se conheceram na capital argentina, onde estabeleceram vários projetos intelectuais conjuntos.

³⁴⁹ Os artigos em que JNG foi mencionado encontram-se como recortes no arquivo pessoal digitalizado pelo Arquivo Nacional de Assunção. Eles são: Passou pelo Rio um intelectual paraguayo (em manuscrito: Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 18/11/1925); Registro Literário, *Jornal do Brasil*, 28/07/1926 (em manuscrito: Osorio Duque-Estrada); JULIO, Sylvio. Natalicio González. *Fon-Fon*, 16/01/1936; BESOUCHET, Lidia. *El Paraguay Eterno*, Para os “D.A.” (em manuscrito, 1938); LESSA, Origenes. Ainda J. Natalicio González, *Jornal da Manhã*, 21/09/1938. IN: Arquivo Nacional de Assunção (ANA.) Natalicio Gonzalez Collection MSE223_1, p.31; 42; 46 e MSE223_2, p.25; 26.

Como se pode notar, a figura de JNG apresentada no Brasil contrastava com a que estava sendo construída no Paraguai. Mas, não só intelectuais brasileiros contribuíram para a construção da imagem positiva de JNG.

Assim como JNG conheceu vários intelectuais brasileiros enquanto vivia em Buenos Aires, também entrou em contato com escritores de outros países. Metaforicamente, Arciniegas o chamou de “Descobridor do Paraguai” por considerar que, a partir de seu trabalho intelectual, JNG tinha contribuído para “descobrir” o Paraguai do manto que cobria essa “terra escondida” para o resto da América Latina. Como “homem de estudo”, JNG apresentou o Paraguai ao resto do mundo.³⁵⁰

Arciniegas publicou este conceito de JNG no jornal *El Tiempo*, na seção denominada *Estampas del Paraguay*, na qual o escritor colombiano escreveu vários artigos para apresentar o Paraguai ao público colombiano, através da figura de JNG. Ao publicar *Entre el miedo y la libertad*, em 1952, Arciniegas dedicou um capítulo ao Paraguai, centrando sua análise na presidência do amigo JNG, causando enorme aborrecimento entre os adversários de JNG, como Osvaldo Chaves.³⁵¹

O reconhecimento de JNG como erudito, no México, foi surpreendente. Radicado nesse país, recebeu a conceituação de erudito devido às diversas publicações sobre a temática guarani. Tal reconhecimento se consagrou pela sua nomeação como vice-presidente do Conselho Consultivo do Instituto Indigenista Interamericano. Nessa sua posse, foi reverenciado como “distinguido estadista e sociólogo” e maior especialista em cultura guarani no México.³⁵²

O prestígio de JNG entre os arqueólogos e historiadores, não só mexicanos, também cresceu após ter se empenhado na reedição de algumas obras raras de cronistas e historiadores do período colonial espanhol.³⁵³

³⁵⁰ ARCINIEGAS, Germán. *Estampas del Paraguay*. Natalicio, el presidente. In: *El Tiempo*. Bogotá, set.1948. In: BNC, FGGA.

³⁵¹ ARCINIEGAS, Germán. **Entre el miedo y la libertad**. 6ª. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1956 (a primeira versão foi de 1952, em inglês).

³⁵² Editorial *Felicitación a Don Juan Natalicio González, nuevo Vice-presidente del Consejo Directivo del Instituto*. In: **Boletín do Instituto Indigenista Interamericano**, vol. XVI, n. 4, México, Dez.1956, p.298.

³⁵³ JNG criou uma coleção chamada Biblioteca de História e Arqueologia Americanas, publicada pela Editora Guaranía, que incluiu:

FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, M. **Colección de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar los Españoles** (Pról. de JNG). Guaranía: Buenos Aires, 1945. Martín Fernández de Navarrete (1765-1844) publicou esta obra de cinco tomos em 1825 e sua primeira reedição se realizou pela Editora Guaranía. Atualmente digitalizada, está disponível em: <<https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Navarrete%2C+Mart%C3%ADn+Fern%C3%A1n+de%2C+1765-1844.+cn%22>>. Acesso em: 23/01/2016.

É significativo que os biógrafos ou as pequenas resenhas biográficas sobre JNG sempre fizessem referência a sua “bem-sucedida” inserção entre os intelectuais latino-americanos. Todos coincidiram em mencionar os intelectuais assinalados aqui, exceto o casal Besouchet/Freitas, provavelmente para dar coerência ao relato biográfico e evitar a associação dos intelectuais comunistas com um JNG que se declarou anticomunista a partir de sua incorporação ao governo de Higinio Morínigo.

JNG na historiografia recente

Em 1967, o historiador argentino Tulio Halperín Donghi publicava sua *História da América Latina*, em italiano.³⁵⁴ Ao retratar o Paraguai durante o governo de Higinio Morínigo, o autor afirmava que as eleições, celebradas pouco antes de sua queda, levaram à presidência a:

Natalicio González, teórico político do Partido Colorado, que unia à admiração pelo passado militar e ditatorial do Paraguai da época de López uma devoção pelo exemplo do *aprismo* peruano. González tentou transformar o autoritarismo militar em ditadura do Partido Colorado e promoveu, com essa finalidade, organizações paramilitares, paralelas à polícia e ao exército.³⁵⁵

Mas, JNG não completou o meio ano de governo e o historiador não volta sobre a figura. Uma bibliografia mais recente, escrita por acadêmicos paraguaios, praticamente

FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDEZ, G. **Historia General y Natural de las Indias y Mar Oceano** (Pról. de JNG). Guaranía: Assunção, 1944. Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdéz (1478-1557) escreveu esta obra durante a primeira metade do século XVI. Ela foi publicada pela primeira vez em 1851 por José Amador de los Ríos e esta versão foi reeditada pela Guaranía um século mais tarde. In: KRAPOVICKAS, Antonio. *Las ilustraciones de la “Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Oceano” de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdéz*. In: **Bonplandia**, Corrientes, Vol. 19, n. 1, 2010, p.91-96. Disponível em:

<http://ibone.unne.edu.ar/objetos/uploads/documentos/bonplandia/public/19_1/91_96.pdf>. Acesso em 30/04/2016. Atualmente, a obra foi publicada pelas editoras Nabu Press (2015) e Reink Books (2016).

HERRERA, Antonio de. **Historia General de los Hechos de los Castellanos, en las Islas, y Tierra-Firme de el Mar Oceano** (Pról. de JNG). Guaranía: Assunção, 1944. Antonio de Herrera y Tordesillas (1549-1625) publicou os 10 tomos desta obra entre 1601 e 1615. A editora Guaranía publicou os dez tomos, “pela primeira vez na América”, com uma “reprodução fiel e cuidada da madrilena de 1726-1730”. In: GONZÁLEZ, J. N. *Prólogo*. In: HERRERA, A. de. **Historia...**, p.6. A edição de 1726-1730 encontra-se parcialmente disponível em:

<<https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Herrera+y+Tordesillas%2C+Antonio+de%2C+d.+1625%22>>. Acesso em: 23/01/2016. A coleção completa forma parte do acervo da biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SANTILLÁN, F. de B. V. e SANTA CRUZ PACHACUTI, Juan. **Tres Relaciones de Antigüedades Peruanas**. Guaranía: Assunção, 1950. O texto original foi publicado em 1879 e atualmente encontra-se disponível em: <<https://archive.org/details/tresrelacionesd00fomegoog>>. Acesso em 30/04/2016.

³⁵⁴ HALPERIN DONGUI, Tulio. **História da América Latina**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p.7.

³⁵⁵ HALPERIN DONGUI, Tulio. **História da...**, p.360.

manteve o marco temporal e o perfil de JNG assinalado por Halperin Donghi, sem se estender sobre outros períodos.

Aqui, foram selecionadas, como ponto de partida, três coleções de história paraguaia, publicadas entre 2011 e 2013, em comemoração ao Bicentenário da Independência.³⁵⁶ Cada coleção está integrada por vários volumes, escritos por diferentes autores e cuja formação acadêmica reflete que a escrita da história no Paraguai é um espaço compartilhado por historiadores, jornalistas, sociólogos, escritores e advogados. Daí que a análise documental e a apresentação de resultados são muito desiguais, segundo a origem acadêmica de cada autor. Foram incluídos outros textos nos quais se faz alguma referência à atuação de JNG na história do Paraguai.

Aqui foram considerados quatro momentos nos quais JNG atuou diretamente na vida política paraguaia. O primeiro corresponde ao período 1927-1931, quando foi eleito deputado nacional até sua participação na manifestação de 23/10/1931, que o levou ao exílio. No segundo, de 1932 a 1936, JNG voltou ao Paraguai, reabriu a revista *Guaranía* e redigiu o Novo Ideário do Partido Colorado até partir para um novo desterro. Entre 1945 e 1949, JNG foi designado, sucessivamente, embaixador em Montevidéu, ministro da Fazenda de Higinio Morínigo e presidente do país. Por último, de 1956 a 1965, corresponde ao período em que foi embaixador no México.

O deputado, o jornalista, o ativista (1927-1931)

Os autores que expõem os acontecimentos deste período colocam em relevo as obras dos governos liberais de Eligio Ayala (1924-1928) e José Patricio Guggiari (1928-1932), como os atritos fronteiriços que levaram à guerra com a Bolívia. As reclamações da oposição contra a política exterior desses governos permitem que alguns autores façam uma mínima caracterização das forças que a integravam. A manifestação do 23/10/1931, e seu trágico desenlace, é rapidamente exposta, mas com escassos detalhes.³⁵⁷

³⁵⁶ As coleções são: *Páginas de Nuestra Historia (1811-2011)*, publicada em 2011 pela editora Occidente; *La Gran Historia del Paraguay* (2011) e *Guerras y Violencia Política en el Paraguay* (2013), ambas publicadas pelas editoras El Lector e ABC Color.

³⁵⁷ Ver: GUANES DE LAÍNO, R. **El liberalismo y la inestabilidad política**. Assunção: Occidente, 2011. (Coleção Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, v.7), p.57; 65; PESOA, Manuel. **José P. Guggiari**. Defensor civil del Chaco. Assunção: Intercontinental, 2005, p.54-55.

Segundo o sociólogo José Carlos Rodríguez, eram tempos de “profunda mutação ideológica” dentro da ANR, que abandonou o liberalismo político para adotar o Novo Ideário Colorado, redigido por JNG e Bernardino Caballero sob o influxo do fascismo.³⁵⁸

O jornalista Luis Verón é um dos poucos autores em mencionar a participação de JNG na noite de 22 de outubro, junto a Anselmo Jover Peralta, incitando os manifestantes a marcharem e apedrejarem a casa do presidente Guggiari, exigindo sua renúncia. Ainda que o autor seja muito conciso, não deixa de dar certo peso à figura de JNG.³⁵⁹

O texto do advogado Scavone Yegros, que foge ao formato das coleções, foi incluído como capítulo de um livro sobre a história geral do Paraguai e cumpre muito bem com o objetivo de oferecer uma explicação relativamente breve sobre as mudanças operadas na vida política paraguaia entre 1920 e 1954.³⁶⁰ Porém, omite detalhes sobre os membros que compunham as diferentes linhas do Partido Colorado durante a década de 1930, pelo que JNG não aparece como sujeito histórico em seu texto.

Em contraste, o escritor Víctor Jacinto Flecha, que também empreendeu a difícil tarefa de escrever uma “Breve História do Paraguai”, o resgata como protagonista-chave da história paraguaia a partir da década de 1930.³⁶¹ Segundo o autor, a sociedade paraguaia inteira submergiu em um “magma nacionalista” e JNG, impactado pelos primeiros anos do fascismo na Itália, “criou um movimento de ultradireita com conteúdos fascistoides no tradicional Partido Colorado”.³⁶²

Entre os historiadores estrangeiros, há também o consenso de considerar os acontecimentos de 1931 como uma efervescência do nacionalismo, expressado das mais diferentes formas diante do aprofundamento do conflito fronteiriço, mas, igualmente, não há uma análise mais detalhada sobre os grupos que participaram neles.³⁶³

Pode se dizer que, apesar de certo protagonismo de JNG durante este período, a partir de seu papel como jornalista, deputado e “manifestante” do 23/10/1931, a história escrita não dedicou muitas páginas à sua atuação.

³⁵⁸ O autor escreveu um dos volumes da coleção “A Grande História do Paraguai” (2011). Ver: RODRÍGUEZ, José Carlos. **El Paraguay bajo el nacionalismo (1936-1947)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011, T.11, p.20.

³⁵⁹ VERÓN, Luis. **El 23 de Octubre de 1931**. Assunção: ABC Color/El Lector, 2013, p.38.

³⁶⁰ SCAVONE YEGROS, Ricardo. *Guerra Internacional y Confrontaciones Políticas (1920-1954)*. In: TELESKA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. Assunção: Taurus, 2010, p.225-264.

³⁶¹ FLECHA, Víctor Jacinto. **Texto y Contexto**. Breve Historia del Paraguay (1811-2011). Assunção: Servilibro, 2014.

³⁶² FLECHA, Víctor Jacinto. **Texto...**, p.194.

³⁶³ BREZZO, L. e FIGALLO, B. **La Argentina y el Paraguay, de la guerra a la integración**. Rosario: Instituto de Historia, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales del Rosario, Pontificia Universidad Católica Argentina, 1999, p.279-280.

O ideólogo colorado, o nacionalista, o fascista (1932-1936)

Assim como é escassamente ou indiretamente mencionada a atuação pública de JNG entre 1927 e 1931, nada é dito sobre seu exílio e regresso ao Paraguai em 1932. Em relação ao papel de JNG durante a guerra do Chaco e o fim da era liberal no Paraguai, que coincidiram com a segunda e mais longa etapa da revista *Guaranía*, vários autores mantiveram o critério de aludir a JNG tangencialmente.³⁶⁴ Outros destacam a influência ideológica de JNG sobre o governo de Franco.

Não há consenso entre os pesquisadores sobre a identidade do autor do polêmico decreto n.º 152, de 10/03/1936. Para Seiferheld, sua aprovação por todo o gabinete significou, para muitos, o triunfo do nazifascismo; mas as divergências sobre sua autoria persistem.³⁶⁵ O historiador chamou a atenção sobre a necessidade de uma análise mais aprofundada dos documentos. Ao comparar os textos de Efraím Cardozo e a documentação de JNG, Seiferheld concluiu que o primeiro omitiu e tergiversou informações sobre JNG.³⁶⁶

Como historiador, Seiferheld se debruça sobre a análise comparativa de documentos para demonstrar que, pelo menos até 1934, o pensamento de JNG estava, de fato, impregnado pela doutrina fascista. Em uma carta de JNG e Caballero, dirigida ao diretório do partido, segundo este autor, se verificam notáveis similitudes com os documentos produzidos por entidades nacional-socialistas, que circulavam no Paraguai. O autor conclui que, anos mais tarde, JNG abdicou das ideias compartilhadas com Caballero naquele documento, ao mesmo tempo em que negou enfaticamente sua vinculação com este e com o decreto n.º 152.³⁶⁷

Alguns autores resgatam a influência de JNG nos decretos que anulavam as disposições contrárias a Solano López e o consagravam como herói nacional.³⁶⁸ Já outros

³⁶⁴ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay después de la guerra**. Assunção: Occidente, 2011. (Coleção Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, 9), p.13. A autora utiliza a revista *Guaranía* como fonte, mas sem nenhuma análise sobre a atuação de JNG.

³⁶⁵ Ver: SEIFERHELD, Alfredo M. **Nazismo y Fascismo en el Paraguay**. Vísperas de la II Guerra Mundial (1936-1939). Assunção: Histórica, 1985, p.39-45.

³⁶⁶ Seiferheld salienta que Cardozo afirmara que JNG elogiaria o fascismo, mas o documento citado pelo historiador liberal não contém “elogio nenhum”. O historiador acrescenta que JNG refutou insistentemente as alegações que o imputavam como “totalitário” só pelo fato de não ser “liberal”. Ver: SEIFERHELD, Alfredo M. **Nazismo y...**, p.45.

³⁶⁷ SEIFERHELD, Alfredo M. **Nazismo y...**, p.45-47. O documento foi publicado um ano mais tarde em: *El Repertorio Colorado*. Mensuario documental sobre la política colorada, Ano I, N.º 1, Assunção, 10/05/1935. In: SEIFERHELD, Alfredo M. **Nazismo y...**, p.203.

³⁶⁸ Revogava-se o decreto de 01/09/1869, que declarava Francisco Solano López traidor, tirano e verdugo do povo paraguaio; e se estabeleciam os decretos n.º 23, de 26/02/1936, e n.º 66, de 19/03/1936, pelos quais se

historiadores insistem na caracterização de JNG como ideólogo do fascismo.³⁶⁹ Segundo Monte de López Moreira, a revista *Guaranía*, “durante anos” ocupou-se de propagar “as ideias fascistas e atacou os liberais; e, inclusive, em alguns números, apareciam artigos de Benito Mussolini” e outros ideólogos nazifascistas.³⁷⁰ A autora afirma que a influência de JNG teria ido além do pensamento nacionalista, criando uma “práxis do partido que governou o Paraguai por mais de seis décadas”.³⁷¹

Enquanto os autores mencionados se centram na política nacional, o jornalista González Delvalle aponta as diferenças internas do partido durante este período para poder explicar a hegemonia colorada entre 1947 e 1954. A polarização no interior do partido podia prejudicar as ambições de participação em um novo governo, pelo que, em 1935, eleitoristas e abstencionistas assinaram um acordo de unificação partidária – embora continuasse a prática de expulsão e/ou afastamento de correligionários. Os inseparáveis amigos JNG e Víctor Morínigo estavam entre os assinantes da ata.³⁷²

Em um manifesto aos filiados colorados, de fevereiro de 1936, o Diretório do partido aprovava o golpe de 1936 e manifestava que as duas frações do partido tinham “trabalhado em estreita colaboração a serviço da Revolução”.³⁷³ A mesma postura foi reafirmada em outro documento, de 01/03/1936, assinado por JNG e Víctor Morínigo, entre outros.³⁷⁴ Para González Delvalle, o apoio da ANR ao governo *febrerista*, além da alegria de ver o Partido Liberal fora do poder, era uma estratégia de acesso a ele. A assinatura de JNG em todos esses documentos demonstra seu protagonismo e compromisso nesse processo.

A frustração da ANR chegou poucos dias depois, quando, pelo decreto n.º 152, se proibiam as atividades e as organizações políticas pelo prazo de um ano. No dia seguinte ao decreto, a ANR dirigiu um documento ao presidente Franco, cuja autoria Arce Farina atribui a JNG. Nele, o Partido Colorado criticava os argumentos do decreto e solicitava sua

declarava Solano López “Herói Nacional” e se dispunha um monumento em sua homenagem. In: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.26-27;46.

³⁶⁹ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.46.

³⁷⁰ A autora cita Rodríguez Alcalá; porém, só um número da revista *Guaranía* foi dedicado ao fascismo. Esta apreciação se repete em vários autores, revelando a ausência de um estudo específico sobre a revista *Guaranía* que permita avaliar melhor o alcance ou não da publicação como veículo de propaganda nazista.

³⁷¹ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.48.

³⁷² GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía Colorada (1947-1954)*. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011, T.12, p.20-21.

³⁷³ GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía...*, p.22.

³⁷⁴ GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía...*, p.24-25.

revogação.³⁷⁵ O documento era firmado por Víctor Morínigo, Felipe Molas López, Leandro Prieto e JNG, entre outros. Desvanecidas as esperanças de chegar ao poder, o Partido Colorado voltou a seu papel opositor durante o breve lapso de governo liberal (1937-1940). Porém, JNG já não estava no país.

Com a queda do Franco e a possível convocatória de eleições, o Partido Colorado convocou uma convenção partidária. Segundo González Delvalle, em 02/03/1938, reuniu-se a assembleia da ANR no Teatro Municipal com uma forte custódia policial. O boato de que JNG, exilado na Argentina, viajava em trem para assistir à Convenção, mas que teria sido detido e “regressado” para Buenos Aires, deu início ao caos. No dia seguinte, a Convenção decidiu voltar ao abstencionismo que se manteve tanto para as eleições legislativas de 1938 quanto para as presidenciais de 1939.³⁷⁶ O resultado da Convenção de 1938 mostra que a dita “presença” de JNG – como o tinha assinalado Gilberto Freyre – era real, pelo menos entre os partidários colorados.

As informações encontradas sobre a participação de JNG na elaboração (ou influência) na legislação franquista indicam a falta de estudos específicos que esclareçam o papel do Partido Colorado e de seus dirigentes em 1936. Enquanto uns autores destacam o papel da LNI, outros colocam o peso nos dirigentes colorados identificados como nazifascistas, como JNG.

O ministro, o presidente, o guionista (1945-1949)

Em 1940, Morínigo assumiu a presidência e construiu um governo autoritário apoiado nas Forças Armadas.³⁷⁷ Sua habilidade política permitiu que permanecesse mais tempo no poder do que qualquer contemporâneo seu. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os “regimes pró-nazistas, como o de Morínigo”, tiveram dificuldades para ignorar as pressões por reformas democráticas. Por isso, em 1945, Higinio Morínigo teria procurado o apoio de JNG e dado início à “Primavera Democrática”.³⁷⁸

Os historiadores destacam a aproximação de JNG a Higinio Morínigo e suas controvertidas ações com o *Guión Rojo*. Portanto, concentram suas análises nas práticas repressivas dos *guionistas* para obter o triunfo governamental na Guerra Civil de 1947 e a

³⁷⁵ ARCE FARINA, José Gabriel. *La Revolución...*, p.66-67.

³⁷⁶ GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía...*, p.33-41.

³⁷⁷ SCAVONE YEGROS, Ricardo. *Guerra...*, p.252.

³⁷⁸ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.85.

eleição de JNG como candidato presidencial do coloradismo, deixando de lado temas como a política econômica implementada por JNG.

Segundo González Delvalle, durante os primeiros anos do moriniguismo, a relação com o Partido Colorado foi similar aos governos anteriores. Enquanto alguns colorados eram perseguidos, detidos e expulsos, outros eram próximos ao presidente. Para o autor, Morínigo, “consciente do prestígio de intelectual de Natalicio, necessitava de uma voz conhecida que apaziguasse as críticas” dos opositores.³⁷⁹

A grande mudança chegou em 1946, com um novo gabinete integrado por três ministros colorados, três *febreristas* e dois militares.³⁸⁰ JNG ocupou o ministério da Fazenda, renunciando à embaixada em Montevideu. Segundo Rodríguez, no segundo semestre de 1946, nenhuma força política “floresceu com o esplendor do Partido Colorado”.³⁸¹

Gómez Florentín estima que a falta de pulso do governo permitiu a confirmação de duas interpretações da ala dura do coloradismo, ou seja, a dos *guiones rojos*. Por um lado, a suposta incapacidade de governar democraticamente com a oposição e, pelo outro, a necessidade de retornar a um regime militar sem partidos ou partidos que renunciassem a sua vocação democrática.³⁸²

A ANR estava dividida entre os democratas de Federico Chaves e os *guiones rojos* de JNG. Para Monte de López Moreira, o conflito intrapartidário parecia prejudicar o governo, mas permitiu a JNG iniciar uma violenta campanha para “intimidar os outros partidos”.³⁸³ Desse modo, teria posto fim à influência dos *febreristas* e dos comunistas no movimento sindical. O *modus operandi* era organizar:

Los *guiones rojos*, varias tropas de asalto que salieron a las calles a controlar e irrumpir en las reuniones de los partidos rivales e inclusive, atacaron en diversas oportunidades a los órganos de la oposición como... el asalto al periódico liberal “El País” porque en sus editoriales reclamaban la ayuda del ejército para poner fin a la situación imperante.³⁸⁴

³⁷⁹ González Delvalle afirma que JNG tinha escrito para Morínigo, em 1941, e que este o convidara para uma entrevista em Assunção, em 1945, o que equivalia ao fim do exílio. Da reunião, saiu a oferta da embaixada em Montevideu. In: GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La Hegemonía...**, p.50; 78.

³⁸⁰ SCAVONE YEGROS, Ricardo. *Guerra...*, p.255.

³⁸¹ RODRÍGUEZ, José Carlos. **El Paraguay...**, p.65.

³⁸² GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La guerra civil de 1947**. Assunção: El Lector, 2013. (Coleção Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 14), p.13.

³⁸³ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay...**, p.89-90.

³⁸⁴ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay...**, p.90.

A não convocação de eleições provocou mais manifestações contra o governo, violentamente dispersadas pelos *guiones rojos*. Em janeiro de 1947, advertidos de uma tentativa golpista, JNG e seus aliados tomaram o controle da situação, dando fim ao governo de coalizão. Para Gómez Florentín, a aproximação entre Higinio Morínigo e o *Guión Rojo* explica por que a primavera democrática acabou em um governo militar-colorado, literalmente “da noite para o dia”, em 13/01/1947. González Delvalle afirma que os dois homens que lideraram a repressão da conspiração, Víctor Morínigo e JNG, se converteram nos homens fortes do novo gabinete.³⁸⁵

As forças relegadas desse novo gabinete, tanto dentro do exército quanto nos partidos opositores, compreenderam que era o fim da “primavera democrática”, sendo o antecedente imediato da Guerra Civil de 1947, iniciada em março. Segundo Gómez Florentín, nos dias anteriores a esta, o presidente Morínigo tinha organizado um ato político, no qual convocou 10.000 adeptos para defender a legitimidade de seu mandato. A maioria estava composta por camponeses colorados, “militantes que engrossariam as filas da organização paramilitar dos *guiones rojos* de Natalicio González e do ministro do Interior, Víctor Morínigo”.³⁸⁶

Os rebeldes contavam com a superioridade numérica brindada pelo apoio de militares, liberais, comunistas e franquistas; porém, segundo Monte de López Moreira, o governo contou com:

La temerária participación de los milicianos armados, los *pynandí*, en su mayoría campesinos, al servicio del gobierno, quienes con sus acciones desacertadas, favorecieron a oscurecer más el estado anárquico que vivía el país.³⁸⁷

Gómez Florentín considera os *pynandis* “estranhamente similares” aos *descamisados* peronistas da Argentina, na medida em que sua utilização política por parte de JNG buscava dotar de popularidade ao governo, que se autodenominava “revolucionário” pelo seu enraizamento nas massas camponesas até então esquecidas pelos governos liberais e “falsamente representadas pelos movimentos de esquerda, *febreristas* ou comunistas”.³⁸⁸

O oficialismo empreendeu uma campanha propagandística, em rádio e imprensa escrita, para defender suas interpretações do conflito armado de 1947. As “plumas de Juan

³⁸⁵ GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía...*, p.87-88.

³⁸⁶ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. *La Guerra...*, p.24.

³⁸⁷ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.94.

³⁸⁸ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. *La Guerra...*, p.24.

O’Leary, Natalicio González e Víctor Morínigo tiveram um papel-chave” na defesa escrita do governo, segundo Gómez Florentín.³⁸⁹ A Rádio Nacional passou a emitir o programa “30 minutos de verdade”, cuja chamada era:

Al servicio de la libertad y de la democracia. Al malón líbero-franco-comunista de Concepción, oponemos Dios, patria, hogar. El que no está con nosotros, está contra nosotros.³⁹⁰

A conspiração foi vencida pelo governo após cinco meses de guerra civil, mas a violência não cedeu. Segundo Scavone Yegros, os milicianos colorados foram autores de desmanes e de saques diante da impotência do governo para contê-los.³⁹¹ Gómez Florentín considera que o Partido Colorado e Higinio Morínigo encabeçaram a contrarrevolução e o fizeram monopolizando a representação da participação dos *pynandis*, “camponeses de pés descalços com lenço vermelho”, nas tropas governistas.³⁹²

A aliança entre Morínigo e o *guionismo* estabeleceu certas práticas políticas que se mantieram nos governos seguintes. Segundo Gómez Florentín, o funcionalismo público e, muito especialmente, as Forças Armadas, se coloradizaram, ou seja, era necessário ter a aprovação do partido para exercer alguma função pública. A guerra civil permitiu a utilização do Departamento de Terras e Colônias para a entrega de terras a pessoas com base em seu compromisso com o regime.³⁹³ Era um mecanismo de controle social que premiava os camponeses disciplinados e fiéis ao coloradismo. Foi o processo de coloradização do exército e do campo no qual, segundo o autor, JNG teve um papel decisivo.³⁹⁴

A “coloradização” tinha como contrapartida o afastamento dos colorados democratas. Seguindo a análise de Gómez Florentín, as diferenças partidárias dos rebeldes ou intrapartidárias do Partido Colorado eram inadmissíveis no conceito do nacionalismo

³⁸⁹ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La Guerra...**, p.25.

³⁹⁰ GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La Hegemonía...**, p.97.

³⁹¹ SCAVONE YEGROS, R. *Guerra...*, p.258.

³⁹² GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La Guerra...**, p.15.

³⁹³ Campos Doria realiza um balanço sobre a política agrária do moriniguismo, enfatizando as medidas de expropriação de terras e de colonização. Sem mencionar especificamente a incidência de JNG como ministro, enfatiza que, entre 1946 e 1948, se aprofundou a colonização de novas áreas com o objetivo de “aliviar” a pressão social na zona central. O Banco do Paraguai financiou tanto a expropriação de terras quanto a construção de casas e implementos agrícolas para os camponeses/colonos. A colonização na região das Misiones após a Guerra Civil de 1947 foi uma “recompensa” aos camponeses pelo seu papel decisivo no triunfo governamental. Segundo o autor, a ideia de deslocamento da população rural como tentativa de solução dos conflitos agrários – ideia aportada por especialistas norte-americanos – se consolidou definitivamente no pensamento agrário do Partido Colorado a partir da experiência da colonização das Misiones em 1948. Ver: CAMPOS DORIA, Luis A. **Apuntes de Historia Económica del Paraguay**. Desarrollo, auge y decadencia de una economía de enclaves. Assunção: Intercontinental, 2010, p.281-283.

³⁹⁴ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La Guerra...**, p.42.

entendido como algo homogêneo, impermeável às divergências. E este conceito monocromático se mostrou mais efetivo na hora da convocatória e da mobilização para a luta.

Para Gómez Florentín, as chances de uma saída negociada ao conflito foram impossibilitadas por JNG que, confiante na vitória final, afirmava que “a luta devia ser levada até suas últimas consequências”.³⁹⁵ Entretanto, o oficialismo manteve um discurso de desumanização do inimigo, enfatizando sua qualidade de exógeno, antítese da nação paraguaia, que devia ser expurgado para permitir o nascimento do autêntico Paraguai.³⁹⁶

Com o fim da Guerra Civil, JNG passou a ser o “homem forte” do *moriniguismo* e os *guiones rojos* controlavam o gabinete, com quatro ministros militares e quatro civis. Segundo Gómez Florentín, a conjuntura favorecia os setores mais radicalizados. A audácia de JNG, de participar num governo considerado autoritário pelo próprio Partido Colorado, ganhou adesão ao obter a exclusividade nas decisões do governo *moriniguista*. O discurso anticomunista, no marco da Guerra Fria, ganhou força. A identificação dos rebeldes como uma “Tríplice Aliança” deu ao combate um carácter patriótico, fortalecendo um ultranacionalismo.

Segundo Fátima Yore, o pós-guerra de 1947 se caracterizou pela intolerância e pelo fanatismo; por atropelos, violência e furtos à vida e à propriedade dos opositores – por meio dos “bandos camponeses armados, os ‘*pynandis*’ do interior e a famosa ‘guarda urbana’ nas cidades, que semearam o terror” e expulsaram milhares ao exílio.³⁹⁷ Os *guionistas* ficaram com o poder, com o apoio de camponeses, o exército e a polícia.

Para Scavone Yegros, as diferenças internas entre Federico Chaves, um “dirigente tradicional do partido” que liderava os democratas, e o “talentoso escritor nacionalista antiliberal e anticomunista” JNG, apoiado pelos combativos *guiones rojos* e outros grupos identificados com *guiones*, voltaram à superfície após a guerra civil.³⁹⁸

Morínigo convocou as eleições e o Partido Colorado organizou a Convenção partidária para escolher seu candidato, realizada em novembro de 1947, no Teatro Municipal. As irregularidades afetaram tanto o interior da Convenção quanto o resto de Assunção. A pessoa eleita para presidir a assembleia pertencia aos chavistas, pelo que, segundo González Delvalle:

³⁹⁵ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. *La Guerra...*, p.83.

³⁹⁶ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. *La Guerra...*, p.85.

³⁹⁷ YORE, Fátima Myriam. *La dominación Stronista*. Orígenes y Consolidación. “Seguridad Nacional” y Represión. Assunção: Base Investigaciones Sociales, 1992, p.53.

³⁹⁸ SCAVONE YEGROS, R. *Guerra...*, p.258.

Estalló a trifulca. Se dijeron y se tiraron de todo. Ante la total falta de garantía se retiraron los “chavistas”. Los “guiones”, ya sin oposición, proclamaron a Natalicio candidato presidencial y a los miembros de la Cámara de Representantes.³⁹⁹

Montes de López Moreira afirma que, fora do teatro, tanto grupos armados como a própria Polícia de Assunção invadiram jornais e rádios para evitar o envio de notícias para o interior e o exterior do país. O amedrontamento à cidadania garantiu a JNG sua candidatura à presidência.⁴⁰⁰

Segundo Brezzo e Figallo, a crise política nacional e a divisão interna do Partido Colorado empurraram os *guiones rojos* para a busca de apoio fora das fronteiras nacionais. Assim, tardiamente, procuraram a adesão do peronismo, solicitando a presença do ministro das Relações Exteriores, Juan Atilio Bramuglia, no ato no qual JNG assumiria a presidência. Porém, nem Perón nem Bramuglia estiveram presentes em Assunção para dar legitimidade ao governo de JNG.⁴⁰¹

Ao fazer um breve balanço da presidência de JNG, González Delvalle detalha suas dificuldades para governar o Paraguai, dadas as tentativas golpistas e os sérios questionamentos a seu governo por malversação de fundos públicos.

³⁹⁹ GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La Hegemonía...**, p.112.

⁴⁰⁰ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. **Paraguay...**, p.96-97. Segundo Gómez Florentín, durante a Guerra Civil de 1947, os *guiones rojos* obtiveram a chefia da Polícia de Assunção, nomeando César Vasconsellos e mantendo uma prática de amedrontamento contra os adversários. Durante a guerra, esta prática foi executada conjuntamente com os *guiones rojos*, instalando-se em Assunção quase uma “caça às bruxas”, chegando a surpreender alguns diplomatas estrangeiros. O desrespeito às pessoas, bens e até monumentos foi de tal magnitude que o próprio Partido Colorado teve que chamar a atenção de seus partidários. O fim da guerra, com o triunfo do oficialismo, teve como epílogo a busca dos revolucionários “casa por casa, rua por rua, criando campos de concentração, execuções massivas, detenções no Chaco e o exílio forçado de milhares de paraguaios”. Ver: GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La Guerra...**, p.37; 49-55; 65; 95. Neri Farina também coincide em considerar que o Partido Colorado, e por meio dele, a Polícia e o Exército, foi hegemonizado pelo setor mais duro liderado por JNG, “célebre por sua violência”, que foi aplicada na Convenção de 1947. Apesar de serem maioria, os democratas foram “totalmente desbordados pela ferocidade e brutalidade dos *guiones*”. Assim, o lema “A balaços ou a sabraços, Natalicio ao palácio” não era simples retórica. Ver: NERI FARINA, Bernardo. **El Golpe del 4 de mayo de 1954.** (Col. Guerras y Violencia política en el Paraugay, T.15). Assunção: ABC Color/El Lector, 2013, p.12; 16-18.

⁴⁰¹ O pedido da presença de Bramuglia em Assunção foi feito primeiro por Víctor Morínigo e depois pelo próprio JNG. Ver: BREZZO, L. e FIGALLO, B. **La Argentina...**, p.411-440. O apoio que Perón deu a Chaves meses mais tarde, se traduziu em gestos evidentes como a dupla visita de Perón ao Paraguai enquanto Chaves foi presidente. Já JNG, além de manter-se fiel a seus amigos *forjistas* – uma corrente interna do radicalismo – representava o setor intransigente do coloradismo, que provocou a saída de milhares de paraguaios que se refugiaram em território argentino. Chaves, pelo contrário, representava a possibilidade de conter o exílio paraguaio, além de implementar políticas conjuntas, como de fato aconteceu. Segundo Gómez Florentín, o acionar dos *guiones rojos* na detenção e na expulsão de pessoas converteu a fronteira cidade argentina de Clorinda em um grande e improvisado campo de refugiados. Ver: GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **La Guerra...**, p.31.

Como presidente, segundo Monte de López Moreira, JNG levou adiante suas ideias “estatizantes”, convertendo o Estado em produtor de bens e serviços.⁴⁰² Foi acusado da compra ilegal, com dinheiro público, das editoras *El País* e *La Unión*; de induzir seu antecessor, Frutos, para assinar a compra estatal da Companhia Americana de Luz e Tração (CALT); da importação de implementos e maquinarias agrícolas com divisas “preferenciais”, que seriam desviados ilegalmente para a Argentina.

González Delvalle relata alguns acontecimentos posteriores ao golpe que derrubou JNG. Durante a presidência de Federico Chaves, JNG foi expulso da ANR e se exigiram sanções aos “traidores do Partido”, responsáveis pelas “dificuldades financeiras e econômicas que pesam sobre o Governo e sobre o povo”, em direta alusão a JNG.⁴⁰³ A partir de então, segundo González Delvalle, deu-se uma luta feroz no interior da ANR.

Uma das medidas de Chaves foi declarar o estado de sítio, porque a “ameaça” do regresso de JNG, que encontrava-se em Buenos Aires, era real para os democratas, dado os muitos seguidores do *Guión Rojo* que ainda permaneciam no país. Segundo Monte de López Moreira, Chaves solicitou ao governo argentino a extradição de JNG, acusado por malversação de dinheiro público. A amizade entre Chaves e Perón fazia JNG temer que sua extradição se concretizasse; foi para o Uruguai, “mas os uruguaiois o consideraram um incômodo”.⁴⁰⁴ Finalmente, se radicou no México. Em Assunção, Chaves elaborou uma lista de *guiones rojos* que deviam ser excluídos da ANR, dando lugar a uma nova purga no partido e na sociedade paraguaia.

O exilado, o ideólogo sem partido, o embaixador (1956-1965)

Com a saída de JNG da presidência, surge novamente um silêncio historiográfico sobre sua posterior atuação pública. Embora tenha atuado como embaixador no México durante nove anos, a história acadêmica praticamente não se refere a ele, exceto raras exceções e, geralmente, em referência à pesada herança autoritária e repressiva dos *guiones rojos*.

O jornalista Bernardo Neri Farina é autor de vários textos sobre o *stronismo*. Um dos pontos analisados é o papel exercido pelo Partido Colorado entre 1954 e 1989, na estreita colaboração entre Governo/Forças Armadas/ANR, que permitiu uma permanente

⁴⁰² MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.105.

⁴⁰³ GONZÁLEZ DELVALLE, A. *La Hegemonía...*, p.115-117.

⁴⁰⁴ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.111.

fiscalização/espionagem por parte de Stroessner.⁴⁰⁵ Segundo o autor, esta prática teve sua origem na política implementada por Higinio Morínigo, quando “coloradizou” o governo, ou seja, quando transformou as sedes políticas do partido, dispersas por todo o país, em focos de dominação política e econômica. Este trabalho foi continuado e aprofundado por JNG, em sua curta presidência, dado seu caráter “eminentemente estatista e autoritário”. Portanto, Neri Farina considera que as bases da ditadura *stronista* foram construídas por Higinio Morínigo e por JNG.⁴⁰⁶

Muitas razões explicariam a ascensão de Stroessner ao poder. Uma delas é a divisão interna da ANR em democratas e *guiones rojos*, inimigos irreconciliáveis. Porém, esta atomização, carregada de violência, podia prejudicar a continuidade do governo de Stroessner. A astúcia deste permitiu convocar um “reencontro” partidário em 25/10/1955, que não foi mais do que um pacto de não agressão entre *guiones* e democratas, cedendo espaço à nova etapa do “coloradismo com Stroessner”.⁴⁰⁷

Segundo Neri Farina, a estratégia de Stroessner foi desarticular as distintas forças internas do coloradismo, entre elas, a do *Guión Rojo*.⁴⁰⁸ O autor afirma que seria mais fácil manter o controle sobre uma frente colorada unida do que sobre vários grupos enfrentando-se.

⁴⁰⁵ NERI FARINA, Bernardo. **El Partido Colorado y la Dictadura de Stroessner**. Assunção: Occidente, 2011 (Vol. X da Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011), p.103.

⁴⁰⁶ NERI FARINA, Bernardo. **El Partido...**, p.103-104. Em coautoria com Boccia Paz, Neri Farina reafirma a prática do *stronismo*, de identificar os militares com o coloradismo, como uma prática iniciada por JNG, que consistia em exigir dos cadetes ingressantes na Escola Militar a filiação à ANR. Primeiro, Stroessner purgou as Forças Armadas; depois, usou a estrutura do partido para controlar cada pedacinho do país – tudo dependia diretamente de Stroessner, até a nomeação de qualquer funcionário público. Ver: NERI FARINA, B. e BOCCIA PA, A. **El Paraguay bajo el Stronismo (1954-1989)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011, p.25; 45.

⁴⁰⁷ NERI FARINA, Bernardo. **El Partido...**, p.106. O reencontro foi registrado e documentado fotograficamente por Leandro Prieto Yegros em: PRIETO YEGROS, Leandro. **El Reencuentro Partidario del Coloradismo**. 27 de Octubre de 1955. Assunção, Cuadernos Republicanos, s/d. A reunião não contou com a presença física de JNG, mas ele foi representado por sua mão direita, Víctor Morínigo. Em 1956, foi eleita a nova Junta de Governo do partido, com membros de ambas as linhas, à exceção de JNG. Mas, no final do livro, Prieto Yegros contabilizou, com fotografias, as “vontades patricias que nunca deixaram de lutar pela unidade dos colorados”, entre eles, JNG. Talvez como consequência deste reencontro partidário, JNG pôde voltar a Assunção, em 1956, para assumir o cargo de embaixador no México.

⁴⁰⁸ Epifanio Méndez Fleitas adquiriu bastante protagonismo durante a presidência de Federico Chaves, a partir de seus cargos como Chefe da Polícia de Assunção e como diretor do Banco Central, assim como pela sua amizade com Perón. Como figura carismática, havia adquirido muita popularidade e era considerado o homem que poderia tirar Stroessner do poder se participasse em eleições presidenciais, porque personificava um “populismo ao estilo peronista”, segundo Flecha. Neri Farina afirma que Stroessner conseguiu isolá-lo de sua base de apoio militar e dentro do coloradismo. Com a queda de Perón, em 1955, Chaves perdeu seu apoio internacional. No mesmo ano, Stroessner destituiu Méndez Fleitas de seu cargo no Banco Central e o enviou para Europa, numa “missão cultural”. Durante sua ausência, os *epifanistas* – e todos os adversários ao regime passaram a ser estigmatizados como tais – foram perseguidos pelo *stronismo*. Ver: FLECHA, Víctor Jacinto. **Breve...**, p.235-236; NERI FARINA,

Em suma, Neri Farina reforça o papel de JNG como um dos ideólogos colorados que ajudou a construir os alicerces do longo autoritarismo no Paraguai. O autor também refere-se a ele como intelectual, como autor de vários livros – em sua maioria publicados no México. Porém, não o menciona como um dos intelectuais no exílio, nomeado embaixador, que continuava tentando voltar ao cenário assunceno.⁴⁰⁹

Longe de fazer uma descrição da maior ou da menor intervenção de JNG durante o governo de Stroessner, Neri Farina insiste em sua dupla imagem, ao salientar seu “respeitável caudal intelectual”; mas também seu papel como condutor das “turbas selvagens”, dos “energúmenos”, das “hordas” do *Guión Rojo*.⁴¹⁰

O corolário sobre a vida de JNG é relatado, por alguns autores, em não mais de duas linhas: com o golpe do 29/01/1949, JNG exilou-se no México, onde faleceu como consequência de um ataque cardíaco. Sua esposa “não suportou o golpe e se suicidou”.⁴¹¹ A frase dá conta dos últimos 15 anos de JNG no México. Outros autores nem fazem menção aos rumos que a vida de JNG tomou após o golpe que o expulsou do país em 1949.

Sem dúvida, os pesquisadores têm prestado mais atenção no JNG integrante do gabinete de Higinio Morínigo do que naquele que foi presidente da república – justamente nos momentos em que teve maior visibilidade na cena política nacional, a partir de seu papel como líder dos *guiones rojos*. Porém, é curioso que praticamente não há um balanço sobre sua passagem pelo ministério da Fazenda (cargo no qual permaneceu pouco mais de dois anos) e sobre os poucos meses em que foi presidente. Mais curioso ainda é se considerarmos que, após se exilar, JNG foi expulso da ANR e que o governo de Federico Chaves solicitou sua extradição, pelo fato de estar sendo processado por malversação de fundos públicos enquanto tinha sido ministro.

Isso poderia se explicar pela ausência de pesquisas específicas sobre JNG. Mas, muito provavelmente, obedeça à ênfase colocada nas práticas autoritárias de JNG. Dita ênfase tem a ver com o carácter traumático que elas tiveram na sociedade, ao serem executadas de forma massiva e sistemática pelos *guiones rojos* que atuaram como força paramilitar repressiva. Os autores coincidem em destacar essas condutas dos *guionistas* como propriamente “nazifascistas” – o que se explicaria pela identificação ideológica de JNG com o fascismo.

Bernardo. *El Partido...*, p.108; SEIFERHELD, A.M. e TONE, J.L. *El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez*. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988, p.9.

⁴⁰⁹ NERI FARINA, Bernardo. *El Golpe...*, p.48.

⁴¹⁰ NERI FARINA, Bernardo. *El Último Supremo*. Assunção: El Lector, s/d, 4ª. ed., p. 75-76.

⁴¹¹ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Paraguay...*, p.105.

Contudo, o historiador Alfredo Seiferheld advertia, já na década de 1980, que, no Paraguai, o “nazismo introduziu o maniqueísmo e o ódio ao adversário político”, deixou sequelas na legislação e na “atitude política” de seus homens. A tese da superioridade étnica não prosperou, mas prevaleceu o conceito de uma sociedade dicotômica – superiores/inferiores, bons/maus, patriotas/antipatriotas.⁴¹² Neste sentido, JNG teria se apropriado de conceitos binários como patriota/traidor, paraguaio/legionário, colorado/antiparaguaio.

Os adversários de JNG também fizeram uso de conceitos dicotômicos que permitiram enquadrar os *guiones rojos* como fascistas e a si mesmos como antifascistas. Porém, a estigmatização de JNG como um ideólogo do nazifascismo no Paraguai dificulta uma reflexão sobre outros aspectos de sua vida, como sua passagem pelo Ministério da Fazenda; seu papel como editor; a sinuosidade do caminho político e intelectual percorrido, que possibilitou a sucessão de uma pluralidade de posições ideológicas, convenientemente escolhidas por JNG segundo o momento, o lugar e a audiência a qual se apresentava; sua plasticidade camaleônica, que facilitou projetos e trocas intelectuais com escritores latino-americanos das mais diversas raízes partidárias e ideológicas; a origem da dupla imagem do JNG autoritário e do JNG erudito; entre outros.

Não obstante, cabe salientar que a maioria dos textos apresentados forma parte de coleções publicadas em ocasião do Bicentenário da Independência. São grandes sínteses sobre os períodos históricos aqui considerados. Portanto, não há espaço para uma análise documental, exceto alguns poucos autores que, apesar da tirania editorial, quanto ao número de páginas, conseguiram fazê-lo, como Gómez Florentín.

Algumas publicações, apoiadas em pesquisas sobre assuntos de alguma maneira vinculados às práticas políticas de JNG, aportaram outras perspectivas muito interessantes de análise. Brezzo e Figallo entram nos meandros da história política paraguaia a partir de seu diálogo com a história argentina, para o qual utilizam documentação de arquivos argentinos. O trabalho permitiu vislumbrar as vicissitudes das relações de Perón com Morínigo, com JNG e com Chaves, possibilitando melhor entendimento da política interna paraguaia.

Neste mesmo sentido, pesquisadores que se debruçam sobre fontes documentais extensas possibilitam reconstruir um imenso quebra-cabeça sobre o funcionamento do aparelho repressivo no Paraguai, posto em funcionamento bem antes de Higinio Morínigo

⁴¹² SEIFERHELD, Alfredo M. *Nazismo...*, p.17.

assumir a presidência, aportando informações que, muitas vezes, não estão contempladas e podem até relativizar afirmações feitas nos textos de história geral do Paraguai.⁴¹³

Outros autores, geralmente críticos literários e historiadores da cultura, mencionam JNG como um dos escritores destacados do Paraguai. Porém, o fazem como parte de uma lista de nomes de prestígio, sem maiores comentários. Não há praticamente trabalhos analíticos sobre as obras de JNG – exceto raras exceções, como o interessante artigo de Jennifer French, que estudou *La raíz errante* –, e o de Christiane Tarroux-Follin, que analisa a evolução do conceito de *pynandi* nos textos de JNG.⁴¹⁴

Trabalhos como o de Tarroux-Follin permitem refletir sobre a versatilidade dos conceitos construídos por JNG, que sofrem um permanente ajuste ao longo do tempo, segundo as necessidades de uso político desses conceitos, o que se constata em sua produção escrita. Dita versatilidade se vincula à habilidade política de JNG de apresentar facetas diversas de sua personalidade segundo o público receptor (local, internacional, partidário, intelectual, popular, etc.). Essa mobilidade permite pensar em um JNG camaleônico, em permanente processo de adaptação ao contexto social no qual se inseria.

⁴¹³ Milda Rivarola analisou os prontuários do “Arquivo do Terror” ou documentos do arquivo policial sobre investigação de pessoas (1917-1952). Ainda que seu foco seja o funcionamento dos serviços de inteligência da Polícia durante o *moriniguismo*, Rivarola observou que muitas pessoas vinham sendo investigadas pelos governos anteriores. A autora analisou os documentos correspondentes ao período 1942-1946 e observou que, contrariamente ao que poderia se supor, há mais informações sobre operários do que sobre franquistas e liberais, pelo que a autora conclui que houve um alto custo político pela implantação de um novo regime econômico. A autora também observa que a “primavera democrática” trouxe “mais trabalho” para as forças policiais; mas, a informação colhida “facilitou” a repressão durante o “fatídico ano de 1947”. Rivarola hierarquiza os grupos vigiados, segundo a porcentagem em relação ao total de processos (operários, liberais, comunistas, estudantes, militares, franquistas) e destaca a ausência de informações sobre colorados, pelo que sugere a possibilidade de JNG, e seu antecessor, Frutos, terem “limpado” os arquivos policiais. Ver: RIVAROLA, Milda. *La contestación política al régimen de Morínigo*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**. Vol. XXXV, Assunção, 1995 (II).

⁴¹⁴ Jennifer French analisa o texto *La raíz errante*, de JNG, em que um casal de camponeses se vê deslocado após a Revolução de 1904 e acaba encontrando a morte no final do relato. A autora utiliza o conceito psicanalítico de “pulsão da morte” e o de “sublime negativo” de La Capra para explicar como os eventos mais traumáticos podem ser transformados numa base sagrada da identidade coletiva. Ver: FRENCH, Jennifer L. *Traumatismo y la nación telúrica: La raíz errante de J. Natalicio González*. In: CASAL, J. M. e WHIGHAM, T. **Actas de las IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay** en la Universidad de Montevideo. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2015. Tarroux-Follin analisa a evolução da representação do *pynandi* no discurso político paraguaio nas décadas de 1930 e 1940, em particular, a partir dos textos de JNG. Este considerava que o *pynandi* ou “agricultor-soldado” era a emanção da terra, da raça e da história, ou seja, é o homem autóctone que define a nacionalidade paraguaia. Depois, incluiu a filiação partidária e o *pynandi* transformou-se no “agricultor-soldado colorado” para, mais tarde, integrar o *Guión Rojo*, cuja participação na Guerra Civil de 1947 foi decisiva. Em 1948, se estabeleceu o 14 de março como o Dia do Pynandi, para homenagear o “agricultor-soldado do Paraguai” que tinha participado na Guerra Civil de 1947. Para a autora, coincidindo com Gómez Florentín, há semelhança entre a representação do *pynandi* e a do “descamisado” argentino durante o governo de Perón. In: TARROUX-FOLLIN, C. *Une figure mythique au service du nationalisme paraguayen: le Pinandí, un soldat-laboureur en terre guaraní*. In: **CMHLB Carabell**, N°74, Toulouse, 2000, p. 179-190.

Sem dúvida, na década de 1930, JNG era um admirador de Mussolini e do fascismo como ficou registrado na nota editorial do n.º 26, de 1935, da revista *Guarania* e como o demonstrou Seiferheld em comparação de documentos. Mas, ao identificar JNG apenas como um veiculador do fascismo no Paraguai, outros aspectos igualmente importantes do sujeito histórico – anteriores ou posteriores à sua fase pró-fascista – se diluem ou desaparecem nas análises historiográficas.

Por isso, é necessário um estudo de diversos aspectos da produção escrita e das práticas políticas de JNG para situá-lo como representante da direita paraguaia, surgida nas primeiras décadas do século XX; uma direita nacionalista, antiliberal e autoritária que se metamorfoseava segundo as circunstâncias históricas, locais e/ou internacionais. Seu flerte com o nazismo foi somente uma fase na vida de JNG, seguida de uma inteligentíssima negociação com as forças mais autoritárias da década de 1940 que garantiram sua designação como presidente do Paraguai.

Após sua queda, JNG soube manter seu prestígio internacional como referente intelectual do Paraguai, ao mesmo tempo em que, abrindo mão de suas aspirações de voltar ao cenário da política nacional, assumiu a representação diplomática do *stronismo* no México. Como embaixador, além da defesa pública de Alfredo Stroessner, informava periodicamente sobre as atividades dos opositores paraguaios que circulavam no país asteca, colaborando diretamente com as práticas autoritárias da ditadura. Como intelectual, passou a militar em organizações de escritores anticomunistas, autoconvocados para defesa hemisférica.

SEGUNDA

PARTE

CAPÍTULO 4

A REVISTA GUARANIA

Em 15/01/1920, apareceu em Assunção o primeiro número da revista *Guarania*, criada e dirigida por Juan Natalicio González (JNG). Embora intermitente e itinerante, foi a revista de mais longa duração na vida de JNG, que chegou a criar outras publicações periódicas.⁴¹⁵

A *Guarania* foi parte de um projeto pessoal de JNG que, posteriormente, se desdobraria nas atividades que se manteriam ao longo de toda sua vida, como as de escritor, jornalista e editor.⁴¹⁶ Esse projeto foi se desenhando e se redefinindo ao longo de cada etapa da publicação, permitindo a seu diretor difundir, dentro e fora do Paraguai, o revisionismo histórico paraguaio; projetar sua própria figura como referência intelectual e política de seu país; além de servir como um espaço de luta política.

A *Guarania* foi publicada em quatro momentos, coincidentes com quatro fases diferentes pelas quais atravessou seu criador. A primeira etapa coincide com um JNG jovem e dinâmico, um dos protagonistas da empreitada pela releitura do passado oitocentista paraguaio no cinquentenário da Guerra Grande. A segunda etapa da *Guarania* praticamente coincide com o desenvolvimento da Guerra do Chaco, tendo a revista se convertido num espaço privilegiado para a defesa de um nacionalismo “ameaçado” por fatores considerados “exógenos”. A terceira fase da revista é a mais internacionalista – latino-americana –, quando JNG encontrava-se em Buenos Aires, no primeiro lustro da década de 1940. A última etapa coincide com os momentos prévios, com a presidência e com o golpe de Estado que derrubou JNG, em que a publicação se converte em uma ferramenta para promover JNG politicamente.

Neste capítulo, pretendemos apresentar e caracterizar a trajetória da revista em suas diferentes etapas, com o objetivo de identificar de que modo foi orientada, em cada uma

⁴¹⁵ No começo da década de 1940, quando residia em Buenos Aires, JNG criou a revista “*América Económica*”. Não temos maior informação sobre suas características nem quantos números foram publicados, mas ela é frequentemente mencionada tanto pelos biógrafos de JNG como na correspondência entre Arciniegas e JNG. Em 1961, já morando no México, JNG fundou a *Revista Trimestral de Cultura “Eutaxia”*, da qual foi possível individualizar três números publicados entre 1961 e 1963. Ainda que, para alguns críticos, fosse a continuação da revista *Guarania*, ela tem características diversas no formato e no conteúdo, apresentando-se mais como uma revista que tenta se ajustar às exigências acadêmicas da época (com citações bibliográficas e autorização dos autores para a publicação dos artigos, elementos que não são considerados na *Guarania* em nenhuma de suas etapas).

⁴¹⁶ Neste capítulo, ao falar da *Guarania*, nos referiremos exclusivamente à revista. No caso de se fazer menção à editora de mesmo nome será oportunamente especificado.

delas, pelo projeto político-ideológico de JNG, adaptando-o e reestruturando-o segundo as necessidades de cada momento.

Quando Beatriz Sarlo reflete sobre as “razões de uma prática”, referindo-se ao porquê da existência de uma revista, remonta-se ao momento em que os intelectuais tomam a decisão de publicá-la. Esse momento, geralmente, é o de uma conjuntura “acompanhada de duas ideias afins: necessidade e vazio”. Os intelectuais pensam na revista – e não no livro – porque ela permite fazer intervenções na conjuntura. A revista “coloca a ênfase no público, imaginando-o como um espaço de alinhamento e conflito. Por isso, seu tempo é o presente”. O formato da revista permite uma determinada forma de produção como de circulação.⁴¹⁷

A *Guarania* se inscreve no contexto geral latino-americano da primeira metade do século XX, no qual, segundo Regina Crespo, as revistas constituíam um instrumento valioso para intervir no âmbito político-cultural.⁴¹⁸ Especificamente a produção de revistas culturais ocupou um lugar excepcional para a expressão, a difusão e a discussão das ideias dos intelectuais, assim como para formar e manter “redes intelectuais transfronteiriças”.⁴¹⁹ Antonio Checa Godoy inclui nas denominadas “revistas culturais” aquelas publicações periódicas que não se centram exclusivamente em temas literários e sim em uma grande variedade de assuntos relacionados ao aspecto cultural, como ciência, história, política.⁴²⁰ O estudo destas produções escritas permite observar:

La activa participación de los intelectuales, quienes utilizaban las revistas para definir su participación al interior del campo intelectual, así como al exterior de éste, en relación a otros grupos de poder (económicos, políticos, sociales). Como actores sociales inmiscuidos en las empresas editoriales, éstos buscaban expresar sus inquietudes a través de este medio de comunicación y, simultáneamente, encontrar un espacio que legitimara la posición que deseaban alcanzar.⁴²¹

As revistas culturais se constituem, portanto, em espaços privilegiados para o estudo da interação entre os distintos sujeitos históricos que, de um modo ou de outro, se

⁴¹⁷ SARLO, Beatriz. *Intelectuales y Revistas: Razones de una práctica*. In: **América: Cahiers du CRICCAL**, n° 9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970, p.9.

⁴¹⁸ CRESPO, Regina (Coord.). **Revistas en América Latina: Proyectos Literarios, Políticos y Culturales**. México: CIALC/Ediciones Eón, 2010, p.9.

⁴¹⁹ CRESPO, Regina (Coord.). **Revistas...**, p.13.

⁴²⁰ CHECA GODOY, Antonio. **Historia de la prensa en Iberoamérica**. Sevilla: Alfar, 1993. Citado por: PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales*. In: Universidad Autónoma de México (UNAM), Centro de Investigaciones sobre América Latina y Caribe (CIALC). **Revistas Literarias y Culturales**, arquivo disponível desde 15/03/2015, p.5. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/Revistas_literarias_y_culturales/PDF/Articulos/Las_revistas_culturales_como_fuente_de_estudio_de_redes_intelectuales.pdf>. Acesso em: 21/04/2016.

⁴²¹ PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Las revistas...*, p.5-6.

vinculam ao projeto da publicação. Mas, longe de ser um estudo fotográfico, o dinamismo imposto por uma publicação periódica permite analisar o movimento dessa interação entre os autores e entre estes e os sujeitos de outros grupos intelectuais e sociopolíticos.

Uma publicação periódica pode ser estudada como um “documento de cultura”, segundo Alexandra Pita González, porque “as revistas permitem visualizar as principais tensões do campo cultural de um período”.⁴²² Aqui, *Guarania* será considerada uma fonte documental que não pertenceu ao âmbito acadêmico nem institucional, mas foi expressão de um projeto intelectual e político de JNG que permitiu aglutinar intelectuais paraguaios em torno de um núcleo político-ideológico, num permanente esforço de diálogo e/ou contato com o mundo cultural transnacional.⁴²³

Segundo Tarcus, cada revista é, por definição, programática. Seu objetivo é a “intervenção” nos debates culturais do presente e, normalmente, desaparece quando esse programa inicial se concretiza. Mas, também podem desaparecer antes do tempo, por outras causas, como penúrias econômicas, censura, repressão ou disputas internas. Portanto, as revistas se diferenciam pela extensão de sua trajetória – algumas atingem o patamar de “tradicionais” após permanecerem além das conjunturas; outras não superam o primeiro número, enquanto muitas não passam de três ou quatro anos de vida. Tarcus ainda aponta as diferenças entre as revistas e os livros, o que esclarece melhor as características das primeiras:

El libro es normalmente individual, la revista siempre es colectiva. La revista tiene un tiempo de circulación más veloz que el libro y anticipa los textos que el libro se va a demorar en recoger. [...] Por eso la revista envejece rápidamente cuando el libro sobrevive.⁴²⁴

Maria Antônia Dias Martins coincide ao afirmar que as revistas convertem-se no veículo que permite “captar um momento em que as ideias ainda não estão acabadas e, portanto, são passíveis de alterações, cruzamento, embates e, muitas vezes, pensamentos

⁴²² PITA GONZÁLEZ, Alexandra. **La Unión Latinamericana y el Boletín Renovación**. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México: El Colegio de México/Universidad de Colima, 2009, p.23.

⁴²³ Schwartz e Patiño diferenciam as revistas cuja origem é institucional e aquelas que nascem como expressão de determinadas formações intelectuais e artísticas. Ver: SCHWARTZ, Jorge e PATIÑO, Roxana (Coord.). *Revistas literarias/culturales latinoamericanas del siglo XX* (Introdução). **Revista Iberoamericana**, Jul-Dez.2004, p.649. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/issue/view/207/showToc>>. Acesso em 15/05/2016.

⁴²⁴ TARCUS, Horacio (Ed.). **Catálogo de Revistas Culturales Argentinas (1890-2006)**. Buenos Aires: Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en la Argentina (Ce.D.In.C.I.), 2007, Introdução. Disponível em: <http://www.cedinci.org/catalogos/intro_CCA.pdf>. Acesso em 16/05/2016, Introdução.

contraditórios”.⁴²⁵ Por sua parte, Maria Helena Capelato salienta que esse entrecruzamento entre elementos culturais/intelectuais com aspectos políticos-ideológicos “só se deixa ler a partir da relação texto-contexto”.⁴²⁶

A orientação da revista se expressa por meio de seu editorial, mas fundamentalmente através de sua seleção de textos e pela sequência em que estes estão ordenados e hierarquizados – a “sintaxe da forma revista”, nas palavras de Sarlo.⁴²⁷ Por outro lado, a tipografia e a escolha de formatos e desenhos atribuem às revistas outras linguagens que devem ser consideradas na análise.

Pita González esclarece que este tipo de estudo faz parte da História Cultural e, especificamente, de uma linha de pesquisa que é a história do livro. Por esta perspectiva, se destaca que os impressos – suportes materiais ou “dispositivos culturais” – são “um tipo de material particular enquanto sua capacidade não se limita só à concretização de ser um meio, senão também um discurso”.⁴²⁸ Seu estudo permite analisar as estratégias e as táticas de numerosos atores sociais que participam no processo como produtores, mediadores e destinatários – editores, autores, leitores, distribuidores.

Segundo Roger Chartier, as formas – estilos tipográficos, diagramação, seleção de imagens – interferem diretamente na recepção do texto por parte do leitor, razão pela qual os autores têm uma preocupação particular pela “fabricação do livro” ou, neste caso, das revistas.⁴²⁹

Gabriela Pellegrino Soares destaca que, em alguns casos, essa preocupação se traduz na unificação das intenções do “autor”, com a decisão editorial no mesmo

⁴²⁵ MARTINS, Maria Antônia Dias. **A identidade Ibero-americana em revista:** Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955. Tese (Doutorado em História Social), USP, São Paulo, 2012, p.60. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20052013-114134/pt-br.php>>. Acesso em 20/10/2013.

⁴²⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Cuadernos Hispanoamericanos: Ideias políticas numa revista de cultura*. In: **Varia História** (Dossiê História Intelectual e Política), Vol. 21, No. 34, Belo Horizonte, Jul.2005, p.348. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v21n34/a06.pdf>>. Acesso em 12/09/2014.

⁴²⁷ SARLO, Beatriz. *Intelectuales y...*, p.10. Sarlo salienta que a sintaxe de uma revista, surgida a partir de uma conjuntura, informa da problemática que definiu aquele presente “de um modo que jamais poderiam fazê-lo seus textos considerados individualmente”.

⁴²⁸ PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Las revistas culturales como soportes materiales, prácticas sociales y espacios de sociabilidad*. In: EHRLICHER, H. e RIBLER-PIPKA, N. (Ed.). **Almacenes de un tiempo en fuga: Revistas culturales en la modernidad hispánica**. Revistas Culturales 2.0, Universitat Augsburg University (livro *on line* disponível desde 12/03/2014). Disponível em: <<https://www.revistas-culturales.de/es/buchseite/alexandra-pita-gonz%C3%A1lez-las-revistas-culturales-como-soportes-materiales-pr%C3%A1cticas>>. Acesso em: 02/05/2016.

⁴²⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990, p.126.

indivíduo, que é o caso de JNG.⁴³⁰ Por isso, assim como o editor de um livro é o especialista em “condensar formas de autoridade, poder e interesse”, JNG passou a ter o poder de decisão sobre muitos aspectos da produção da revista.⁴³¹

Ao longo de suas quatro etapas, a *Guarania* se apresentou como uma revista cultural cujo objetivo era a difusão das artes paraguaias, latino-americanas e de todo artista que expressasse “as autênticas raízes de seu povo”. Em cada fase, a revista teve apresentação e longevidade variáveis, como pode se observar no seguinte quadro:

Quadro 4.1. Fases de Publicação da Revista *Guarania*.

Etapas	Período	Nome	Lugar	Números Publicados	Diretor/es
Primeira	1920	Guarania	Assunção	8	JNG
Segunda	1933-1936	Guarania	Assunção	37	JNG e Guillermo Enciso Velloso
Terceira	1942-1944	Guarania Revista Americana de Cultura	Buenos Aires	20	JNG e Jesús Antonio Cova
Quarta	1947-1948	Guarania Revista Americana de Cultura	Assunção	7	JNG (Fundador)

JNG não explicitou o motivo da escolha do nome de sua revista, mas ele faz referência ao resgate do elemento guarani, que era um dos pilares do revisionismo histórico paraguaio, junto da recuperação positiva de Solano López e do heroísmo do povo paraguaio. A palavra “guarani” faz referência a “um” indivíduo, “um” povo e a “um” idioma, enquanto “adjetivo”. Porém, o termo migrou do gênero masculino para o feminino no contexto desse mesmo revisionismo que recuperava, em particular, a fortaleza espiritual

⁴³⁰ SOARES, Gabriela Pellegrino. *História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos*. In: JUNQUEIRA, M. A. e FRANCO, S. M. S. (Orgs.). **Cultura e Política nas Américas**: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades. Cadernos de Seminários de Pesquisa (V.II). São Paulo: USP - FFLCH - Humanitas, 2011, p. 92. Disponível em: <<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em 21/09/2013.

⁴³¹ SORÁ, Gustavo. *Editores y editoriales de ciencias sociales: un capital específico*. In: NEIBURG, F. e PLOTKIN, M. **Intelectuales y expertos**. La constitución del conocimiento social en la Argentina. Buenos Aires: Paidós, 2004, p.266. Na segunda etapa da *Guarania*, não há informações sobre a editora ou a gráfica responsável de sua impressão, mas coincide com a criação da editora Guarania, pelo que é pertinente supor que JNG foi o principal responsável pelas escolhas de diagramação, desenhos e impressão da revista.

das mulheres paraguaias. Assim, a palavra “guarania” permite designar “a” revista, “a” música, “a” letra, “a” terra, razão pela qual teve que ser inventada como “substantivo”.⁴³²

Geralmente, ela é associada à música criada por José Asunción Flores, em 1925, com o objetivo de resgatar as raízes musicais do Paraguai. O poeta Manuel Ortiz Guerrero, colega de escola de JNG em Villarrica, foi o responsável por escrever a letra desse novo ritmo musical.⁴³³ O nome já tinha sido usado por JNG para nomear sua revista cinco anos antes. Mas, o próprio Flores esclareceu que tinha tomado a palavra de um poema de Guillermo Molinas Rolón, escrito em 1910.⁴³⁴ Este seria o registro mais antigo do uso da palavra “guarania”.

A *Guarania* Revisionista

O primeiro número da *Guarania* foi publicado em 15/01/1920, com o formato de um folheto de 13 por 21 cm, encadernado, e média de 24 páginas, com bordas simples na capa e na primeira página. Os artigos estão impressos com o mesmo tamanho e tipo de letra, sem hierarquização gráfica entre si, exceto a dada pela ordem.⁴³⁵

Planejada como uma publicação quinzenal, manteve sua periodicidade até o número 7, de 15/04/1920. O oitavo e último número só apareceu quatro meses mais tarde, mas sem nota editorial e nenhum esclarecimento. Sabemos que, no final de 1920, JNG

⁴³² A palavra “guarania” ainda não figura no dicionário da Real Academia Espanhola, apesar de designar um ritmo musical muito difundido. Ver: <<http://dle.rae.es/>>. Acesso em 17/05/2016. Porém, em 2010, um jornal assunceno informava que o termo tinha sido incorporado à língua espanhola como um americanismo. Ver: *GUARANIA ya forma parte del diccionario de americanismos*. In: **ABC Color**, Assunção, 16/09/2010. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/artes-espectaculos/guarania-ya-forma-parte-del-diccionario-de-americanismos-160891.html>>. Acesso em 22/12/2015.

⁴³³ ROA BASTOS, Augusto. *El origen y la evolución de la Guarania*. Palestra dada em 1944, em Homenagem a José Assunção Flores, organizada pelo Centro Acadêmico de Medicina. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=11703>. Acesso em 15/12/2013.

⁴³⁴ BENÍTEZ, Luis G. **Breve Historia de Grandes Hombres**. Assunção: Industrial Gráfica Comuneros, 1986. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/488_guillermo_molinas_rolon.html>. Acesso em 15/12/2013. Guillermo Molina Rolón (1892-1945) foi um dos fundadores da revista “Crónica”, junto com Adriano Irala, Pablo M. Ynsfrán e Leopoldo Ramos Giménez, mencionados no capítulo II. O poema aludido é *Canto a la Raza*, publicado pelo Centro Acadêmico do Colégio Nacional de Assunção, no qual a palavra “guarania” refere-se à “terra prometida”. Para JNG, apesar de ser um intelectual brilhante, Molinas Rolón também se “perdeu” como alguns colegas, atraído pelo álcool, a morfina e o anarquismo. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **Letras Paraguayas**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 1991, p.250-251.

⁴³⁵ Nesta etapa, os anúncios da *Guarania* foram do Banco da República, do Banco Mercantil do Paraguai, do Banco de Espanha e Paraguai, da Industrial Paraguai, do Banco de Londres e Rio da Prata. No último número, além da propaganda de um destes bancos e da editora Ariel, há um espaço em branco “disponível”, evidenciando a falta de anunciantes. Na capa da revista, estão indicadas suas informações, como nome, data, número, editora e endereço, além do sumário e do valor do exemplar. A publicação não oferece informações sobre quantidade de números impressos nem sobre sua distribuição.

mudou-se para Buenos Aires, mas também é provável que o objetivo fosse manter a revista somente para o aniversário do fim da Guerra Grande.⁴³⁶

Figura 4.1. Revista *Guarania* da primeira fase (nº 2, 30/01/1920).

Dos oito números editados em 1920, só três contêm uma “nota da Direção”, escrita por JNG. A breve nota editorial do primeiro número sugere que surgiu como resposta à uma controvérsia:

Engrosamos el número de las revistas efímeras como todas las que, en esta tierra de mercadantes, pretenden reflejar la vida del intelecto. Al rictus burlón que se dibuja en los labios escépticos, oponemos invencible optimismo. Y a los que nos auguran fracasos, decimos que una labor de belleza no malogra: trunca, ella cumple su misión apresurando, con el esfuerzo primerizo, la llegada del vencedor.⁴³⁷

⁴³⁶ Cabe considerar também a possibilidade da falta de colaboradores ou de recursos, como impedimento para manter a publicação.

⁴³⁷ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Porqué* (sic) *venimos*. In: **Guarania**, Ano 1, Nº 1, Assunção, 15/01/1920, p.1.

Segundo Ricardo Scavone Yegros, a década de 1920 foi o período de maior questionamento à “democracia liberal”, responsabilizada por não promover o desenvolvimento socioeconômico do Paraguai, ao seguir ortodoxamente o princípio de não intervenção do Estado na economia.⁴³⁸ Também somou-se que, em 1920, se completavam os 50 anos do fim da Guerra da Tríplice Aliança, data que foi longamente explorada para avançar na releitura do passado oitocentista paraguaio.

A aparição da *Guaranía* nos primeiros dias do ano indica que foi um projeto refletido com antecedência suficiente, para garantir sua publicação no cinquentenário da batalha em Cerro Corá – quando Solano López foi vencido e morto pelas tropas brasileiras, pondo fim ao conflito armado –, no 1º. de março. Nas palavras iniciais de JNG, se observa a consciência da luta político-ideológica como a certeza de um futuro promissor.

Ao longo dos oito números, foram publicados 53 artigos – média de 6,6 artigos por número –, dos quais 33 (62,26%) se inscrevem numa perspectiva revisionista. Quase 53% dos autores eram paraguaios e 36% eram de origem estrangeira, pelo que pode-se afirmar que houve predomínio de escritores nacionais e de temas vinculados ao revisionismo histórico paraguaio.⁴³⁹

Foram considerados como artigos de carácter revisionista aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para construir, consolidar ou reforçar os elementos constitutivos do *lopismo*, como a glorificação de Solano López, da tradição guarani, da coragem dos paraguaios e, em particular da mulher, da identificação dos governos dos López como a época de ouro da história paraguaia, do resgate do argentino Juan Bautista Alberdi como “amigo” da nação paraguaia, entre outros. Igualmente, foram considerados “artigos revisionistas” os que tinham como objetivo exaltar as trajetórias de autores revisionistas.

Os artigos classificados como “literários” são poesias, trechos de peças de teatro e contos completamente alheios à temática revisionista, nos quais são incluídos textos de autores estrangeiros e paraguaios.

⁴³⁸ SCAVONE YEGROS, Ricardo. *Guerra Internacional y Confrontaciones Políticas (1920-1954)*. In: TELESKA, Ignacio. **Historia del Paraguay**. Assunção: Taurus, 2010, p.225.

⁴³⁹ Ver Quadro 1 (Anexo). As médias calculadas foram um instrumento para estimar quantitativamente o peso de autores paraguaios e da temática revisionista na *Guaranía*. Porém, elas não refletem que a quantidade de artigos e autores publicados em cada número era variável, além de que alguns artigos eram de autores anônimos ou não foi possível identificar sua origem nacional.

O autor mais publicado nesta fase foi JNG, com 8 dos 53 artigos (15%), seguido por Ignacio Pane e Roque Capece Faraone, com 5 artigos (9,43%), Juan O’Leary e Eloy Fariña Núñez, com 3 artigos cada um (5,66%).⁴⁴⁰

O primeiro número publicado foi o que contou com mais artigos. Por ordem de apresentação, além da nota editorial de JNG, há uma nota em defesa de Alberdi, um estudo sobre a mulher guarani, uma poesia dedicada a Natalicio Talavera, um capítulo de Letras Paraguaías de JNG e a reprodução de um artigo contrário à construção de um monumento ao argentino Bartolomé Mitre.

Esse primeiro número é emblemático, porque dá conta de várias preocupações dos revisionistas, tais como abrir e fechar a revista discutindo sobre figuras públicas argentinas – Alberdi e Mitre – que tiveram papel fundamental na Guerra da Tríplice Aliança.

Segundo os revisionistas paraguaios, Alberdi tinha sido relegado a um segundo plano pela história argentina. Ele afirmara que a guerra da Tríplice Aliança tinha sido declarada contra Solano López, mas quem arcaria com seus custos seria o povo paraguaio. Suas discrepâncias com Mitre, em relação ao conflito, transformaram Alberdi no principal aliado histórico do revisionismo paraguaio. Em contrapartida, Mitre recebia um tratamento pejorativo ao ser chamado de Bartolo e Bartolato.⁴⁴¹

Neste, como em números posteriores, foram apresentados dois textos em forma de capítulos, o que explica a presença predominante de seus autores. Um pertence a Ignacio Pane, sobre a mulher guarani, e outro, de JNG, é sobre a literatura paraguaia. Pane era advogado, professor, jornalista, diplomata, escritor e sociólogo que, em 1906, filiou-se à ANR.⁴⁴²

Pane morreu inesperadamente, em 1920, do coração, enquanto a *Guaranía* estava ainda em processo de publicação. O fato comoveu os colaboradores da revista, pelo que dedicaram o quinto número à memória do amigo desaparecido. JNG escreveu, na nota

⁴⁴⁰ Ver Quadro 2 (anexo). No capítulo II, foi mencionado que Capece Faraone pertencia ao grupo de amigos assuncenos de JNG que se “perderam” na droga ou na loucura, fundadores da revista *Crônica*. Provavelmente, JNG deslegitimou o aporte de seu amigo italiano por ser estritamente literário, sem nenhum compromisso político-ideológico com o *lopismo*.

⁴⁴¹ LÓPEZ DECOUD, Arsenio. *El comentario de un ultraje*; e *UM BARTOLATO deprimente*. In: **Guaranía**. Ano 1, N°1, Assunção, 15/01/1920.

⁴⁴² AMARAL, Raúl. **El Novecentismo Paraguayo**. Hombres e ideas de una generación fundamental del Paraguay. Assunção: Servilibro, 2006, p.267-274. Amaral acrescenta que O’Leary incorporou-se à ANR pouco depois de Pane e, como ele, a convite de Bernardino Caballero. O’Leary e Pane tinham sido colegas de escola. Ver: O’LEARY, Juan E. *Pane*. In: **Guaranía**, Ano 1, N° 5, Assunção, 15/03/1920, p.3.

editorial, que o Paraguai perdia com ele o sociólogo e erudito que tinha escrito a “obra mais científica” sobre os guaranis.⁴⁴³

Pane incorporou-se ao revisionismo a partir de uma perspectiva mais acadêmica, focando-se nos guaranis e na mulher.⁴⁴⁴ O texto publicado na *Guaranía* reunia tanto a glorificação do povo guarani como da mulher.

No discurso feito no enterro de Pane, JNG lamentava a perda da “cabeça científica mais alta que a nossa raça já produziu”.⁴⁴⁵ Ao falar de “raça”, JNG referia-se ao povo paraguaio surgido da mestiçagem entre guaranis e espanhóis, de cujo:

Cruce surgió un nuevo elemento étnico: el mestizo, inteligente y fuerte, de bella y gallarda apostura, “de gran valor y ánimo”, dice Ruy Díaz de Guzmán. Sabios viajeros y observadores perspicaces certificaron la superior cualidad de esta nueva raza.⁴⁴⁶

A questão da “raça” seria longamente tratada por JNG, que a considerava, junto à “terra” e à “história”, integrante do tripé no qual apoiava-se a “paraguaidade”. Para Rivarola, esses elementos foram invocados como fatores de coesão pelos governos militares de Morínigo e Stroessner e tiveram em JNG seu maior expositor. Para a autora, este conceito de raça reforçou a ideia de uma “mestiçagem amorosa”, harmoniosa, sem conflitos; o que permitiu negar “a longa e dolorosa história de sublevações dos nossos habitantes originários”.⁴⁴⁷

Outros autores, como Liliana Brezzo, vinculam o conceito da “raça paraguaia” a Manuel Domínguez, que, no início do século XX, já tinha publicado vários textos sobre o tema. Porém, para Domínguez, herdeiro de um pensamento oitocentista, a raça estaria vinculada a conotações biológicas, enquanto que para JNG – pertencente a uma geração posterior – vinculava-se a características culturais.⁴⁴⁸

⁴⁴³ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Nuestro Homenaje*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº 5, Assunção, 15/03/1920, p.1.

⁴⁴⁴ Para Pane, a recuperação da mulher não limitava-se só a seu resgate mítico na história paraguaia. Também preocupou-se em denunciar a precariedade da mulher trabalhadora, reclamando leis que garantissem os direitos das mulheres. Ver: Cattivelli Taibo, Adrián. *Ignacio A. Pane*. Assunção: El Lector/ABC Color, 2010, p.68.

⁴⁴⁵ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Discurso*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº 5, Assunção, 15/03/1920, p.21. Em 1945, JNG foi o responsável pela resenha histórica e pela seleção de textos de Pane publicados em: PANE, Ignacio A. **Ensayos Paraguayos**. Buenos Aires: Jackson, 1945.

⁴⁴⁶ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Letras Paraguayas*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº 1, Assunção, 15/01/1920, p.16.

⁴⁴⁷ RIVAROLA, Milda. *Filosofías, pedagogías y percepción colectiva de la historia en el Paraguay*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, v. XXXVI, Assunção, 1996, p.55-56.

⁴⁴⁸ MOREIRA, Luiz Felipe Viel. *La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XX: un debate identitario*. In: **Estudios Paraguayos**. Revista de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, Vol.XXVIII, Nº 1-2, Assunção, Dez 2010, p.360

O texto de JNG aqui citado inaugurava uma série de artigos, intitulada “Letras Paraguaiaias”, que futuramente se converteria em livro. Ao fazer um balanço da história da literatura paraguaia, além de salientar seus antecedentes guaranis e as contribuições do período colonial, JNG resgatava seis autores do período pós-independência, entre eles, José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López e Francisco Solano López.

JNG reconhecia que Francia “só tinha escrito por acidente e que suas produções carecem de valor literário”; em compensação, Antonio López ocupou um lugar de destaque, porque tinha sido “um educador maior e mais eficaz que Sarmiento”. Sobre Solano López, resultava difícil fazer uma crítica literária, porque só se salvaram “sua mutilada correspondência diplomática, alguns discursos e proclamas guerreiras; porém, vibra neles tão subjugada eloquência” que permitiam incluí-lo entre os precursores da literatura paraguaia.⁴⁴⁹

Essa inclusão obedecia à necessidade de reforçar a ideia dos “grandes homens” em todos os aspectos – cultural, político, econômico – legitimando seu lugar na história como “os pais da nação paraguaia”. Desse modo, JNG contribuía para reforçar o “mito da Idade de Ouro” que os revisionistas formularam e que identificaram com o governo dos López.

No quarto número da *Guaranía*, publicado em 01/03/1920, na data da batalha de Cerro Corá, a nota editorial referia-se tanto à coragem dos sobreviventes de 1870 como dos contemporâneos de JNG, que tiveram a capacidade de superar o trauma da derrota:

A cincuenta años de distancia del épico suicidio, contemplamos, por fin, unidos el pasado, repuestos ya de los dolores de la caída y libres de esa triste depresión moral que siguiera a la derrota... La conciencia nacional rehecha, la voluntad popular vigorizada, hemos recuperado, al menos, la vieja energía de nuestro patriotismo, mucho más valiosa que los territorios que nos arrebataron los vencedores.⁴⁵⁰

O texto reúne todos os elementos em discussão naquele momento e que faziam parte da retórica revisionista, tais como a raça paraguaia, a superação do trauma da derrota, a idade de ouro interrompida pela invasão dos aliados e a sacralidade da “terra” – que teria imprimido uma identidade de fortaleza e renascimento do povo paraguaio.

Outros escritores revisionistas incluídos na *Guaranía* eram Fulgencio Moreno, o próprio Manuel Domínguez, Eloy Fariña Núñez e, inclusive, o liberal Justo Pastor

⁴⁴⁹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Letras Paraguayas*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº 8, Assunção, 15/08/1920, p.17-18.

⁴⁵⁰ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El cincuentenario de Cerro-Corá*. In: **Guaranía**, Ano 1, Nº 4, Assunção, 15/03/1920, p.1-3.

Benítez.⁴⁵¹ Entre os autores estrangeiros, foram incluídos nomes consagrados de escritores europeus – sem citar sua origem – provavelmente, os textos foram reproduzidos para outorgar à revista o carácter cultural proclamado no início desta fase.

Entre os autores latino-americanos, a *Guarania* contou com a colaboração de escritores vinculados a O’Leary, tais como Rufino Blanco Fombona, Carlos Pereyra e Alberto de Herrera.⁴⁵² Pereyra aportou seu famoso artigo “O crime de Wilson”, reproduzido parcialmente, no qual denunciava o “imperialismo” norte-americano, assunto que ainda era distante geográfica e culturalmente para os paraguaios, mas que seria retomado na década de 1930.

Nesta primeira fase, a *Guarania* caracterizou-se por certa homogeneidade de autores revisionistas, o que coloca em relevo a preocupação de JNG e de seus colaboradores de vencer o debate historiográfico entre *lopistas* e *antilopistas*. Mas, a partir do sexto número, começou a perder fôlego, com a diminuição de colaborações, razão pela que a opção passou a ser a reprodução de palestras e/ou artigos publicados em outros meios.

A *Guarania* Nacionalista

A reaparição da revista com o mesmo nome, 13 anos mais tarde, coincidiu com o auge do conflito armado contra a Bolívia e com um JNG maduro, conhecedor do mundo afora, editor e com experiência política. A *Guarania* ressuscitou com um novo formato e como uma publicação mensal, que conseguiria manter a periodicidade até o 37º. e último número, ao longo de três anos, entre novembro de 1933 e novembro de 1936.

Com a aparência de uma revista mais moderna, de 19 por 28 cm, e com média de 33 páginas por número, apresentava-se com diagramação e ilustrações que refletiam maior preocupação com a linguagem gráfica.⁴⁵³ Na capa, um desenho de um casal indígena – a mulher do lado esquerdo e o homem do lado direito – sustenta o nome da revista na parte

⁴⁵¹ Segundo Rivarola, a figura do Marechal López também atraiu intelectuais liberais, como Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde e Anselmo Jover Peralta, sendo que estes dois últimos deixaram o Partido Liberal para assumir posições claramente fascistas. Ver: RIVAROLA, Milda. *Filosofias...*, p.59.

⁴⁵² No próximo capítulo, entraremos em mais detalhes sobre o vínculo desses escritores latino-americanos e O’Leary.

⁴⁵³ A média de 33 páginas por número não expressa, porém, as flutuações que se observam ano após ano. Até outubro de 1934, a revista se manteve entre as 24 e 28 páginas por número; mas, em novembro de 1934, publicou um número com 96 páginas, para continuar com 32 a 36 páginas por número. Novamente, em dezembro de 1935, pulou para 80 páginas, para, no número seguinte, voltar às 36 páginas, média que se manteve até o último número publicado.

superior da folha. A ilustração se completa com uma onça, na parte inferior, mostrando seu rugido. Tanto o homem como a onça foram representados muito musculosos. A mulher está completamente nua, enquanto o homem tem um pano que cobre seus genitais. Na parte interior central do desenho está o sumário.

O desenho é o mesmo para os 37 números, mas muda “levemente” a partir do 8º. número, de 20/06/1934. As figuras humanas trocam de posição e aparecem desenhadas com linhas mais simples, menos sinuosas. O rosto de ambos também é diferente, com adereços no cabelo que evidenciam mais sua identidade indígena. As letras do nome “Guarania” abandonam a caligrafia desenhada por outra tipográfica.⁴⁵⁴ A cor utilizada nos desenhos e no nome da revista é a vermelha, enquanto as letras do sumário estão em tinta negra e o fundo na cor do papel.

As figuras musculosas induzem a pensar na força do passado, da identidade racial, da terra, da natureza. O nu permite ver a perfeição das figuras humanas, cujos corpos são proporcionais e esbeltos. É a imagem idílica do passado, da identidade guarani e da natureza. A cor vermelha é o “colorado” da ANR, a cor dos ponchos dos camponeses.

⁴⁵⁴ Na capa, também foram incluídos os dados da revista e o preço do exemplar, mas não figura a editora nem a quantidade de exemplares impressos. Até o oitavo número, o desenho trazia a assinatura de seu autor, o artista argentino Júlio Vergottini; mas, a partir do nono número, já não figura mais. Vergottini foi o primeiro artista que ilustrou a segunda fase da *Guarania*. Há muitas xilografias suas no interior da revista, preferentemente retratos de autores ou de personagens de artigos ou contos. A partir do número 13, quem passou a ilustrá-la foi o paraguaio Julio Hispano, com xilografias similares às de Vergottini – excepcionalmente, no 6º. número, há uma xilografia do artista paraguaio Holdenjara.

Figura 4.2. Capa da Revista *Guaranía* da segunda fase (nº 6, 20/04/1934).

Figura 4.3. Capa da Revista *Guaranía* da segunda fase (Nº 37, 20/11/1937).

No interior das revistas, são intercalados os anúncios com os artigos, agora hierarquizados pelo estilo e tamanho das letras dos títulos, além da ordem. Esses anúncios são mais numerosos nesta fase, o que indica que a revista adquiriu um grau de organização empresarial, mais complexo, que ia além da capacidade individual de seu diretor, pelo que

pode ter contado com vários colaboradores para cumprir com as diferentes etapas da confecção de uma revista.

O primeiro número desta etapa foi publicado em 20/11/1933, um ano após o início da Guerra do Chaco. A nota editorial, intitulada “A modo de programa”, é um plano de ação nos termos enunciados por Tarcus, que apresenta os objetivos da revista:

Adviene con un claro diseño de propósitos y el afán de influir en la conciencia colectiva, de orientar el pensamiento nacional, dentro del ámbito estricto de la especulación intelectual, sin excluir el mundo más complejo donde se elabora la creación de la Belleza.⁴⁵⁵

O objetivo da revista era “orientar o pensamento nacional”, através da estrita seleção de textos, de modo tal que respondessem à necessidade do momento que, segundo a nota editorial, era dar apoio aos combatentes paraguaios no Chaco, defender o “espírito nacional” e informar à população. Para isso, os escritores tinham que ser “intérpretes de seu povo, expressão do espírito coletivo” e nunca manter “posturas exóticas”.

As causas como a guerra em si são amplamente justificadas e exaltadas por JNG. A defesa do território paraguaio era entendida como a defesa da mais alta cultura americana, irradiadora de civilização para seus vizinhos. A ameaça ao território paraguaio era entendida como uma ameaça ao “espírito”; portanto, sua defesa, até a morte, era mais do que um ato de patriotismo, era uma consagração:

Los soldados paraguayos que mueren y triunfan en el Chaco, al defender el suelo de la patria, sirven al propio tiempo la causa del espíritu, salvan de la destrucción la cultura elaborada por nuestros mayores.⁴⁵⁶

A revista inaugurava sua segunda etapa explicitando sua vertente político-ideológica. Ao mesmo tempo que era contrária às “ideias exóticas e importadas”, só daria espaço às “verdadeiras expressões autóctones”. O momento escolhido coincidia com a defesa que o povo paraguaio fazia, não tanto de seu território, e sim de “sua civilização e de sua razão de existência no mundo”.⁴⁵⁷

A *Guarania* adquiria uma orientação mais nacionalista. Por isso, é possível classificar os artigos desta etapa em dois grandes grupos. Por um lado, aqueles com uma

⁴⁵⁵ GONZÁLEZ, J. N. *A manera de programa*. In: **Guarania**, Ano 1, Nº 1, Assunção, 20/11/1933, p.1.

⁴⁵⁶ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *A manera...*, p.1. Jennifer French analisa, em “A raiz errante”, o papel da morte no romance de JNG, comentado no capítulo 3. JNG inicia o romance relatando o dia a dia de um camponês que dedica-se a caçar onças com a ajuda de seu cachorro Sultão. Por meio do diálogo entre ambos os personagens, JNG informa ao leitor que os pais de Sultão morreram tentando caçar uma onça macho muito feroz. Mas o homem consola e aconselha o cachorro a “mostrar-se alegre. A forma em que morreram teus antepassados constitui um motivo de orgulho, não de tristeza. Os machos, sejam cachorros ou homens, deveriam buscar um fim semelhante”. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **La raíz errante** (1ª. ed.: México: Guarania, 1953). Assunção: Cuadernos Republicanos, 1991, p.12.

⁴⁵⁷ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *A manera...*, p.1.

perspectiva nacionalista.⁴⁵⁸ Por outro lado, os artigos especificamente literários como os poemas e os contos.

Ao longo de três anos, a *Guaranía* teve publicados 37 números, com o total de 433 colaborações (média de quase 12 textos por número). Cerca de 80,36% do total está vinculado à temática nacionalista, enquanto 61,66% dos autores eram paraguaios e 22,86% eram de origem estrangeira.⁴⁵⁹

JNG se destaca entre os autores mais publicados, com 13,63% do total de artigos (média de 1,6 artigo por número); seguido por Víctor Morínigo, com 6%; José Doroteo Bareiro, com 5,31%; Manuel Domínguez, com 5,08%; Pedro Montenegro, com 4,62%; Arsenio López Decoud, com 4,39%; Guillermo Enciso Velloso, com 3,46%; Fulgencio Moreno, com 3,23%; Juan O'Leary, com 3%; Julio Correa e Blas Garay, com 2,54%, cada um.⁴⁶⁰

Mas é necessário fazer uma discriminação entre autores, temas e subperíodos da *Guaranía* desta etapa. Sendo uma revista revitalizada, inicialmente, para fortalecer um nacionalismo que legitimasse a guerra, finalizada esta, vitoriosamente, teria perdido sua razão de ser. Porém, com o golpe de Estado de 17/02/1936, se abria um novo cenário político que, ainda que pudesse ser considerado uma janela para a readequação da *Guaranía* nacionalista, acabou afetando seriamente a sobrevivência da revista, até sua interrupção em novembro de 1936.

No primeiro ano da *Guaranía*, JNG publicou 22,31% dos artigos (média de 2,25 por número).⁴⁶¹ Nesse período, foi dada especial atenção a escritos sobre história, costumes, mitologia e literatura guaranis, destacando-se as contribuições de Víctor

⁴⁵⁸ Neste grupo foram incluídos os artigos que contribuem para fortalecer uma identidade nacional vinculada à história, à terra e à raça; os que analisam o desenvolvimento da Guerra do Chaco; artigos que descrevem a trajetória dos oficiais que estão na frente de batalha, bem como de autores comprometidos com o revisionismo e/ou o nacionalismo; os textos sobre anti-imperialismo, história do Paraguai e da América Latina; os artigos sobre política nacional e internacional; os que analisam a história e a cultura dos povos originários do Paraguai e da América Latina; poemas e contos sobre o Paraguai e os escritos em guarani.

⁴⁵⁹ Ver Quadro 3 (Anexo). Como na primeira fase, os dados quantitativos não expressam que alguns autores nascidos no exterior tinham forte identidade com o Paraguai. Por outro lado, também não expressam a falta de dados de alguns autores, como nome e país de nascimento. Entre 1933 e 1935, a *Guaranía* incluiu uma seção denominada "A guerra através dos Comunicados", onde eram publicados os comunicados de guerra emitidos pelo Ministério de Defesa Nacional. Estes, assim como os tradutores e as resenhas de livros, não foram contemplados nos cálculos do parágrafo anterior.

⁴⁶⁰ Ver Quadro 4 (Anexo). Foram incluídas, como artigos de JNG e de Enciso Velloso, as notas de direção correspondentes ao período em que cada um foi diretor da revista, o que será tratado nos próximos parágrafos. Somando as porcentagens, temos 11 autores, num universo de quase 300 escritores, que concentram pouco mais de 50% dos textos publicados.

⁴⁶¹ Ver Quadro 5 (Anexo). Neste cálculo, foram considerados os números 1 a 12 da *Guaranía*, de novembro de 1933 a outubro de 1934.

Morínigo e de Manuel Domínguez.⁴⁶² Outros artigos estão vinculados tanto aos governos de Francia e dos López como à Guerra do Chaco.⁴⁶³ Especificamente sobre esta última, há um par de escritos que começam a esboçar a ideia do anti-imperialismo.

Ao completar-se o primeiro aniversário da revista, em 20/11/1934, foi publicado seu número mais volumoso – 96 páginas –, com três contribuições de JNG. Na nota editorial, ele exibiu, com orgulho, as vitórias paraguaias no campo de batalha do Chaco – fruto das “virtudes raciais do povo paraguaio” – e insistia no programa da *Guarania* em defender o território paraguaio como suporte da mais antiga e alta cultura americana. Assim, esse número foi dedicado ao “heroísmo de nossos soldados”, com vários artigos que salientam a história e as características culturais do Paraguai. Um deles foi um adiantamento de *El Paraguay Eterno*, que seria publicado como livro no ano seguinte.

No segundo ano de vida da *Guarania*, a contribuição de JNG se veria reduzida a 13,6% do total de artigos.⁴⁶⁴ Em linhas gerais, a publicação continuou apresentando textos sobre as mesmas temáticas revisionistas, incorporando novas seções sobre arquivos e medicina guarani.

Assim como no primeiro ano, há vários artigos relacionados à Guerra do Chaco. Mas, agora foram incorporados mais escritos sobre anti-imperialismo, entre eles, os discursos do senador norte-americano democrata Huey Long. Como legislador e ex-governador de Louisiana, Long desenvolveu parte de sua carreira política fazendo sérias críticas à empresa petrolífera Standard Oil, o que é considerado um dos motivos de seu assassinato em 1935.⁴⁶⁵

⁴⁶² Domínguez, Morínigo e López Decoud são os autores com mais artigos publicados no primeiro ano da *Guarania*, depois de JNG, em grande medida, porque seus textos foram publicados em forma de capítulos ao longo de vários números. Entretanto, autores que figuram entre os mais publicados para o período 1933-1936 – Bareiro, Enciso Velloso e Montenegro – não têm textos publicados no primeiro ano.

⁴⁶³ Dois números, que se inscrevem na óptica revisionista, têm maior peso porque estão dedicados a homenagear dois heróis. A *Guarania* de março de 1934 dedicou várias páginas a Solano López, lembrando um novo aniversário de Cerro Corá. Já o número 9, de 20/07/1934, está completamente dedicado à memória de Alberdi. As duas homenagens procuram relembrar, por um lado, as datas do que seria a nova liturgia pátria do Paraguai com seu grande herói e, pelo outro, os discursos e as disputas do intelectual argentino como palavras legitimadoras do revisionismo paraguaio.

⁴⁶⁴ Ver Quadro 6 (Anexo). O cálculo considerou os números 13 a 24 da *Guarania*, correspondentes a novembro de 1934 a outubro de 1935.

⁴⁶⁵ Parte da polêmica com a Standard Oil é referenciada na página dedicada a Huey Long. *HUEY LONG. The man, his mission and legacy*. Disponível em: <http://www.hueylong.com/life-times/impeachment.php>. Acesso em 14/02/2016.

Para Long, “as forças das finanças imperialistas eram as responsáveis pela guerra entre a Bolívia e o Paraguai”.⁴⁶⁶ Especificamente, acusava a Standard Oil de induzir à Bolívia a essa guerra para obter acesso direto até o rio Paraguai, para poder escoar a produção da exploração petrolífera que já estava sendo feita em seu território.

Em outro grupo de artigos sobre exploração de petróleo e imperialismo, de autor anônimo, se afirmava que os conflitos sangrentos daquele momento tinham a ver com um “número bem conhecido de personagens que disputam o monopólio” de ferro, algodão, cereais e, fundamentalmente, petróleo.⁴⁶⁷

A partir deste segundo ano, apareceram as seções “Matéria Médica Paraguaia”, de Pedro Montenegro; o “Catálogo de documentos do Arquivo Nacional de Assunção” e os “Informes do Cabildo e dos Governadores do Paraguai”, organizados por José Doroteo Bareiro. Estas três seções se mantêm praticamente ao longo de todo o segundo ano, o que explica que Montenegro e Bareiro fossem os autores com mais colaborações.

Pedro Montenegro (1663-1728) foi um jesuíta que trabalhou como enfermeiro nas missões do Rio da Prata. Aprendeu a tratar as enfermidades a partir do uso de plantas medicinais locais e da medicina guarani. Registrou seu trabalho em manuscritos encadernados e publicados parcialmente, pela primeira vez, em 1888, por uma revista argentina e, em 1935, pela *Guaranía*.⁴⁶⁸

José Doroteo Bareiro (1877-?) foi diretor do Arquivo Nacional de Assunção.⁴⁶⁹ A partir de seu trabalho, a história paraguaia o consagrou como o primeiro paleógrafo do

⁴⁶⁶ LONG, Huey. *La Finanza Imperialista de Norte América*. Primer discurso del senador Huey Long, sobre la cuestión del Chaco, pronunciado en el Senado norteamericano en sesión de 30/05/1934 (Trad. De Pablo Max Ynsfrán). In: **Guaranía**, Ano II, N^o 13, Assunção, 20/11/1934, p.13.

⁴⁶⁷ *LA CONQUISTA del petróleo*. In: **Guaranía**, Ano II, N^o 20, Assunção, 20/06/1935, p.4-6. A continuação deste texto foi publicada nos números 24 (20/10/1935); 25 (20/11/1935) e 27 (20/01/1936).

⁴⁶⁸ Os originais encontravam-se na Biblioteca Nacional Argentina, que decidiu sua publicação em forma de livro, em 1945, sob o título “Matéria Médica Misioneira”. Desconhecemos o título do original, mas a *Guaranía* utilizou a palavra “paraguaia” no intuito de identificar as missões jesuítas como território e “patrimônio cultural” paraguaios. Ver: MONTENEGRO, Pedro. **Materia Médica Misionera**. Buenos Aires: Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1945; PEDRO Montenegro: *Materia médica misionera*. El caso del seibo. In: **Apuntes de Historia Natural**. Noticias de la naturaleza y algo más. Disponível em: <<http://historianatural.wordpress.com/2009/02/03/pedro-montenegro-materia-medica-misionera/>>.

Acesso em 20/10/2014. A *Guaranía* publicou também um artigo do médico uruguaio Rafael Schiaffino, apresentando Pedro Montenegro e seus escritos. Ver: SCHIAFFINO, Rafael. *Pedro Montenegro y la medicina guaraní*. In: **Guaranía**, Ano 2, N^o 14, Assunção, 20/12/1934, p.29-30.

⁴⁶⁹ Ver: *HOMENAJEARÁN a José Doroteo Bareiro, hoy*. In: **ABC Color**, Assunção, 18/09/2008. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/locales/homenajearan-a-jose-doroteo-bareiro-hoy-1103182.html>>. Acesso em 17/10/2014.

país, por sua extensa atividade de compilação de documentos correspondentes ao período compreendido entre 1534 e 1710, cujos índices foram publicados pela revista de JNG.⁴⁷⁰

Ao analisar as colaborações do terceiro e último ano da segunda fase da *Guaranía*, se observa que a participação de JNG cai para 7,56%, sendo superada por quem o substituiu no cargo de diretor, Guillermo Enciso Velloso, com 8,72%. Pelo peso dos aportes quantitativos, seguem na lista Bareiro, com 7%, e Montenegro, com 5,81% do total de artigos publicados.⁴⁷¹

Sem dúvida, foi um ano de muitas mudanças, tanto em nível internacional como nacional. Por um lado, terminou a Guerra do Chaco, com a vitória do Paraguai. Pelo outro, a ascensão e a consolidação do nazifascismo na Europa, em primeiro termo, e o golpe de Estado de 17/02/1936, em segundo, influenciaram decididamente o tom das publicações. Em dezembro de 1935, foi publicado um polêmico número com 80 páginas, completamente dedicado à “nova Itália” de Mussolini. E, a partir de abril de 1936, a *Guaranía* começou a manifestar especial preocupação com as medidas e a “falta de definição” do novo governo paraguaio.

A estas preocupações, subjaz a continuidade de artigos de carácter histórico/revisionista, seguidos de colaborações de um número maior de autores paraguaios não revisionistas e autores latino-americanos, que deram mais peso aos textos literários – poemas, contos e resenhas culturais de outros países.⁴⁷²

Estas mudanças têm a ver com que, após o número 30, de 20/04/1936, JNG figura apenas como fundador da *Guaranía*, enquanto que Guillermo Enciso Velloso aparece como seu novo diretor. No interior da revista, há uma nota de esclarecimento sobre o afastamento de JNG, segundo a qual este tinha sido enviado ao estrangeiro, junto a Víctor Morínigo, em “missão cultural pelos povos amigos de Hispano-américa”.⁴⁷³ Na nota, se destacava que seria uma perda temporária do “grande escritor nacional”; porém, JNG continuaria dirigindo a revista, à distância, através de Enciso Velloso.

⁴⁷⁰ TUTTÉ, Andrea e IBÁÑEZ DE YEGROS, Norma. **Catálogo Sección Historia**. Archivo Nacional de Asunción. Síntesis revisada y ampliada de los catálogos elaborados durante el siglo XX. Assunção: Tiempo de Historia, 2008.

⁴⁷¹ Ver Quadro 7 (Anexo). O cálculo considerou os números 25 a 37 da *Guaranía*, correspondentes a novembro de 1935 a novembro de 1936.

⁴⁷² Outros textos, ainda que em expressão quantitativa ínfima – porém, sintomática dos novos tempos, tratam sobre anti-imperialismo e a Guerra Civil Espanhola ou sobre psicologia, trabalho e política.

⁴⁷³ JNG e Morínigo foram enviados em missão cultural pelo decreto de 27/03/1936, citado em nota de rodapé no. 113, Cap.1.

O afastamento de JNG e de Víctor Morínigo, tanto da revista como do Paraguai, indica um expediente dos governos paraguaios de distanciar os adversários políticos, por meio da designação em tarefas diplomáticas, prática adotada antes de Stroessner institucionalizá-la. Não foi possível localizar outros documentos que permitam indagar a razão da escolha de Enciso Velloso como o novo diretor da *Guarania*, mas a maior ou menor contribuição de JNG nos seguintes números possivelmente deem alguma pista.

A campanha nacionalista de JNG

Considerando a segunda etapa completa, se observa que, nos primeiros números, JNG foi incisivo em sua campanha a favor da guerra. Além de considerar dever de todo paraguaio defender a pátria, pretendia demonstrar que o mundo tinha uma imagem equivocada do Paraguai, devido ao desconhecimento. Considerado um povo “débil e insignificante”, suas vitórias na guerra teriam surpreendido todas as nações.⁴⁷⁴ Por outro lado, JNG começava a denunciar o conflito como parte de interesses externos.⁴⁷⁵ Portanto, entendia que a vitória final seria mais do que uma vitória do Paraguai. Representaria a vitória da civilização rio-platense e o Paraguai poderia ter o orgulho de “ser o campeão solitário dessa grande causa”.⁴⁷⁶

Para JNG, a paz proposta por algumas nações era inaceitável, porque representaria um despojo para o Paraguai.⁴⁷⁷ Ele entendia que as vitórias na Guerra do Chaco eram herança de um esforço fecundado desde os governos de Francia e dos López.⁴⁷⁸ Em

⁴⁷⁴ Ver: *LA VICTORIA paraguaya vigoriza nuestros antiguos derechos* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, Nº2, Assunção, 20/12/1933, p.1; *LAS VICTORIAS del Paraguay* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, Nº13, Assunção, 20/11/1934, p.1; *LA CONJURA* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, No. 15, Assunção, 20/01/1935, p.1.

⁴⁷⁵ Quando a guerra do Chaco começou, JNG encontrava-se exilado em Montevidéu. Ao saber dos acontecimentos, divulgou sua “Mensagem aos intelectuais da América”, na qual identificava como ameaças externas à “águia ianque”, mais especificamente, a Standard Oil Company. Também acusava a Bolívia de vitimizar-se, quando na verdade teria se infiltrado no território paraguaio desde o começo do século XX. Ver: GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Mensaje a los intelectuales de América sobre el conflicto del Chaco*. In: **Guarania**, Ano 1, Nº 1, Assunção, 20/11/1933, p.5-8. Em outubro de 1934, a *Guarania* fazia uma denúncia mais grave, ao acusar a aliança entre a Standard Oil e o governo boliviano, representado por uma oligarquia. Ver: *ALVÉSTEGUI y la Standarad Oil* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, Nº 12, Assunção, 20/10/1934, p.1.

⁴⁷⁶ *LA VICTORIA paraguaya vigoriza nuestros antiguos derechos* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, Nº 2, Assunção, 20/12/1933, p.1; *LA CONJURA* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, Nº 15, Assunção, 20/01/1935, p.1.

⁴⁷⁷ *LA COLONIZACIÓN militar del Chaco* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, Nº 11, Assunção, 20/09/1934, p.1.

⁴⁷⁸ *ENTRE EL presente y el futuro* (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, Nº 3, Assunção, 20/01/1934, p.1.

oposição, a Bolívia era caracterizada como um país bárbaro, conquistador, que tão somente usava uma linguagem de vencedora; porém, tinha saído vencida em suas disputas territoriais com o Chile, o Brasil e agora com o Paraguai.⁴⁷⁹

Em várias ocasiões, JNG discorda das apreciações da imprensa mundial, que classificava o conflito como uma “guerra estúpida” entre nações irmãs. Em 1935, era mais enérgico, afirmando que o “povo guarani defendia com heroísmo inusitado” sua pátria e se dizia assombrado com a “incompreensão dos problemas americanos delatada pela postura dos orientadores da opinião pública” internacional.⁴⁸⁰ O que JNG estava propondo era que o Paraguai defendesse uma posição absolutamente intransigente nas negociações de paz com a Bolívia, promovidas pela Liga das Nações ou por países vizinhos, como a Argentina.⁴⁸¹

Para argumentar esta posição, JNG insistia na confabulação de interesses externos, como de empresários chilenos, proprietários de minas na Bolívia.⁴⁸² Em março de 1935, acusava diretamente o governo chileno de interferir no conflito, fornecendo ajuda técnica e material à Bolívia.⁴⁸³

Os artigos de JNG sobre a guerra e as negociações de paz se interrompem a partir de junho de 1935, coincidindo com o cessar-fogo.⁴⁸⁴ A partir de então, passou a publicar apenas textos evocativos de lugares, cidades, poetas e escritores revisionistas. Sendo o autor mais prolífico no primeiro ano, não publicou nada na *Guarania* n.º 24, de outubro de 1935. Certamente, suas virulentas denúncias contra qualquer tipo de negociação podem ter provocado pressões de todos os setores políticos favoráveis a um acordo de paz, empurrando-o a uma conveniente e momentânea “saída de cena”, com a escrita de textos apenas “culturais”. Também pode ter contribuído, nesse distanciamento, a coincidência tanto com a fase de escrita e publicação de *El Paraguay Eterno* como da organização da editora Guarania.

Sua reaparição com textos de carácter político aconteceu seis meses mais tarde, na *Guarania* n.º 26, de dezembro de 1935, com uma série de artigos sobre a “Nova Itália”. Na nota editorial, JNG começava advertindo que, ainda que o objetivo da revista fosse a

⁴⁷⁹ LENGUAJE de vencedores (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 1, N.º 4, Assunção, 20/02/1934, p.1.

⁴⁸⁰ LA CONJURA (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, N.º 15, Assunção, 20/01/1935, p.1.

⁴⁸¹ NOTAS Marginales (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, N.º 19, Assunção, 20/05/1935, p.1.

⁴⁸² MINAS Y Diplomacia (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, N.º 16, Assunção, 20/02/1935, p.1.

⁴⁸³ NOTAS Marginales (nota editorial). In: **Guarania**, Ano 2, N.º 17, Assunção, 20/03/1935, p.1.

⁴⁸⁴ Em 12/06/1935, se assinou o Protocolo de Paz, em Buenos Aires, e, dois dias depois, se suspenderam todas as atividades bélicas no campo de batalha. Ver: MENDOZA, Hugo. **La guerra del Chaco (1932-1935)**. Assunção: ABC Color/El Lector, 2013.

difusão da cultura paraguaia, não poderia se eximir de informar do que acontecia no mundo. E o fascismo era um fato consumado, numa Itália cujo povo tinha sido postergado pela “alma vencida de seus guias”.

Para JNG, a originalidade do fascismo não residia no “cesarismo forte e puro, justificado por um ideal ético e um desejo imperial de engrandecer a pátria, e sim na criação de um Estado corporativo”. Porém, uma vez mais, JNG não abandonou sua crítica à importação de modelos externos nem sua defesa do autóctone.⁴⁸⁵

JNG voltava-se sobre o argumento do imperialismo e da necessidade da autonomia econômica do Paraguai, o que só seria possível através do controle sobre as forças contrárias à manifestação da nação, por meio de um Estado capaz de defendê-la, justificando seu entusiasmo pelo modelo de Estado fascista.

Este número contém a reprodução completa de “O Fascismo”, de Benito Mussolini, e artigos de Emil Ludwig, Pietro Orsi e Gabriel D’Annunzio, que tratam sobre a Abissínia, o canal de Suez e a Etiópia, respectivamente. Os demais artigos são majoritariamente de autores paraguaios – O’Leary, Víctor Morínigo, López Decoud, entre outros – discursando sobre algum aspecto da vida na Itália.⁴⁸⁶ Se incluem artigos de autores italianos sobre temas paraguaios, como os de Guido Boggiani e Pietro Badoglio.

Apesar do cuidado de JNG em não expressar mais abertamente sua simpatia pelo fascismo, as críticas à *Guarania* foram de tal magnitude que, no número seguinte, dedicou uma nota editorial – bem mais longa do habitual – para se explicar. Os críticos identificavam JNG como “propugnador do regime fascista” no Paraguai.

Em sua defesa, JNG retomava afirmações suas que confirmavam sua posição contrária à importação de ideologias “exóticas”.⁴⁸⁷ E acrescentava que sua ideologia não se baseava nos escritos de Mussolini e sim no Ideário do Partido Colorado, elaborado pelo próprio JNG e reproduzido na *Guarania* e em *El Paraguay Eterno*. JNG acrescentava que um Estado forte não atentava contra a liberdade, pelo contrário, era a garantia do respeito à liberdade. E concluía com uma crítica ao liberalismo, ao que considerava um sistema político ultrapassado.

⁴⁸⁵ GONZÁLEZ, J. N. *Sobre la Nueva Italia*. In: **Guarania**, Ano III, N° 26, Assunção, 20/12/1935, p.3.

⁴⁸⁶ Morínigo apresenta um artigo mais longo, para explicar o que era o fascismo e sua importância para a Itália. Menos cauteloso do que JNG, Morínigo manifesta uma admiração mais aberta sobre o fascismo, sobre o “conceito mestre do político realista que é Mussolini”. Ver: MORÍNIGO, Víctor. *La nueva Italia y Mussolini*. In: **Guarania**, Ano III, N° 26, Assunção, 20/12/1935, p.9.

⁴⁸⁷ GONZÁLEZ, J. N. *Sobre ideologias*. In: **Guarania**, Ano III, N° 27, Assunção, 20/01/1936, p.1-6.

Além de JNG ser denunciado como fascista por seus contemporâneos, o grupo de intelectuais da *Guarania* foi identificado como o que deu o suporte ideológico ao golpe de fevereiro de 1936, dois meses depois da publicação do número dedicado ao fascismo.⁴⁸⁸

Neste sentido, Tarroux-Follin e Bareiro Saguier, ao estudarem a segunda fase da revista, consideram que o apoio inicial da *Guarania* ao novo governo é a prova da ascendência ideológica do grupo sobre os golpistas. Sem deixar de reconhecer a mudança na orientação inicial da revista a partir do número 26, os autores centram sua análise neste número e, desse modo, contribuem para fortalecer a estigmatização de fascista da qual JNG tanto fez para se livrar, sem sucesso.⁴⁸⁹

Na *Guarania* no. 28, coincidente com o golpe de 1936, nada se diz a respeito da mudança de governo, muito provavelmente porque já estava pronta no momento dos acontecimentos. Porém, o silêncio se manteve no mês seguinte, em março, quando JNG publicou apenas uma poesia sobre mitos guaranis.

Já a partir de abril de 1936, no número 30, JNG se distancia da revista e do Paraguai e as notas editoriais passam a ser escritas pelo novo diretor, Enciso Velloso. Neste número, é a primeira vez que a *Guarania* se manifesta criticamente sobre o novo governo – por meio da nota editorial do novo diretor.⁴⁹⁰ O tom crítico se manteve nos seguintes números, ao que somava-se a defesa dos ataques de que era alvo a *Guarania*.⁴⁹¹

Só em julho de 1936, JNG reaparecia com um artigo crítico sobre o governo de Franco. JNG apresentava uma proposta para o “renascimento” do Paraguai, que consistia numa reforma constitucional, na construção de um novo tipo de Estado, na reorganização do exército, em um parlamento unicameral, na reforma agrária, no ensino público e gratuito e na importação de técnicos, entre outros elementos.

⁴⁸⁸ No capítulo anterior, tratamos as diferentes versões sobre a identidade político-ideológica do golpe de 1936. Enquanto alguns salientam o papel protagonista dos intelectuais da *Guarania*, outros colocam o peso na Liga Nacional Independente, de Juan Stefanich, ou em nacionalistas como Gómez Freire Esteves, que integrou o gabinete de Franco.

⁴⁸⁹ Ver: TARROUX-FOLLIN, C. e BAREIRO SAGUIER, R. *Le discours idéologique de Guarania, Paraguay (1933-1936)*. In: **Revista América**: Le Discours Culturel dans les revues Latino-Américaines de l'entre-deux-guerres, 1919-1939. N° 4/5, 1990.

⁴⁹⁰ ENCISO VELLOSO, Guillermo. *El Proceso de la Revolución de Febrero*. In: **Guarania**, Ano III, N° 30, Assunção, 20/04/1936, p.1-3.

⁴⁹¹ Em julho de 1936, Enciso Velloso fazia a ressalva de que os “intelectuais puros” queriam ver na *Guarania* um “museu de história”; mas, fiel a suas origens, a revista seguia com “ímpeto passional a elevada cátedra de nacionalismo e anti-individualismo”. Ver: *LA CULTURA y la política*. In: **Guarania**, Ano III, N° 33, Assunção, 20/07/1936, p.1. Em agosto de 1936, Enciso Velloso criticava a orientação totalitarista do governo de Franco, dada pelo decreto 152. In: *NOTAS marginales*. In: **Guarania**, Ano III, N° 34, Assunção, 20/08/1936, p.1.

Ainda que JNG tenha “voltado” à revista, há uma mudança significativa na quantidade de artigos publicados – principalmente se comparado com o primeiro ano – e na sua localização na revista. Enquanto, no primeiro ano, JNG chegava a publicar três artigos por número, muitas vezes distribuídos no início, no meio e no fim da revista; em 1936, há números nos quais ele não chegou a publicar nada ou, como neste de julho, tão somente as primeiras linhas de seu artigo aparecem na página 9 e continuam nas últimas páginas da revista. Porém, entre setembro e novembro, JNG voltou a publicar vários artigos por número, dando a impressão de ter recuperado o controle da revista.⁴⁹²

Provavelmente, o aprofundamento da crítica da *Guarania* levou à interrupção da revista após o envio de JNG e de Enciso Velloso ao exílio. Mas, junto com Víctor Morínigo, JNG atuaria na clandestinidade, publicando a *Guarania Encadenada*.⁴⁹³

Esta segunda etapa da revista, inicialmente retomada em função da Guerra do Chaco, perdeu seu rumo após o fim do conflito em junho de 1935. A partir desta data, a presença de JNG foi flutuante, aparentando uma permanente disputa pela direção de sua criação, que acabou perdendo em abril de 1936. Embora a revista tenha sido identificada como fascista, ela se destacou pelo caráter revisionista e nacionalista.

A reformulação dos temas historicamente tratados pelos revisionistas paraguaios, a partir de sua relação com uma questão mais ampla, como o anti-imperialismo, dava-lhe um caráter nacionalista. Esse nacionalismo se constituía em argumento legitimador de posições favoráveis à guerra, como a de JNG, que propunha a defesa do Chaco até a vitória final, o que significava lutar até a morte e não ceder um palmo do território nacional.

Ainda que a atuação de JNG na direção da *Guarania* em 1936 fosse descontínua, a revista deixou entrever que seus intelectuais identificavam como problema nacional a baixa autoestima do povo paraguaio, provocada pela derrota na guerra contra a Tríplice

⁴⁹² JNG não publicou nada nas edições 31, 32 e 34. Em setembro de 1936, voltava a publicar dois artigos num mesmo número. No primeiro, criticava o governo por seguir alternada e sinuosamente os modelos de “Roma ou de Moscou”. No segundo, através de um diálogo entre dois amigos, JNG expunha sua crítica aos partidos políticos emergentes e defendia os tradicionais, como o Colorado. Porém, este número publicou o Novo Ideário Colorado, também elaborado por JNG – o que sugere que ele tinha voltado a seu antigo protagonismo na revista. Ver: **Guarania**, Ano III, N° 35, Assunção, 20/09/1936. Em outubro, publicou um artigo criticando a aliança que apoiava Franco e outro sobre governo e cultura. Ver: **Guarania**, Ano III, No. 36, Assunção, 20/10/1936. No último número desta fase, JNG publicava um texto sobre o coloradismo. Ver: **Guarania**, Ano III, N° 37, Assunção, 20/11/1936.

⁴⁹³ Desconhecemos quantos números foram publicados, mas, no segundo, há um profundo ataque à “diplomacia da ditadura” de Franco que assinou o acordo de paz com a Bolívia. Neste número, figura que seus diretores eram JNG e Víctor Morínigo e que foi publicado em Assunção, quando JNG já estava morando em Buenos Aires. Era uma prática comum que os exilados paraguaios na Argentina imprimissem todo tipo de material na Argentina, para depois distribuí-lo em Assunção, o que pôde ter acontecido nesta ocasião. Ver: **Guarania Encadenada**. Ano 1, N° 2, Assunção, Jun.1937.

Aliança. A forma de reverter esse quadro “psicológico” era através da vitória em outra guerra. Admitir uma negociação com o inimigo podia significar a não recuperação da autoestima nacional.

A *Guarania* Latino-americana

A terceira fase da *Guarania* começou em 1942, estendendo-se até 1944. JNG encontrava-se em Buenos Aires desde 1937, após sua expulsão do Paraguai pelo governo de Franco. Nesta fase, a *Guarania* completou 20 números, com uma média de 61 páginas.⁴⁹⁴

Com formato menor do que na etapa anterior, a *Guarania* tinha o tamanho de 17 por 24 cm, assemelhando-se a uma revista acadêmica. Na capa, figuram o nome, a cidade, o número e a data, distribuídos entre a parte superior e a inferior da folha. No meio, o desenho de um índio seminu de perfil, com pano cobrindo sua genitália, segurando uma vara e olhando para o céu. É uma figura mais estilizada, que tem como fundo um bosque. Sombreada na parte anterior, ela é iluminada nas costas. O desenho se mantém em todos os números, apenas variando a cor de fundo. A revista não indica o autor do desenho.⁴⁹⁵

⁴⁹⁴ Como na etapa anterior, há oscilações na quantidade de páginas de cada número. A revista iniciou com 80 a 88 páginas por número, mas já no quinto caiu para 52 a 64; os números 14 e 15 foram publicados juntos, com 100 páginas, e os últimos contaram com 48 a 54 páginas.

⁴⁹⁵ A similitude entre alguns desenhos do artista gráfico paraguaio Andrés Guevara (1904-1963) com a ilustração da capa da *Guarania* da terceira fase leva a pensar em que provavelmente este desenho lhe pertença. Guevara morava em Buenos Aires quando a *Guarania* também era publicada na mesma cidade. Ver: CADOGAN, León. **Gua’i Rataypy**. Fragmentos del folklore guaireño. Assunção: Fundación León Cadogan/ Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1998, p.13. Coincidentemente, esta obra de Cadogan tinha sido publicada pela primeira vez pela editora Guarania.

Figura 4.4. Capa da Revista *Guaranía* da terceira fase (nº 2, Agosto de 1942).

JNG manteve o nome *Guaranía*, mas o completou com *Revista Americana de Cultura* e incluiu, na direção, o escritor venezuelano Jesús Antonio Cova, a quem tinha conhecido em sua viagem à Venezuela, em 1925.⁴⁹⁶ O sumário foi colocado na contracapa no primeiro número, mas, nos seguintes, foi incorporado nas primeiras páginas, precedido de algumas propagandas. Nas primeiras páginas, figuram os distribuidores da revista na Colômbia, na Venezuela e no Paraguai.

A *Guaranía* ressurgiu com novo formato, com uma proposta mais ampla e como uma publicação mensal, periodicidade que manteve parcialmente. A organização temática anuncia a nova proposta da *Guaranía*. Aos artigos de escritores paraguaios e latino-

⁴⁹⁶ Além de escritor, Cova também era editor e responsável da editora venezuelana “Cecilio Acosta”.

americanos, foram agregadas três seções de carácter informativo e cultural, além da apresentação de resenhas de livros. Duas seções, intituladas “Panorama do Continente Novo” – com artigos escritos por jornalistas – e “Através da Vida Americana” – com textos breves –, apresentavam informações gerais – história, legislação, economia, atualidade – dos países latino-americanos. Outra seção, “Arte e Artistas de América”, divulgava escritos literários de autores do continente.

Deste modo, a *Guarania* passou a ter dois tipos de colaboradores: escritores, que publicavam artigos, contos e poemas, e jornalistas, que escreviam textos informativos do continente. Porém, esta diversidade temática se interrompeu em julho de 1943, no número 10, quando as seções informativas e culturais não foram mais publicadas.

Na nota editorial do primeiro número, JNG retomava sua preocupação em recuperar a “verdadeira” identidade, agora da América, que era buscar, no passado, o que a América tinha de perene, de permanente, de “eterno”.

A reaparição da *Guarania* coincidia com a Segunda Guerra Mundial, com uma Buenos Aires cosmopolita, que congregava intelectuais de todos os cantos da América Latina e da Espanha, e com um JNG exilado de seu Paraguai, o que o empurrava a abrir sua identidade nacional para uma identidade continental. A revista começou com esse ímpeto integrador e, para isso, contou com a colaboração de figuras-chave como Jesús Antonio Cova e Gabriel del Mazo que, além de aportarem textos próprios, facilitaram a publicação de autores de seus respectivos círculos intelectuais.⁴⁹⁷

Ao longo dos 20 números desta terceira etapa, a *Guarania* publicou 178 textos, dos quais 62,36% correspondiam a artigos, contos e poemas de escritores latino-americanos. 37,64% eram parte das seções informativas sobre diferentes países da América, cujos autores denominamos genericamente jornalistas.⁴⁹⁸ Porém, as porcentagens não refletem que, a partir do número 9 da *Guarania*, as seções informativas deixaram de ser publicadas.

⁴⁹⁷ O peso de Germán Arciniegas e de Víctor Morínigo, em contribuições diretas, foi menor. A maior participação de Cova e Del Mazo pode estar vinculada à presença física de ambos em Buenos Aires, enquanto que Arciniegas tinha voltado para Bogotá, para integrar o gabinete do presidente Eduardo Santos, em dezembro de 1942. Ver: QUINTEROS, M. C. e SUÁREZ MORALES, C. D. *Estrategias de lucha del antiperonismo latino-americano: Juan Natalicio González y Germán Arciniegas*. In: BERTONHA, J. F. e BOHOSLAVSKY, E. (Ed.). **Circule por la derecha**. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: UNGS, 2016.

⁴⁹⁸ Não há diferenciação taxativa entre os autores, mas ela está dada nas características dos textos da seção “Panorama”, que são breves e informativos. Alguns autores se repetem e escrevem em diferentes seções, como Víctor Morínigo.

Se considerarmos somente os primeiros nove números, o aporte dos textos jornalísticos representava 52,75%.⁴⁹⁹

Segundo a origem nacional dos autores, os estrangeiros constituíam 49,44%; enquanto que os paraguaios só representavam 24,72%.⁵⁰⁰ A maioria dos estrangeiros era de latino-americanos, tendo sido publicados uns poucos escritores franceses e espanhóis. As resenhas bibliográficas também reforçam o “latino-americanismo” da *Guaranía*. Nos primeiros nove números, foram publicadas 42 resenhas, das quais apenas 23,80% correspondiam a resenhas de livros de autores paraguaios, enquanto 57,14% eram sobre autores latino-americanos.⁵⁰¹

Essa identidade mais latino-americana, a partir do número nove, começou a perder força. Além de não publicar mais as seções informativas e culturais, a quantidade de autores e artigos diminuiu drasticamente. Somado a isto, a partir do número 16, Cova não figura mais como diretor e não há nenhum esclarecimento a respeito. Assim, a diminuição de páginas foi acompanhada pela redução de artigos escritos por autores latino-americanos, no que aparenta uma lenta agonia até seu desaparecimento, em agosto de 1944.

Tendo como referência o total de colaborações, JNG foi responsável por 10,67%, seguido por Del Mazo, com 4,49%.⁵⁰² Cova, em terceiro lugar, publicou apenas 2,80% do total, pelo que é possível considerar que, apesar do esforço em latino-americanizar a *Guaranía*, JNG manteve o controle sobre a revista e a continuou usando como uma vitrine para a autopromoção.

Com média de quatro por número, até o número 9 da revista, os artigos abarcam um leque de temas um pouco mais amplo; porém, se destaca a concentração de artigos sobre o Paraguai, história latino-americana, reforma educacional – especialmente a universitária –, e assuntos sobre a Venezuela. Sem dúvida, isso decorre de os autores mais publicados serem JNG (responsável pelos artigos sobre Paraguai), Del Mazo (autor de muitíssimos textos sobre reforma universitária) e Cova (responsável por temas vinculados à Venezuela). A partir do número 10, os artigos se concentram em temas sobre o Paraguai.

Após o número 9, a redução de artigos, de páginas e da variedade de temas parece indicar que, como projeto cultural, a *Guaranía* da terceira fase fracassou. Porém, ao analisar os artigos e as notas “jornalísticas” sobre o Paraguai, surge a hipótese de que, uma

⁴⁹⁹ Ver quadro 8 (Anexo).

⁵⁰⁰ Ver quadro 8 (Anexo). Nesta porcentagem, não foram incluídos os autores cuja origem nacional não foi possível identificar.

⁵⁰¹ Ver quadro 9 (Anexo).

⁵⁰² Ver quadro 10 (Anexo).

vez mais, a revista foi uma arma poderosa para JNG – e para o grupo de intelectuais que sempre o apoiou, principalmente, Víctor Morínigo – se reinserir na política nacional de seu país. Na medida em que este objetivo se realizava, o programa cultural enunciado no primeiro número, em julho de 1942, era abandonado.

JNG apresentou textos sobre história paraguaia e latino-americana. Entretanto, Víctor Morínigo escrevia artigos “informativos” do Paraguai na seção “Panorama do Continente Novo”, sobre as medidas do governo de Higinio Morínigo.⁵⁰³ A seção “Através da vida americana” completa este quadro informativo da revista, com informações “objetivas” do Paraguai governado por Higinio Morínigo, geralmente em textos curtos e sem autor.⁵⁰⁴

⁵⁰³ A partir do segundo número da *Guarania*, Víctor Morínigo se refere à lei de controle de câmbio, explicando como, diante da situação de uma balança comercial desfavorável, o governo adotou uma medida de controle do câmbio para evitar a desvalorização da moeda nacional e obrigar o uso desta no lugar do peso argentino, tão frequente no comércio interno. No terceiro, Morínigo explica que, ainda que o ministro de Agricultura, Comércio e Indústrias considerasse que a base econômica do Paraguai era a agricultura, considerava que devia promover-se a instalação de algumas indústrias. Por isso, tinha sido editada uma nova lei para promover as indústrias através de isenções fiscais. No quarto número, Morínigo trata do turismo no Paraguai, analisando a deficiência hoteleira de Assunção, para o qual a Dirección Nacional de Turismo estaria providenciando recursos para ajudar na construção de hotéis. Ver: MORÍNIGO, Víctor. *La Ley de Control de Cambios en el Paraguay*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 2, T.I, Buenos Aires, Ago.1942, p.133-136.

_____. *En el Paraguay se ha creado un régimen de privilegio industrial*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 3, T.I, Buenos Aires, Set.1942, p.213-215.

_____. *El turismo en el Paraguay*. In: **Guarania**, Ano 1, No. 4, T.I, Buenos Aires, Out.1942, p.303-305.

_____. *El Paraguay está desarrollando un vasto plan de colonización*. In: **Guarania**, Ano 2, N° 7, T.II, Buenos Aires, Fev.1943, p.27-29.

_____. *Paraguay estrecha sus vínculos con el Brasil*. In: **Guarania**, Ano 2, N° 9, T.II, Buenos Aires, Jun.1943, p.147-149.

No resto das notas da seção “Panorama”, Víctor Morínigo se detinha em aspectos culturais, como o trabalho da Academia de Cultura Guaraní, presidida por Guillermo Tell Bertoni, e sobre o Ateneu Paraguaio, criado em 1934, a partir da fusão do Instituto Paraguaio com o Ginásio Paraguaio. O autor destaca várias atividades culturais da entidade, principalmente aquelas vinculadas à cultura guaraní. Em outro número, Morínigo escrevia sobre a história da produção vitivinícola do Paraguai – e como em outros casos, citava, como bibliografia, a JNG. Ver:

MORÍNIGO, Víctor. *El Paraguay realiza un movimiento de vuelta al pasado y a la tierra*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 1, T.I, Buenos Aires, Jul.1942, p.54-56.

_____. *Arte y artistas del Paraguay*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 5, T.I, Buenos Aires, Nov.1942, p.369-370.

_____. *Una industria resurrecta*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 6, T.I, Buenos Aires, Dez.1942, p.433-435.

⁵⁰⁴ *EL PRESUPUESTO paraguayo*. In: **Guarania**, Ano 1, N° 1, T.I, Buenos Aires, Jul.1942, p.76-79.

LA EXTINCIÓN de la deuda de guerra a la Argentina. In: **Guarania**, Ano 1, N° 2, T.I, Buenos Aires, Ago.1942, p.162-165.

EL PRESIDENTE Morínigo traza el panorama internacional del Paraguay. In: **Guarania**, Ano 1, N° 3, T.I, Buenos Aires, Set.1942, p.242-250.

AUMENTA el salario de los obreros y empleados paraguayos. In: **Guarania**, Ano 1, N° 4, T.I, Buenos Aires, Out.1942, p.331-333.

CUATRO millones de pesos para una cooperativa. In: **Guarania**, Ano 1, N° 6, T.I, Buenos Aires, Dez.1942, p.451-452. A nota sobre a ajuda do Estado à indústria vitivinícola conclui que a “oportuna intervenção do Estado, levada a cabo com fins patrióticos, redundará sempre em benefício de todos”.

EL CRÉDITO externo del Paraguay. In: **Guarania**, Ano 2, N° 8, T.II, Buenos Aires, Mar.1943, p.105-107.

A partir do décimo número, progressivamente, os artigos se centram na economia, na história e na atualidade paraguaias. Há, pelo menos, um artigo de JNG por número sobre história ou sobre economia de seu país. Outros autores paraguaios também contribuem com artigos sobre o governo paraguaio. Paralelamente, eram publicados os tratados internacionais assinados por Higinio Morínigo, assim como um informe detalhado de suas viagens fora do país. Isso converteu-se em uma parte da revista, quase com o protagonismo de uma seção específica.

Pode se inferir que, quando a revista reapareceu, em 1942, já havia o propósito de informar, favoravelmente, sobre a economia e a política paraguaias daquele momento. Progressivamente, as notas foram incorporando elementos para promover uma imagem positiva do país no exterior e, com isso, uma imagem igualmente positiva de seu presidente, Higinio Morínigo, salientando sua preocupação em promover a indústria, o comércio exterior e estabilizar a economia, através de reformas fiscal e monetária, ao mesmo tempo que se mostrava a preocupação social desse governo “nacionalista”, ao aumentar os salários dos trabalhadores.

O presidente Morínigo, ao proibir as manifestações partidárias, teve que enfrentar diversos confrontos com os partidos opositores e com o movimento operário que, já em 1940, o acusava de “fascista”.⁵⁰⁵ Mas, Higinio Morínigo era cada vez mais tolerante com as crescentes manifestações políticas dos colorados. Este acordo tácito de convivência entre o governo e o coloradismo foi o pontapé inicial para o contato entre Higinio Morínigo e JNG. Segundo González Delvalle, JNG tinha profunda convicção da necessidade de aproximação – ainda que fosse um governo ditatorial – pelo que escreveu uma carta a Higinio Morínigo, de Buenos Aires, em 12/12/1941. Nela, JNG oferecia sua colaboração com o governo paraguaio.⁵⁰⁶

Poucos meses depois da carta, JNG colocava a *Guarania* em circulação, em Buenos Aires. Não duvidou em reabri-la como um projeto cultural, que, progressivamente, foi se metamorfoseando em um projeto político tanto para limpar a imagem internacional do

Em outras notas desta mesma seção, se menciona a homenagem da Universidade de La Plata ao Paraguai, em ocasião da entrega do título de Doutor Honoris Causa a Alfredo Palacios – que já tinha recebido igual título pela Universidade Nacional de Assunção – e se reproduz o discurso do embaixador do Paraguai. Também se menciona a criação do Centro Cultural Argentino-Paraguaio e que uma rua em Assunção passaria a se chamar Dr. Alfredo L. Palacios. Ver: *EM ACTO solemne la Universidad de La Plata rindió homenaje al Paraguay*. In: **Guarania**, Ano 1, Nº 5, T.I, Buenos Aires, Nov.1942, p.384-388; 390.

⁵⁰⁵ GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **Higinio Morínigo**. Assunção: El Lector, 2011. (Coleção Protagonistas de la Historia, 15), p.50.

⁵⁰⁶ In: GONZÁLEZ DELVALLE, A. **La hegemonía colorada, 1947-1954**. Assunção: El Lector, 2011. (Coleção La Gran Historia del Paraguay, 12), p.77.

presidente do Paraguai como para preparar seu próprio futuro como ministro da Fazenda.⁵⁰⁷ Eis a razão de seus artigos sobre economia paraguaia, mostrando domínio nesse campo do conhecimento.

A revista circulou entre os *forjistas*, mas também tinha ampla circulação dentro da comunidade paraguaia residente na Argentina. O compromisso e a eficácia de JNG garantiram sua nomeação na Embaixada em Montevidéu, em 1945, e, mais tarde, no Ministério da Fazenda. Assim, a revista, que aparentava ter atravessado uma longa agonia, em grande medida, deixou de existir porque seu objetivo político tinha sido atingido e seu diretor iniciava uma outra fase em sua vida política.

A *Guarania* Propagandística

A *Guarania* ressurgiu pela quarta e última vez em Assunção, três anos depois da terceira etapa, em novembro de 1947. Porém, foi a fase mais curta, com somente sete números publicados. JNG já era uma figura política consolidada dentro do governo de Higinio Morínigo, pela sua passagem no Ministério da Fazenda e pelo protagonismo dos *guiones rojos* no triunfo governamental na Guerra Civil de 1947. Em novembro desse mesmo ano, JNG tinha sido designado candidato presidencial do coloradismo na controversa convenção partidária, 10 dias antes de a revista ser impressa.

Projetada como uma revista bimestral, com formato parecido ao da etapa anterior – com o mesmo tamanho de 17 por 24 cm – e média de 228 páginas por número, a *Guarania* era editada em Assunção, pela editora Guarania, mas sua impressão era feita em Buenos Aires, geralmente, com alguns meses de atraso em relação à data que aparece na capa.

A revista manteve o nome da etapa anterior, que figura numa capa mais sóbria, de cor branca, com as letras em vermelho, para o nome “Guarania”, e em preto para “Revista Americana de Cultura”. Mais “limpa”, a capa não contém nenhum desenho, enquanto, na contracapa, está o sumário. Porém, o elemento indígena foi preservado no interior, na

⁵⁰⁷ Provavelmente, a campanha favorável da *Guarania* em relação a Higinio Morínigo se inscrevia numa política de informação mais geral do presidente paraguaio, de homogeneização de critérios e informações a serem publicados na imprensa escrita nacional. Neste sentido, uma das medidas mais transcendentais foi a criação, em 1941, do Departamento Nacional de Propaganda – DENAPRO – para divulgar a versão oficial das ações do governo. Segundo Gómez Florentín, esta campanha propagandística de Higinio Morínigo visava o disciplinamento da dissidência para evitar o confronto direto das lutas sindicais. Ver: GÓMEZ FLORENTÍN, Carlos. **Higinio...**, p.54.

primeira página, na qual foi reproduzida a mesma imagem do índio de perfil da *Guarania* da terceira etapa.⁵⁰⁸

Figura 4.5. Capa e primeira página da Revista *Guarania* da quarta fase (nº 3, Marzo-Abril, 1948).

A simplicidade desta etapa, se comparada com a segunda, em que houve uma preocupação central com a diagramação gráfica e com os desenhos, chama a atenção. Somente a presença de um elemento novo na história da *Guarania* marca uma diferença qualitativa, que é a incorporação de fotografias, que ajudam a contar graficamente o relato de alguns artigos. Provavelmente, o interesse de JNG, em manter-lhe uma aparência acadêmica, ou a pressa em distribuir a revista, durante sua campanha eleitoral ou coincidindo com sua presidência, pode ter influenciado no formato.

Com média de 5,57 artigos por número, a revista não contou com muitas colaborações; porém, cada artigo ocupava um espaço notoriamente maior, em relação aos outros momentos da *Guarania*, se consideramos o número de páginas. Dos 39 artigos publicados ao longo dos sete números, 76,92% tratam sobre assuntos vinculados ao

⁵⁰⁸ Nesta mesma página, estão os dados da revista, como nome, número, data, ano e endereço. JNG aparece somente como o fundador da revista. Os anúncios foram colocados nas últimas folhas de cada número.

Paraguai, apesar de que pouco mais da metade dos autores fosse de estrangeiros.⁵⁰⁹ Novamente, JNG foi o autor mais publicado pela revista, com 15,38% do total dos artigos.⁵¹⁰

Pela primeira vez, a nota editorial do primeiro número – a única para toda esta etapa – reflete sobre as diferentes interrupções que a revista tinha atravessado desde sua criação em 1920:

Exponente de arte y de pensamiento, es decir, de cultura, esta Revista sufrió las mismas vicisitudes por las que pasó el pueblo guaraní. Cumplió con claro afán la misión que se había impuesto, y cuando la dictadura encarceló a sus redactores, siguió apareciendo en el extranjero, no para denigrar al Paraguay, ni siquiera para difundir pregón de vilipendio contra los opresores, sino para enriquecer los valores eternos de la cultura nativa [...]

La recuperación de Guaranía significa, por lo mismo, que la libertad vuelve a imperar en el Paraguay. Usaremos de esa libertad para ofrecer a los demás pueblos de América, una visión veraz de la realidad paraguaya, objetivamente, sin incurrir ni en la apologética ni en la invectiva.⁵¹¹

Se JNG fez um paralelismo entre sua vida pessoal e a história nacional paraguaia, aplicou o mesmo mecanismo para interpretar a vida da *Guaranía*. Apesar das interrupções e dos deslocamentos, na interpretação de JNG, a revista voltava a seu espaço natural que era o Paraguai.

Ao longo dos sete números bimestrais desta etapa – que se estendem de novembro de 1947 a dezembro de 1948 – a *Guaranía* manteve sua preocupação em continuar publicando textos sobre o passado nacional, desde diferentes ópticas e períodos, e também alguns sobre a história latino-americana.⁵¹²

JNG publicou em seis dos sete números desta etapa. Cada texto seu era o primeiro artigo de cada número. No sexto número, em que JNG não publicou, Víctor Morínigo escreveu um artigo sobre a produção literária de JNG, que também foi colocado em primeiro lugar. Nas etapas anteriores, o protagonismo de JNG se dava pela presença numérica de artigos – em alguns casos, com dois ou três artigos por número. Mas, nesta última fase, JNG impôs sua preeminência pela ordem dos artigos.

⁵⁰⁹ Ver Quadro 12 (Anexo).

⁵¹⁰ Ver Quadro 13 (Anexo).

⁵¹¹ *GUARANÍA*. In: **Guaranía**, Ano I, N^o 1, Assunção, Nov-Dez.1947, p.3.

⁵¹² Como parte desta preocupação, a partir do quarto número, a revista começou a publicar uma nova seção documental, sobre os “Livros da Real Fazenda”, constituída por “documentos inéditos” do Arquivo de Assunção, que se manteria até o sétimo número. A revista contemplou outros aspectos vinculados ao Paraguai, como a reforma monetária implementada em 1943, a estigmatização dos colorados como “bárbaros”, a agricultura no Chaco e os *pynandis*. Também foram contemplados os poetas, alguns dos quais apresentaram poemas laudatórios do Paraguai.

Há também notas aparentemente informativas que buscam fortalecer uma imagem positiva do governo de Higinio Morínigo e de JNG como parte dele. No terceiro número, um artigo sem autor descreve os festejos do dia do *Pynandi*, em 14/03/1948. A magnitude dos festejos daquele dia foi amplamente resenhada na nota, informando que assistiram 85.000 pessoas na Praça Uruguiaia e que uma das colunas era a do *Pynandi Tendotá* ou Guia dos *Pynandi*, a de JNG, “futuro mandatário do Paraguai, seguido pelo seu povo”.⁵¹³ A nota inclui fotografias e, em uma delas, JNG aparece encabeçando a manifestação com pessoas portando as bandeiras nacional e do Partido Colorado, como cartazes com o retrato e o nome de JNG.

Ainda que o artigo não o explicitasse, a festa era parte da campanha de apoio à candidatura de JNG, futuro presidente do Paraguai, dada a ausência de outros candidatos, e era uma expressão de forças, para mostrar tanto o apoio popular como a coordenação entre os três pilares do poder – Povo, Partido, Governo – naquele momento.

O quinto número corresponde ao bimestre julho-agosto de 1948, coincidente com a data em que JNG assumiu a presidência do Paraguai. Nele, foram publicados os textos elogiosos de Germán Arciniegas, Gilberto Freyre e Pedro Calmón, sobre a posse de JNG e que já tinham sido publicados em outros jornais. Nesse mesmo número, um relato de Ezequiel González Alsina detalha o dia da posse de JNG, como momento de “normalização institucional do Paraguai”, iniciado pela ANR em 1946. O autor afirma que, com JNG, iniciava-se o “Estado Servidor do Homem Livre”.⁵¹⁴ Além da crônica dos acontecimentos vinculados ao 15/08/1948, o autor enumera as pessoas e as delegações presentes, acrescenta fotografias e apresenta os membros do novo gabinete. O número se completa com a reprodução dos discursos de diversas autoridades presentes à posse de JNG.

Uma análise do austríaco Víctor Frankl sobre o pensamento de JNG, no segundo número, e o artigo de Víctor Morínigo sobre JNG, contribuía para exaltar sua figura como intelectual. Deste modo, a forma de JNG se autopromover era através de resenhas dele como autor. Morínigo defendia seu Quixote, afirmando que “Natalicio González é o primeiro escritor paraguaio tipicamente americano, pela organização, sentido e conteúdo de sua obra” e o definia como poeta, político e sociólogo.⁵¹⁵

⁵¹³ Ver: *EL DÍA del Pynandí*. In: **Guaranía**, Ano I, N^o 3, Assunção, Mar-Abril, 1948, p.121.

⁵¹⁴ A frase faz referência ao título do livro que JNG publicou em 1960, pela editora Guaranía, no México.

⁵¹⁵ MORÍNIGO, Víctor. *Natalicio González y su obra*. In: **Guaranía**, Ano I, N^o 6, Assunção, Set.-Out. 1948, p.5; 10.

Os artigos publicados por JNG na última fase da *Guarania* são variados e seriam retomados em publicações posteriores. No primeiro número, publicou um artigo intitulado “Teoria e fundamentos da liberdade”, reiterando sua crítica sobre a importação de modelos ditos “exógenos”.⁵¹⁶ JNG reincidia em sua crítica ao liberalismo, mas advertia que sua hegemonia era disputada por novos sistemas ideológicos, como o comunismo e o nazifascismo.⁵¹⁷ Para o criador da *Guarania*, estes conflitos europeus repercutiam na América que, ao adotar algum deles, não fazia mais do que continuar amarrada ao país propulsor dessas ideologias.

Por isso, JNG propunha estruturar uma doutrina propriamente americana, fundada num outro conceito da liberdade – elemento vital da alma do homem americano –, diferente da ideia de que “o homem nasce livre”, apresentada na Declaração dos Direitos do Homem. Para JNG, esta noção de liberdade era nociva, porque o Estado não poderia intervir a favor do bem coletivo se isso significasse limitar a liberdade individual. Assim, entendia que a ideia de liberdade do liberalismo levava à opressão de vastos setores sociais.

Para JNG, a liberdade é um dom que se adquire pela solidariedade social. É por meio de instituições como a família, os partidos políticos e o Estado, que o homem aprende a lutar pela conquista da liberdade. O Estado participa no processo elaborando leis que não são mais do que interpretações de leis sociais – as leis não se copiam nem se inventam, se “deduzem”.

O *coloradismo* era, para JNG, uma doutrina americana que tinha nascido da realidade americana e não aceitava o liberalismo, nem o comunismo, nem o fascismo. O Partido Colorado, nascido da massa agrária, estaria profundamente impregnado das forças telúricas. Portanto, a ANR – através de JNG – propunha um Estado que atuasse como instrumento de libertação política e que não estivesse a serviço de nenhum partido; que fosse instrumento de libertação econômica, controlando as forças econômicas contrárias à justiça social; e que contribuísse à formação da cultura. Estado e sociedade lutariam solidariamente pela conquista da liberdade.

⁵¹⁶ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Teoría y Fundamentos de la Libertad*. In: **Guarania**, Ano I, No. 1, Assunção, Nov-Dez.1947, p.6. Leandro Prieto Yegros reuniu vários textos de JNG, entre eles este sobre a liberdade, no livro “A ideologia Americana”. Lamentavelmente, o editor não informa a origem dos textos. Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **La Ideología Americana**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 1984.

⁵¹⁷ Numa nota de rodapé, JNG esclarecia ter escrito parte deste artigo em 1938. In: GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Teoría...*, p.8.

A partir da segunda parte do texto, intitulada “Os fundamentos da liberdade”, JNG explica suas ideias partindo da história paraguaia. Para isso, exalta a “época de ouro” de Francia e dos López, desmerece a era liberal (1904-1936) e, seguidamente, resgata as reformas implementadas durante o governo de Higinio Morínigo, que teriam permitido a “revitalização econômica do país” e a “prática de uma democracia efetiva e progressista”.⁵¹⁸

JNG entendia que, para a criação de uma “riqueza própria”, era necessário reestruturar o sistema educacional, universalizando efetivamente o ensino para toda a população. Criticava o Estado liberal, que teria sido omissivo na alfabetização dos alunos, pela falta de escolas e professores. Citando Del Mazo, JNG insistia na educação de longo prazo, com o objetivo de formar as pessoas em técnicas e ofícios, além de instruí-las em valores.

JNG continuava seu texto filosófico, que tinha se transformado em um esboço de programa de governo, assinalando a necessidade de formar geólogos, químicos, físicos, artesãos, médicos, mecânicos e operários preparados “para transformar e fazer circular as riquezas estratificadas da terra guarani”.⁵¹⁹

Com este artigo sobre a liberdade, JNG inaugurava a quarta etapa da *Guarania*, mas também a campanha para sua eleição como presidente do Paraguai.

No segundo número da *Guarania*, JNG apresentava os poetas paraguaios, iniciando o relato com Natalicio Talavera e concluindo que a poesia paraguaia expressava o “rico conteúdo da alma nativa”.⁵²⁰ No número seguinte, JNG continuou com os escritores e historiadores paraguaios. Outro artigo, mais filosófico, tratava sobre Santo Agostinho. No último número, JNG resgatava seu texto “Bases e tendências da cultura paraguaia”, publicado no primeiro número da *Guarania* da terceira etapa.

No quarto número, em seu artigo sobre as “instituições sociais e militares”, JNG descrevia a organização social, econômica, militar e do trabalho de índios, mestiços e negros durante o período colonial, quando os espanhóis teriam tentado transladar as leis e instituições peninsulares ao Paraguai. Porém, o “espírito democrático do nascente povo paraguaio fez fracassar” os esforços espanhóis. Uma das razões teria sido a sobrevivência dos hábitos guaranis.⁵²¹

⁵¹⁸ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Teoría...*, p.28-29.

⁵¹⁹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Teoría...*, p.31-32.

⁵²⁰ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Los Poetas del Paraguay*. In: **Guarania**, Ano I, Nº. 2, Assunção, Jan-Fev.1948.

⁵²¹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Las instituciones sociales y militares*. In: **Guarania**, Ano I, Nº. 4, Assunção, Mai-Jun.1948, p.23.

Outro elemento destacado por JNG é que, desde o período colonial, o paraguaio já era um camponês-soldado que “orgulhosamente alternava o uso das armas com o arado”. Este sujeito histórico teria se mantido até o presente de JNG, imprimindo uma “fisionomia eterna à nação”. Por esta razão, o Paraguai nunca “se amoldará aos modelos exóticos” e seria fiel ao sonho dos “guerreiros do agro”.⁵²²

Em suma, é possível estabelecer que, desde o primeiro número da *Guaranía* – impresso dez dias após ser designado candidato presidencial da ANR –, JNG idealizou a revista como instrumento de divulgação de suas ações como membro do governo de Higinio Morínigo e de seus projetos como candidato presidencial.

A nota do Dia do *Pynandi* permitia mostrar ao leitor que JNG contava com o apoio popular. Os artigos de seus amigos intelectuais latino-americanos davam conta do apoio internacional. Porém, a importância de JNG não podia ser reduzida ao momento político no qual a revista era publicada. Os artigos de Víctor Frankl e de Víctor Morínigo tinham que deixar transluzir a transcendência de JNG como escritor e como erudito.

Nos artigos de sua autoria, JNG voltava sobre sua proposta de um Estado intervencionista na economia e na organização social. Mas, suas simpatias pelo fascismo não eram mais explicitadas, chegando inclusive a condená-lo reiteradamente como modelo exógeno. Por outro lado, deu continuidade ao discurso nacionalista antiliberal e apelava ao apoio popular para dar legitimidade a sua passagem pelo governo de Higinio Morínigo e a suas propostas como candidato presidencial.

Portanto, é possível concluir que a revista foi retomada como um instrumento de proselitismo político. A *Guaranía* deixou de existir quando não conseguiu cumprir mais com estes objetivos. Em 1949, estando em Buenos Aires, JNG se concentrou na escrita de *Cómo se construye una nación* (1949) e em idealizar sua biografia, escrita por Gilberto González y Contreras (1951), textos através dos quais tentaria reverter uma imagem negativa de seu governo e de si, respectivamente.

A *Guaranía*, um projeto pessoal

Ao longo de sua instável vida, a *Guaranía* surgiu e se manteve como um projeto político e cultural de seu criador. Ainda que JNG conseguisse aglutinar sucessivos grupos de colaboradores – escritores revisionistas, nacionalistas, latino-americanos – foi ele quem

⁵²² GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Las instituciones...*, p.23.

imprimiu a orientação da revista em cada uma de suas etapas. Mesmo quando perdeu parcialmente o controle, na segunda etapa, conseguiu reverter a situação e reimprimir seu carácter.

Criada na conjuntura do cinquentenário da guerra contra a Tríplice Aliança, emergiu como uma revista de expressão do revisionismo histórico paraguaio. Os objetivos eram a releitura da história e a instauração de uma nova liturgia pátria, pelo que somavam-se aos múltiplos esforços de divulgação da interpretação de O’Leary. JNG tinha se destacado como jornalista, mas, com a criação da revista, dava seu primeiro grande passo como editor, na medida em que a publicação foi iniciativa sua e, enquanto projeto pessoal, coube a ele a decisão sobre o formato, os temas e os autores.

JNG teve a ascendência de O’Leary na escolha dos autores, principalmente dos latino-americanos; mas isso não minguou seu projeto pessoal, que iniciou a revista como instrumento de divulgação de seus próprios escritos e como instrumento de projeção pessoal. A primeira interrupção teve a ver com a mudança de JNG para a Argentina, mas, principalmente, com o fato de a *Guarania* ter surgido apenas com o objetivo de expandir a interpretação revisionista da história em uma data específica, o 1º de março – aniversário da batalha de Cerro Corá.

Num segundo momento, a *Guarania* reapareceu para intervir mais energicamente no panorama nacional impregnado pela Guerra do Chaco. Os textos revisionistas foram retomados e redefinidos para justificar o apoio à guerra até as últimas consequências. A releitura do passado permitiu construir elementos identitários da “paraguaidade”, tendentes a mostrar a “essência” do Paraguai. Ter ciência dela abria a possibilidade de superar o trauma da derrota na guerra oitocentista, mas também facilitava o entendimento do Paraguai como uma unidade homogênea baseada na raça, na terra e na história.⁵²³ Demonstrar que essa era a essência da paraguaidade permitia identificar os inimigos internos e os externos.

Os internos eram aqueles que importavam modelos sociais, econômicos e políticos “exóticos”. Esta generalização cobria todo o espectro adversário, dos liberais aos comunistas – e mostrou-se muito prática, pela versatilidade ao longo do tempo para identificar o “nós” – paraguaios – e os “outros” – traidores, antiparaguaios ou legionários.

⁵²³ Segundo Maria Helena Capelato, “para se construir identidades, é imprescindível apagar as diferenças, ocultar os conflitos e as hierarquias, escamotear as diversidades e, sobretudo, as contradições. Pois, apenas assim ocorre uma adesão homogênea, harmoniosa e coletiva em oposição a um ‘outro’ imaginado”. In: CAPELATO, M. H. R. **Identidades Nacionais em questão**. São Paulo: USP, 2013. (Comunicação pessoal).

Os inimigos externos eram os que tentavam destruir essa “essência” ou esse “espírito” paraguaio. Naquele momento, a *Guarania* via a Bolívia como uma marionete governada por uma elite a serviço dos verdadeiros inimigos do Paraguai, em particular, e da Indoamérica, no geral, conformados por grupos econômicos internacionais.

Na primeira etapa, a revista de JNG publicou os textos de Carlos Pereyra sobre o imperialismo norte-americano no hemisfério. Mas, na década de 1920, esses textos eram apenas informativos de uma realidade distante para os intelectuais paraguaios, mais preocupados com as disputas pelo poder nacional. No entanto, na década de 1930, a questão do imperialismo foi recuperada pela *Guarania* como argumento legitimador da Guerra do Chaco, enquanto a suposta presença de interesses externos surgia como uma ameaça próxima e mais tangível.

Portanto, à história revisionista, somava-se um discurso anti-imperialista que completava a orientação nacionalista da *Guarania*. Ainda que tenham sido incorporados somente dois autores que tocaram neste tema, Long e outro anônimo, JNG trata do assunto em cada texto vinculado à Guerra do Chaco. Deste modo, JNG integrava-se ao conjunto de intelectuais latino-americanos das primeiras décadas do século XX que tomaram a questão do imperialismo como tema de debate sobre a identidade latino-americana.⁵²⁴

JNG defendia um nacionalismo especificamente paraguaio. Ao combinar os mitos do revisionismo histórico paraguaio com o anti-imperialismo, defendia a ideia de que a nação paraguaia existia muito antes da independência do Paraguai. Ela foi se definindo a partir da mestiçagem do índio com o espanhol, o que permitiu que Assunção se convertesse num centro de irradiação da identidade autóctone e de civilização. Portanto, o Paraguai era o coração da América do Sul.⁵²⁵

Com o triunfo na Guerra do Chaco, o anti-imperialismo perde centralidade no discurso nacionalista de JNG publicado na *Guarania*, que será mais insistente na necessidade de

⁵²⁴ Segundo Alexandra Pita e Carlos Marichal Salinas, nas primeiras três décadas do século XX, “as reflexões sobre o outro (estrangeiro, ianque, gringo, etc.) exerceram papel importante nas formas de autointerpretação do próprio (latino, hispano ou ibero-americano)”. In: PITA GONZÁLEZ, A. e MARICHAL SALINAS, C. **Pensar el anti-imperialismo: ensayos de historia intelectual latino-americana, 1900-1930**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: Universidade de Colima, 2012, p.10.

⁵²⁵ Mallimaci e Cucchetti consideram que os nacionalismos não podem ser entendidos como blocos culturais abstratos ou como simples princípios teóricos. É necessário estudá-los através das trajetórias individuais, das organizações e ideias que têm sua origem em espaços de diversos universos nacionalistas. Este postulado permite pesquisar de que modo os nacionalistas tentam se projetar em torno da ideia da “tomada do poder”, partindo do âmbito intelectual ou do político. Este conceito permite refletir sobre a especificidade do nacionalismo de JNG. Ver: MALLIMACI, F. e CUCCHETTI, H. **Nacionalistas y Nacionalismos**. Debates y escenarios en América Latina y Europa. Buenos Aires: Gorla, 2011, p.7-15.

organizar um Estado que defenda a dita “essência” paraguaia, a identidade “eterna” do Paraguai. Por essa razão, apresentou-se um número dedicado ao fascismo, poucos meses depois de finalizado o conflito bélico. Na tentativa de manter uma retórica coerente, contrária à importação de modelos estrangeiros, JNG confirmava sua admiração pelo Estado corporativista, mas com reservas, afirmando que o Paraguai devia construir seu próprio Estado, assim como o fascismo tinha chegado a um modelo estatal apropriado a sua realidade social.

Apesar das expectativas colocadas no novo governo instaurado após o golpe de 17/02/1936, JNG e os intelectuais da *Guaranía* se distanciaram progressivamente – até sua expulsão do país, no final de 1936. Assim, a revista foi interrompida abruptamente pela expulsão de seus diretores, mas também havia perdido a razão pela qual tinha sido criada – que era fazer a oposição ao governo liberal e ter um palco para arregimentar a opinião pública a favor da guerra.

Ao ser retomada pela terceira vez, a revista parecia atravessar por uma profunda renovação tanto em sua orientação como no grupo de colaboradores. De fato, inicialmente, foi assim. Mas, apesar da abertura, JNG manteve a revista como um projeto pessoal. Sob uma fachada mais latino-americanista e cultural, JNG conseguiu incorporar, nas seções informativas, uma imagem positiva de Higinio Morínigo que seria largamente desenvolvida a partir do décimo número.

Sem abandonar o interesse no revisionismo e no discurso nacionalista, o eixo da revista passava pelo projeto pessoal, de JNG, de participar no governo de Higinio Morínigo e de levar o Partido Colorado ao poder. Um trabalho minucioso e progressivo permitiu que JNG ganhasse a confiança de Higinio Morínigo, a ponto de ser convocado em Assunção e nomeado embaixador em Montevideú. Assim, na terceira etapa, a *Guaranía* atingiu os objetivos políticos de seu criador e foi suspensa.

A última fase da *Guaranía*, retomada como ferramenta propagandística da campanha eleitoral, inicialmente, e da presidência de JNG, posteriormente, foi abortada como consequência do golpe de Estado que levou seu criador ao exílio. A rapidez dos acontecimentos políticos explica, em parte, seu desaparecimento, mas o objetivo mais limitado, desta última fase, também restringiu sua sobrevivência.

Distante do Paraguai, em seu exílio no México, JNG não retomou a *Guarania*. Criou outra publicação de carácter mais acadêmico, a revista *Eutaxia*, limitando-se somente a seu papel de editor. A distância, o exílio e, posteriormente, o cargo de embaixador limitaram a capacidade de reação e intervenção de JNG na cena política paraguaia.

CAPÍTULO 5

O REVISIONISMO HISTÓRICO PARAGUAIO NA HISTÓRIA LATINO-AMERICANA

De diferentes conversas com diferentes pessoas – de diferentes faixas etárias e origens econômicas, sociais e políticas – da Argentina e do Brasil, surge a constatação de um “sentido comum” em relação à história do Paraguai, em geral, e, mais especificamente, em torno da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1865-1870). As pessoas relatam, com mais ou menos detalhes, que há uma história não oficial que não é ensinada nas escolas.

Segundo esta versão “não oficial” da história, o Paraguai teria sido um país muito desenvolvido, com indústrias e ferrovias. Com o início da Guerra da Tríplice Aliança – orquestrada por interesses britânicos e com o apoio das elites oligárquicas da Argentina, do Brasil e do Uruguai – o país nunca mais conseguiu se reerguer e recuperar sua autonomia, como consequência tanto da dizimação de sua população e de sua economia, quanto da hegemonização política dos aliados após 1870.

Porém, tomando dois livros didáticos ao acaso – um da Argentina, o outro do Brasil – constata-se que esta versão “não oficial” da história oitocentista do Paraguai está sim contida neles e ambos os textos contêm elementos desse “senso comum”.⁵²⁶ Tais elementos coincidem com os argumentos do revisionismo paraguaio, versão da história seriamente questionada por parte dos intelectuais paraguaios.

⁵²⁶ Ver: MORA, C. e BRANDARIZ, M. (Coord.). **Historia de América y Europa entre 1776 y 1930**. Buenos Aires: A-Z, 2010, p. 244; e VICENTINO, C. e DORIGO, G. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2011, p.305. Ana Paula Squinelo tem analisado os conteúdos relativos à Guerra do Paraguai nos livros didáticos do Brasil e conclui que, na primeira metade do século XX, primou uma interpretação positivista que apresentava o Paraguai governado por um tirano – Solano López –, fato que justificava a intervenção dos aliados contra os paraguaios. Era uma “história linear, militar e diplomática do conflito pautada na ação de grandes homens e de seus feitos”. Porém, a partir das décadas de 1960 e 1970, se desenvolveu outra abordagem historiográfica, influenciada por um viés marxista, que via no fator econômico a causa da guerra do Paraguai. Ainda que nas últimas duas décadas tenha havido uma renovação historiográfica, por um lado, e uma reformulação dos livros didáticos, pelo outro, alguns elementos dessa historiografia dita marxista persistem nos atuais textos. Ver:

SQUINELO, Ana Paula. *Concepções historiográficas e ensino de história: a Guerra do Paraguai nas coleções didáticas Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania (PNLD 2014)*. In: **Diálogos**, Vol.19, N^o 3, Maringá, Set.-Dez. 2015, p.1121-1139.

_____. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...** Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2003.

*Para Guido Rodríguez Alcalá, no Paraguai, a tradição autoritária se firmou e se desenvolveu durante as ditaduras de Francia e dos López, através da perpetuação de práticas e instituições coloniais com fachada liberal. Essa tradição teria sido retomada no fim da década de 1930 e adquiriu status oficial em 1940, com a “tirania de Morínigo e seus sucessores, que reciclaram a velha tradição autoritária de Francia e dos López, remoçando-a com elementos nacional-socialistas”. Assim, para Rodríguez Alcalá, Higinio Morínigo e Juan Natalicio González (JNG) estavam certos quando afirmavam que eram os “autênticos sucessores” de Francia e dos López.*⁵²⁷

A historiadora Milda Rivarola refletiu extensamente sobre as implicações das diferentes interpretações historiográficas nos livros didáticos do Paraguai. Ela identifica duas filosofias da história, que se enfrentaram desde o começo do século XX: o positivismo liberal e o nacionalismo. Para a autora, seus principais defensores são Cecilio Báez e JNG, respectivamente.

Báez – junto com um grupo de intelectuais integrado por Juansilvano Godoy, Blas Garay e Fulgencio Moreno, entre outros – integrou a primeira corrente de produção historiográfica “metódica”, que acreditava na separação entre o objeto e o sujeito do conhecimento, através da recompilação de dados e da crítica das fontes. Era uma história centrada nos eventos políticos e diplomáticos.

Segundo essa interpretação positivista, o Paraguai teria se isolado desde a conquista espanhola até 1870, conduzindo-se ao atraso, primeiro, pela ação da administração colonial despótica e tirânica, e, depois, pelas ditaduras de Francia e dos López. Com a Constituição liberal de 1870, que estabelecia o sistema republicano, o Paraguai teria tido a possibilidade de reorientar seu percurso para o “progresso”.

*Dentro desta corrente positivista, o único autor que destoa parcialmente é Blas Garay, que recuperava positivamente os governos pós-independência, convertendo-se na base da interpretação revisionista posterior. Rivarola atribui a Garay a “lenda que sobreviverá durante um século: a de um país que, em meados do 1800, era ‘uma das potências mais fortes da América do Sul’”.*⁵²⁸

⁵²⁷ RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideología Autoritaria*. Assunção: RP Ediciones, 1987, p.5.

⁵²⁸ RIVAROLA, Milda. *Filosofías, pedagogías y percepción colectiva de la Historia en el Paraguay*. In: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*. Vol. XXXVI, Assunção, 1996, p.54.

*Garay manteve a linha narrativa positivista para expor a cronologia dos fatos bélicos da Guerra da Tríplice Aliança, mencionando as “atrocidades” do “sanguinário presidente” Solano López. Porém, segundo Rivarola, “seu expressivo entusiasmo pela heroicidade do soldado paraguaio minimiza qualquer perspectiva crítica”. Com esses conceitos, o revisionismo “tinha descoberto a fonte de todos os seus mitos”.*⁵²⁹

*Rivarola situa o nascimento e a difusão do nacionalismo paraguaio na pré-guerra do Chaco, durante a década de 1920. E considera que o movimento aglutinou diversos grupos, da esquerda à direita radical, que demandavam uma “Nova Ordem” que “exigia uma moral de sacrifício, de entrega, de disciplina, abnegação, de virilidade, de heroísmo. E, fundamentalmente, de força”.*⁵³⁰

*Era um movimento nacionalista impulsionado por um desejo de mudança, pelo que reuniu “mitos restauradores em um peculiar revisionismo histórico”. Buscava-se identificar no passado uma “idade de ouro” e, se ela não existisse, “os autores nacionalistas a criariam, sem reparar demasiado em princípios de rigor científico e honestidade intelectual”.*⁵³¹

*Essa combinação especificamente paraguaia, entre o nacionalismo e o revisionismo – “forjada por intelectuais, lideranças operárias, oficiais do exército, poetas, sacerdotes e dirigentes políticos” – ainda era dominante no Paraguai da década de 1990, momento em que Milda Rivarola escrevia seu extenso artigo.*⁵³²

Essas ópticas diversas da história do Paraguai dão origem a várias perguntas: Por que se difundiu, em vários países da América do Sul, uma versão historiográfica que, mesmo convertendo-se na história oficial, ainda é tão controvertida no Paraguai? De que modo se produziu esta difusão do revisionismo paraguaio em nível continental? Por que os intelectuais latino-americanos reproduziram os principais elementos dessa história revisitada?

Tentaremos mostrar que há uma genealogia que ajuda a entender como essa interpretação historiográfica revisionista difundiu-se na América Latina, tornando-se

⁵²⁹ Idem.

⁵³⁰ Idem, p.55.

⁵³¹ Idem.

⁵³² Por esta razão, a autora apresentou um percurso sobre a escrita da história no Paraguai e de como isso se refletia nos livros didáticos, para depois apresentar sua proposta de reforma educativa, em geral, e reelaboração dos livros didáticos de história, em particular. O artigo é de 1996, poucos anos depois da queda de Stroessner, razão pela qual Rivarola afirmava que o Paraguai ainda vivia num clima intelectual marcado pelo nacionalismo baseado no revisionismo histórico de começo do século XX.

hegemônica a ponto de se converter numa crença coletiva, numa *doxa*, surgida a partir de certos “intérpretes” – os revisionistas paraguaios – e consolidando-se a partir de certa “dinâmica de estruturação e de difusão”.

A necessidade de estabelecer a correlação entre os “intérpretes” da história revisionista paraguaia do início do século XX e a hegemonia desta interpretação no senso comum atual inspirou-se no trabalho da antropóloga Lygia Sigaud, que considera importante “explicar e entender como uma interpretação, em meio a tantas outras disponíveis no mercado de ideias, pôde se tornar hegemônica”.⁵³³

O revisionismo paraguaio iniciou-se entre o fim do século XIX e o começo do XX, consolidando-se durante as primeiras três décadas do XX. Sua difusão no âmbito latino-americano foi facilitada pela ação de intelectuais paraguaios, como O’Leary e JNG, que construíram seus respectivos círculos de relacionamento com pensadores de diferentes países do continente. Tanto os intelectuais paraguaios como os demais latino-americanos converteram-se em referências dos revisionistas argentinos das décadas de 1960 e 1970, que tiveram transcendência significativa na historiografia rio-platense das décadas seguintes.

A guerra contra a Tríplice Aliança constituiu o eixo em torno do qual girou o revisionismo histórico, a partir do qual foi construída uma interpretação da história paraguaia centrada no século XIX. Portanto, os intelectuais latino-americanos que reproduziram esta versão da história referem-se, geralmente, ao mesmo período para analisar de que modo a guerra oitocentista norteou os rumos da história rio-platense.

É possível distinguir três momentos na genealogia da hegemonia dessa leitura revisionista: o primeiro momento é o “fundador”, quando Juan O’Leary instalou definitivamente o debate público sobre o *lopismo* em seu país e deu início a sua difusão para além das fronteiras nacionais. No segundo momento, o “difusor”, tanto O’Leary quanto JNG cumpriram um papel-chave na consolidação e na difusão do revisionismo para além das fronteiras do Paraguai. Por último, o terceiro momento – o do “revisionismo regional” – esteve liderado por vários autores argentinos que, identificados com o revisionismo histórico local ou o *rosismo*, consideraram a Guerra da Tríplice Aliança como

⁵³³ A autora referia-se, especificamente, a conceitos propostos por Marcel Mauss em seu “Ensaio sobre o dom” (1923-1924), objeto de diversas interpretações. Apesar das diferenças metodológicas, concordamos com a autora na necessidade de descobrir os processos históricos de interpretação e apropriação dos conceitos para visualizar e entender como alguns deles chegaram a hegemonizar a análise sobre a guerra e até se converteram numa *doxa*. Ver: SIGAUD, Lygia. *Doxa e crença entre os antropólogos*. In: **Novos Estudos** N° 77, março 2007, p. 130.

o fator determinante, para explicar a história econômica e política da região rio-platense no século XIX, e se apropriaram das interpretações dos revisionistas paraguaios.⁵³⁴

A distinção dos três momentos não necessariamente segue uma ordem cronológica estrita, senão que está mais ligada à circulação dos principais temas do revisionismo histórico paraguaio em determinados grupos de difusão que, às vezes, coincidem no tempo.

Ao longo de todo este processo – que estendeu-se do início do século XX até a década de 1970 – foi fundamental a construção de redes de pensadores latino-americanos que permitiram a expansão de um clima de ideias que favoreceu o predomínio do revisionismo paraguaio. Para o chileno Devés Valdés, não é imprescindível que os autores se conheçam pessoalmente ou mantenham um contato epistolar para falar de “redes”; mas sim é fundamental que conheçam suas produções e que as citem. Tais redes podem se articular em torno de um líder ou ser mais igualitárias ou até combinar as duas formas.⁵³⁵

Foi pelas ações empreendidas por intelectuais como O’Leary e, principalmente, JNG – que participaram em distintos circuitos de socialização, dentro e fora do Paraguai e em diferentes momentos do século XX –, que o revisionismo histórico paraguaio foi se impondo como interpretação hegemônica sobre a história do Paraguai em nível continental.

O momento fundacional

A Guerra da Tríplice Aliança trouxe consequências devastadoras para a população paraguaia, com o grupo de intelectuais diminuindo drasticamente. A isso, somou-se o trauma da derrota que atuou como um fator dilatador na produção literária dos intelectuais nas décadas posteriores a 1870.

Só a partir da criação do Colégio Nacional (1877) e da Faculdade de Direito da Universidade Nacional (1889), em Assunção, foram dando-se as condições para o surgimento de uma elite intelectual que encabeçaria os debates e a produção literária entre fins do século XIX e início do XX.⁵³⁶ Os alunos formados nestas instituições conformaram

⁵³⁴ A identificação desta genealogia como sua caracterização foi publicada parcialmente em: MOREIRA, L. F. V. e QUINTEROS, M. C. *Difusão e Consolidação da Interpretação Revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina*. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: UFMG, 2016, Vol.1.

⁵³⁵ DEVÉS VALDÉS, E. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos-Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000, p.163.

⁵³⁶ AMARAL, Raúl. **El novecentismo paraguayo**. Hombres e ideas de una generación fundamental del Paraguay. Assunção: Servilibro, 2006, Cap. I. Na vida cultural desse período, foi fundamental a criação do

a chamada “Geração de 900” que, além de terem nascido após a Guerra Grande, segundo Liliana Brezzo, fizeram uso da história para explicar a “questão nacional”.⁵³⁷

Há consenso na historiografia paraguaia em identificar o momento inicial da atuação da Geração do 900 na polêmica jornalística travada em 1902, entre Cecilio Báez (1862-1941) e Juan O’Leary (1879-1969). Mas, para Brezzo, a origem dos mitos fundadores da memória nacional deve ser rastreada nos escritos do paraguaio Blas Garay (1873-1899) e do argentino Martín Goicoechea Menéndez (1875-1906).

Apesar de uma meteórica e curta carreira, Garay foi um dos poucos intelectuais desta geração que se preocupou com a pesquisa documental. O governo paraguaio tinha-lhe encomendado investigar e reunir documentação vinculada à história do Paraguai nos arquivos da Espanha, especialmente àquelas que servissem para fundamentar os direitos do país sobre o Chaco, região em litígio com a Bolívia. Assim, em 1897, Garay publicou quatro obras de história paraguaia.⁵³⁸

Nelas, o autor construía dois mitos patrióticos: o da pátria indígena e o da idade de ouro. Garay situava o início da nação paraguaia no povo guarani estabelecido na região antes da conquista europeia. Este mito não teve peso na reconstrução da memória nacional, mas acabou evoluindo em outro mito fundador – que foi o da pátria mestiça. O mito que prosperou foi o da idade de ouro, largamente usado pelo revisionismo, e que Garay identificava com a presidência de Carlos Antonio López.

Por sua vez, em 1901, Goicoechea Menéndez passou a morar em Assunção.⁵³⁹ Amigo de O’Leary, escreveu alguns textos que evocam as consequências da Guerra Grande no povo paraguaio, salientando sua coragem e o papel heroico das mulheres.⁵⁴⁰

Instituto Paraguayo, em 1896, que se transformou no núcleo intelectual de Assunção e contou com uma revista de mesmo nome.

⁵³⁷ BREZZO, Liliana. *Historiadores paraguayos y argentinos a comienzos del siglo XX: vínculos privados y visiones laterales del pasado*. IN: MOREIRA, L. F. V. (Coord.). **Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana**. Curitiba: Juruá, 2007, p.202.

⁵³⁸ As quatro obras de Blas Garay são: *La revolución de la Independencia del Paraguay*; *Breve Resumen de la Historia del Paraguay*, *Compendio Elemental de la Historia del Paraguay*; *El Comunismo en las Misiones de la Compañía de Jesús*.

⁵³⁹ Nascido em Córdoba (Argentina), Goicoechea morou no Paraguai entre 1901 e 1905. Após percorrer vários países europeus e americanos, morreu no México. Colaborador de vários jornais de Assunção e do interior, Goicoechea era um poeta boêmio popular entre os intelectuais novecentistas, tanto liberais como colorados. Para Carlos Centurión, seus escritos refletem a dor coletiva dos paraguaios. Ver: CENTURIÓN, Carlos. **Historia de la Cultura Paraguaya**. Assunção: Biblioteca “Ortiz Guerrero”, 1961, p.562-563.

⁵⁴⁰ MOREIRA, L. F. V. *La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XX: un debate identitario*. In: **Estudios Paraguayos**, Vol. XXVIII, N° 1 y 2, Assunção, 2010, p.359.

A transcendência da polêmica travada entre Báez e O’Leary se deve, em grande medida, ao fato de que a versão histórica consolidada pelo segundo, cujos alicerces encontram-se nos textos de Garay e de Goicoechea Menéndez, e dentre seus continuadores encontra-se JNG, teria permitido que a sociedade paraguaia se reerguesse.

O debate na imprensa começou após Báez escrever, no periódico *El Cívico*, uma série de ensaios em que responsabilizava aos governos de Francia e dos López pelo que ele considerava ser a barbárie. Báez utilizava expressões como “cretinismo”, conceitos como “despotismo oriental” e questões como o “número de fuzilamentos” autorizados pelo Marechal López durante a guerra.

O’Leary lhe respondeu no periódico *Patria*, propriedade de Enrique Solano López, filho de Francisco e Elisa Lynch. Apesar da derrota e de todas as perdas materiais e humanas que a guerra tinha causado, o autor destacava o heroísmo do povo paraguaio, conduzido por seu grande líder, Solano López.

Outro dos precursores do revisionismo paraguaio foi Manuel Domínguez (1868-1935).⁵⁴¹ Em 1903, sendo vice-presidente do país, proferiu uma conferência no Instituto Paraguayo, intitulada “Causas do heroísmo paraguaio”. O ponto de partida de toda a reflexão era a resposta às afirmações do embaixador norte-americano Washburn, que havia atribuído as causas do heroísmo do soldado paraguaio na guerra ao medo que tinham do Marechal López. Nessa palestra, Domínguez elaborava o mito da mestiçagem racial como origem da nação e considerava que as raízes desse heroísmo estariam na nação guarani. O heroísmo teria se mantido ao longo do tempo graças à mestiçagem do povo paraguaio.⁵⁴²

Após a polêmica de 1902, Juan O’Leary se converteu na principal referência do revisionismo paraguaio ao reunir os conceitos de Garay, Domínguez e Goicoechea Menéndez e recuperar tanto a figura de Solano López como herói nacional, como reinterpretar a derrota bélica de 1870 como uma “epopeia nacional”.⁵⁴³

⁵⁴¹ Domínguez, formado em Direito, exerceu a docência e foi vice-presidente entre 1902 e 1904. Após 1904, somou-se aos liberais, sendo nomeado ministro em 1911. Seus vaivéns partidários fizeram-lhe conhecer a consagração e o declínio de sua carreira política. Porém, seus escritos o consagraram como um dos precursores do revisionismo paraguaio. Ver: ZUBIZARRETA, Carlo. **Cien vidas paraguayas**. Assunção: Araverá, 1985, p.225-228; RIVAROLA, Milda. *Filosofías, pedagogías...*, p.57.

⁵⁴² A palestra, bem como outros textos de Manuel Domínguez, foi publicada no livro *El alma de la raza* (1918). O prólogo do livro esteve a cargo de O’Leary, que informava que o intelectual peruano Francisco García Calderón incluía Manuel Domínguez no seleto grupo de professores do idealismo. Ver: MOREIRA, L. F. V. *La intelectualidad...*, p.372; DOMÍNGUEZ, Manuel. *Causas del heroísmo paraguayo*. In: DOMÍNGUEZ, Manuel. **El alma de la raza**. Buenos Aires: Ayacucho, 1946.

⁵⁴³ BREZZO, Liliana. *El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay*. In: **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Questões do tempo presente. 2014. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/67479?lang=pt>>. Acesso em 23/09/2015.

Difícilmente, algum historiador conheceu, em vida, as honras que O'Leary obteve em sua trajetória.⁵⁴⁴ Elas foram o resultado de um longo percurso intelectual. Quando das comemorações do cinquentenário do fim da Guerra da Tríplice Aliança (1920) e dos festejos pelo centenário do nascimento do Marechal (1926), um novo embate se estabeleceu.⁵⁴⁵

Em 1919, O'Leary publicou, em Assunção, *Nuestra Epopeya*, nome que deu à guerra contra a Tríplice Aliança.⁵⁴⁶ O texto era precedido pelos comentários feitos pelo uruguaio José Enrique Rodó, em Montevideu, em 1915. Além dos elogios às qualidades literárias de O'Leary, Rodó manifestava que era difícil ter um juízo definitivo sobre a guerra. Porém, duas conclusões eram definitivas: uma, que os vencedores eram responsáveis pelo extermínio da população paraguaia e, outra, que a brava defesa do povo paraguaio constituía um dos episódios mais heroicos da história do século XIX.⁵⁴⁷

O'Leary, para argumentar suas próprias afirmações, reproduz o argentino Juan Bautista Alberdi (1810-1884) – recuperado pelo argentino David Peña (1862-1930), com quem O'Leary se correspondia.⁵⁴⁸ Outro autor citado é o brasileiro Teixeira Mendes (1855-1927), para assinalar as ambições da política imperial brasileira como elemento motriz da guerra.⁵⁴⁹ No mesmo livro, O'Leary coincide com o peruano José de la Riva

⁵⁴⁴ Em 01/03/1955, Stroessner descerrava, ao lado do Panteão dos Heróis, na área mais importante de Assunção e local da memória por excelência, o busto em bronze de O'Leary. E, em um discurso pronunciado em Ybicuí, em 20/05/1960, era reconhecido como o historiador do Paraguai. Ver: MOREIRA, L. F. V. *Uma busca incessante da identidade nacional: a intelectualidade paraguaia na primeira metade do século XX*. In: **Silabario**. Revista de Estudios y Ensayos Geoculturales, N° 9, Córdoba, 2006, p.169.

⁵⁴⁵ Os festejos incluíam desde iniciativas dos legisladores colorados, para a construção de monumentos a López e para a mudança de nomes de bairros e ruas de Assunção, à criação de revistas e publicações literárias em guarani, como a difusão de músicas, também em guarani, evocatórias do Marechal. Ver: FERNANDES, Eurico da Silva. *La consolidación del nacionalismo lopizta en Paraguay y su repercusión en Sudamérica (1920-1930)*. In: BERTONHA, J. F. e BOHOSLAVSKY. **Circule por la derecha**. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: UNGS, 2016.

⁵⁴⁶ O'LEARY, Juan. **Nuestra Epopeya**. Guerra del Paraguay. Asunción: Biblioteca Paraguaya del Centro de Estudiantes de Derecho, 1919.

⁵⁴⁷ JUICIO de Rodó. In: O'LEARY, Juan. **Nuestra...**, p.5.

⁵⁴⁸ María Gabriela Micheletti analisou a relação epistolar e os vínculos intelectuais entre David Peña e Juan O'Leary para identificar as concepções comuns a ambos em relação ao passado histórico de seus respectivos países. Ver: MICHELETTI, María Gabriela. *La "revisión de la historia" en Argentina y Paraguay. Los vínculos interpersonales entre David Peña y Juan O'Leary*. In: **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <<http://www.academica.org/000-010/1013>>. Acesso em 25/11/2015.

⁵⁴⁹ MOREIRA, L. F. V. *Os intelectuais brasileiros e o revisionismo histórico platino*. In: MOREIRA, L. F. V. (Coord.). **Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana**. Curitiba: Juruá, 2007, p.178.

Agüero (1885-1944) na ênfase que este colocava na necessidade de retomar o culto a todas as grandes figuras históricas do passado.⁵⁵⁰

O’Leary publicou *El Mariscal Solano López* (1925), para a exaltação de quem passaria a ser o verdadeiro “forjador da nacionalidade paraguaia”. Neste livro, O’Leary dedica um capítulo específico à batalha de Cerro Corá e ao “assassinato do marechal López”. Compara a última batalha da Guerra Grande com Waterloo. Nela, apesar do avanço das forças brasileiras, Solano López não se rendeu e resistiu. Rodeado por ginetes inimigos, foi ferido três vezes com lança e espada. Caído, o general brasileiro Câmara se aproximou e exigiu sua rendição. Aquele “cruel representante de Pedro II” queria humilhá-lo porque:

Demasiado pronto había olvidado Cámara quién era aquel hombre. En la embriaguez de la inmerecida victoria no se daba cuenta de que hablaba al gigante, cuyo solo nombre pobló de fantasmas sus sueños y puso un constante terror en su corazón.

Pero el vencido se hizo reconocer, incorporándose penosamente, para responderle con una estocada, clamando con toda el alma: *¡Muero con mi patria!* Y tales fueron sus últimas palabras.⁵⁵¹

O’Leary também reproduziu um documento de Câmara em que teria informado que López tinha morrido “com um valor que honra sua morte” e confirmava que:

Debo a *mi honor* como soldado, a mi nombre y mi país, declarar con fidelidad que el Mariscal López *murió lealmente* y en posesión completa de sus sentidos. Cuando me agaché a tomarle la espada de su mano, hizo un movimiento para herirme, gritando con *firmeza y arrogancia*: *¡Muero por mi Patria!*⁵⁵²

Ainda em 1925, a obra ganhou duas edições na Espanha. Nelas, os editores advertiam que a primeira edição, de dois mil exemplares, tinha se esgotado em duas semanas. O prólogo era assinado pelo venezuelano Rufino Blanco-Fombona (1874-1944) – que, no momento, já era um dos mais renomados escritores latino-americanos da década de 1920 e diretor da Editorial América –, o qual era toda uma consagração para O’Leary e seu herói Solano López.

⁵⁵⁰ MOREIRA, L. F. V. *Os intelectuais...*, p.178. Outros autores resgatados por O’Leary em “Nossa Epopeia” são o argentino Carlos Guido Spano (1827-1918), o nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), o cubano José Joaquín Palma (1844-1911), o venezuelano Rufino Blanco-Fombona (1874-1944) e o peruano Francisco García Calderón filho (1883-1953).

⁵⁵¹ O’LEARY, Juan E. *El Mariscal Solano López*. 2. ed. Madrid: Felix Moliner, 1925, p.316 (grifo em itálico do autor). Uma primeira edição do livro, mais resumida, havia saído em Assunção ainda em 1920, pela gráfica *La Prensa*. Aqui, trabalhamos com a edição espanhola (grifo nosso – em negrito).

⁵⁵² O’LEARY, Juan E. *El Mariscal...*, p.328 (grifo em itálico do autor). O’Leary não cita a fonte (grifo nosso – em negrito).

A carta-prólogo de Blanco-Fombona – escrita em dezembro de 1921 –, ao fazer a denúncia do intervencionismo dos Estados Unidos no continente, incorporava a ação defensiva paraguaia como parte do anti-imperialismo latino-americano. Esse anti-imperialismo não era só contra o avanço norte-americano, mas também brasileiro.⁵⁵³

Neste livro, O’Leary, consciente de que, para consolidar a “glorificação do vencido” e a justeza de sua causa, fora do Paraguai, devia apelar a autores estrangeiros consagrados, dedicou várias páginas à reprodução de textos de escritores contemporâneos – com opiniões favoráveis ao Paraguai, em todos os acontecimentos relativos à guerra, e com louvor e simpatia para com O’Leary e sua obra.⁵⁵⁴

Entre 1925 e 1929, O’Leary esteve na Espanha, como representante do governo paraguaio. Em Madri, no início de 1927, terminou de escrever *El Centauro de Ibicuy*, que teve sua primeira edição publicada em 1929, em Paris. Como o subtítulo da obra dizia, “Vida heroica do General Bernardino Caballero na Guerra do Paraguai”, tratava-se da biografia do General Caballero, restrita ao período em que se deu a guerra. Era uma biografia heroica, envolvendo a ação militar, ao longo de todas as batalhas, de quem seria considerado o sucessor de López.⁵⁵⁵

O privilégio de escrever o prólogo coube agora ao escritor mexicano Carlos Pereyra (1871-1942), que, mais do que reforçar a ação épica de Caballero, destacava o papel que coube a O’Leary, como mestre formador de discípulos e “como chefe intelectual de um movimento nacionalista que condiciona todos os bens de sua pátria a uma apreciação equitativa dos fatos”.⁵⁵⁶

De fato, o movimento liderado por O’Leary conseguiu a confluência, entre 1920 e 1926, das publicações inscritas nessa contra-história patriótica, de autores como Manuel Domínguez, Fulgencio Moreno e JNG.⁵⁵⁷ Mas, para o mesmo período, essa contra-história também atraiu intelectuais liberais, como Justo Pastor Benítez, Pablo Max Ynsfrán, Facundo Recalde e Anselmo Jover Peralta.⁵⁵⁸

⁵⁵³ O’LEARY, Juan E. **El Mariscal...**, p.10.

⁵⁵⁴ Além dos anteriormente citados em “Nossa Epopeia”, acrescentavam-se autores como o cubano Enrique José Varona (1849-1933), o colombiano Vargas Vila (1860-1933), o venezuelano Laureano de Vallenilla Lanz (1870-1936) e o argentino Ernesto Quesada (1858-1934).

⁵⁵⁵ O’LEARY, Juan E. **El Centauro de Ibicuy**. Paris: Le Libre Livre, 1929, p.21.

⁵⁵⁶ O’LEARY, Juan E. **El Centauro...**, p.12.

⁵⁵⁷ Manuel Domínguez publicou *El Alma de la Raza* (1918), *El Patriota y el Traidor* (1920) e *El Paraguay, sus grandezas y sus glorias* (1920); entretanto, Fulgencio Moreno publicou *La Ciudad de la Asunción* (1926).

⁵⁵⁸ RIVAROLA, Milda. **La contestación al orden liberal**. La crisis del liberalismo en la preguerra del Chaco. Assunção: Centro de Documentación y Estudios, Documento de Trabajo No. 40, Nov.1993, p.19.

As duas datas comemorativas mobilizaram um exército de escritores, jornalistas, legisladores e artistas *lopistas*. Coube a JNG um papel central, como jornalista – enquanto autor de numerosos artigos sobre Solano López, publicados no jornal colorado *Patria* –, como membro do Comité Pró-Homenagem ao Marechal – integrado também por O’Leary e pelo uruguaio Luis Alberto de Herrera – e como fundador e diretor da revista *Guaranía*.⁵⁵⁹

Mas, JNG também publicou vários livros entre 1920 e 1926 que contribuíram para a consolidação do *lopismo*, tais como *Cincuentenario de Cerro Corá* (1920), *Letras Paraguayas* (1921), *Cuentos y Parábolas* (1922), *Baladas Guaraníes* (1925) e *Solano López y otros ensayos* (1926). Todos estes textos trazem elementos distintivos do revisionismo, mas o primeiro e o último desta série fazem referência direta à Guerra da Tríplice Aliança e a Solano López – e foram publicados deliberadamente nas datas comemorativas.

Em 1920, JNG fez sua contribuição com uma compilação de artigos reunidos no livro *Cincuentenario de Cerro Corá*. Nele, JNG reivindicava Solano López recuperando a Alberdi e denunciando Bartolomé Mitre e o imperador do Brasil, dom Pedro II, como principais responsáveis pela Guerra do Paraguai.⁵⁶⁰ Para JNG, ambos os governantes se uniram para acabar com um “governo progressista, mas impermeável às influências vizinhas”.⁵⁶¹ O Paraguai era, para JNG, o país que, antes da Guerra Grande, chamava a atenção por sua marinha, seus estaleiros, seus apreciados produtos, pela formação de seus intelectuais.

Como seu mestre, JNG recuperava a coragem e genialidade do Marechal Francisco Solano López, e Cerro Corá se constituía no “último ato da tragédia”, onde a pátria teria sido imolada. O propósito do livro era dissipar “a calúnia” do vencedor.⁵⁶² JNG, autor apenas da introdução, despontava como editor, ao fazer a seleção dos autores, entre eles O’Leary.⁵⁶³

⁵⁵⁹ Fernandes pesquisou os jornais assuncenos da época e descreve a atividade jornalística de JNG, como também sua participação no Comité Pró-Homenagem. Ver: FERNANDES, Eurico da Silva. *La consolidación...*, p.35-36.

⁵⁶⁰ GONZÁLEZ, J. Natalicio (Dir.). *Cincuentenario de Cerro Corá*. Assunção: La Prensa, 1920, p.3.

⁵⁶¹ GONZÁLEZ, J. Natalicio (Dir.). *Cincuentenario...*, p.4.

⁵⁶² GONZÁLEZ, J. Natalicio (Dir.). *Cincuentenario...*, p.5-6.

⁵⁶³ Os textos selecionados pertencem a Benjamín Velilla, George, Leopoldo Ramos Giménez, R. Capece Faralone, G. Astoliano Garcete, José Miranda, Gómez Freire Esteves, Justo Pane, Fermín Domínguez e Juan O’Leary.

Em 1926, JNG publicava *Solano López y otros ensayos*. O texto tinha sido escrito alguns anos antes e foi o que mostrara a O’Leary, chamando sua atenção, a ponto de “adotá-lo” como seu discípulo, segundo seus biógrafos. Além deste ensaio – dedicado a Luis Alberto de Herrera –, o livro contém outros, sobre Simón Bolívar e Juan O’Leary, entre outros.⁵⁶⁴

O primeiro ensaio é um texto glorificador do marechal López, herói comparável a Bolívar. Para JNG, este último encarnou “o ideal da independência”, enquanto que López, o “princípio das nacionalidades”. Ambos “semideuses são a expressão de uma Raça e de um Continente”.⁵⁶⁵ O ensaio se completa com uma descrição do Paraguai sob o governo de Solano, salientando o grande desenvolvimento econômico, educativo e político que teria alcançado o país antes de 1865.⁵⁶⁶

JNG esclarecia ter escrito o texto sobre o marechal em 1915. À medida que avança no relato, cita, como fontes de autoridade, Justo Pastor Benítez, Pedro Lamas, Gregorio Benítez, Luis Alberto de Herrera, Blanco Fombona, Blas Garay e Carlos Pereyra. Por um lado, utiliza os autores paraguaios como fontes bibliográficas e, por outro, os estrangeiros para confirmar o argumento de suas afirmações.

A efervescência derivada das numerosas publicações revisionistas, entre 1920 e 1926, teve sua contrapartida na formação de uma autodenominada “Junta Patriótica”, integrada por escritores como Báez, que tentaram frear o avanço dessa nova leitura do passado.⁵⁶⁷ Os textos foram reunidos em uma publicação sobre Solano López, também de 1926. A publicação foi uma tentativa de desmentir a “suposta” heroicidade de López, para evitar sua mitificação.⁵⁶⁸

Em 1929, O’Leary regressava com sua família ao Paraguai, sendo nomeado, no ano seguinte, diretor do Arquivo Nacional. Duas obras suas de 1930 completariam a formulação dos principais elementos do revisionismo. Por um lado, *Los Legionarios*, tratava da denominação que vinha se popularizando desde o princípio do século, atribuída aos liberais aliados aos estrangeiros durante a Guerra do Paraguai. Era a fórmula para incluir os considerados traidores, os “outros”. Por outro, no *Apostolado Patriótico*, se dava

⁵⁶⁴ JNG dedica um artigo sobre O’Leary, oferecendo uma biografia exemplar. Há outros ensaios sobre os guaranis, a raça paraguaia e a história do Paraguai.

⁵⁶⁵ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Solano López y otros ensayos*. Paris: Editorial de Índias, 1926, p.6.

⁵⁶⁶ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Solano...*, p.16-17.

⁵⁶⁷ RIVAROLA, Milda. *La contestación...*, p.19.

⁵⁶⁸ Ver: JUNTA PATRIÓTICA. *El Mariscal Francisco Solano López*. Assunção: s/d, 1926 (edição fac-similar de 1996).

a culminação de sua campanha de resgate da figura de Solano López, uma síntese do que havia transcorrido, do significado de pátria e do nacionalismo, bem como o reconhecimento de seu próprio papel. Um apostolado patriótico, no qual ele foi o pontífice máximo.⁵⁶⁹

Em maio de 1931, O’Leary publicava *Ildefonso A. Bermejo, falsário, impostor y plagiário*. O objetivo era combater a “falsa” história escrita por esse autor em *Repúblicas Americanas* (1873). Esta prática de denúncia de histórias “falsificadas” seria retomada em várias oportunidades em décadas posteriores, especialmente entre os revisionistas argentinos.⁵⁷⁰

A longa batalha intelectual travada por O’Leary mostrava seus frutos, tanto no âmbito nacional como no internacional. O reconhecimento de seu trabalho intelectual pode ser lido em obras como a de Vallenilla Lanz, *Cesarismo Democrático* (1919), quando, ao tratar da Guerra do Paraguai, entendia a reivindicação do “Tirano” como um ato de patriotismo.⁵⁷¹

Uma das figuras com a qual O’Leary manteve uma troca intelectual e epistolar fluída foi com Carlos Pereyra. Até o início da revolução mexicana, Pereyra permaneceu em seu país, atuando na magistratura e na docência, na Universidade do México. Atuou no serviço diplomático desde 1911, mas distanciou-se dos rumos tomados pela revolução e viveu em vários países latino-americanos.

Em 1914, quando estava no Peru e era diretor do jornal limenho *El Comercio*, Pereyra publicou *El Paraguay Heroico*, de Rufino Blanco-Fombona. Mas, em 1916, se estabeleceu definitivamente na Espanha, que se converteu em sua nova pátria. Como escritor, teve uma vasta produção historiográfica, sempre com a marca da defesa dos valores hispânicos.

No mesmo ano em que O’Leary publicava, em Assunção, *Nuestra Epopeya*, Carlos Pereyra editou, em Madri, o seu *Francisco Solano López y la guerra del Paraguay*. O livro saiu pela Editorial América, de Blanco-Fombona.⁵⁷² A obra de Pereyra fazia eco à campanha de resgate do Marechal Solano López, afirmando, entre outros conceitos, que o

⁵⁶⁹ Ambos os escritos foram posteriormente recompilados em uma única obra, Ver: O’LEARY, Juan E. **Prosa Polemica**. Asunción: Napa, 1982, p.16.

⁵⁷⁰ Ver: O’LEARY, Juan E. **Prosa...**, p.165.

⁵⁷¹ VALLENILLA LANZ, Laureano. **Cesarismo Democrático y otros ensayos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991, p.114.

⁵⁷² Aqui, foi consultada a primeira edição argentina, de 1953, onde não consta o nome do editor. No apêndice do livro aparece um texto de O’Leary, *Solano López y Guillermo II*. Ver: PEREYRA, Carlos. **Francisco Solano López y la guerra del Paraguay**. Buenos Aires: s/d, 1953.

Paraguai tinha praticado uma política prudente, patriótica e promissora, cujo ponto essencial foi a militarização do país, necessária para proteger sua independência do expansionismo brasileiro. O autor narra o desenvolvimento da guerra, questionando permanentemente aos vencedores do ponto de vista ético. Ao analisar o pós-guerra, Pereyra ia além, ao identificar a Inglaterra como a verdadeira vencedora.⁵⁷³

Em 1920, Pereyra publicava a coleção *Historia de América Latina*, em oito tomos, e que teve outras duas edições (1924 e 1926). A partir desta coleção, em uma compactação, saiu, em 1930, uma obra em um único volume, *Breve Historia de América*. Em sua introdução, o autor deixava claro o objetivo de sua obra de síntese: o de valorização da cultura hispânica frente à ostensiva propaganda anglo-saxã.⁵⁷⁴

O Paraguai independente era visto como um país diferente, pois até sua independência foi feita não contra a Espanha, mas contra Buenos Aires, seguindo-se um longo período de isolamento. Os conflitos por limites, já no período dos López, acabaram desembocando na Guerra da Tríplice Aliança e nas perdas de territórios por parte do vencido. Ao tratar desse tema, citava Juan O’Leary, bem como observava a existência de escritores no cone sul que não aceitavam a tese oficial de “a guerra contra o monstro”, se referindo muito provavelmente aos revisionistas paraguaios e argentinos.

Rufino Blanco-Fombona foi outro intelectual com o qual O’Leary articulou-se para a difusão de seus escritos e do *lopismo*. A obra do novelista, político e poeta venezuelano, de caráter identitário, esteve impregnada por sua vocação política na formação de uma América livre de intervencionismos (leia-se norte-americano) e de ditadores (locais), bem como pela recuperação dos legados histórico, linguístico, artístico e cultural que deixaram os espanhóis.

Sua atividade política de oposição ao governo do ditador Juan Vicente Gómez lhe valeu, a partir de 1910, seu mais longo exílio, de vinte e seis anos na Espanha, retornando apenas depois da morte deste governante, em 1935. Na Espanha, em 1915, fundou a famosa Editorial América, que promoveu as letras e o pensamento hispano-americanos através de inúmeras coleções.⁵⁷⁵ Em *El Paraguay Heroico*, publicado em 1914, em Lima,

⁵⁷³ PEREYRA, Carlos. **Francisco...**, p.179.

⁵⁷⁴ PEREYRA, Carlos. **Breve Historia de América**. México: Aguilar, 1949, p.9. Aqui, trabalhamos com a terceira edição.

⁵⁷⁵ Blanco-Fombona foi crucial na difusão dos autores revisionistas rio-platenses, como hispanistas e americanistas críticos da expansão norte-americana, das primeiras décadas do século XX, através da Editorial América. Para Quattrochi-Woisson, esta editora serviu como “ponte intercontinental de um nacionalismo hispano-americano que, através da reivindicação de Bolívar e de seu projeto de uma grande nação americana, produziu uma revisão concreta dos valores históricos tradicionais”. Blanco-Fombona

Blanco-Fombona fazia um resumo da Guerra da Tríplice Aliança. O texto era tanto uma apologia ao heroísmo do povo paraguaio, e de seu líder, quanto um agravo à figura de Mitre.⁵⁷⁶

Uma das amizades intelectuais de O’Leary, que foi decisiva na reprodução – e na retroalimentação – do revisionismo paraguaio, foi o uruguaio Luis Alberto de Herrera (1873-1959). Entre 1908 e 1926, Herrera publicou cinco títulos sobre a guerra, nos quais apontava as responsabilidades do governo argentino e da administração imperial na queda da ordem legal no Uruguai, assim como no desencadeamento do conflito envolvendo os países do Prata.⁵⁷⁷

Herrera era filho de Juan José de Herrera, do Partido Blanco, o qual tinha sido um dos principais agentes diplomáticos uruguaios destacados no Paraguai antes do conflito. O acesso à documentação privilegiada, por parte do pai, e o contato epistolar com intelectuais paraguaios (Enrique Solano López, O’Leary e Ignacio Pane) e argentinos (Ernesto Quesada), entre muitos outros, contribuíram tanto à circulação de obras editadas e documentos inéditos no Uruguai, quanto à circulação dos escritos de Herrera nos países rio-platenses.

Segundo Laura Reali, Herrera contribuiu decididamente para o processo regional de reabilitação da figura de Solano López e, como contrapartida, para o questionamento da atuação política de Mitre.⁵⁷⁸ A autora salienta que a obra de Herrera pode ser entendida como uma forma de defesa dos vencidos internos, tanto no Paraguai quanto no Uruguai.⁵⁷⁹

conseguiu nuclear um grupo de intelectuais latino-americanos bastante eclético ideologicamente, mas que tinham em comum a construção de uma “contra-história” em seus respectivos países. Ver: QUATTROCHI-WOISSON, D. **Los males de la memoria**. Historia y Política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995, p.81-86.

⁵⁷⁶ O texto se encontra no apêndice do livro de Pereyra sobre Solano López. Ali, o autor também esclarece que o artigo de Blanco-Fombona já havia sido publicado anteriormente em jornais de outros países. Ver: PEREYRA, Carlos. **Francisco Solano...**

⁵⁷⁷ Os dois primeiros livros, sob o título *La Diplomacia Oriental en Paraguaiy* (I e II), foram publicados em 1908 e em 1911; o terceiro, *Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay*, apareceu em 1919; o quarto, *La clausura de los Ríos*, em 1920; e o último, *El Drama del 65: la culpa mitrista*, apareceu em 1926. Ver: CASAL, Juan Manuel. *La interpretación dominante en Uruguay sobre los orígenes de la Guerra de la Triple Alianza*. In: **Diálogos**, Vol.19, Nº 3, Maringá, Set.-Dez. 2015, p.932.

REALI, Laura. *Entre historia y memoria: la producción de Luis A. de Herrera en los orígenes de un relato revisionista sobre la guerra del Paraguay*. In: **Diálogos**, Maringá, v.10, Nº 2, 2006.

SANSÓN CORBO, Tomás. *La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificacions?* In: **Diálogos**, Vol.19, Nº 3, Maringá, Set.-Dez. 2015, p.956-957.

⁵⁷⁸ Reali analisa que a recuperação e a reorganização do arquivo do pai não eram desinteressadas. Pelo contrário, Herrera dava novas significações aos documentos ao interpretá-los à luz das problemáticas do seu presente, estabelecendo um paralelo entre a política exterior argentina durante a Guerra da Tríplice Aliança e a defendida naquele momento de conflito pela soberania das águas do Rio da Prata. Ver: REALI, Laura. *Entre historia...* Segundo Juan Manuel Casal, Herrera considerava, como responsáveis da guerra oitocentista, Buenos Aires e o império brasileiro, mas a primeira tinha a maior responsabilidade.

No Paraguai, para a década de 1930, o revisionismo convertia-se na interpretação histórica hegemônica, na medida em que o conflito limítrofe com a Bolívia recrudescia. Não há dúvida do papel central que coube a O'Leary na liderança de todo este processo de construção e consolidação do revisionismo histórico no Paraguai. Mas, figuras como as de JNG foram essenciais na apresentação de inúmeros artigos jornalísticos e ensaios, na articulação noutras redes de inserção, e pela ação política no partido e no governo.

Algumas destas redes tinham sido iniciadas por O'Leary e foram continuadas por JNG quando visitou cada uma de suas amizades intelectuais – Peña e Quesada, enquanto esteve em Buenos Aires, Blanco-Fombona e Pereyra, na Europa, Herrera, no Uruguai. Estes autores se correspondiam com O'Leary e este era a principal referência de suas histórias latino-americanas no quesito Paraguai. JNG estabeleceu seus primeiros nexos internacionais a partir desses contatos.

Nesta etapa de consolidação do revisionismo histórico no Paraguai e começo de sua difusão em nível continental, os autores latino-americanos que mais publicaram defendendo e/ou reproduzindo os principais elementos desta interpretação da história paraguaia foram incluídos no seguinte quadro:

Quadro 5.1. Autores latino-americanos da primeira fase de difusão do Revisionismo Paraguaio.

Autor	Publicação	Ano
Ernesto Quesada (Argentino, 1858-1934)	- La política argentina en el Paraguay	1901
	- La política argentino-paraguaya	1902
David Peña (Argentino, 1862-1930)	- Juan Facundo Quiroga	1903
	- Alberdi, los mitristas y la Guerra de la Triple Alianza	s/d
	- En defensa de Alberdi	1911
	- La traición de Alberdi	1919
Luis Alberto de Herrera (Uruguaio, 1873-1959)	- La Diplomacia Oriental en el Paraguay (T.I)	1908
	- La Diplomacia Oriental en el Paraguay (T.II)	1911
	- Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay	1919
	- La clausura de los ríos	1920
	- El Drama del 65: la culpa Mitrista	1926
Rufino Blanco Fombona (Venezuelano, 1874-1944)	- Art. El Paraguay Heroico (publicado en La Prensa de Lima)	1914
	- Prólogo à 2º ed. do livro El Mariscal Solano López, de J. E. O'Leary	1925
Laureano Vallenilla Lanz (Venezuelano, 1870-1936)	- Los principios constitucionales del Libertador	1917
	- Cesarismo Democrático	1919
Carlos Pereyra (Mexicano, 1871-1942)	- Francisco Solano López y la Guerra del Paraguay	1919
	- Historia de América Española (8 vol.)	1920
	- Breve Historia de América	1930

Ver: CASAL, Juan Manuel. *La interpretación...*, p.935-936.

⁵⁷⁹ REALI, Laura. *Entre historia...*, p.115.

Expansão internacional do revisionismo paraguaio

A articulação de JNG com outros escritores, construída ao longo das décadas de 1920 a 1940, principalmente a partir da cosmopolita Buenos Aires, permitiu ampliar os circuitos de divulgação do revisionismo fora do Paraguai.

Sua primeira estadia em Buenos Aires (1920-1924) possibilitou que JNG amadurecesse a ideia de criar sua própria editora. Foi nessa primeira fase, na capital argentina, que ele teve especial cuidado de seguir o conselho de O'Leary, de manter o contato com precursores do revisionismo argentino.⁵⁸⁰ Enquanto JNG promovia a publicação de textos de O'Leary e de sua autoria em Buenos Aires, também ocupou-se de privilegiar a publicação de artigos desses autores argentinos no jornal colorado *Patria*.⁵⁸¹

Em dezembro de 1924, JNG deixou Buenos Aires para percorrer a América do Sul e depois Paris. Na capital francesa, fundou a Editorial de Índias, em 1925, passando a dividir seu tempo entre Paris, Buenos Aires e Assunção, como a publicar autores nacionais e estrangeiros que direta ou indiretamente reforçassem o revisionismo. No início da década de 1930, no seu primeiro exílio, JNG se estabeleceu no Uruguai, onde trabalhou como jornalista e se reuniu com escritores paraguaios, uruguaios e brasileiros.⁵⁸²

Mas, foi a partir de sua segunda estadia em Buenos Aires, mais prolongada (1937-1945), que os contatos e as trocas com intelectuais latino-americanos se aprofundaram, ao mesmo tempo em que ele adquiriu maior autonomia em relação aos escritos de O'Leary. JNG começou a participar das reuniões de um grupo de intelectuais cujo passado comum remontava à Reforma Universitária (1918), sendo que, naquele momento, alguns deles eram professores na Universidade Nacional de La Plata.

Uma das principais referências do grupo era Gabriel Del Mazo (1898-1969) que, como a maioria do grupo, pertencia à União Cívica Radical. Essa amizade aproximou JNG da Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA), agremiação que nucleava

⁵⁸⁰ GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio González**. Descubridor del Paraguay. Assunção: Guaranía, 1951, p.107. Um desses contatos foi com Ricardo Rojas, oriundo da província de Tucumán, radicado em Buenos Aires para estudar direito. Ali, foi muito crítico do cosmopolitismo portenho e propôs um novo modelo de ensino para superar a desagregação que supunha viria das escolas das coletividades imigrantes, proposta publicada como “A restauração nacionalista” (1909). Esta seria a primeira de muitas outras publicações de caráter histórico, em que Rojas iniciava uma proposta revisionista da história argentina. Suas obras mais divulgadas foram “O santo da espada” (uma biografia de San Martín) e “O profeta do Pampa” (sobre Sarmiento). Ver: SCENNA, Miguel Ángel. **Los que escribieron nuestra historia**. Buenos Aires: La Bastilla, 1976, p.136-142.

⁵⁸¹ As estratégias de JNG para promover a figura de O'Leary (assim como se autopromover), favorecendo a difusão do revisionismo fora do Paraguai, são amplamente descritas na correspondência endereçada a O'Leary. Ver: Cartas de JNG a J. E. O'Leary. In: Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai (ABNP), Coleção Juan E.O'Leary.

⁵⁸² GONZÁLEZ Y CONTRERAS, G. J. **Natalicio...**

os jovens radicais mais críticos, num momento da história argentina em que o país atravessava por um período iniciado com um golpe de Estado e caracterizado pela crise econômica, a fraude eleitoral e a corrupção.⁵⁸³

A amizade entre Del Mazo e JNG delineou o modo em que se daria a troca intelectual com os membros da FORJA, permitindo que as palestras e as publicações de JNG circulassem amplamente neste grupo de intelectuais – que adotaram os conceitos do revisionismo paraguaio e, como contrapartida, alguns *forjistas* foram publicados pela revista e pela editora *Guaranía*.⁵⁸⁴

A FORJA, além de aglutinar jovens radicais, descontentes com os novos rumos adotados pelo partido após a morte de seu líder e ex-presidente, Hipólito Yrigoyen (1933), congregou também intelectuais de outras nacionalidades durante o período em que desenvolveu diversas atividades (1935-1945). Desde seu início, a FORJA tinha como objetivo a luta pela “soberania nacional, mas não como empresa meramente argentina, e sim como objetivo latino-americano, e que denunciasses o imperialismo britânico”.⁵⁸⁵

Integrar a intelectuais latino-americanos era parte desse objetivo. JNG teve maior proximidade e manteve uma troca intelectual e epistolar com o peruano Luis Alberto Sánchez (1900-1994) e com o colombiano Germán Arciniegas (1900-1999). Autores, como os argentinos Scalabrini Ortiz (1898-1959) e Atilio García Mellid (1901-1972), participaram das mesmas reuniões que JNG, adotando seus conceitos, como afirmara Del Mazo:

Funcionaba entonces Forja, con cuya comunidad congenió ampliamente después de los inevitables escarceos, y donde dio algunas conferencias, una de ellas sensacional, como fue la explicación por el petróleo de la

⁵⁸³ Fundada em 29/06/1935, a FORJA se opunha à política abstencionista da União Cívica Radical e era crítica do governo nacional que, em 1933, tinha assinado um acordo comercial favorável à Grã-Bretanha. Entre seus fundadores, estão Arturo Jauretche, Homero Manzi, Juan Fleitas, Luis Dellepiane, Gabriel del Mazo e Raúl Scalabrini Ortiz. A organização se dissolveu em 1945. Ver: ROUQUIÉ, Alain. **Radicales y desarrollistas en la Argentina**. Buenos Aires: Schapire, 1975, p.27-28. Segundo Scenna, a formação da FORJA foi se gestando durante algum tempo e pretendia aglutinar não somente os jovens da UCR, mas também todos aqueles “radicais” em seus ideais, em oposição à política governamental que caracterizou a “Década Infame” na Argentina. Assim, em seu início, a agremiação também convocou militantes de outras forças políticas. O autor também salienta que o grupo pretendia romper só com os dirigentes da UCR e não com o partido. Ver: SCENNA, Miguel Ángel. **F.O.R.J.A.** Uma aventura argentina (De Yrigoyen a Perón). Buenos Aires: Ed. de Belgrano, 1983, p.59-61.

⁵⁸⁴ Como exemplo, o próprio Del Mazo publicou vários artigos na revista de JNG e dois textos pela editora Guaranía. Autor de diversos livros sobre a reforma de 1918, em *La Reforma Universitaria y la Universidad Latinoamericana* (1957) e *El movimiento de la Reforma Universitaria en América Latina* (1967), Del Mazo incluiu uma análise das universidades paraguaias, considerando as informações do amigo paraguaio, a quem chamava de “reformista”, apesar de não ter formação universitária, porque “professava uma inspiração autônoma e radical”. In: DEL MAZO, Gabriel. **Vida de um político argentino**. Convocatoria de recuerdos. Buenos Aires: Plus Ultra, 1976, p.235.

⁵⁸⁵ SCENNA, Miguel Ángel. **F.O.R.J.A.**..., p.60.

reciente guerra entre Paraguay y Bolivia. Allí empezó a mostrarnos el Paraguay, a su “Paraguay Eterno”, título de uno de sus libros. Todo lo válido que yo sé, que un grupo numerosísimo de argentinos supieron del Paraguay, vino de él, de Natalicio González y de sus libros, que presentaron a un país inédito e interesantísimo que los argentinos no debíamos ignorar.⁵⁸⁶

Segundo o testemunho de Sánchez, o grupo de paraguaios exilados, liderados por JNG, participava na agremiação radical harmoniosamente:

Este entendimiento entre argentinos y paraguayos se diferenciaba de otros en que los últimos nada tenían que pedir ni esperar, de inmediato, de sus entusiastas y teóricos compañeros de ruta de la Banda Occidental del Plata; y en que éstos, no pretendían utilizar a sus colegas paraguayos para ningún fin de hegemonía regional.⁵⁸⁷

Ambos testemunhos dão conta de algumas tensões entre argentinos e paraguaios, que teriam sido superadas diante da aproximação de intelectuais preocupados em recuperar as raízes históricas e identitárias de seus respectivos países e, assim, as de uma unidade regional da qual ambas nações eram consideradas parte. Esta interpretação permitiu aos *forjistas* analisarem a realidade histórica rio-platense como um só processo.

Para a época, JNG já era um intelectual reconhecido. Suas publicações eram variadas, mas os textos que circularam entre os *forjistas* estavam relacionados à temática revisionista. Aqui, faremos uma breve menção aos textos de JNG mais citados pelos *forjistas*.

Contribuição de JNG para um revisionismo regional

El Paraguay Eterno, considerada a principal produção de JNG, de quase 200 páginas, é um texto composto por três partes, escritas em três momentos diferentes entre 1930 e 1934, pelas “vicissitudes de uma existência agitada”.⁵⁸⁸

A primeira parte versa sobre as origens do povo paraguaio, na qual JNG descreve o meio geográfico e os guaranis e trata da transcendência da presença hispânica – através do “conquistador laico” e do “conquistador espiritual” – para depois apresentar as características do povo paraguaio e “suas tendências naturais”.

⁵⁸⁶ DEL MAZO, Gabriel. **Vida de...**, p.233.

⁵⁸⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Reportaje al Paraguay**. Assunção: Guaranía, 1949, p.53.

⁵⁸⁸ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **El Paraguay Eterno**. Assunção: Guaranía, 1935, p.3.

JNG volta-se sobre a ideia do Paraguai como “entidade espiritual” que manteve seus “atributos vitais” ao longo de toda sua história, originados no marco geográfico e “nas duas raças que constituem a raiz étnica do paraguaio”, ou seja, a guarani e a espanhola.⁵⁸⁹ Esse Paraguai autóctone estaria ameaçado pelo mimetismo, a cópia de modelos europeizantes, institucionalizados pela “Constituição exótica” de 1870.⁵⁹⁰

No entendimento de JNG, o processo colonizador, que durou séculos, favoreceu a formação de uma raça rural e guerreira que, na hora da independência, aparecia como uma “entidade orgânica”, com personalidade própria e capaz de construir um Estado forte, diferentemente de seus vizinhos, imersos em sucessivas guerras e fraturas. Esse Estado forte estava representado por Francia e pelos López.⁵⁹¹

Após Cerro Corá, o triunfo dos aliados teria favorecido a organização de um Estado para servir aos interesses estrangeiros e que “corroeu o organismo nacional como um câncer”.⁵⁹² Mas, o povo sempre teria conservado “sua capacidade criadora e suas velhas virtudes da raça”, o que teria permitido o triunfo na Guerra do Chaco.⁵⁹³

Deste modo, JNG completa seu conceito da “paraguaidade” como um “espírito” e como um “organismo”, que pode adoecer, mas também pode se recuperar. Como organismo, precisava de seu espaço territorial e tinha uma herança genética que teria dado origem ao agricultor-soldado.

A segunda parte de *El Paraguay Eterno* trata do confronto que JNG denomina como a “luta entre paraguaios e governistas”.⁵⁹⁴ Estes últimos defendiam o texto constitucional de 1870, aprovado sobre a base de uma proposta argentina; mas também teriam inculcado a ideia de “inferioridade” da raça espanhola e da raça guarani. A incompatibilidade entre essa Constituição e a nação paraguaia estaria comprovada pelo fato de nunca ter sido cumprida, considerando os sucessivos estados de sítio, golpes e guerras civis entre 1870 e 1932.⁵⁹⁵

⁵⁸⁹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.7.

⁵⁹⁰ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.9.

⁵⁹¹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.52.

⁵⁹² GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.54.

⁵⁹³ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.55-56.

⁵⁹⁴ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.60-61.

⁵⁹⁵ GONZÁLEZ, J. Natalicio. *El Paraguay Eterno...*, p.66-67; 71; 139-142. Um dos dados mais explorados por JNG como prova da “crise paraguaia” é a manifestação estudantil de 23/10/1931 – fato recente no momento da escrita –, interpretado como o “massacre da juventude estudiosa”, seguido de uma política de espionagem policial e delação forçada.

Portanto, JNG propõe uma nova ordem constitucional, com outro modelo de Estado, baseado em outro conceito de liberdade e de lei.⁵⁹⁶ Ao expor estes, JNG reproduz um longo texto de Charles Maurras – sem citar sua origem –, reiterando conceitos apresentados na *Guaranía*.⁵⁹⁷

JNG toma a antinomia sarmientina “civilização/barbárie” para ressignificá-la. No Paraguai, o liberalismo representa a “barbárie” – que, com “atitude simiesca”, repete os estrangeirismos – enquanto que a “civilização” estaria representada pela raça paraguaia.⁵⁹⁸ O liberalismo teria cometido atos bárbaros, como permitir a ação do capital estrangeiro no território.

JNG propõe o “Estado autóctone” em oposição ao Estado liberal, sobre a base do “velho Estado paraguaio” dos López. O novo Estado devia se ocupar de proteger a população nativa, garantindo seu direito a trabalho, saúde e educação.

Quando analisa a questão populacional, JNG refere-se à imigração estrangeira. Embora Alberdi seja um autor valorizado pelos revisionistas paraguaios, sua posição a favor da imigração europeia só teria sentido para o caso argentino, cujo “pampa deserto [era] estremecido de tempos em tempos pelos selvagens”, além de ter uma economia meramente pastoril.⁵⁹⁹ Não era este o caso do Paraguai, cuja população nativa era agrícola, não necessitando do aporte estrangeiro. Para JNG, o Paraguai só deveria aceitar a chegada de “imigrantes úteis”, ou seja, técnicos e profissionais.

Ao comparar as políticas populacionais argentina e paraguaia, é possível verificar que a defesa de JNG dos nativos referia-se exclusivamente aos guaranis e não às outras populações indígenas, consideradas “selvagens”. A chegada de mão de obra estrangeira devia ser restrita e controlada, assim como as escolas das comunidades de imigrantes.

Resumindo, o “renascimento paraguaio” só seria possível com a reforma constitucional, com um novo Estado entendido como um “organismo vivo” que interpretasse a nação, baseado na “moral”; e com o ensino público e universal, entre outros elementos. Porém, JNG não entra em detalhes sobre como formar esse novo Estado “moral”; tão somente fala de acabar com a corrupção.

⁵⁹⁶ Os conceitos de liberdade e de lei tinham sido esboçados em vários artigos publicados na *Guaranía*, mas foram desenvolvidos num artigo publicado na última etapa da revista, citado no capítulo anterior. Ver: GONZÁLEZ, J. Natalicio. *Teoría y Fundamentos de la Libertad*. In: **Guaranía**, Ano I, N^o 1, Assunção, Nov-Dez.1947, p.6.

⁵⁹⁷ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **El Paraguay Eterno...**, p.79-81; 92.

⁵⁹⁸ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **El Paraguay Eterno...**, p.103-104.

⁵⁹⁹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **El Paraguay Eterno...**, p.128.

Na terceira parte, JNG aborda a relação da Igreja Católica com o Estado. Sua proposta era que a Igreja Católica paraguaia mantivesse apenas seu poder espiritual e moral, sem ingerência nos assuntos de Estado – e este respeitaria a religião como uma prática privada. A nomeação das autoridades eclesiásticas deveria ter a aprovação do presidente paraguaio para evitar atritos diplomáticos.

El Paraguay Eterno ainda hoje é um livro controvertido, pela proposta do chamado Estado autóctone, um estado centralizador e forte, com elementos teóricos tomados de Maurras. Porém, os intelectuais latino-americanos – e principalmente os *forjistas* – resgataram apenas os elementos históricos, vinculados à Guerra do Paraguai, temas sobre os quais JNG expunha nos periódicos encontros da FORJA.

Dos dois textos publicados em 1938, em Buenos Aires, um trata sobre a disputa pela região do Chaco e o outro sobre a cultura paraguaia. O primeiro insistia tanto em responsabilizar o governo liberal paraguaio, pela “má” condução da Guerra do Chaco, como em denunciar a presença de interesses de companhias petrolíferas na região e sua pressão no conflito.⁶⁰⁰ No segundo, se refere às origens da “Cultura Paraguaia” vinculadas às raízes guaranis e espanholas.⁶⁰¹

Em as *Cartas Polémicas* (1940), num prólogo de quase 100 páginas, JNG introduz a Guerra do Paraguai como uma variável na histórica disputa entre Buenos Aires e as províncias do interior. Ao reproduzir escritos e discursos de vários intelectuais e políticos, como Alberdi, Guido Spano, Estanislao Zeballos, entre outros, JNG tenta demonstrar os desacordos internos das elites argentinas em relação à guerra. Eram vozes críticas da política mitrista que, segundo JNG, representavam o descontentamento dos povos do interior argentino, contrários à guerra.

JNG tenta demonstrar que a Tríplice Aliança tinha sido um plano orquestrado pelo Brasil e pela Argentina um ano antes do início da guerra. Porém, a “causa invisível e mais poderosa” da guerra era a pressão inglesa, que, desde o começo do século XIX, pretendia conquistar a hegemonia econômica no Rio da Prata.⁶⁰² As pretensões britânicas tiveram sucesso graças à participação do Brasil.

⁶⁰⁰ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **El drama del Chaco**. El petróleo, la guerra y la oligarquía liberal. Buenos Aires: Guaranía, 1938.

⁶⁰¹ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya**. Buenos Aires: Guaranía, 1938, Tomo I. Inicialmente, este texto foi publicado capítulo a capítulo na Revista Americana de Buenos Aires, dirigida pelo espanhol Victorino Lillo Catalán, e na qual também era colaborador o biógrafo de JNG, o salvadoreño González y Contreras.

⁶⁰² GONZÁLEZ, J. Natalicio. *La Guerra al Paraguay* (Prólogo). In: MITRE, B. e GÓMEZ, J. C. **Cartas polémicas sobre la Guerra al Paraguay**. Assunção/Buenos Aires: Guaranía, 1940, p.62.

Deste modo, JNG conciliava a denúncia inicial do revisionismo paraguaio sobre o “imperialismo brasileiro” com o “imperialismo britânico”, tema amplamente tratado na Argentina da década de 1930. É muito provável que JNG fosse influenciado pelos *forjistas* – como Scalabrini Ortiz, tão preocupado com a presença inglesa no Rio da Prata. Porém, essa influência era em mão dupla, pelo fato de que os *forjistas* adotaram muitos conceitos de JNG em relação à história do Paraguai.

Diálogos entre os forjistas e JNG

As contribuições de JNG foram fundamentais para a divulgação do revisionismo paraguaio entre os *forjistas*. Em 1936, Scalabrini Ortiz publicava, nos Cadernos de FORJA, uma crítica das histórias “oficiais” dos países que tinham participado na Guerra da Tríplice Aliança, por omitirem as “intrigas estrangeiras” na explicação dos fatos.⁶⁰³ Especificamente sobre o Paraguai, afirmava:

La República del Paraguay nos ofrece otro modelo brillante. Bajo el gobierno de los López, el Paraguay progresó. Construyó la primera línea férrea de Sud América. Erigió altos hornos y talleres metalúrgicos. Construyó astilleros y barcos de ultramar sin demandar un solo centavo al exterior. El primer empréstito paraguayo, por un millón de libras, se contrajo en Londres cuando el gobierno de los López cayó en 1870 bajo la acción de las armas argentinas, brasileñas y uruguayas movilizadas en una acción fratricida por la intriga de la diplomacia inglesa. Del millón de libras contratadas en Londres en 1870 por el Paraguay tampoco llegó ni un centavo a esa república, según lo ha demostrado en un sesudo estudio el escritor paraguayo Natalicio González.⁶⁰⁴

Assim, Scalabrini Ortiz confirmava a influência de JNG sobre os *forjistas*. De qualquer forma, o objetivo do autor argentino era mostrar a ingerência do capital inglês na vida política da região e não especificamente a história paraguaia.

A *Historia General de América*, de Luis Alberto Sánchez, publicada pela primeira vez em 1942, pela editora chilena Ercilla, se diferencia da obra de Scalabrini Ortiz por incluir a história do Paraguai como parte constitutiva da história americana em cada uma de suas etapas cronológicas. Nestas, a menção a JNG como referência é recorrente.⁶⁰⁵

⁶⁰³ SCALABRINI ORTIZ, R. *Política Británica en el Río de la Plata*. Las dos políticas: La visible y la invisible. In: **Cuadernos de FORJA**, Ano I, n.1, Buenos Aires, 25/05/1936, p.47. Disponível em: <<http://www.labaldrich.com.ar/>> Acesso em: 05/11/2015.

⁶⁰⁴ SCALABRINI ORTIZ, R. *Política Británica...*, p. 90.

⁶⁰⁵ Aqui, foi consultada a 10ª. edição, publicada em 1972. A obra contém três tomos, sendo dividida em oito partes, cada uma das quais analisa a história país a país. Esta edição inclui dois apêndices, nos quais é apresentada a história de América depois da Segunda Guerra Mundial até 1970. Ver: SÁNCHEZ, Luis

Ao descrever o modo de vida indígena (língua, religião, relação com o meio ambiente), Sánchez tomou como referência o livro *Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya*. O autor colocava em relevo o espírito guerreiro, indômito e audaz dos guaranis que habitaram o Paraguai; reiterava a ideia de autonomia e da idiossincrasia particular dos paraguaios – que teriam levado a uma independência diferenciada do resto do continente.⁶⁰⁶

Sánchez dedicou várias páginas à figura de José Gaspar Rodríguez de Francia. Citando parágrafos de *El Paraguay Eterno*, o intelectual peruano identificava Francia como o criador do nacionalismo paraguaio, destacando o desenvolvimento autônomo do período.⁶⁰⁷ Ao analisar os governos de Carlos López e de Solano López, o autor resgatava o caráter “perene” dos governos paraguaios, frente à instabilidade política do resto das nações hispano-americanas.⁶⁰⁸ O escritor peruano também se apoiou em textos de Carlos Pereyra e O’Leary. Mas, consciente de seus “exageros”, fez uma ressalva: “Solano López foi, sim, tirano”. Apesar das “ressalvas”, Sánchez não deixou de reproduzir os mitos consagrados pelo revisionismo paraguaio, como o bem-estar econômico, durante as presidências dos López; o heroísmo e o espírito indomável de Solano, ao que acrescentava a ideia de o Paraguai ser um país de guerreiros, desde o período guarani.⁶⁰⁹

Após a guerra, segundo Sánchez, o Paraguai atravessou um longo período de sucessão de governos e levantes militares, até que, nas três primeiras décadas do século XX, o domínio liberal não pôde frear a penetração estrangeira. Isso propiciou um ambiente favorável ao *lopismo* que:

Eclosionó en magníficos frutos literarios y en un inquietante fruto político. Campeón de dicha tendencia, el escritor Juan O’Leary inició a la juventud en el culto al Mariscal, acogido fervorosamente por toda la república. La tesis de la “libre determinación de los pueblos”, la propaganda antiimperialista y las nuevas ideas crearon un movimiento.⁶¹⁰

Apesar de algumas reservas de Sánchez, os principais mitos do revisionismo paraguaio continuaram presentes na 10ª. edição da coleção de *Historia General de América*, de 1972.

Alberto. **Historia General de América**. 10ª. ed., 3 vol. Santiago de Chile: Ercilla-Rodas, 1972.

⁶⁰⁶ SÁNCHEZ, SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Historia General**..., p.155; 576; 658-659.

⁶⁰⁷ SÁNCHEZ, SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Historia General**..., p.848. Ao descrever a figura de Francia, Sánchez apoiou-se no livro O Ditador Francia, de Thomas Carlyle, seguido das obras de JNG. Carlyle foi publicado pela editora de JNG, com prólogo de Víctor Morínigo, em 1937. Ver: CARLYLE, Thomas. **El Dictador Francia**. Assunção/Buenos Aires: Guaranía, 1937.

⁶⁰⁸ SÁNCHEZ, SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Historia General**..., p.1026.

⁶⁰⁹ SÁNCHEZ, SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Historia General**..., p.1028.

⁶¹⁰ SÁNCHEZ, SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Historia General**..., p.1141.

Ainda durante a década de 1940, o escritor venezuelano Jesús Antonio Cova também contribuiria com um texto sobre o Paraguai. Embora não fosse *forjista*, por sua amizade com JNG, Cova continuou o trabalho iniciado por Blanco Fombona e Vallenilla Lanz, ao introduzir um novo texto sobre a Guerra do Paraguai no mercado venezuelano.⁶¹¹

Outro dos participantes estrangeiros da FORJA foi o colombiano Germán Arciniegas que, em 1952, publicou *Entre a Libertad y el Miedo*, enquanto esteve exilado nos Estados Unidos. Editado em inglês, o livro teve sua versão em espanhol no México, poucos meses depois. O texto gerou muitas polêmicas pelo conteúdo político, de modo que merece atenção o capítulo dedicado ao Paraguai.

Arciniegas sistematizou suas críticas aos governos autoritários da América Latina, entre os quais incluía o governo argentino de Juan Domingo Perón (1946-1955). Foi um sucesso editorial que só foi publicado na Argentina em 1956, um ano após a queda de Perón.⁶¹² No capítulo dedicado ao Paraguai, Arciniegas simbolizou, no título, o dilema do país mediterrâneo: “O Paraguai, entre a Argentina e o inferno verde”.

O autor colombiano afirmava que, ao longo do século XIX, a história do Paraguai transcorreu numa sucessão de ditaduras e uma guerra internacional, que expressou a luta do povo paraguaio para manter sua independência mais em relação à Argentina do que da Espanha, retomando uma afirmação de Pereyra – embora não o citasse. Isto explicaria o caráter guerreiro do povo paraguaio que, ainda no século XX e segundo o autor, debatia-se entre a anarquia e a ditadura.⁶¹³

Arciniegas também reproduzia os mitos da bravura e da coragem do povo paraguaio; a importância do Paraguai como um povo verdadeiramente autóctone – em oposição à “branca” Argentina, que se negava a recuperar seu passado vernáculo; e o resgate positivo de Rodríguez de Francia e dos López que, apesar de terem sido ditaduras, consolidaram política e economicamente o Paraguai. Os três autores citados por Arciniegas

⁶¹¹ COVA, J. A. **Solano López y la Epopeya del Paraguay**: La historia es verdad y justicia. 2ª. ed. Caracas: Sociedad Hispano-Venezolana de Ediciones, 1956.

⁶¹² ARCINIEGAS, Germán. **Entre la libertad y el miedo**. 6ª. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1956.

⁶¹³ Arciniegas avaliava positivamente a presidência de JNG, em oposição ao governo de Federico Chaves (1949-1954), aliado de Perón. Ainda que o autor declarasse que seu objetivo era denunciar as ditaduras latino-americanas, boa parte do livro se concentrou numa crítica a Perón, dedicando três capítulos à Argentina, além deste capítulo sobre o Paraguai que, indiretamente, era uma denúncia sobre os “tentáculos” do peronismo sobre os países vizinhos. Ver: QUINTEROS, M. C. e SUÁREZ, Carlos. *Estrategias de lucha del antiperonismo latinoamericano: Juan Natalicio González y Germán Arciniegas*. In: BERTONHA, J. F. e BOHOSLAVSKY. **Circule por la derecha**. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: UNGS, 2016.

são O’Leary, Sánchez e o próprio JNG, cujos textos foram sugeridos por este último em suas cartas ao escritor colombiano.⁶¹⁴

Entre o fim da FORJA (1945) e sua radicação no México (1951), JNG publicou vários livros. Em 1947, junto com Víctor Morínigo, publicava *Bajo las bombas del malón*, que, ainda que se referisse à guerra civil daquele ano, definia o conflito a partir do discurso revisionista, no qual a “tríplice aliança” (liberais, franquistas e comunistas) tentou assassinar os “mais brilhantes e representativos condutores da nacionalidade” – entenda-se Higinio Morínigo, Víctor Morínigo e ele próprio, JNG.⁶¹⁵

Em 1948, JNG apresentava outro ensaio sobre Solano López, publicado pela Biblioteca das Forças Armadas paraguaias. Este livro tentava mostrar outra faceta do marechal, a do homem de paz, instruído, o diplomata que negociou vários tratados de comércio e navegação com países europeus. Mas, JNG se deteve na descrição das negociações – e dificuldades – com o Brasil, na década de 1850, para assinar um tratado de comércio e outro de limites; como também de quando Solano López atuou como mediador na guerra civil entre a Confederação Argentina e Buenos Aires, em 1859. Era outro caminho para a exaltação do herói.⁶¹⁶

Após o golpe de 29/01/1949, JNG se instalou em Buenos Aires, onde escreveu *Cómo se construye una nación* (1949). O livro era um meio de denunciar o golpe, uma forma de avaliar positivamente seu curto governo e uma defesa contra as acusações de corrupção das que era alvo. Em cada um destes pontos, JNG voltava-se sobre os mesmos argumentos revisionistas.

No México, JNG publicou várias obras, algumas vinculadas à cultura guarani ou à temática indígena americana; mas também escreveu romances, poemas e uma geografia

⁶¹⁴ Carta de JNG a Germán Arciniegas (GA), de 14/05/1949. IN: Biblioteca Nacional da Colômbia (BNC), Fondo Gabriela e Germán Arciniegas (FGGA), Caixa 21, Pasta 9.

⁶¹⁵ GONZÁLEZ, J. Natalicio e MORÍNIGO, Víctor. **Bajo las bombas del malón**. Assunção: Guaranía, 1947, p.3. É curioso que JNG tenha intitulado seu texto com a palavra *malón*, vocábulo que designa os ataques inesperados de indígenas, utilizada aqui para os adversários da “tríplice aliança” daquele momento, pelo que adquire um caráter pejorativo.

⁶¹⁶ GONZÁLEZ, J. Natalicio. **Solano López, Diplomático**. Assunção: Biblioteca de las FF.AA. de la Nación, República del Paraguay, 1948, Vol. VII, p.115.

sobre a terra paraguaia.⁶¹⁷ Somente um livro, *El Estado Servidor del Hombre Libre* (1960), foi dedicado explicitamente a retomar sua proposta de organização estatal.⁶¹⁸

Nele, JNG considera a democracia o modelo de Estado possível para qualquer povo, porque ele permite a “expressão da potencialidade coletiva”, “inspira o respeito exterior, cria a amizade entre iguais”.⁶¹⁹ Para JNG, este modelo caracterizaria o caso paraguaio.⁶²⁰

Deste modo, JNG incorporava conceitos políticos que antes não eram tão relevantes. Ao retomar sua proposta de Estado, sempre no marco do revisionismo, JNG salientava a questão da democracia num momento em que as acusações de políticos, jornalistas e intelectuais latino-americanos contra o governo de Stroessner eram insistentes. Se, como embaixador, ainda que a contragosto, JNG tinha que defender a imagem internacional de Stroessner como um presidente “eleito democraticamente”, neste livro, ele conciliava a existência de ditaduras, como a de Francia, pelas circunstâncias históricas, com a ideia de que o povo paraguaio era “naturalmente” democrático.⁶²¹

Ao definir o que entendia por um Estado a serviço do “homem livre”, JNG volta a seu conceito de liberdade, não como algo dado pelo nascimento e sim como algo construído e conquistado, ajustado às regras – agora – de uma democracia.⁶²²

Em 1964, apareceu a publicação de Atílio García Mellid, *Proceso a los falsificadores de la Historia del Paraguay*, que se converteria no texto de transição para a última etapa liderada pelos revisionistas argentinos. Ele é de fundamental importância porque, além de se converter numa das principais referências destes revisionistas, foi o primeiro *forjista* a publicar um livro específico sobre a Guerra do Paraguai, seguindo uma metodologia historiográfica, com exaustivas citações bibliográficas e documentais.

⁶¹⁷ Ver: GONZÁLEZ, Natalicio. **Motivos de la Tierra Escarlata**. México DF: Guaranía, 1952.

_____. **Elegías de Tenochtitlán**. México DF: Guaranía, 1953.

_____. **La raíz errante**. México DF: Guaranía, 1954.

_____. **Ideología Guaraní**. México DF: Guaranía, 1958.

_____. **Geografía del Paraguay**. México DF: Guaranía, 1964.

⁶¹⁸ GONZÁLEZ, Natalicio. **El Estado Servidor del Hombre Libre**. México: Guaranía, 1960. Outros livros que, de alguma maneira, tiveram uma transcendência política foram:

_____. **México en el mundo de hoy**. México DF: Guaranía, 1952.

_____. **Vida y pasión de una ideología**. Assunção: NAPA, 1982.

⁶¹⁹ GONZÁLEZ, Natalicio. **El Estado...**, p.31.

⁶²⁰ GONZÁLEZ, Natalicio. **El Estado...**, p.31.

⁶²¹ Neste livro, JNG relata com mais detalhes, apoiado em documentos de época, como foi a relação entre índios, espanhóis e mestiços. Provavelmente, para a realização deste texto, foi utilizada a documentação transcrita e conservada em seu arquivo pessoal.

⁶²² GONZÁLEZ, Natalicio. **El Estado...**, p.60.

O “Processo” de García Mellid está organizado em dois tomos, totalizando 1.082 páginas e 11 capítulos. Seu objetivo era desmentir a historiografia liberal argentina, que teria “falsificado” a história do Paraguai. Assim, o autor introduz o leitor, esclarecendo que pretendia exaltar “a glória e o martírio do Paraguai, de cujas desventuras Mitre foi o autor”. A destruição do Paraguai teria sido obra dos liberais argentinos, contrariando os interesses do Paraguai e da própria Argentina.⁶²³

Para García Mellid, a “Guerra contra o Paraguai” foi movida por “uma ideologia estrangeira e a serviço de interesses mercantis internacionais”, o que também teria sido uma guerra contra os povos dos países aliados.⁶²⁴ O intelectual *forjista* explicitou ter se apoiado no revisionismo histórico para derrubar os “falsos ídolos” e permitir que os “deuses verdadeiros” emergissem, como o marechal Francisco Solano López, o “herói mais completo” da América.⁶²⁵

Para García Mellid, ao identificar os inimigos do Paraguai, se descobririam os inimigos das “províncias” argentinas.⁶²⁶ A derrota do Paraguai em Cerro Corá foi a “derrota da América”, humilhada e deformada pelo liberalismo. Porém, a “força telúrica e a vontade heroica de um povo” permitiram seu próprio renascimento.

“Revisar” a história era urgente, porque permitiria identificar e expulsar as “forças estranhas à nossa realidade continental, iniciando a reconquista de nossa autonomia, de nossa personalidade diferente, de nosso direito de construir um destino próprio e individual”.⁶²⁷ García Mellid resgatava a autoridade de O’Leary, Luis de Herrera e Alberdi para dar força a seus argumentos, mas também utilizava os mesmos termos de JNG para explicar o “renascimento” paraguaio.

A organização e a distribuição dos capítulos permitem inferir o peso dado à história dos guaranis e ao período colonial, que teriam imprimido a qualidade heroica do povo paraguaio, assim como ao período “independente” de Francia e dos López, que teriam marcado o desenvolvimento autônomo do país mediterrâneo. O primeiro tomo do “Processo” abarca estes períodos até o início da guerra, enquanto que o segundo se debruça sobre o contexto histórico dos anos da guerra e do pós-guerra até 1904.

⁶²³ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a los Falsificadores de la Historia del Paraguay**. Buenos Aires: Theoría, 1964, p.11-13.

⁶²⁴ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...**, p.15.

⁶²⁵ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (Tomo I), p.16.

⁶²⁶ Este, como outros autores argentinos, ao falar em “províncias”, refere-se exclusivamente ao interior, em oposição a Buenos Aires,

⁶²⁷ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (Tomo I), p.18.

Ao longo dos capítulos, García Mellid construiu um volumoso e detalhado texto sobre fontes documentais e autores revisionistas, com JNG sendo amplamente citado.⁶²⁸ Após um longo relato sobre a cultura guarani, Garcia Mellid detalha como a independência do Paraguai se deu no meio de uma luta com “facções portenhas”, reforçando o argumento de Arciniegas de que o Paraguai teve que lutar contra Buenos Aires para se tornar independente, no mesmo tipo de disputa que qualquer outra província argentina que, na época, lutava contra a tutela portenha.⁶²⁹

García Mellid apresenta um Rodríguez de Francia íntegro e indomável, defensor incorruptível do Paraguai. Sobre Carlos Antonio López, García Mellid se apoia em textos de O’Leary e de JNG para afirmar que foi um governante a “serviço da nacionalidade e do povo paraguaio”.⁶³⁰ Ao falar sobre a raça paraguaia ou “alma” forjada ao longo dos séculos, o autor continua reproduzindo os conceitos de JNG.⁶³¹

Os problemas na região teriam começado pela ação dos “liberais”, especificamente dos “nossos liberais [que] são a cobertura ideológica da bandeira pirata do mercantilismo anglo-saxão” e Mitre foi seu “grande instrumento”.⁶³² García Mellid cita JNG para afirmar que a Tríplice Aliança entre a Argentina, o Brasil e o Uruguai teve a “mão invisível da Grande Bretanha”.

As obras mais citadas por García Mellid são *El Paraguay Eterno*, *El Dictador Francia* – artigo publicado na revista *Guaranía* – e *El Estado servidor del hombre libre*.⁶³³ Mas também se reiteram citações de O’Leary, Pereyra, Herrera, Cova e Víctor Morínigo. García Mellid reconhecia a contribuição da “nova escola histórica paraguaia” na análise da história nacional que, sem dúvida, enriquecia a da região:

Siguiendo las huellas del revisionismo histórico rio-platense (Adolfo Saldías, Luis Alberto de Herrera, Juan E. O’Leary) ha puesto el acento sobre la verdadera naturaleza del conflicto a que América viene asistiendo desde los remotos tiempos de la colonia. Entre los brillantes expositores de la nueva escuela, debemos mencionar a Natalicio González y Víctor Morínigo, a quienes se deben muchas lúcidas páginas

⁶²⁸ As notas de rodapé indicam uma vasta pesquisa documental, fundamentalmente em arquivos da Argentina e do Paraguai. Boa parte dos documentos utilizados são discursos, correspondência, memórias, biografias e notas jornalísticas. Já a maioria dos autores citados – paraguaios, argentinos ou uruguaios – é revisionista.

⁶²⁹ São inúmeras as afirmações que confirmam esta ideia. Como exemplo, podemos citar quando diz que “Sem a soberba de Buenos Aires, o federalismo teria conciliado as diferenças e fundido os perfis desenhados.” In: GARCÍA MELLID, A. *Proceso a...* (Tomo I), p.95.

⁶³⁰ GARCÍA MELLID, A. *Proceso a...* (tomo I), p.268.

⁶³¹ GARCÍA MELLID, A. *Proceso a...* (tomo I), p.257.

⁶³² GARCÍA MELLID, A. *Proceso a...* (tomo I), p.333; 358.

⁶³³ GARCÍA MELLID, A. *Proceso a...* (tomo I), p.389 e 431.

que esclarecen la realidad íntima, irrecusable y desgarradora del proceso histórico del Paraguay.⁶³⁴

O segundo tomo de “O Processo” de García Mellid trata do desenvolvimento da Guerra do Paraguai e do pós-guerra. Especificamente no capítulo X, intitulado “A epopeia e o mito”, adianta que a perspectiva apresentada segue os lineamentos de O’Leary, ao considerar a guerra como uma grande “epopeia” e a Solano López, seu herói, como o mito de quem narra uma biografia laudatória.⁶³⁵

Mas, o autor argentino inclui o que denomina as “resistências à guerra dentro das nações aliadas”, referindo-se a intelectuais como Alberdi, e também aos “povos” das províncias do interior, que teriam mostrado solidariedade ao “povo” paraguaio, além de resistirem a ir ao campo de batalha. Deste modo, busca demonstrar que a guerra teve um efeito negativo tanto para os paraguaios como para as populações dos aliados.

Após quase 900 páginas, García Mellid chega à última e grande epopeia, Cerro Corá, batalha na qual teria ficado evidente a coragem de Solano López, do povo paraguaio e da mulher – através da figura de Elisa Lynch. Essa “imolação” coletiva é, para o autor argentino, “uma das páginas mais sublimes da história universal”, ato de “grandeza e renúncia” que os historiadores aliados não souberam respeitar.⁶³⁶

Em Cerro Corá, em 01/03/1870, quando “a morte dançava ao som das douradas libras imperiais”, teve lugar o último ato da guerra. O testemunho do general brasileiro José A. Correia da Câmara evitou a infâmia liberal, ao informar a seu superior que o moribundo López não se rendeu, teve que ser morto.⁶³⁷ Segundo García Mellid, Câmara, descrevendo a morte do marechal paraguaio, contava que López tentou feri-lo e, com arrogância, gritou “Morro, espada na mão, **por** minha pátria!”.⁶³⁸ García Mellid avança na análise de documentos e chega à conclusão de que a frase foi adulterada e que López teria

⁶³⁴ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (Tomo I), p.431.

⁶³⁵ Para o autor, Francisco Solano López era a pessoa melhor preparada do Paraguai, que continuou a política de desenvolvimento econômico e educacional de seu país, que não tinha bens – os que possuía na hora de morrer, pertenciam a um rico paraguaio que os deixou em herança –, que estabeleceu o Patronato, o uso do guarani como língua escrita em jornais e outros documentos, etc.

⁶³⁶ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (tomo II), p.362.

⁶³⁷ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (tomo II), p.370.

⁶³⁸ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (tomo II), p.372. Segundo García Mellid, haveria outro documento que dava conta da ferida e da suposta fuga do marechal. Porém, esse documento não existiria, ao contrário da nota do general Câmara, reproduzida por O’Leary em “Nossa Epopeia” e confirmada pela palavra de outras testemunhas paraguaias, como Héctor F. Decoud, o padre Fidel Maíz e o coronel Juan Crisóstomo Centurión.

gritado “Morro **com** minha pátria!”, síntese de sua “visão clara” sobre a guerra contra o Paraguai.⁶³⁹

Dos escritores *forjistas argentinos* apresentados aqui, originariamente radicais, dois passaram a militar no peronismo na década de 1940, como Scalabrini Ortiz e García Mellid.⁶⁴⁰ Estes, como outros revisionistas, teriam um papel-chave dentro do peronismo, ao escreverem uma história coerente com o discurso partidário.

A defesa do “povo”, que o peronismo fazia, coincidia com a recuperação desse sujeito histórico – como faziam ambos os intelectuais. No clima da Guerra Fria, em que o peronismo propôs uma “terceira posição”, autônoma, para se distanciar da oposição EUA/URSS, seus historiadores também propunham uma interpretação historiográfica diferente, “autônoma”.

Primeiro, na década de 1930, foi Scalabrini Ortiz que analisou a presença do capital inglês, principalmente nas ferrovias argentinas. Depois, foi García Mellid que pesquisou sobre a presença de “forças estrangeiras”, aliadas aos traidores internos, no momento em que Perón levava quase uma década no exílio. Os textos do primeiro contribuíram para argumentar em favor da nacionalização das ferrovias durante o governo de Perón; os do segundo propunham recuperar o sujeito histórico “povo” no momento em que o peronismo estava proscrito da cena política nacional.

O papel de JNG na difusão do revisionismo histórico paraguaio foi essencial. Os textos dos escritores paraguaios alcançaram tal grau de circulação que, para Brezzo, foi em 1948 que começou a se falar em “revisionismo paraguaio”, quando O’Leary foi designado membro do Comitê Acadêmico do Instituto Juan Manuel de Rosas de Investigações Históricas, de Buenos Aires, de clara tendência revisionista.⁶⁴¹

Para Diana Quattrocchi-Woisson, os argentinos da década de 1930 – a “Década Infame” – procuravam construir uma nova identidade, que desse resposta à crise

⁶³⁹ GARCÍA MELLID, A. **Proceso a...** (tomo II), p.375.

⁶⁴⁰ “Curiosamente”, Scalabrini Ortiz é citado por González y Contreras na biografia de JNG, ao contrário do García Mellid, que não foi lembrado em nenhum texto de JNG, apesar de sua enorme adesão ao revisionismo paraguaio. Provavelmente, isso se explica pela mudança partidária e da enorme rejeição de JNG para com o peronismo.

⁶⁴¹ BREZZO, Liliana. *El historiador...* Segundo esta historiadora, a expressão ficou registrada no documento que notificava O’Leary de sua designação como membro do Comitê. O Instituto de Investigações Históricas Juan Manuel de Rosas foi criado em 05/08/1938, por um grupo de escritores nacionalistas e de militares argentinos que pretendiam a reavaliação da figura do ex-governador da província de Buenos Aires entre 1832 e 1852, a partir de trabalhos de pesquisa histórica. Porém, seu caráter antiacadêmico e militante lhe outorgou uma “má reputação” entre os colegas profissionais da História, que acusaram estes rosistas de fascistas. O “rosismo” ou revisionismo argentino teve várias vertentes, e o Instituto era apenas uma delas. Ver: QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.163-165.

econômica e política que se vivia. Para isso, “os olhares voltavam-se para o passado, para encontrar os responsáveis das desditas do presente”.⁶⁴² Foi a década em que Inglaterra tentava manter seus mercados através de acordos comerciais como o Pacto Roca-Runciman, assinado com a Argentina em 1933. Por essa razão, para os intelectuais argentinos, o imperialismo britânico era mais real do que o norte-americano.

Nesse olhar sobre o passado, os revisionistas de cada país encontraram suas respostas em determinados períodos e personagens históricos. O revisionismo argentino centrou-se no *rosismo*, enquanto que o paraguaio no *lopismo*.⁶⁴³ Mas houve pontos de encontro e de diálogo entre os revisionismos argentino, paraguaio e uruguaio, sendo a Guerra Grande o marco em comum dessas contra-histórias nacionais, que permitiu responsabilizar as respectivas elites liberais e o imperialismo inglês pelas desventuras regionais.

Quattrocchi-Woisson salienta a aceitação dos escritos revisionistas entre setores ditos “contestatários” de cada momento, que se identificavam tanto com o ataque à oligarquia e ao imperialismo, como com o resgate do popular a partir de uma releitura histórica. Isso:

nos muestra la originalidad de este movimiento de contrahistoria que, habitado por nudos temáticos variados y a veces contradictorios, despierta la simpatía de ideologías a primera vista opuestas.⁶⁴⁴

A historiadora argentina insiste também em não identificar automaticamente os revisionistas argentinos da década de 1930 com os nacionalistas. Reconhece que os membros do Instituto Rosas eram nacionalistas, mas o que os congregava era o interesse pela história. A distinção para o caso argentino ajuda a diferenciar O’Leary, igualmente tão preocupado pelo passado quanto os revisionistas argentinos, e JNG, que pretendia uma

⁶⁴² Diana Quattrocchi-Woisson tem estudado a evolução do *rosismo*, movimento no qual intelectuais argentinos recuperaram a figura de Juan Manuel de Rosas como verdadeiro defensor dos interesses argentinos, em oposição à elite liberal que governou o país entre 1862 e 1916. A autora identifica o nascimento do “movimento revisionista” argentino em 1934, quando começaram as homenagens públicas a Rosas e a publicação de textos “clássicos” do revisionismo. Ver: QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.100; 105-111.

⁶⁴³ Cabe assinalar que o “revisionismo argentino”, assim como o paraguaio, estava longe de ser monolítico, uniforme, homogêneo. Quattrocchi-Woisson faz a distinção entre distintas tendências político-ideológicas e institucionais dos revisionistas argentinos. Especificamente sobre os *forjistas*, que nos ocupa aqui e que a autora etiqueta de “certa esquerda nacionalista”, esclarece os muitos pontos em comum com os revisionistas do Instituto de Investigações Juan Manuel de Rosas – que Quattrocchi-Woisson denomina genericamente de “certa direita anti-imperialista”. Suas coincidências iam além da proximidade temática e tinham a ver também com relações de amizade e parentesco que favoreciam as trocas intelectuais. Ver: QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.201-205.

⁶⁴⁴ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.124.

projeção política a partir da reinterpretação do passado e um modo de agir sobre seu presente.

Assim como os revisionistas do Instituto Rosas, O’Leary escrevia sobre o passado paraguaio “com urgência, obsessão e prazer”.⁶⁴⁵ Já JNG escrevia a par de seus textos mais políticos, nos quais incluía os conceitos do revisionismo paraguaio como um degrau para explicar suas concepções sobre Estado, liberdade ou lei. Ainda assim, os *forjistas* tomaram dos textos de JNG apenas os mitos do revisionismo paraguaio, para poder escrever sobre um passado comum aos países do Rio da Prata e, desse modo, poder atender aos próprios anseios historiográficos, ideológicos e/ou políticos.

Se alguns revisionistas tomavam somente os elementos que permitiam reforçar seus conceitos de imperialismo/anti-imperialismo – como Scalabrini Ortiz –, outros preferiam tomar o conjunto dos mitos do revisionismo paraguaio para dar a conhecer ao mundo a “verdadeira” história da região, oculta pelas histórias “falsificadas”. A partir do trabalho de García Mellid, ganharam impulso os textos contrários às “falsificações”, dando lugar à terceira etapa.

Este revisionismo, afirma Quattrocchi-Woisson, pressupõe que as histórias oficiais “ocultam verdades fundamentais e escondem motivações inconfessáveis”. Desse modo, se converte numa arma de luta eficaz “para desacreditar o adversário” pelo “poderoso impacto emocional desse tipo de argumento”.⁶⁴⁶ E foi desta perspectiva que revisionistas e escritores latino-americanos escreveram seus textos, reproduzindo e divulgando amplamente uma “nova” versão da história do Paraguai e do Rio da Prata. Entre os mais destacados desta etapa, devemos considerar os seguintes:

⁶⁴⁵ Quattrocchi-Woisson usa estas palavras para descrever as atividades dos membros do Instituto de Investigações Juan Manuel de Rosas. In: QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.173.

⁶⁴⁶ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males...**, p.203.

Quadro 5.2. Autores latino-americanos da segunda fase de difusão do Revisionismo Paraguaio.

Autor	Publicação	Ano
Raul Scalabrini Ortiz (Argentino, 1898-1959)	- Política británica en el Río de la Plata	1936
Luis Alberto Sánchez (Peruano, 1900-1994)	- Historia General de América (3 vol.) - Reportaje al Paraguay	1942 1949
Jesús Antonio Cova (Venezuelano, 1898-1964)	- Solano López y la Epopeya del Paraguay: La historia es verdad y justicia	1948
Germán Arciniegas (Colombiano, 1900-1999)	- Entre el miedo y la libertad	1952
Gabriel del Mazo (Argentino, 1898-1969)	- La reforma universitaria y la universidad latinoamericana - El movimiento de la reforma universitaria en América Latina - Vida de un político argentino	1957 1967 1976
Atilio García Mellid (Argentino, 1901-1972)	- Proceso al liberalismo argentino - Proceso a los falsificadores de la Historia del Paraguay - Revolución Nacional o comunismo	1957 1964 1967

O revisionismo militante

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Rio da Prata atravessou as mudanças impostas pela Guerra Fria e por outras que foram específicas da região. A instabilidade política nos países rio-platenses, qual um movimento pendular entre democracias e ditaduras, viu-se imersa no clima de medo pelo suposto avanço do comunismo. De fato, os partidos comunistas tinham uma presença expressiva, mas também se deu o crescimento de movimentos mais politizados e radicalizados. Sem dúvida, esta realidade teve seu reflexo na escrita da história.

Devoto e Pagano incluem os “revisionistas” e os “marxistas”, e suas mais diversas combinações e múltiplas classificações que, no caso argentino, contemplaram também o peronismo – pelo que é possível pensar em revisionistas nacionalistas, revisionistas marxistas, revisionistas trotskistas, revisionistas peronistas, entre outros. Os autores salientam que um conjunto deles atingiu um impacto “invejável” na mídia local. Genericamente identificados como “revisionistas”, Devoto inclui Scalabrini Ortiz ou José María Rosa (1906-1991) – que nós, em função de nosso objeto de estudo, contextualizamos em dois momentos diferentes.⁶⁴⁷

⁶⁴⁷ Ideologicamente, estes autores pertenciam a diferentes raízes: enquanto Scalabrini Ortiz tinha participado na FORJA e depois migrado para o peronismo, Rosa pertencia ao *Instituto de Investigaciones Juan Manuel de Rosas* que, em suas origens, participava do credo nacionalista, era anticomunista e mostrava simpatia pela Espanha antirrepublicana. O Instituto passou por diversas etapas, renovando seus membros, sua composição ideológica e os temas de análise histórica, inicialmente concentrados na figura de Rosas. No final da década de 1960, García Mellid também participou deste Instituto. Ver: DEVOTO, F. e

Rosa foi uma figura central no revisionismo histórico argentino, na recuperação de Juan Manuel de Rosas e dos caudilhos do interior do país. Nascido numa família antirrosista e antirradical, estudou direito, se doutorou e realizou a “tradicional viagem de consagração para Europa” em 1928.⁶⁴⁸ Seu regresso para a Argentina coincidiu com o golpe de Estado de 1930. Filiou-se ao Partido Demócrata Progressista, foi nomeado juiz e começou a lecionar na Universidade Nacional de La Plata. Rosa considerava que sua conversão ao *rosismo* deveu-se à influência de um professor no segundo grau.

A partir de 1941, Rosa começou a publicar obras de caráter revisionista e, desde 1946, passou a ter papel central na vida do Instituto de Investigações Juan Manuel de Rosas. Segundo Quattrocchi-Woisson, Rosa simpatizava com o peronismo e tinha uma longa amizade com o peronista John Cooke. Com a queda de Perón, em 1955, Rosa foi detido e expulso do país. Em 1958, voltou e reorganizou o Instituto, na tentativa de manter a união entre os revisionistas de esquerda e os de direita.⁶⁴⁹

Rosa dedicou um livro para estudar a relação entre a *Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas* (1964). Nele, analisa que as levadas dos governos argentinos para a Guerra do Paraguai provocaram resistências aguerridas, pelo que retoma a ideia de que esse conflito foi contra os interesses das províncias do interior argentino, defendidos por seus caudilhos.

Para Julio Stortini, os revisionistas argentinos da década de 1960 se interessaram pelos caudilhos para destacar seu papel de líderes de massas populares e pelo seu anti-imperialismo. Estes temas tiveram maior relevância no centenário da Guerra do Paraguai, mas o tratamento dado pelos revisionistas foi desigual, segundo sua filiação ideológica, gerando, em 1969, uma acirrada polêmica no boletim publicado pelo Instituto de Investigações Juan Manuel de Rosas.⁶⁵⁰

Rosa publicou seu livro no mesmo ano em que apareceu o de García Mellid, mas corresponde à compilação de uma série de artigos publicados entre 1958 e 1959, sob o incentivo de Luis Alberto de Herrera. O autor reconhecia seu caráter jornalístico, mas ainda assim lhe permitia mostrar o que tinha sido o “drama de 1865”.⁶⁵¹

PAGANO, N. *La Historiografía Académica y la Historiografía Militante en Argentina y en Uruguay*. Buenos Aires, Biblos, 2004, p. 81-132; e QUATTROCHI-WOISSON, D. *Los males...*, p.172.

⁶⁴⁸ QUATTROCHI-WOISSON, D. *Los males...*, p.180.

⁶⁴⁹ QUATTROCHI-WOISSON, D. *Los males...*, p.180-181.

⁶⁵⁰ STORTINI, Julio. *Polémicas y crisis en el revisionismo argentino*. In: DEVOTO, F. e PAGANO, N. *La Historiografía...*, p.93-95.

⁶⁵¹ ROSA, José María. *Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas*. 3ª. ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1968, p.9. Rosa referia-se ao título dado por Herrera à sua publicação de 1927, citado anteriormente.

Rosa interpretava que a Guerra do Paraguai foi o epílogo de um “drama” regional que tinha começado com a queda de Juan Manuel de Rosas, em 1852. Essa tragédia de quase vinte anos, referindo-se ao período de 1852-1870, impediu que a América espanhola se integrasse numa nação só, causa iniciada por Artigas, continuada por San Martín e Bolívar, “restaurada” por Rosas e defendida por Solano López. Para o autor, esta era a história a contar, a de uma “massa nacionalista que busca sua unidade e sua razão de ser diante de minorias estrangeirizantes”⁶⁵²

Portanto, os capítulos/artigos detalham os acontecimentos históricos transcorridos ao longo desses vinte anos. Se bem Herrera constitui uma fonte preponderante, JNG também surge nas citações. Um dos capítulos intitula-se Cerro Corá e, nele, se detalham os últimos momentos de Solano López, que, “com toda calma”, organizou seus homens para a última batalha. López encontrava-se acompanhado de suas tropas famélicas e pela sua família, fieis até o fim. Ao ser atingido, segundo Rosa, ele disse “Morro **com** a minha Pátria!”⁶⁵³.

O mito do heroísmo de López, de sua família e de seus soldados é fundamental para Rosa, resgatando assim o papel do líder sobre as massas. Já outros dois revisionistas, Rodolfo Ortega Peña (1935-1974) e Eduardo Luis Duhalde (1939-2012), mesmo não tendo publicado um livro específico sobre a guerra, a consideraram parte essencial de processos históricos mais amplos, para destacar a ingerência de Inglaterra neles.

Ortega Peña e Duhalde participaram no Instituto de Investigações Juan Manuel de Rosas, no final dos anos 1960, sendo muito críticos dos revisionistas anticomunistas. Para ambos autores,

el revisionismo histórico (“antimitrista, montonero y lopista”) debía defender desde una perspectiva nacional al Paraguay de López y, por lo tanto, luchar contra los resabios liberal-mitristas y consolidar el nacionalismo rosista popular.⁶⁵⁴

Eles publicaram, em 1968, o livro *Baring Brothers y la Historia Política Argentina*. O capítulo dedicado à guerra está intitulado “A Luta pelo Algodão e o Paraguai”, dando pauta de que Ortega Peña e Duhalde priorizaram as causas econômicas para explicar os motivos da guerra. Mas eles davam mais detalhes, se comparados com outros revisionistas, que só denunciavam os interesses britânicos na região. A Inglaterra tinha interesse no

⁶⁵² ROSA, J. M. *Guerra del...*, p.10.

⁶⁵³ ROSA, J. M. *Guerra del...*, p.308.

⁶⁵⁴ Citado em: STORTINI, Julio. *Polémicas y...*, p.95.

Paraguai porque, com a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, tinha perdido seu mercado provedor de algodão e o Paraguai perfilava-se como o substituto ideal.

As afirmações baseavam-se nos textos de Carlos Pereyra, JNG, García Mellid e José María Rosa.⁶⁵⁵ De fato, o livro não mantém uma metodologia, como a seguida por García Mellid, e se apresenta como um texto contestatário, como descrito por Devoto. Ao concluírem o capítulo, Ortega Peña e Duhalde diziam:

Algodón, libre navegación, empréstitos, límites territoriales, ganancias comerciales, destrucción industrial, poder político, ambición y temor decidieron la guerra de la Doble Alianza entre el capital financiero y las oligarquías locales. Drama de personajes americanos, con un protagonista y autor oculto: Inglaterra, puesta en evidencia por la investigación histórica auténtica.

Frente a todas esta carroña financiera y política se yergue Francisco Solano López. Encarnación histórica de la clase campesina paraguaya, dueña de sus tierras y su trabajo, defensor del monopolio de la industria nacional y máxima expresión del ejército popular al servicio de su país.⁶⁵⁶

Também em 1968, foi publicado *La era Mitre. De Caseros a la Guerra de la Triple Infamia*, de Milcíades Peña (1933-1965).⁶⁵⁷ A expressão “tríplice infâmia” também tinha sido utilizada por Duhalde e Ortega Peña em um dos subtítulos do capítulo sobre a guerra. Segundo Victoria Baratta, Milcíades Peña era um revisionista trotskista que sustentava a tese de que a guerra foi “um momento conclusivo da imposição do capital burguês comercial portenho”, opondo-se à explicação de que Inglaterra tinha sido o “poder oculto”. Ainda que este autor não tenha conseguido terminar o livro, pela morte prematura, sua interpretação continua tendo repercussão.⁶⁵⁸

Em pouco mais de 100 páginas, Peña tenta demonstrar que, depois da batalha de Caseros (1852), que significou a derrota e a expulsão de Rosas, a elite oligárquica tomou o controle do país e liderou a guerra da “tríplice infâmia”. À época, segundo Peña, o Paraguai tinha atingido um alto desenvolvimento econômico devido a seu isolamento. Mas, Peña entra em permanente desacordo com os revisionistas, que ele denomina

⁶⁵⁵ ORTEGA PEÑA, R. e DUHALDE, E.L. **Baring Brothers y la Historia Política Argentina**. 2ª. ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1973, p.126.

⁶⁵⁶ ORTEGA PEÑA, R. e DUHALDE, E.L. **Baring Brothers...**, p.129.

⁶⁵⁷ PEÑA, Milcíades. **La era de Mitre**. De Caseros a la Guerra de la Triple Infamia. Buenos Aires: Fichas, 1972, 2ª. ed.

⁶⁵⁸ BARATTA, María V. *La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina*. In: **História da Historiografia**, N° 14, Ouro Preto, Abril 2014. (p. 103 - 104). Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/614>> Acesso em 03/09/2015. O alcance da interpretação de M. Peña pode ser dimensionado a partir da difusão dada por Felipe Pigna, talvez o historiador argentino mais mediático da última década, que manteve sua ótica sobre a Guerra do Paraguai. Ver: PIGNA, Felipe. *La Guerra de la Triple Alianza*. In: **El Historiador**. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/organizacion_nacional/guerra_de_la_triple_alianza.php>. Acesso em 23/06/2016.

“rosistas” e “stalinistas”, para afirmar que López não era como Rosas, e sim sua antítese.⁶⁵⁹ López não era latifundiário, como denunciavam os revisionistas “stalinistas”, nem era o tirano denunciado pelos liberais. Para Peña, o governo de López era despótico e unipessoal, mas contava com a confiança da maioria da população. Deste modo, o autor resgatava o desenvolvimento econômico do Paraguai antes da guerra, mas sem entrar num discurso laudatório de López.

Ainda em 1968, foi publicado o texto que, talvez, teve maior transcendência e que causou polêmica entre os revisionistas anticomunistas do Instituto Juan Manuel de Rosas. *La Guerra del Paraguay, Gran Negocio*, de León Pomer, teve mais duas edições na Argentina (1986 e 2008) e duas no Brasil (1980 e 1981). Apesar de o autor falar de grandes silêncios e recepção mesquinha, o texto é uma das principais referências da interpretação revisionista da guerra.

Pomer recuperou uma metodologia de trabalho acadêmico para a escrita de seu livro, com base em numerosas fontes e bibliografia. O texto está organizado em treze capítulos e um apêndice – que seguem uma ordem cronológica, que trata da história do Paraguai desde a independência até o pós-guerra, do mesmo modo que são apresentadas breves histórias dos países aliados.

A análise da história econômica é a chave para a compreensão da origem da guerra, segundo Pomer. Para seus críticos, principalmente para o revisionista Juan Pablo Oliver, o livro representava uma linha pseudorrevisionista que “sob, aparência montoneril (sic), por não dizer guerrilheira, vem se inculcando metodicamente em função da tática marxista”.⁶⁶⁰ De qualquer forma, a ênfase dada aos aspectos econômicos enquadra-se no marco de uma análise marxista que deu prioridade ao argumento do interesse maquiavélico da Inglaterra nessa guerra.⁶⁶¹

Pomer cita diversos autores, mas alguns se reiteram para reproduzir os principais mitos do revisionismo paraguaio: García Mellid, Pereyra e Herrera. Entre estes mitos, Pomer recupera a qualidade guerreira do povo paraguaio, herdada dos guaranis; a época de ouro durante os governos dos López; o heroísmo dos paraguaios após a derrota.

Na década de 1970, o revisionismo militante atingia um sucesso editorial, com um alcance imensamente maior quanto ao público leitor. Dois autores mais, que não pertencem

⁶⁵⁹ PEÑA, Milcíades. *La era de...*, p.54.

⁶⁶⁰ In: STORTINI, Julio. *Polémicas y...*, p.94.

⁶⁶¹ POMER, León. *La Guerra del Paraguay*. Estado, política y negocios. 3ª. ed. Buenos Aires: Colihue, 2008, p.264-265. Para essa terceira edição argentina, o autor modificou o título do livro.

a este grupo de revisionistas argentinos, mas que se basearam neles para escrever seus respectivos textos, são o brasileiro Júlio José Chiavenato (1939) e o uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015).

Chiavenato escreveu um livro específico sobre a guerra, *Genocídio americano. A Guerra do Paraguai* (1979), destacando as desastrosas consequências sociodemográficas do conflito para o Paraguai, bem como os mitos da idade de ouro e a ação do imperialismo inglês – e não faltando as derradeiras palavras de Solano López, “Morro **com** minha Pátria!”, quando, no último capítulo, o autor analisa a destruição e a partilha do Paraguai. O livro teve grande impacto entre os leitores, com 28 edições em língua portuguesa só pela editora Brasiliense – a primeira edição se esgotou em uma semana.⁶⁶²

Já Eduardo Galeano mencionou a guerra em seu livro clássico *Las Venas Abiertas de América Latina*, publicado em 1971 e que conta também com numerosas traduções e reedições – até o final da década de 1990, houve 38 edições em português pela editora Paz e Terra. O texto específico, que refere-se ao tema, tem o seguinte título: “A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai aniquilou a única experiência, com êxito, de desenvolvimento independente”. O longo título já dá conta do mito da época de ouro elaborado pelos revisionistas paraguaios.⁶⁶³

No corpo do texto, o autor destaca, em cursiva, que “a miséria empurra os habitantes do país que era, há um século, o mais avançado da América do Sul”.⁶⁶⁴ Galeano publicou *Las Venas Abiertas de América Latina* quase coincidindo com o centenário da guerra, trazendo o conceito de genocídio e salientando a façanha da Inglaterra de ter se beneficiado com o conflito armado sem ter participado.

A época de ouro da história do Paraguai é identificada com os governos de Francia e dos López. Sobre Francia, Galeano considerou que, apesar de ser uma ditadura, “só os nostálgicos dos privilégios perdidos sofriam a falta de democracia”. O autor uruguaio criticava, em nota de rodapé, seu par chileno, Pablo Neruda, por acusar Francia de “rei leproso” no “Canto Geral”, sendo que, quando ele morreu, “o Paraguai era o único país da

⁶⁶² Trabajamos aqui com a edição da Moderna. CHIAVENATO, José Julio. **Genocídio Americano**. A Guerra do Paraguai. São Paulo: Moderna, 1998.

⁶⁶³ Aqui foi consultada uma edição em português: GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. 38ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 204-214. Em 1984, Galeano publicava os três tomos de *Memoria del Fuego*, um conjunto de relatos breves sobre a América Latina. No segundo tomo, dedica um texto aos acontecimentos do 01/03/1870, em Cerro Corá, mantendo a mesma interpretação de *Las Venas Abiertas de América Latina*. Ver: GALEANO, Eduardo. **Memoria del Fuego** (T.2: Las caras y las máscaras). Buenos Aires: Siglo XXI, 2012, p.247-248.

⁶⁶⁴ GALEANO, Eduardo. **As veias...**, p. 205.

América Latina que não tinha mendigos, famintos nem ladrões”.⁶⁶⁵ Segundo Galeano, coube aos López continuar e vitalizar a tarefa iniciada por Francia, permitindo o desenvolvimento econômico do Paraguai, impulsionado pelo Estado que monopolizava o comércio, as terras, a frota mercante.

Seguindo os argumentos de Alberdi, O’Leary, Herrera e JNG, Galeano mantinha a crítica a Mitre e recuperava Solano López, que “encarnou heroicamente a vontade nacional de sobreviver”, acompanhado de “homens, mulheres, meninos e velhos; todos se bateram como leões”. Quando López foi ferido em Cerro Corá, teria exclamado “Morro **com** minha pátria!”⁶⁶⁶. A permanência desta frase, com a preposição “com”, após meio século da publicação de *Nuestra Epopeya* de O’Leary, evidencia a fidelidade dos autores rio-platenses aos revisionistas paraguaios.

Os mitos do revisionismo paraguaio foram retomados e redefinidos por cada autor considerado aqui. Mas Galeano teve repercussão inimaginável para o meio acadêmico, ao ser lido por milhões de pessoas ao redor do mundo, contribuindo para que esta interpretação da história, esta *doxa*, se tornasse hegemônica para além da América do Sul. Aqui, seguem os autores considerados nesta terceira etapa:

Quadro 5.3. Autores latino-americanos da terceira fase de difusão do Revisionismo Paraguaio.

Autor	Publicação	Ano
José María Rosa (Argentino, 1906-1991)	- Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas	1964
Milcíades Peña (Argentino, 1933-1965)	- La era de Mitre. De Caseros a la guerra de la triple infamia	1968
Rodolfo Ortega Peña (1935-1974) y Eduardo Luis Duhalde (1939-2012) (Argentinos)	- Baring Brothers y la Historia Política Argentina - Facundo y las montoneras - Felipe Varela contra el imperio británico - Revista Militancia Peronista para la liberación	1968 1968 1975 1973
León Pomer (Argentino, 1928)	- La Guerra del Paraguay. Gran Negocio	1968
Eduardo Hughes Galeano (Uruguaio, 1940-2015)	- Las Venas Abiertas de América Latina	1971
Júlio José Chiavenato (Brasileiro, 1939)	- Genocídio americano	1979

O que explica o sucesso de uma interpretação na história, ao longo de pouco mais de um século? Evidentemente, no caso do revisionismo paraguaio, houve diversos elementos que permitiram sua difusão e hegemonia em nível continental. Um deles foi a

⁶⁶⁵ GALEANO, Eduardo. *As veias...*, p. 206.

⁶⁶⁶ GALEANO, Eduardo. *As veias...*, p. 209. As “últimas palavras” de Solano López se reiteram nos diferentes relatos dos intelectuais trabalhados aqui, como se fossem o seu derradeiro testamento.

ação dos fundadores, de se inserirem em círculos mais amplos de intelectuais que perpassassem as fronteiras nacionais, como fizeram Juan Emiliano O’Leary e JNG. Este último, além da bem-sucedida inserção no grupo FORJA, soube dimensionar a importância de contar com meios de difusão próprios, como uma revista e uma editora.

O alcance jornalístico atingido por estes revisionistas foi fundamental para a permanente difusão de suas ideias e de si próprios nos periódicos de cada país. Se O’Leary alcançou um reconhecimento em vida, como historiador do Paraguai, e integrou postos honorários de institutos de pesquisa revisionista, JNG também atingiu o prestígio necessário para ser reconhecido como a voz autorizada do Paraguai, tanto para ser citado por outros escritores como para ser entrevistado como historiador.

Quando chegou o terceiro momento de difusão do revisionismo paraguaio, a presença dos revisionistas argentinos nos meios de comunicação era “invejável”, como afirmam Devoto e Pagano, permitindo que esta interpretação se convertesse em hegemônica, com a divulgação suficiente para ser apropriada como uma *doxa*, um argumento de “senso comum”.

Porém, a difusão maciça de uma *doxa* através de livros, revistas e jornais não explica por si só o sucesso de uma versão da história da Guerra do Paraguai. Em cada momento, houve interesses políticos específicos por parte dos grupos que participaram no debate histórico. No Paraguai, o revisionismo se consolidou enquanto os liberais estavam no poder. O’Leary associou a história do país à história do Partido Colorado, de modo que a interpretação revisionista foi uma ferramenta para a conquista do poder, o que foi paulatinamente atingido pela mão de JNG – que primeiro se aproximou de Higinio Morínigo e depois foi eleito presidente.

Na Argentina, no início do século XX, a cena política nacional esteve marcada pela ascensão do radicalismo. JNG começou a simpatizar-se com o presidente Yrigoyen quando este promoveu um projeto de lei de perdão e supressão da dívida do Paraguai pela Guerra da Tríplice Aliança. A identidade de JNG com o radicalismo passou a ser mútua quando JNG incorporou-se à FORJA e os *forjistas* incorporaram o revisionismo paraguaio às suas próprias interpretações, para sistematizar suas críticas aos governos argentinos da década de 1930. A identificação de colorados, como JNG, e radicais tinha a ver com o interesse de incorporar, ao cenário político, vastos setores sociais relegados até então.

Mas, com o crescimento de Perón como figura política central, vários dos *forjistas* passaram a integrar as filas do peronismo. Assim, os revisionistas peronistas deram as

bases para uma reinterpretação da história compatível com as antinomias do novo governo: Pátria/Antipátria e Povo/Oligarquia. Como parte deste processo, Perón executou a proposta de Yrigoyen e devolveu os troféus de guerra ao Paraguai, em 1954.

Ao fundir os revisionismos paraguaio e uruguaio com o argentino, era possível elaborar uma história regional que denunciava quais eram os inimigos comuns e que podia estabelecer solidariedades entre os países que tinham se enfrentado no século XIX. Foi o que fizeram os revisionistas tanto da segunda etapa como da terceira. Em cada momento, as solidariedades eram redefinidas segundo as necessidades, mas, geralmente, eram formuladas a partir de uma postura de oposição aos respectivos governos nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação dual de Juan Natalicio González (JNG) – a do ideólogo maldito e a do erudito cultuado –, construída quando o personagem ainda era vivo e que persiste até hoje, gera certo desconforto entre os pesquisadores, dando por certo que ambas as imagens são irreconciliáveis, contraditórias e excludentes.

A análise das biografias, da correspondência e da autobiografia nos mostrou o quanto o protagonista interveio diretamente na elaboração de um conceito positivo de si, perpetuado por seus seguidores e, principalmente, pelos autoproclamados “discípulos”. Ainda assim, a imagem positiva, especialmente a de erudito, não seria tão sólida sem a intervenção de diversos escritores latino-americanos que compartilharam as mesmas redes intelectuais nas que se inseriu JNG.

A participação de JNG na vida pública paraguaia, quer como escritor ou como político, teve um peso decisivo na configuração de uma nova vertente político-ideológica no campo da direita paraguaia – nacionalista, antiliberal e autoritária. Em diversos textos historiográficos e literários, JNG foi retratado como um propagandista fascista por suas simpatias pela “Nova Itália” durante a década de 1930. Mas, a habilidade para se amoldar a diversas realidades sociais e políticas – tanto locais como internacionais – permite avaliar que a fascista foi apenas uma fase entre tantas outras. Caracterizar o personagem, a partir dessa única característica, omitiria as muitas facetas que adotou segundo o contexto histórico, social e político em que desenvolveu suas múltiplas atividades.

JNG construiu uma trajetória como homem público a partir do jornalismo, da ensaística, da atividade editorial, da criação de revistas, da militância no Partido Colorado, da participação em cargos de governo – atividades que exerceu simultânea ou alternadamente.

Do ponto de vista político-ideológico, foi ocupando uma sucessão de posições que, segundo o aspecto onde for colocada a ênfase, o intelectual paraguaio pode ser caracterizado como ideólogo do autoritarismo ou como defensor de sua terra e seu povo. Porém, o que guiou JNG foi sua maior ambição política: chegar à presidência. E, para sua consecução, construiu diversas identidades – dentro e fora do Paraguai – que lhe permitiram iniciar distintos tipos de alianças e formas de luta política.

Em nível interno, filiou-se ao Partido Colorado e aderiu ao revisionismo histórico paraguaio que, como uma nova versão do passado, foi uma ferramenta para agir politicamente no seu presente. Durante as décadas de 1920 e 1930, em que o Partido Liberal controlava o governo e o conflito com a Bolívia se avizinhava, o discurso revisionista permitiu a JNG – e a seus partidários – criticar duramente o oficialismo – acusando-o de não defender o território nem a idiossincrasia nacional – e, ao mesmo tempo, promover uma posição favorável à guerra por parte da população – resgatando o “espírito guerreiro” dos paraguaios e denunciando uma suposta prática imperialista por parte de empresas petrolíferas.

Apesar do triunfo na Guerra do Chaco, o Partido Liberal não pôde enfrentar o pós-guerra – caracterizado por um Estado quebrado, pela pressão dos soldados desmobilizados e pelo discurso nacionalista que, antes convertido em uma ferramenta para a mobilização para a guerra, agora favorecia aos opositores que deram o golpe de Estado de 1936. Se bem os colorados nacionalistas, como JNG, distanciaram-se progressivamente do novo governo, esse discurso nacionalista, antiliberal e autoritário acabou dando as bases ideológicas de um novo Estado que se consolidaria na década seguinte.

Nos anos 1940, o revisionismo se mostrou eficiente para estigmatizar os adversários do governo *moriniguista*, primeiro, e da presidência de JNG, depois. Através de categorias conceituais como “legionários” e “tríplice aliança”, que permitiam enxergar os opositores internos como “inimigos externos” da “paraguaidade”, o revisionismo histórico serviu como argumento ideológico para desqualificar os opositores do *coloradismo*, nesse momento, no poder.

O combate ao “elemento exógeno”, com o respectivo resgate do autóctone, era outro mecanismo para identificar esses adversários internos como uma exterioridade ao “Paraguai Eterno” e que, portanto, deviam ser expurgados. No transcurso das décadas de 1930 e 1940, além do Partido Liberal, novas forças político-partidárias se conformaram como oponentes importantes, entre elas, o *franquismo* e o Partido Comunista. Esse discurso contrário à importação de ideologias forasteiras, inicialmente, foi orientado a combater os liberais paraguaios; mas, depois, se universalizou às outras forças consideradas cópias de modelos estrangeiros. Com o advento da Guerra Fria, o anticomunismo continental foi formulado através deste prisma local.

No nível externo, considerando as mesmas décadas de 1930 e 1940, os parâmetros eram outros. JNG manteve sua defesa do autóctone, mas podia construir laços com intelectuais que difundissem, através de seus escritos, a “verdadeira” identidade paraguaia. Esses laços podiam consolidar-se independentemente de os escritores pertencerem aos partidos Liberal ou Comunista de seus países de origem, como Arciniegas e o casal Besouchet/Freitas, respectivamente.

Apesar de sua suposta aversão à importação de modelos europeus, sua inocultável simpatia pelo fascismo, nos anos de 1930, foi um de seus maiores desacertos na construção de uma autoimagem positiva. A proposta de um Estado autóctone forte, de certa forma, estava inspirada na Itália fascista.

Após perder a presidência, em 1949, JNG deu a seu anticomunismo um carácter militante, extensivo a todos os tipos de totalitarismos, entre os quais ele incluía o fascismo. No exílio e no momento álgido da Guerra Fria, o ex-presidente paraguaio tinha plena convicção da necessidade de aderir à luta contra o comunismo e à defesa hemisférica. Sua posição contrária a todos os totalitarismos – com o fascismo e o nazismo tendo desaparecido – era um argumento discursivo para a posteridade. Já seu anticomunismo era uma ferramenta para denunciar genericamente a seus “inimigos” tradicionais e cidadãos paraguaios residentes no México como comunistas.

Essa conduta, quando desempenhava as funções de embaixador no México, era complementada com a defesa de Stroessner como um governante eleito democraticamente. Embora a justificação do ditador paraguaio fosse forçada, sua defesa da democracia passou a estar presente em seus textos escritos no México, apresentada como um complemento dos tradicionais mitos do revisionismo paraguaio e como parte dessa adesão à luta hemisférica contra o comunismo.

Apesar das sucessivas flutuações e adaptações ideológicas, JNG trabalhou sem descanso pela difusão do revisionismo paraguaio. A combinação dessa contra-história com uma “luta anti-imperialista”, que se fazia presente na agenda dos intelectuais sul-americanos da década de 1930, permite definir JNG como um nacionalista fervoroso. Sua simpatia pelo fascismo e seu anticomunismo são elementos complementares desse nacionalismo, que foram adotados e/ou descartados segundo as circunstâncias.

Em sua luta pelo poder, JNG se manteve fiel à interpretação revisionista que via no “povo” a fonte das mudanças políticas, econômicas e sociais no Paraguai. Se o resgate da heroicidade dos paraguaios serviu para incorporar os *pynandis* como apoio logístico

durante o *moriniguismo* – através de sua participação nos *guiones rojos* – e como base eleitoral para sua eleição como presidente do Paraguai, não é menos verdadeiro que JNG via nos camponeses a base social de futuras transformações econômicas do país, como se desprende das cartas endereçadas a Víctor Morínigo. Assim, permanentemente propôs medidas para a modernização das atividades rurais, como melhora das condições de vida desse setor que, majoritário na estrutura demográfica do país, ainda na metade do século XX, permanecia à margem do mercado consumidor.

A escrita foi uma arma fundamental que JNG utilizou nessa luta pelo poder. O jornalismo e a constante revitalização da revista *Guaranía* foram os instrumentos privilegiados desse processo. A revista *Guaranía* foi retomada em cada conjuntura em que JNG precisou posicionar-se e intervir diretamente no cenário político paraguaio – no cinquentenário da Guerra da Tríplice Aliança, no decorrer da Guerra do Chaco, no exílio e diante do *moriniguismo*, durante e após a campanha proselitista que o levou à presidência. Desse modo, a *Guaranía* ajudou a veicular a ambição de JNG em constituir-se em um poder autônomo, nos termos propostos por Rama, e em um intelectual engajado, na acepção de Sirinelli.

Do ponto de vista intelectual, a grande ambição de JNG era ser reconhecido em vida e transcender para a posteridade como estudioso da cultura e da história paraguaias. Para isso, empreendeu três tipos de ações. Primeiro, publicou vários livros sobre costumes e mitos guaranis e sobre história, geografia e literatura paraguaias. Em segundo lugar, participou de vários grupos de intelectuais estrangeiros. Foi a partir de sua inclusão na FORJA que tanto ele como o revisionismo paraguaio tiveram a difusão e a repercussão que chegam até os dias de hoje. Por último, JNG teve especial cuidado em elaborar seu prestígio como erudito e defensor do povo paraguaio, intervindo na redação tanto de sua primeira biografia como na autobiografia. Seu epistolário confirma tanto sua preocupação em deixar uma imagem positiva de si quanto sua intervenção na autobiografia – através de Víctor Morínigo.

Desse modo, JNG entrelaçou sua produção literária com a construção de seu prestígio como intelectual. Além de deixar uma autoimagem positiva, JNG cuidou de formar “discípulos” que se converteriam em “guardiões” dessa imagem. Washington Ashwell e Efraín Enríquez Gamón preservaram, por meio de novas biografias, a figura de JNG como homem ímpar na cultura e na política paraguaias.

A luta político-intelectual foi virulenta e, de momentos, violenta, favorecendo a conquista de inimigos que fizeram o caminho inverso e consolidaram-lhe imagens opostas: a do ideólogo do autoritarismo, a do fascista, a do criador do *Guión Rojo* – que perseguiu e reprimiu os opositores durante e após a Guerra Civil de 1947. No entendimento de JNG, estes inimigos o derrubaram do poder, o “difamaram”, o mantiveram no exílio, “mancharam” sua memória e seu prestígio.

Se o discurso revisionista foi útil para estigmatizar adversários de diferentes origens partidárias, não foi suficiente para frear os interesses de outros grupos em pugna que, em 1949, finalmente conseguiram derrotar JNG e expulsá-lo definitivamente do país.

Abortado seu plano político e sem ter tido tempo suficiente para degustar o exercício da presidência, JNG aceitou as novas regras do jogo, impostas pelo *stronismo* a partir de 1956, como um modo de sobrevivência. Suas manifestações públicas limitaram-se à atividade intelectual, em um denodado esforço para garantir a imagem de referência intelectual paraguaia.

Esta pesquisa se debruçou sobre algumas facetas do personagem, mas permitiu constatar que as imagens aparentemente contraditórias e excludentes de ideólogo maldito e de erudito cultuado são, de fato, as duas caras de um mesmo sujeito histórico. Ambas definem um personagem que soube se camuflar segundo os contextos sócio-históricos nos quais foi transitando ao longo de sua vida intelectual e política.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. (Org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. T.II: Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo xx. Buenos Aires: Katz, 2010.
- AMARAL, Raúl. **El Novecentismo Paraguayo**. Hombres e ideas de una generación fundamental del Paraguay. Assunção: Servilibro, 2006.
- ARCE FARINA, J. G. **La revolución de 1936**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 13).
- ARECES, N. R. e GONZÁLEZ DE BOSIO, B. **El Paraguay durante los gobiernos de Francia y de los López**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011.
- ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: FCE, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. In: **Estudos Históricos**, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998, p. 11. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 12/12/2015.
- ASHWELL, Washington. **Historia Económica del Paraguay**. Estructura y dinámica de la economía nacional, 1870-1925. Assunção: Carlos Schauman, 1989. T.I.
- _____. **Historia Económica del Paraguay**. Colapso y abandono del sistema liberal, 1923-1946. Assunção: Ediciones y Arte, 1996. T.II.
- _____. **Concepción 1947**. Sesenta años después. Assunção: El Lector, 2007.
- BARATTA, María V. *La Guerra del Paraguay y la historiografía argentina*. In: **História da Historiografia**, n. 14, Ouro Preto, Abril 2014. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/614>> Acesso em 03/09/2015.
- BARRETO VALINOTTI, A. **Mujeres que hicieron historia en el Paraguay**. Assunção: Ateneo Cultural Lidia Guanes, Servilibro, Secretaría de la Mujer (Presidencia de la República del Paraguay), 2011.
- _____. **La guerra civil del Centenario, 1911-1912**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 9).
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola, 1999.
- BENÍTEZ, Luis. **Breve Historia de Grandes Hombres**. Assunção: Gráfica Comuneros, 1986.
- BERGHE, Kristine. **Intelectuales y Anticomunismo**. La revista ‘Cuadernos Brasileiros’ (1959-1970). Leuven: Leuven University Press, 1997.
- BIAGINI, H. E. e ROIG, A. A. **El pensamiento alternativo en la Argentina del siglo XX**. T.I: Identidad, utopía, integración -1900-1930. Buenos Aires: Biblos, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- BREZZO, Liliana. *Historiadores paraguayos y argentinos a comienzos del siglo XX: vínculos privados y visiones laterales del pasado*. In: MOREIRA, L. F. (Coord.). **Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana**. Curitiba: Juruá, 2007.
- _____. **El Paraguay a comienzos del siglo XX, 1900-1932**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 9).

- _____. **Juan E. O’Leary.** El Paraguay convertido en acero de pluma. Assunção: El Lector, ABC Color, 2011. (Col. Protagonistas de la Historia, 21).
- _____. *El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay.* In: **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Questões do tempo presente, disponível desde 03/12/2014. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/67479?lang=pt>>. Acesso em 23/09/2015.
- _____ e FIGALLO, B. **La Argentina y el Paraguay, de la guerra a la integración.** Rosario: Instituto de Historia, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales del Rosario, Pontificia Universidad Católica Argentina, 1999.
- BUENO SÁNCHEZ, Gustavo. *José Ferrater Mora y el Congreso por la Libertad de la Cultura.* In: **El Catoblepas**, n. 129, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.nodulo.org/ec/2012/n129p08.htm>>. Acesso em 30/09/2014.
- CABALLERO AQUINO, R. **La segunda república paraguaya, 1869-1920.** Política-Economía-Sociedad. Assunção: Arte Nuevo, 1985.
- _____. **A Guerra Civil de 1922.** Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 10).
- CABALLERO CAMPOS, Herib. *Entre Clío y Astrea: La Biblioteca Paraguaya del Centro de Estudiantes de Derecho.* In: **Diálogos**, v.20, n.3, Maringá, 2016 (No prelo).
- CÁCERES MERCADO, S. **Justo Pastor Benítez.** Assunção: El Lector, 2011. (Col. Protagonistas de la Historia, 18).
- _____. **La guerra civil de 1904.** Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 8).
- CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de Autobiografías e Diários Íntimos.* In: **Estudos Históricos**, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 13/11/2015.
- CAMPOS DORIA, Luis A. **Apuntes de Historia Económica del Paraguay.** Desarrollo, auge y decadencia de una economía de enclaves. Assunção: Intercontinental, 2010.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Cuadernos Hispanoamericanos: Ideas políticas numa revista de cultura.* In: **Varia História** (Dossiê História Intelectual e Política), v.21, n.34, Belo Horizonte, Jul.2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v21n34/a06.pdf>>. Acesso em 12/09/2014.
- _____. *Carlos Ibarguren e o revisionismo histórico argentino: Usos políticos do passado.* In: **Notícia Bibliográfica e Histórica**, PUC Campinas, n.204-205, 2008.
- _____. **Identidades Nacionais em questão.** São Paulo: USP, 2013. Comunicação pessoal.
- CARDOZO, Efraím. **Breve Historia del Paraguay.** Buenos Aires: Eudeba, 1965.
- _____. **Apuntes de Historia Cultural del Paraguay.** Assunção: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 1998, v. XI, 6ªed.
- CASAL, Juan Manuel. *La interpretación dominante en Uruguay sobre los orígenes de la Guerra de la Triple Alianza.* In: **Diálogos**, v.19, n.3, Maringá, Set.-Dez. 2015.
- CATTIVELLI TAIBO, Adrián. **Ignacio A. Pane.** Assunção: El Lector/ABC Color, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHECA GODOY, Antonio. **Historia de la prensa en Iberoamérica.** Sevilla: Alfar, 1993.
- CENTURIÓN, Carlos R. **Historia de la Cultura Paraguaya.** Assunção: Biblioteca “Ortiz Guerrero”, 1961.

- COBO BORDA, J.G. (Comp.). **América Ladina**, Germán Arciniegas. México: FCE, 1993.
- COLAZO, Carmen. **Los Partidos Políticos en el Paraguay**. Estructura Interna. Assunção: Centro Interdisciplinario de Derecho Social y Economía Política, UCA, s/d.
- CRESPO, Regina (Coord.). **Revistas en América Latina**: Proyectos Literarios, Políticos y Culturales. México: CIALC/Ediciones Eón, 2010.
- DEVÉS, VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latino-americano en el siglo XX**. Entre la modernización y la identidad. T.I: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.
- DEVOTO, F. e PAGANO, N. **La Historiografía Académica y la Historiografía Militante en Argentina y en Uruguay**. Buenos Aires, Biblos, 2004.
- DÍAZ-PÉREZ, V. **Literatura del Paraguay**. v.II. Biblioteca Virtual Universal. Disponible em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/134266.pdf>>. Acesso em 15/03/2016.
- DÍAZ DE ARCE, Omar. *El Paraguay Contemporáneo (1925-1975)*. In: GONZÁLEZ CASANOVA, P. **América Latina: Historia de Medio Siglo**. 8º ed. México: Siglo XXI, 1991. (V.1: América del Sur).
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. Nueva historia de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Emecé, 2006.
- DORELLA, Priscila Ribeiro. **Octavio Paz**. Estratégias de reconhecimento, polémicas políticas e debates midiáticos no México. São Paulo: Alameda, 2013.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- ESCUDE, C. e CISNEROS, A. **Historia General de las Relaciones Exteriores de la República Argentina**. Tomo VII, Cap. 38: Las relaciones con Paraguay. Disponible em: <<http://www.argentina-rree.com/7/7-082.htm>>. Acesso em 07/10/2015.
- ESCUDERO, Eduardo. *Ricardo Levene: um historiador-orador y su modus operandi*. Disponible em: <http://www.ffyh.unc.edu.ar/archivos/modernidades_a/IX/DEFINITIVOS/articulo-escudero.htm>. Acesso em 15/04/2016.
- FEITO, F. e MÉNDEZ-FAITH, T. **La Babosa y sus críticos**. Assunção: Intercontinental, 2007.
- FERNANDES, Eurico da Silva. *La consolidación del nacionalismo lopizta em Paraguay y su repercusión en América*. In: BERTONHA, J. F. e BOHOSLAVSKY, E. **Circule por la Derecha**. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: EUNGS, 2016.
- FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. *Utopías americanistas: la posición de la Revista Americana en Brasil (1909-1919)*. In: ALONSO, Paula (Comp.). **Construcciones impresas**. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: FCE, 2003.
- FLECHA, Victor Jacinto. *Años 20: Movimientos Socio-Políticos en el Paraguay y Proyección Posterior*. In: **Pasado y Presente de la Realidad Social Paraguaya**. Assunção: CPES, 1995. (V.I: Historia Social).
- _____. **Texto y Contexto**. Breve Historia del Paraguay (1811-2011). Assunção: Servilibro, 2014.
- FLORES DE ZARZA, I. *Seis grandes de la Historiografía Nacional*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**. V. XVI, Assunção, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *¿Qué es un autor?* In: **Litoral**, n.25/26. École Lacaniense de Psychanalyse. Edelp, Córdoba, Abr. 1998.

- FRAIZ, Priscila. *A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema*. In: **Estudos Históricos**, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 12/12/2015.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. **Guerras e escritas**. A correspondência de Simón Bolívar (1799-1830). São Paulo: Unesp, 2010.
- FRENCH, Jennifer L. *Traumatismo y la nación telúrica: La raíz errante de J. Natalicio González*. In: CASAL, J. M. e WHIGHAM, T. **Actas de las IV Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay** en la Universidad de Montevideo. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2015.
- GALLEGOS VALDÉS, Luis. **Panorama de la literatura salvadoreña**. Del período precolombino a 1980. San Salvador: UCA, 2005.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GÓMEZ FLEYTAS, José Gaspar. *Ubicación Histórica de los Partidos Tradicionales en el Paraguay*. In: **Pasado y Presente de la Realidad Social Paraguaya**. Assunção: CPES, 1995. (V.I: Historia Social).
- GÓMEZ FLORENTÍN, C. **El Paraguay de la Post Guerra, 1870-1900**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 8).
- _____. **Higinio Morínigo**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. Protagonistas de la Historia, 15).
- _____. **La guerra civil de 1947**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 14).
- GONZÁLEZ DELVALLE, A. **El drama del 47**. Documentos secretos de la Guerra Civil. Assunção: El Lector, 1987.
- _____. **La hegemonía colorada, 1947-1954**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 12).
- GONZÁLEZ, Erasmo. **Bernardino Caballero**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. Protagonistas de la Historia, 5).
- GUANES DE LAÍNO, R. **El liberalismo y la inestabilidad política**. Assunção: Occidente, 2011. (Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, v.7).
- HALPERIN DONGUI, Tulio. **História da América Latina**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- HERKEN KRAUER, J. C. **El Paraguay rural entre 1869 y 1913**. Contribución a la historia económica regional del Plata. Assunção: CPES, 1984.
- IANNI, Octavio. *Apresentação*. In: RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- IRALA BURGOS, J. *Prólogo*. In: CARDOZO, Efraím. **Apuntes de Historia Cultural del Paraguay**. Assunção: Biblioteca de Estudios Paraguayos, 1998.
- KRAPOVICKAS, Antonio. *Las ilustraciones de la “Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Oceano” de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdéz*. In: **Bonplandia**, Corrientes, v. 19, n. 1, 2010. Disponível em: <http://ibone.unne.edu.ar/objetos/uploads/documentos/bonplandia/public/19_1/91_96.pdf>. Acesso em 30/04/2016.
- LANGA PIZARRO, Mar. **Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya**. Tese de Doutorado - Universidad de Alicante, Alicante, 2001.

- LARA-MARTÍNEZ, Rafael. *Del paisaje como identidad cultural: Gilberto González y Contreras*. In: **Revista Virtual Istmo**, n.12, Jan-Jun. 2006. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n12/articulos/paisaje.html>>. Acesso em 18/12/2012.
- _____. *Del “Mito Fundacional” al archivo factual* (Prefacio). In: MEJÍA BURGOS, Otto. **1932, um mito fundacional**. San Salvador: Don Bosco, 2016 (no prelo).
- LE GOFF, Jacques. **São Luis**. Biografia. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 1999.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: EUFMG, 2008.
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- LEVILLAIN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- LEWIS, Paul H. *Paraguay, de la guerra de la Triple Alianza a la guerra del Chaco, 1870-1932*. In: BETHELL, Leslie (org.). **Historia de América Latina**. Barcelona: Crítica, 1992. V.10: América del Sur, c. 1870-1930.
- LÓPEZ, Magdalena. *Del “Estado al servicio del hombre libre” al “A balazos o a sablazos, Natalicio al Palacio”*: Una breve caracterización del pensamiento y acionar político de Natalicio González. In: CASAL, J. M. e WHIGHAM, T. **Paraguay: Investigaciones de historia social y política**. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo. Assunção: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, Facultad de Humanidades, 2013.
- MALLIMACI, F. e CUCCHETTI, H. **Nacionalistas y Nacionalismos**. Debates y escenarios em América Latina y Europa. Buenos Aires: Gorla, 2011.
- MARTINS, Maria Antônia Dias. **A identidade Ibero-americana em revista**: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955. Tese (Doutorado em História Social), USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20052013-114134/pt-br.php>>. Acesso em 20/10/2013.
- MÉNDEZ-FAITH, T. **Antología de la Literatura Paraguaya**. Assunção: El Lector, 2004.
- _____. **Breve Diccionario de la Literatura Paraguaya**. Assunção: El Lector, 1998.
- MENDOZA, Hugo. **La Guerra del Chaco, 1932-1935**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 12).
- MICHELETTI, María Gabriela. *La “revisión de la historia” en Argentina y Paraguay. Los vínculos interpersonales entre David Peña y Juan O’Leary*. In: **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-010/1013>>. Acesso em 25/11/2015.
- MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, M. *Reseña Histórica de la Educación Universitaria en el Paraguay*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, v. XLVIII, Assunção, 2008.
- _____. **Paraguay después de la guerra**. Assunção: Occidente, 2011. (Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, 9).
- MORA, F. O. e COONEY, J. W. **El Paraguay y Estados Unidos**. Assunção: Intercontinental, 2009.

- MOREIRA, L. F. V. *Uma busca incessante da identidade nacional: a intelectualidade paraguaia na primeira metade do século XX*. In: **Silabario**. Revista de Estudios y Ensayos Geoculturales, n.9, Córdoba, 2006.
- _____. *Os intelectuais brasileiros e o revisionismo histórico platino*. In: MOREIRA, L. F. V. (Coord.). **Instituições, Fronteiras e Política na História Sul-Americana**. Curitiba: Juruá, 2007.
- _____. *La intelectualidad paraguaya durante la primera mitad del siglo XX: un debate identitario*. In: **Estudios Paraguayos**. Revista de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”, v.XXVIII, n.1-2, Assunção, Dez. 2010.
- _____ e QUINTEROS, M. C. *Difusão e Consolidação da Interpretação Revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina*. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). **150 anos após a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: UFMG, 2016.
- MOTTA, Romilda Costa. **José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”**. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2010.
- NERI FARINA, Bernardo. **El Partido Colorado y la Dictadura de Stroessner**. Assunção: Occidente, 2011 (Col. Páginas de Nuestra Historia, 1811-2011, v.10).
- _____. **El golpe del 4 de mayo de 1954**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, v.15).
- _____ e BOCCIA PAZ, A. **El Paraguay bajo el Stronismo (1954-1989)**. Assunção: El Lector/ABC Color, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 13).
- PASQUARÉ, Andrea. *Giusti y la revista Nosotros (1912-1930): crítica, política e intervenciones literarias en la formación del campo cultural argentino*. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, N°12, Jan-Jun.2012. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1333>. Acesso em 23/05/2015.
- PASTORE, Carlos. **La lucha por la Tierra en el Paraguay**. Montevideo: Antequera, 1972.
- PAVETTI, Ricardo. **El Paraguay Independiente**. Primeros Gobiernos. (Col. Páginas de Nuestra Historia, T.IV). Assunção: Occidente, 2011.
- PEDRO Montenegro: *Materia médica misionera. El caso del seibo*. In: **Apuntes de Historia Natural**. Noticias de la naturaleza y algo más. Disponível em: <https://historianatural.wordpress.com/2009/02/03/pedro-montenegro-materia-medica-misionera/>. Acesso em 20/10/2014.
- PEÑA VILLAMIL, Manuel. *Aniversario de la Academia Paraguaya de la Historia*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, v. XXXVII, Assunção, 1997.
- PÉREZ-MARICEVICH, F. *Introdução*. In: GONZÁLEZ, Natalicio. **Textos Escogidos**. Assunção: El Lector, 1996.
- PESOA, Manuel. **José P. Guggiari**. Defensor civil del Chaco. Assunção: Intercontinental, 2005.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PIMENTA, João Paulo. *Una América Latina por sus espacios y tiempos*. In: **Prismas**, v.15, n.2, Bernal, jul-dez.2011, Dossiê “El siglo XIX de Tulio Halperin Donghi”. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-04992011000200018#notas. Acesso em 05/05/2016.

- PITA GONZÁLEZ, Alexandra. **La Unión Latinamericana y el Boletín Renovación**. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México: El Colegio de México/Universidad de Colima, 2009.
- _____. *Las revistas culturales como soportes materiales, prácticas sociales y espacios de sociabilidad*. In: EHRLICHER, H. e RIBLER-PIPKA, N. (Ed.). **Almacenes de un tiempo en fuga: Revistas culturales en la modernidade hispánica**. Revistas Culturales 2.0, Universitat Augsburg University (livro *on line* desde 12/03/2014). Disponível em: <<https://www.revistas-culturales.de/es/buchseite/alexandra-pita-gonz%C3%A1lez-las-revistas-culturales-como-soportes-materiales-pr%C3%A1cticas>>. Acesso em: 02/05/2016.
- _____. *Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales*. In: Universidad Autónoma de México (UNAM), Centro de Investigaciones sobre América Latina y Caribe (CIALC). **Revistas Literarias y Culturales**, arquivo disponível desde 15/03/2015. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/Revistas_literarias_y_culturales/PDF/Articulos/Las_revistas_culturales_como_fuente_de_estudio_de_redes_intelectuales.pdf>. Acesso em: 21/04/2016.
- _____. e MARICHAL SALINAS, C. **Pensar el anti-imperialismo: ensayos de historia intelectual latino-americana, 1900-1930**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: Universidade de Colima, 2012.
- PRIETO YEGROS, Leandro. **Natalicio y el Guión Rojo**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 1997.
- PRIETO YEGROS, Margarita. *El Profesor Doctor Mariano Morínigo y el Cincuentenario de la Facultad de Filosofía (UNA)*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, Vol. XLIX, Assunção, 2009.
- QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. **Los males de la memoria**. Historia y política en la Argentina. Buenos Aires: Emecé, 1995.
- QUINTEROS, M. C. e SUÁREZ MORALES, C. D. *Estrategias de lucha del antiperonismo latino-americano: Juan Natalicio González y Germán Arciniegas*. In: BERTONHA, J. F. e BOHOSLAVSKY, E. (Ed.). **Circule por la derecha**. Percepciones, redes y contatos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973. Los Polvorines: EUNGS, 2016.
- RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideo: Arca, 1998.
- RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. *Intelectuais Brasileiros no exílio platino: caso de Lília Besouchet e Newton Freitas (1938-1948)*. In: RANGEL, M.; PEREIRA, M. H. e ARAUJO, V. L. (Orgs.). **Caderno de Resumos & Anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas**. Ouro Preto: EJUFOP, 2012.
- REALI, Laura. *Entre historia y memoria: la producción de Luis A. de Herrera en los orígenes de un relato revisionista sobre la guerra del Paraguay*. In: **Diálogos**, Maringá, v.10, n.2, 2006.
- _____. *Al margen de “El Relato”. Circulación transnacional de lecturas revisionistas sobre el pasado en América Latina (1900-1930)*. In: **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Workshops BOHOSLAVSKY, E. e BOISARD, S. (Coord.). Las derechas en América Latina en el siglo XX: problemas, desafíos y perspectivas. 07/07/2016. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/69313?lang=en>>. Acesso em 12/07/2016.
- RIVAROLA, Milda. **La contestación al orden liberal**. La crisis del liberalismo en la preguerra del Chaco. Assunção: Centro de Documentación y Estudios, Documento de Trabajo n.40, Nov.1993.
- _____. *La contestación política al régimen de Morínigo*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, v. XXXV – T.II, Assunção, 1995.

- _____. *Filosofías, pedagogías y percepción colectiva de la historia en el Paraguay*. In: **Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia**, v. XXXVI, Assunção, 1996.
- ROA BASTOS, Augusto. *El origen y la evolución de la Guaraní*. Palestra dada em 1944, em Homenagem a José Assunção Flores, organizada pelo Centro Acadêmico de Medicina. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalles.php?id_obras=11703>. Acesso em 15/12/2013.
- _____. *Rafael Barrett. Descubridor de la Realidad Social del Paraguay*. In: BARRET, Rafael. **El Dolor Paraguayo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.
- ROCCA, Pablo. *Apuntes sobre las relaciones literarias entre el Brasil y el Río de la Plata. ¿Dos islas o un archipiélago?* In: **Dossier**, 03/06/2013. Disponível em: <<http://revistadossier.com.uy/acervo-cultural-y-patrimonial/apuntes-sobre-las-relaciones-literarias-entre-brasil-y-el-rio-de-la-plata-dos-islas-o-un-archipelago/>>. Acesso em 13/10/2014.
- RODRÍGUEZ ALCALÁ, G. (Comp.). **Residentas, Destinadas y Traidoras** (1º ed.: 1989). Testimonio de mujeres de la Triple Alianza, 3º ed. Assunção: Servilibro, 2007.
- RODRIGUEZ, José Carlos. **El Paraguay bajo el nacionalismo (1936-1947)**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 11).
- ROMERO, Roberto A. **Emiliano R. Fernández**. Mito y Realidad. Assunção: Servilibro, 2000.
- SÁENZ QUESADA, María. **La Argentina**. Historia del país y de su gente. Buenos Aires: Sudamericana, 2001.
- SAGUIER, Eduardo. **El idioma guaraní**. Método Práctico para su enseñanza elemental. Buenos Aires: Padilla & Contreras, 1946; Diccionario Guaraní-Español Glosbe. Disponível em: <<https://es.glosbe.com/gn/es/tendota>>. Acesso em: 29/03/2016.
- SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANSÓN CORBO, Tomás. *La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, ¿resignificaciones?* In: **Diálogos**, v.19, n.3, Maringá, Set.-Dez. 2015.
- SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica**: Buenos Aires, 1920 y 1930. Buenos Aires: Nueva visión, 1988.
- _____. *Intelectuales y Revistas: Razones de una práctica*. In: **América: Cahiers du CRICCAL**, n. 9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970.
- _____. *El voluntarismo biográfico*. In: **Escritos sobre literatura argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. Consultado em: *Usos de la biografía en el siglo XIX. Argentina y Cuba*, Dossier N° 52 do Programa Interuniversitario de Historia Política, 15/06/2015. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/dossiers/biografia-xix>>. Acesso em: 20/06/2015.
- SCATENA FRANCO, S. M. **Peregrinas de Outrora**. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EUNISC, 2008.
- SCAVONE YEGROS, R. *Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954)*. In: TELESKA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. Assunção: Taurus, 2010.
- SCENNA, Miguel Ángel. **Los que escribieron nuestra historia**. Buenos Aires: La Bastilla, 1976.
- _____. **F.O.R.J.A.** Uma aventura argentina (De Yrigoyen a Perón). Buenos Aires: Ed. de Belgrano, 1983.

- SCHWARTZ, Jorge. *Abaixo Tordasilhas!* In: Estudos Avançados, v.7, n.17, São Paulo, Jan-Abr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000100008>. Acesso em 26/10/2014.
- _____. e PATIÑO, Roxana (Coord.). *Revistas literarias/culturales latinoamericanas del siglo XX* (Introdução). In: **Iberoamericana**, Jul-Dez.2004. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/issue/view/207/showToc>>. Acesso em 15/05/2016.
- SEIFERHELD, Alfredo M. **Estigarribia**. 20 años de vida política paraguaya. (1º ed.: 1982). Assunção: Servilibro, 2011.
- _____. **Nazismo y Fascismo en el Paraguay**. Vísperas de la II Guerra Mundial (1936-1939). Assunção: Histórica, 1985.
- _____. e TONE, J. L. **El asilo a Perón y la caída de Epifanio Méndez**. Una visión documental norteamericana. Assunção: Histórica, 1988.
- SERVÍN GAUTO, R. (Org.). **Forjadores del Paraguay**. Assunção: Aramí, 2001. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/2079_ramon_monte_domecq.html>. Acesso em 23/09/2015.
- SIGAUD, Lygia. *Doxa e crença entre os antropólogos*. In: **Novos Estudos** N°77, março 2007.
- SILVA, Wilton C. L. *O único luxo de um santo laico: fotografias pessoais em biografias de Clóvis Beviláqua*. In: **Revista Brasileira e História & Ciências Sociais**, vol. 5, N° 9, Jul. 2013.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos*. In: JUNQUEIRA, M. A. e FRANCO, S. M. S. (Orgs.). **Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades**. Cadernos de Seminários de Pesquisa (V.II). São Paulo: USP - FFLCH - Humanitas, 2011. Disponível em: <<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em 21/09/2013.
- SORÁ, Gustavo. *Editores y editoriales de ciencias sociales: un capital específico*. In: NEIBURG, F. e PLOTKIN, M. **Intelectuales y expertos**. La constitución del conocimiento social en la Argentina. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...** Ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande: UCDB, 2003.
- _____. *Concepções historiográficas e ensino de história: a Guerra do Paraguai nas coleções didáticas Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania (PNLD 2014)*. In: **Diálogos**, v.19, n.3, Maringá, Set.-Dez. 2015.
- _____. (Org.). **150 anos após a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Campo Grande: UFMG, 2016.
- STORTINI, Julio. *Polémicas y crisis en el revisionismo argentino*. In: DEVOTO, F. e PAGANO, N. **La Historiografía Académica y la Historiografía Militante en Argentina y en Uruguay**. Buenos Aires, Biblos, 2004.
- SVAMPA, Maristella. **El Dilema Argentino: Civilización o Barbárie**. De Sarmiento al revisionismo peronista. Buenos Aires: El Cielo por Asalto-Imago Mundi, 1994.
- TARCUS, Horacio (Ed.). **Catálogo de Revistas Culturales Argentinas (1890-2006)**. Buenos Aires: Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas em la Argentina (Ce.D.In.C.I.), 2007, Introdução. Disponível em: <http://www.cedinci.org/catalogos/intro_CCA.pdf>. Acesso em 16/05/2016.

- TARROUX-FOLLIN, C. *Une figure mythique au service du nationalisme paraguayen: le Pinandí, un soldat-laboureur em terre guarani*. In: **CMHLB Carabell**, n.74, Toulouse, 2000.
- _____. e BAREIRO SAGUIER, R. *Le discours idéologique de Guaranía, Paraguay (1933-1936)*. In: **Revista América: Le Discours Culturel dans les revues Latino-Américaines de l'entre deux-guerres, 1919-1939**. N. 4/5, 1990.
- TERÁN, Oscar (Coord.). **Ideas en el siglo. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano**. Buenos Aires: Fundación OSDE/Siglo XXI, 2004.
- TUTTÉ, Andrea e IBÁÑEZ DE YEGROS, Norma. **Catálogo Sección Historia**. Archivo Nacional de Assunção. Síntesis revisada y ampliada de los catálogos elaborados durante el siglo XX. Assunção: Tiempo de Historia, 2008.
- VÁSQUEZ RUIZ, Rolando. *¿Rebelión indígena o comunista? Aproximación historiográfica a los sucesos del '32*. In: LÓPEZ BERNAL, C. G. (Comp.). **Poder, Actores Sociales y Conflictividad**. El Salvador, 1786-1972. San Salvador: Dirección Nacional de Investigaciones en Cultura y Arte, 2011.
- VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. **Breve Historia de la Cultura en el Paraguay**. Assunção: Lítero-Técnica, 1966.
- _____. *Prólogo*. In: CARDOZO, Efraím. **Breve Historia del Paraguay** Assunção: El Lector, 1994, 2ªed.
- VERÓN, Luis. *Juan Natalicio González Paredes*. In: **ABC Color**, Assunção, 09/10/2005. Disponible en: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/suplementos/abc-revista/juan-natalicio-gonzalez-paredes-861069.html>>. Acceso en: 10/12/2015.
- _____. **La guerra del Chaco, 1932-1935**. Assunção: El Lector, 2011. (Col. La Gran Historia del Paraguay, 10).
- _____. **El 23 de octubre de 1931**. Assunção: El Lector, 2013. (Col. Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 11).
- YORE, Fátima Myriam. **La dominación stronista**. Orígenes y consolidación. "Seguridad Nacional" y represión. Assunção: Base-Investigaciones Sociales, 1992.
- ZUBIZARRETA, Carlos. **Cien vidas paraguayas**. Assunção: Araverá, 1985, 2 ed.

FONTES

Éditas

- ADEP. **Representantes Diplomáticos Paraguayos.** Nómina de los Jefes de Misiones Diplomáticas de la República del Paraguay, 1842-2011. Assunção: ADEP, 2011.
- ARCE FARINA, José. **J. Natalicio González, Su expresión, su lucha, su ideología.** Assunção: ABC Color/El Lector, 2011. (Col. Los Protagonistas de la Historia, 14).
- ARCINIEGAS, Germán. *Estampas del Paraguay* (vários artigos). In: **El Tiempo** de Bogotá. In: BNC, FGGA, Caixa 21, Pasta 9.
- _____. **Entre el miedo y la libertad.** 6ºed. Buenos Aires: Sudamericana, 1956.
- ASUMIO *Efraín Enríquez como nuevo diretor General de Itaipú.* Nota de 02/11/2011. Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.py/es/sala-de-prensa/noticia/asumio-efrain-enriquez-como-nuevo-director-general-de-itaipu>>. Acesso em 02/02/2016.
- ASHWELL, Washington. *J. Natalicio González en el Pensamiento de la Patria.* In: **EL HOMENAJE a J. Natalicio González largamente esperado.** Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.
- BÁEZ, Cecilio. **La tiranía en el Paraguay.** (1º ed.: 1904). Assunção: Intercontinental, 1993.
- _____. e O'LEARY, Juan. **Polémica sobre la historia del Paraguay.** Assunção: Tiempo de Historia, 2008 (Introdução de L.Brezzo).
- BARRETT, Rafael. **El dolor paraguayo.** (1º ed.: 1910). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.
- BOLETÍN Indigenista do Instituto Indigenista Interamericano, v.XVI, n.4, México, Dez. 1956.
- BRAY, Arturo. **Armas y Letras.** Memorias. Assunção: Napa, 1981, T.II e III.
- CADOGAN, León. **Gua'i Rataypy.** Fragmentos del folklore guaireño, 2ed. Assunção: Fundación León Cadogan/ Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1998. (Primeira edição: Guahí Rataypy. Assunção: Guaranía, 1948).
- CALMON, Pedro. **Memórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CARDOZO, Efraím. **23 de Octubre.** Una página de historia contemporánea del Paraguay. Assunção: Guayra, 1956.
- CARLOS ALBERTO. **Itinerario Político del Paraguay (1936-1949).** Assunção: El País, 1950.
- CARTA de Mario de Andrade a Newton Freitas, de 31/01/1943. In: **Correspondência de Mário de Andrade.** Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/69915/72568>>. Acesso em 21/12/2015.
- CARTA de Osvaldo Chaves a Germán Arciniegas. Nova York, 24/06/1952. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/382_osvaldo_chaves/20342_carta_a_german_arciniegas_sobre_la_teor%C3%ADa_y_la_practica_del_totalitarismo_por_osvaldo_chaves.html>. Acesso em 16/09/2014.
- CHIAVENATO, José Julio. **Genocídio Americano.** A Guerra do Paraguai. São Paulo: Moderna, 1998.
- COVA, J. A. **Solano López y la Epopeya del Paraguay:** La historia es verdad y justicia. 2ª ed. Caracas: Sociedad Hispano-Venezolana de Ediciones, 1956.
- CRONOLOGÍA de la UNA. In: **Breve Reseña Histórica.** Disponível em: <http://www.una.py/images/stories/Universidad/Rese%C3%B1aHistorica/CRONOLOGIA_UNA_03.06.2014.pdf>. Acesso em 11/04/2016.

- DEL MAZO, Gabriel. **Vida de un político argentino**. Convocatoria de recuerdos. Buenos Aires: Plus Ultra, 1976.
- _____. *Natalicio, Lydia*. In: **EL HOMENAJE a J. Natalicio González largamente esperado**. Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.
- DOMÍNGUEZ, Manuel. *Causas del heroísmo paraguayo*. In: DOMÍNGUEZ, Manuel. **El alma de la raza**. Buenos Aires: Ayacucho, 1946.
- EDITORIAL *longeva*. Jornal **ABC Color**, de 12/11/2006. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/suplementos/abc-revista/transportistas-pioneros-943178.html>>. Acesso em 12/11/2006.
- EL *DÍA de la Mujer Paraguaya*. Jornal **ABC Color**, 17/02/2009. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/suplementos/escolar/dia-de-la-mujer-paraguaya-1147885.html>>. Acesso em 09/03/2016.
- ENRÍQUEZ GAMÓN, Efraín. **La Guerra Inconclusa**. Esquema para una ideología nacional. Assunção: Litocolor, 1982. (2ªed.: *La Guerra Inconclusa*. Vida, pasión y muerte de Natalicio González. Assunção: Criterio, 2013).
- _____. *Evocación de um eminente polígrafo paraguayo*. In: Corredor de las Ideas.org. Disponível em: <http://www.corredordelasideas.org/docs/lecturas/enrique_gamon.pdf>. Acesso em 26/02/2016.
- _____. **Yo y mi sombra, o El cazador de Luciérnagas**. Assunção: Servilibro, 2012, Cap. “Detrás de la bailarina rusa”.
- FERNÁNDEZ, Macedonio. **Poemas**. México: Guaranía, 1953.
- FERNÁNDEZ DE NAVARRETE, M. **Col. de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar los Españoles** (Pról. de J. N. González). Guaranía: Buenos Aires, 1945.
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDEZ, G. **Historia General y Natural de las Indias y Mar Oceano** (Pról. de J. N. González). Guaranía: Assunção, 1944.
- FREIRE ESTEVES, G. **Historia contemporánea del Paraguay (1869-1920)**. (1º ed.: 1921). Assunção: Napa, 1983.
- FREITAS, Newton. **Ensaio Americanos**. (1º ed. em espanhol: 1942). Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945.
- FREYRE, Gilberto. *A propósito de Natalicio González*. In: **A Manhã**. Suplemento Letras e Artes. Ano 3, n. 96. Rio de Janeiro, 22/08/1948. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 13/09/1914. O artigo foi reproduzido na revista *Guaranía*, n.5, Assunção, julho de 1948.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. 38ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Memoria del Fuego** (T.2: Las caras y las máscaras). Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- GARCÍA MELLID, A. **Proceso a los Falsificadores de la Historia del Paraguay**. Buenos Aires: Theoría, 1964.
- GONZÁLEZ, Natalicio. **La Literatura Venezolana**. Assunção: La Comena, s/d.
- _____. (Dir.). **Cincuentenario de Cerro Corá**. Assunção: La Prensa, 1920.
- _____. **Cuentos y Parábolas**. Buenos Aires: Monte Domecq, 1922.
- _____. **Baladas Guaraníes**. Editorial de Índias: Paris, 1925.
- _____. **Solano López y otros ensayos**. Paris: Editorial de Índias, 1926.

- _____. **El Paraguay Eterno.** Assunção: Guaranía, 1935.
- _____. **El drama del Chaco.** El petróleo, la guerra y la oligarquía liberal. Buenos Aires: Guaranía, 1938.
- _____. **Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya.** Assunção/Buenos Aires, 1938, T.I.
- _____. *La Guerra al Paraguay* (Prólogo). In: MITRE, B. e GÓMEZ, J. C. **Cartas polémicas sobre la Guerra al Paraguay.** Assunção/Buenos Aires: Guaranía, 1940.
- _____. **Vida, pasión y muerte de Guyrá Verá.** Col. Problemas Americanos Dirigida por Newton Freitas, v.8. Buenos Aires: Talleres Gráficos Augusta, 1942.
- _____. **El paraguayo y la lucha por su expresión.** Assunção: Guaranía, 1945.
- _____. **Solano López, Diplomático.** Col. Biblioteca Militar de las FF.AA. de la Nación, v.VII. Assunção: Imprenta Militar, 1948.
- _____. **¿Cómo se construye una nación?** Assunção: Guaranía, 1949.
- _____. **Motivos de la Tierra Escarlata.** México DF: Guaranía, 1952.
- _____. **México en el mundo de hoy.** México DF: Guaranía, 1952.
- _____. **Elegías de Tenochtitlán.** México: Guaranía, 1953.
- _____. **La raíz errante.** México: Guaranía, 1953.
- _____. **Ideología Guaraní.** México: Instituto Indigenista Interamericano, 1958.
- _____. **El Estado Servidor del Hombre Libre.** México: Guaranía, 1960.
- _____. **Geografía del Paraguay.** México: Guaranía, 1964.
- _____. **Vida y Pasión de una ideología.** Assunção: Napa, 1982.
- _____. **La Ideología Americana.** Assunção: Cuadernos Republicanos, 1984.
- _____. **Letras Paraguayas** (3ªed., Edição Homenagem). Assunção: Cuadernos Republicanos, 1991.
- _____. **Obra Poética Completa, 1925-1966.** (Edição Homenagem. Apresentação e compilação de Leandro Prieto Yegros). Assunção: Cuadernos Republicanos, 1993.
- _____. **Textos Escogidos.** Assunção: El Lector, 1996.
- _____. **Obra Poética Completa.** (Bio-cronología de Leandro Prieto Yegros). Assunção: Atlas, 2010.
- _____. e MORÍNIGO, Víctor. **Bajo las bombas del malón.** Assunção: Guaranía, 1947.
- _____. e YNSFRÁN, Pablo M. **El Paraguay Contemporáneo.** Paris/Assunção: Editorial de Índias, 1929.
- GONZÁLEZ Y CONTRERAS, Gilberto. **J. Natalicio González.** Descubridor del Paraguay. Assunção: Guaranía, 1951.
- GUARANÍA ya forma parte del diccionario de americanismos.* In: **ABC Color**, Assunção, 16/09/2010. Disponible en: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresas/artes-espectaculos/guarania-ya-forma-parte-del-diccionario-de-americanismos-160891.html>>. Acceso en 22/12/2015.
- HERRERA, Antonio de. **Historia General de los Hechos de los Castellanos, en las Islas, y Tierra-Firme de el Mar Oceano** (Pról. de J. N. González). Guaranía: Assunção, 1944.

- HOMENAJEARÁN a José Doroteo Bareiro, hoy.* In: **ABC Color**, Assunção, 18/09/2008. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresalocales/homenajearan-a-josedoroteo-bareiro-hoy-1103182.html>>. Acesso em 17/10/2014.
- HUEY LONG. The man, his mission and legacy.* Disponível em: <<http://www.hueylong.com/lifetime>>. Acesso em 14/02/2016.
- IN MEMORIAM del recordado Enciso Velloso.* In: **ABC Color**, de 11/07/2008. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresapolitica/in-memoriadel-recordado-enciso-veloso-1083347.html>>. Acesso em: 23/10/2015.
- JUNTA PATRIÓTICA. **El Mariscal Francisco Solano López.** Assunção: s/d, 1926 (edição facsimilar de 1996).
- LEVENE, R. (Dir. Geral) e CALMON, Pedro (Dir.). **História das Américas.** Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: Jackson, 1964, 5ª ed.
- MORA, C. e BRANDARIZ, M. (Coord.). **Historia de América y Europa entre 1776 y 1930.** Buenos Aires: A-Z, 2010.
- MORÍNIGO, Víctor. **Ensayos y escritos.** Assunção: Gráfica Color, 2004 (Prólogo de Marcial Valiente).
- O'LEARY, Juan. **Nuestra Epopeya.** Guerra del Paraguay. Assunção: Biblioteca Paraguaya del Centro de Estudiantes de Derecho, 1919.
- _____. **El Mariscal Solano López.** 2. ed. Madrid: Felix Moliner, 1925.
- _____. *Los Legionarios* (1929). In: O'LEARY, Juan E. **Prosa Polémica.** Assunção: Napa, 1982.
- _____. *Apostolado Patriótico* (1929). In: O'LEARY, Juan E. **Prosa Polémica.** Assunção: Napa, 1982.
- _____. *Ildefonso A. Bermejo, falsario, impostor y plagiaro* (1931). In: O'LEARY, Juan E. **Prosa Polemica.** Assunção: Napa, 1982.
- ORICO, Osvaldo. *Os povos valentes, dignos e leais terminam sempre sendo amigos.* In: **A Manhã**, Rio de Janeiro, 30/05/1943. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 12/09/2014.
- ORTEGA PEÑA, R. e DUHALDE, E.L. **Baring Brothers y la Historia Política Argentina.** 2ª ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1973.
- PAIVA-PINTO, Baruja. **Una Historia del Paraguay**, Cap. XIV: El espejismo de la “Primavera Democrática”. Disponível em: <<http://narraciones.tripod.com/paraguay/cap14.html>>. Acesso em: 28/03/2016.
- PADRES, hijos y... primeras damas.* In: **ABC Color**, 10/08/2003. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresasuplementos/abc-revista/padres-hijos-y-primeras-damas-713617.html>>. Acesso em: 13/05/2015.
- PEÑA, Milcíades. **La era de Mitre.** De Caseros a la Guerra de la Triple Infamia. 2ª ed Buenos Aires: Fichas, 1972.
- PEREYRA, Carlos. **Breve Historia de América.** México: Aguilar, 1949.
- _____. **Francisco Solano López y la guerra del Paraguay.** Buenos Aires: s/d, 1953.
- PIGNA, Felipe. *La Guerra de la Triple Alianza.* In: **El Historiador.** Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/organizacion_nacional/guerra_de_la_triple_alianza.php>. Acesso em 23/06/2016.

- PINTURAS de Roberto Holden Jara en la manzana de la Rivera.* Disponível em: <http://www.portalguarani.com/155_roberto_holden_jara/2319_pinturas_de_roberto_holden_jara_en_la_manzana_de_la_rivera.html>. Acesso em 02/07/2014.
- POMER, León. **La Guerra del Paraguay.** Estado, política y negocios. 3ª ed. Buenos Aires: Colihue, 2008.
- PRIETO YEGROS, Leandro. **El Reencuentro Partidario del Coloradismo.** 27 de Octubre de 1955. Assunção: Cuadernos Republicanos, s/d.
- _____. *Cronología.* In: GONZÁLEZ, Natalicio. **El paraguay y la lucha por su expresión.** Assunção/Santiago/México: Cuadernos Republicanos, 1990, p.XVII-XXIV.
- REVUELTA, FERNANDO. *Con sus propias palabras.* Recorte de artigo jornalístico, de 19/06/1960, em: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Paraguai (AMREP). Direção Política e Diplomática (DPD), vol. 196.
- RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. **Ideología Autoritaria.** Assunção: RP Ediciones, 1987.
- _____. **Caballero.** Buenos Aires: Sudamericana, 1987.
- _____. **Caballero Rey.** Assunção: RP Ediciones, 1988.
- ROSA, J. M. **Guerra del Paraguay y las Montoneras Argentinas.** 3ª ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1968.
- SÁNCHEZ, Luis Alberto. **Reportaje al Paraguay.** Assunção: Guaranía, 1949.
- _____. **¿Tuvimos maestros en nuestra América?** Buenos Aires: Raigal, 1956.
- _____. **Historia General de América.** 10ª. ed., 3 vol. Santiago de Chile: Ercilla-Rodas, 1972.
- _____. **Testimonio Personal.** 2ª ed. (1ª ed.: 1969) 6 tomos. Lima: Mosca Azul, 1987.
- SANTILLÁN, F. de B. V. e SANTA CRUZ PACHACUTI, Juan. **Tres Relaciones de Antigüedades Peruanas.** Guaranía: Assunção, 1950.
- SCALABRINI ORTIZ, R. *Política Británica en el Río de la Plata.* Las dos políticas: La visible y la invisible. In: **Cuadernos de FORJA**, Ano I, n.1, Buenos Aires, 25/05/1936. Disponível em: <<http://www.labaldrich.com.ar/>> Acesso em: 05/11/2015.
- SOSA DE PEREIRA, N. *Plegaria a Lidia.* In: **EL HOMENAJE a J. Natalicio González largamente esperado.** Assunção: Cuadernos Republicanos, 2004.
- VALLENILLA LANZ, Laureano. **Cesarismo Democrático y otros ensayos.** Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.
- VICENTINO, C. e DORIGO, G. **História Geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2011.

Inéditas

1. Arquivo da Biblioteca Nacional do Paraguai (ABNP). *Coleção Juan E. O'Leary.*
 - Pasta XXXVI: Cartas de JNG para O'Leary de 16/01/1920; 23/02/1921; 11/06/1921; 24/09/1921.
 - Pasta XXXVII: Cartas de JNG para O'Leary de 24/01/1922; 04/02/1922; 26/04/1922; 03/06/1922; 08/07/1922; 15/07/1922; 22/07/1922; 07/08/1922; 26/0/1922; 02/09/1922; 31/10/1922; 05/11/1922; 18/11/1922; 29/11/1922; s/d.
 - Pasta XXXVIII: Cartas de JNG para O'Leary de 10/01/1923; 21/03/1923; 17/05/1923; 28/05/1923; 27/06/1923; 08/09/1923.

- Pasta XXXIX: Cartas de JNG para O'Leary de 19/01/1924; 03/02/1924.
 - Pasta XL: Cartas de JNG para O'Leary de 07/11/1924; 12/12/1924. Carta de Tomás Romero Pereira para O'Leary de 12/12/1924.
 - Pasta XLII: Cartas de JNG para O'Leary de 30/10/1925.
 - Pasta LX: Carta de JNG para O'Leary de 01/08/1927. Carta de O'Leary a JNG de 05/07/1927; 12/09/1927.
2. Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Paraguai (AMREP). *Direção Política e Diplomática* (DPD).
- Vol.50 (1936): Carta do Ministro Juan Stefanich, de 28/03/1936, nomeando JNG e VM como representantes culturais.
 - Vol.582 (1936): Carta para o Cônsul do Paraguai em Campo Grande, de 22/12/1936.
 - V.I, Parte 1 (Leg. Montevideu, 1945-1946, vol. 380; 387; 423; 429; 430; 523; Leg. México, 1956-1965, vol. 569; 581): Vários recortes jornalísticos e notas informativas de JNG como embaixador.
 - V.II, Parte 2 (vol.146; 147; 176; 340): Vários recortes jornalísticos e notas informativas de JNG como embaixador.
3. Arquivo Nacional de Assunção (ANA). *Natalicio Gonzalez Collection* Digitalizada.
- Pasta MSE192v1_1: Vários documentos de Víctor Morínigo
 - Pasta MSE192v1_2: Documentos de Víctor Morínigo
 - Pasta MSE192v1_3: Correspondência entre Víctor Morínigo e JNG, e outros documentos (1950-1958)
 - Pasta MSE192v2_1: Correspondência entre Víctor Morínigo e JNG, e outros documentos (1959)
 - Pasta MSE192v2_2: Correspondência entre Víctor Morínigo e JNG, e outros documentos (1960-1965)
 - Pasta MSE223_1: Documentos pessoais de JNG como fotografias, recortes, etc.
 - Pasta MSE223_2: Documentos pessoais de JNG como fotografias, recortes, etc.
 - Pasta MSP492.2_1: Descrição da morte do estudante Alonso durante a presidência de Federico Chaves
 - Pasta MSP492.2_4and5: Continuação do relato sobre a morte de Alonso.
4. Biblioteca Nacional da Colômbia (BNC). *Fondo Gabriela y Germán Arciniegas* (FGGA).
- Caixa 21, Pasta 9: Artigos Estampas del Paraguay, *El Tiempo* de Bogotá e Cartas de JNG a Germán Arciniegas de 03/07/1942; 18/08/1943; 05/10/1943; 14/03/1949; 08/12/1949; 26/04/1950; 12/04/1951; 17/05/1951; 17/09/1951; 23/10/1951; 14/05/1952; 22/05/1952; 02/06/1952; 14/08/1952; 27/08/1952; 12/11/1954; 06/01/1956; 11/05/1957.
5. Keneth Spencer Research Library (University of Kansas)
- Natalicio Gonzalez Collection (Special Collection). General Description.

Entrevistas

BOSIO, Beatriz G. *Rastreado el Pensamiento Paraguayo: Natalicio González y su legado* (Entrevista com Efraín Enríquez Gamón). In: Correo de las Ideas.org. Capítulo Paraguayo. Disponível em: <<http://www.corredordelasideas.org/v2/entrevistas.html>>. Acesso em 09/10/2015.

Entrevista com Washington Ashwell, por L. F. Viel Moreira, Assunção, 2012.

Entrevista com Efraín Enríquez Gamón, por M. C. Quinteros, Assunção, 09/09/2015.

Revista Guaranía

- Primeira Etapa (1920)

- Ano 1, N°1, 15/01/1920: 9 art. (25 pp.)
- Ano 1, N°2, 30/01/1920: 5 art. (23 pp.)
- Ano 1, N°3, 15/02/1920: 6 art. (20 pp.)
- Ano 1, N°4, 01/03/1920: 7 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°5, 15/03/1920: 8 art. (22 pp.)
- Ano 1, N°6, 01/04/1920: 5 art. (22 pp.)
- Ano 1, N°7, 15/05/1920: 7 art. (20 pp.)
- Ano 1, N°8, 15/08/1920: 5 art. (22 pp.)

- Segunda Etapa (1933-1936)

- Ano 1, N°1, 20/11/1933: 10 art. (20 pp.)
- Ano 1, N°2, 20/12/1933: 9 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°3, 20/01/1934: 11 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°4, 20/02/1934: 14 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°5, 20/03/1934: 11 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°6, 20/04/1934: 8 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°7, 20/05/1934: 9 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°8, 20/06/1934: 12 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°9, 20/07/1934: 19 art. (24 pp.)
- Ano 1, N°10, 20/08/1934: 12 art. (28 pp.)
- Ano 1, N°11, 20/09/1934: 12 art. (28 pp.)
- Ano 1, N°12, 20/10/1934: 9 art. (28 pp.)
- Ano 2, N°13, 20/11/1934: 17 art. (96 pp.)
- Ano 2, N°14, 20/12/1934: 12 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°15, 20/01/1935: 11 art. (30 pp.)
- Ano 2, N°16, 20/02/1935: 12 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°16, 20/02/1935: 12 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°17, 20/03/1935: 12 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°18, 20/04/1935: 12 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°19, 20/05/1935: 11 art. (32 pp.)
- Ano 2, N°20, 20/06/1935: 11 art. (36 pp.)
- Ano 2, N°21, 20/07/1935: 11 art. (36 pp.)
- Ano 2, N°22, 20/08/1935: 14 art. (38 pp.)
- Ano 2, N°23, 20/09/1935: 11 art. (36 pp.)
- Ano 2, N°24, 20/10/1935: 11 art. (36 pp.)
- Ano 2, N°20, 20/06/1935: 11 art. (36 pp.)
- Ano 3, N°25, 20/11/1935: 9 art. (36 pp.)
- Ano 3, N°26, 20/12/1935: 14 art. (80 pp.)

Ano 3, N°27, 20/01/1936: 9 art. (36 pp.)
 Ano 3, N°28, 20/02/1936: 9 art. (36 pp.)
 Ano 3, N°29, 20/03/1936: 10 art. (36 pp.)
 Ano 3, N°30, 20/04/1936: 13 art. (38 pp.)
 Ano 3, N°31, 20/05/1936: 13 art. (38 pp.)
 Ano 3, N°32, 20/06/1936: 14 art. (38 pp.)
 Ano 3, N°33, 20/07/1936: 16 art. (38 pp.)
 Ano 3, N°34, 20/08/1936: 13 art. (36 pp.)
 Ano 3, N°35, 20/09/1936: 11 art. (38 pp.)
 Ano 3, N°36, 20/10/1936: 12 art. (36 pp.)
 Ano 3, N°37, 20/11/1936: 12 art. (38 pp.)

- Terceira Etapa (1942-1943)

Ano I, Tomo I, N°1, Julho de 1942: 9 art. (80 pp.)
 Ano I, Tomo I, N°2, Agosto de 1942: 8 art. (88 pp.)
 Ano I, Tomo I, N°3, Setembro de 1942: 6 art. (84 pp.)
 Ano I, Tomo I, N°4, Outubro de 1942: 7 art. (84 pp.)
 Ano I, Tomo I, N°5, Novembro de 1942: 6 art. (64 pp.)
 Ano I, Tomo I, N°6, Dezembro de 1942: 8 art. (64 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°7, Fevereiro de 1943: 7 art. (56 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°8, Março de 1943: 7 art. (86 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°9, Junho de 1943: 8 art. (50 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°10, Julho de 1943: 5 art. (60 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°11, Agosto de 1943: 5 art. (62 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°12, Setembro de 1943: 4 art. (42 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°13, Outubro de 1943: 5 art. (60 pp.)
 Ano II, Tomo II, N°14-15, Novembro-Dezembro de 1943: 5 art. (92 pp.)
 Ano II, Tomo III, N°16, Janeiro de 1944: 4 art. (48 pp.)
 Ano II, Tomo III, N°17, Fevereiro de 1944: 3 art. (48 pp.)
 Ano II, Tomo III, N°18, Março-Abril de 1944: 3 art. (48 pp.)
 Ano II, Tomo III, N°19, Maio-Junho de 1944: 3 art. (48 pp.)
 Ano II, Tomo III, N°20, Julho-Agosto de 1944: 3 art. (48 pp.)

- Quarta Etapa (1947-1948)

Ano I, N°1, Novembro-Dezembro de 1947: 5 art. (156 pp.)
 Ano I, N°2, Janeiro-Fevereiro de 1948: 5 art. (318 pp.)
 Ano I, N°3, Março-Abril de 1948: 10 art. (190 pp.)
 Ano I, N°4, Maio-Junho de 1948: 5 art. (216 pp.)
 Ano I, N°5, Julho-Agosto de 1948: 7 art. (204 pp.)
 Ano I, N°6, Setembro-Outubro de 1948: 5 art. (162 pp.)
 Ano I, N°7, Novembro-Dezembro de 1948: 3 art. (162 pp.)

GLOSSÁRIO

- Caballerismo:** Movimento que resgata a figura do fundador da Associação Nacional Republicana (Partido Colorado), o general paraguaio Bernardino Caballero (1839-1912), como um dos heróis da Guerra da Tríplice Aliança.
- Chavismo:** Movimento integrado pelos seguidores de Federico Chaves (1882-1978), líder dos democratas colorados e presidente do Paraguai entre 1949 e 1954.
- Coloradismo:** Relativo ao Partido Colorado paraguaio.
- Epifanismo:** Movimento que apoiava o colorado Epifanio Méndez Fleitas (1917-1985), que foi chefe da Polícia de Assunção e presidente do Banco Central do Paraguai durante a presidência de Federico Chaves. Figura carismática, ganhou popularidade e a amizade do presidente argentino entre 1946 e 1955, Juan Domingo Perón. Stroessner o enviou numa missão cultural após assumir a presidência e “Epifanio” não pôde voltar mais a seu país.
- Febrerismo:** Movimento surgido após o golpe de Estado de 17/02/1936, que levou ao poder o general Rafael Franco (1896-1973). A denominação foi dada pelo golpe ter acontecido em fevereiro e foi adotada por seus militantes, que lutavam por reformas trabalhistas e fundaram um partido com esse nome no Paraguai.
- Forjismo:** Movimento surgido da formação da Força de Orientação Radical da Jovem Argentina (FORJA), agremiação de jovens da União Cívica Radical, partido que surgiu na Argentina em fins do século XIX e se manteve no poder entre 1916 e 1930. Com a morte de seu máximo líder, Hipólito Yrigoyen (1852-1933), os jovens “radicais” organizaram a FORJA como um espaço de reflexão.
- Franquismo:** Movimento integrado pelos defensores do general Rafael Franco.
- Gondrismo:** Movimento que apoiava o liberal Manuel Gondra (1871-1927), presidente do Paraguai entre 1910 e 1911 e 1920 e 1921.
- Guionismo:** Movimento integrado pelos membros do *Guión Rojo*, agremiação do Partido Colorado paraguaio, liderada por Juan Natalicio González.
- Legionário:** Durante a Guerra da Tríplice Aliança, um grupo de paraguaios liberais, que morava fora de seu país, participou na guerra do lado das tropas argentinas, no batalhão dos Legionários. Durante o século XX, os revisionistas colorados passaram a identificar os militantes do Partido Liberal como “legionários”, o que equivalia a “traidores”.

- Lopismo**⁶⁶⁷: Revisionismo histórico surgido no Paraguai na virada do século XIX para o XX, que resgatou positivamente a figura do marechal Francisco Solano López (1827-1870), que havia liderado as tropas paraguaias na Guerra da Tríplice Aliança, em oposição ao liberalismo paraguaio, que o acusava de “assassino da pátria”.
- Montonera**: Agremiação de camponeses a cavalo liderados por um caudilho, que atuava como tropa militar, característica do século XIX, em oposição ao poder central, tanto na Argentina quanto no Paraguai.
- Moriniguismo**: Movimento que apoiava o militar Higinio Morínigo, presidente do Paraguai entre 1940 e 1948. Entre seus principais pilares encontrava-se Juan Natalicio González.
- Natalicismo**: Relativo a Juan Natalicio González.
- Pynandí**: Palavra guarani usada no Paraguai para designar o camponês de “pés descalços” ou “camponês-soldado” que serviu como base política e armada do *guionismo*.
- Rosismo**: Revisionismo histórico argentino que recuperou positivamente a figura de Juan Manuel de Rosas (1793-1877), governador da província de Buenos Aires e representante da Confederação Argentina entre 1835 e 1852, em oposição à historiografia liberal ou “mitrista” que o estigmatizava de “tirano”.
- Stronismo**: Processo histórico compreendido entre 1954 e 1989, em que o general Alfredo Stroessner (1912-2006) foi presidente do Paraguai.
- Yrigoyenismo**: Movimento interno da União Cívica Radical, na Argentina, que apoiava os ideais de Hipólito Yrigoyen.

⁶⁶⁷ Como a palavra é derivada do sobrenome “López”, muitos autores escrevem indistintamente *lopismo* ou *lopizmo*. Nós optamos por manter a forma “*lopismo*”, respeitando o sufixo “ismo”.

ANEXOS

Quadro 1. Artigos publicados na primeira etapa da *Guarania* (1920).

Revista No.	Quantidade de colaborações	Com perspectiva revisionista	Artigos literários	Autores Paraguaiois	Autores Estrangeiros
1	9	6	3	6	1
2	5	4	1	4	1
3	6	3	3	2	3
4	7	2	4	3	4
5	8	8	-	5	-
6	5	3	1	2	3
7	8	4	2	3	5
8	5	3	2	3	2
Total	53	33	16	28	19

Quadro 2. Autores publicados na primeira fase da *Guarania* (1920).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Alenda	Genaro	Espanha	1
Benítez	Justo Pastor	Paraguai	2
Benítez	Leopoldo	Paraguai	2
Blanco-Fombona	Rufino	Venezuela	2
Capece Faraone	Roque	Itália	5
Domínguez	Manuel	Paraguai	2
Douchitch	Juan	Croácia	1
Falconi Villagómez	J. A.	Equador	1
Fariña Núñez	Eloy	Paraguai	3
Goicoechea Menéndez	Martín	Argentina	1
González	Juan Natalicio	Paraguai	8
Herrera	Luis Alberto de	Uruguai	1
Irala	Antolín	Paraguai	1
López Decoud	Arsenio	Paraguai	2
Maeterlinck	Mauricio	Bélgica	1
Miranda	José de	s/d	1
Moreno	Fulgencio	Paraguai	1
O'Leary	Juan E.	Paraguai	3
Pane	Ignacio	Paraguai	5
Pane	Justo A.	Paraguai	1
Pascual	s/d	s/d	1
Pereyra	Carlos	México	2
Pitágoras		Grécia	1
Regnier	Henri de	França	1
Rimbaud	J. Arthur	França	1
Ritter	Rodolfo	Rússia	1
Rodenbach	Georges	Bélgica	1
s/d	s/d	s/d	1

Quadro 3. Artigos publicados na segunda etapa da *Guarania* (1933-1936).

Revista No.	Quantidade de colaborações	Com perspectiva nacionalista	Artigos literários	Autores Paraguaiois	Autores Estrangeiros
1	10	8	2	4	4
2	8	8	-	6	2
3	11	8	3	6	3
4	12	9	3	7	5
5	11	8	3	8	3
6	8	7	1	7	1
7	9	8	1	7	-
8	12	11	1	9	1
9	10	10	-	9	1
10	11	9	2	9	-
11	12	10	2	8	2
12	9	7	2	6	3
13	16	11	5	11	4
14	12	9	3	7	5
15	10	7	3	7	1
16	12	7	5	6	4
17	11	9	2	8	1
18	12	9	3	8	2
19	11	10	1	6	3
20	11	8	3	9	1
21	11	10	1	8	1
22	14	13	1	8	3
23	11	8	3	7	1
24	11	7	4	6	3
25	9	8	1	5	1
26	16	16	-	6	7
27	9	8	1	5	1
28	9	9	-	8	1
29	10	9	1	6	2
30	13	13	-	7	5
31	15	9	6	7	4
32	14	8	6	7	6
33	20	16	4	9	6
34	18	11	7	8	7
35	11	8	3	6	1
36	12	10	2	8	2
37	12	12	-	8	2
Total	433	348	85	267	99

Quadro 4. Autores publicados na segunda fase da *Guaranía* (N^{os}. 1-37).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Abente	Victorino	Espanha	2
Alberti	Rafael	Espanha	1
Alsina	Arturo	Argentina	2
Antolinez	Gilberto	Venezuela	1
Antuñá	José Gervasio	Uruguai	2
Argüelles Elguera	Manuel		1
Argüello	Santiago	Nicarágua	1
Arvelo Larriva	Alfredo	Venezuela	1
Azara			1
Azuela	Salvador	México	1
Badoglio	Pietro	Itália	1
Báez	Cecilio	Paraguai	1
Balarezo Pinillos	Ezequiel	Peru	1
Ballesteros	Montiel	Uruguai	1
Bareiro	José Doroteo	Paraguai	23
Barret	Rafael	Espanha	3
Barrios	Blanca	Paraguai	1
Benavídes	José D.		1
Bertrand	Aloysius	França	1
Bertrand	Victoria	Honduras	1
Boggiani	Guido	Itália	3
Cansinos Assens	R.	Espanha	1
Cantilo	José María	Argentina	1
Capece Faraone	Roque	Itália	1
Capitãozinho Caduveo	[cacique caduveo]		1
Carrancá Trujillo	Raúl	México	1
Carrera Andrade	Jorge	Equador	1
Carrillo	Max		1
Caso	Antonio	México	2
Casson	Jean	França	1
Chamorro	Delfín	Paraguai	1
Correa	Julio	Paraguai	11
Correa	Luis		2
Dahlquist	Juan	Argentina	1
Dallegrí	Santiago	Uruguai	1
D'Annunzio	Gabriele	Itália	1
Díaz de Vivar	Justo	Paraguai	1
Domínguez	Fermín	Espanha	1
Domínguez	Manuel	Paraguai	22
Enciso Velloso	Guillermo	Paraguai	15
Farant	Coronel (¿)		1
Fariña Núñez	Eloy	Paraguai	4
Fernández	Heriberto	Paraguai	1
Fernández de la Puente	J. L.		1
Ferrero R.	Raúl	Peru	1
Finol	Sisoos	Venezuela	1
Garay	Blas	Paraguai	11
García Maynez	Eduardo	México	1
Ghiraldo	Alberto	Argentina	1
Gil Fortoul	José	Venezuela	1
Giménez	Guillermo	México	1
Giménez	Pastor		7
Giusti	Roberto F.	Itália	2
Godoy Chalbaud	Alfonso	Venezuela	1
Gómez Bueno de Acuña	Dora	Paraguai	2
Gómez Freire Estéves		Paraguai	2
Gondra	Manuel	Paraguai	2
González	Juan Natalicio	Argentina	59
Goycoechea Menéndez	Martín	Argentina	2
Guanes	Alejandro	Paraguai	1
Guillén	Alberto	Peru	3

Herrera	Luis Alberto	Uruguai	1
Hidalgo	Alberto	Peru	3
Hurtado	Ramón		2
Jara	Juan	Paraguai	1
Jaramillo Meza		Colômbia	1
Jiménez y Núñez	Pablo	Paraguai	1
Körner	K.W.	Alemanha	1
Kou-Houng-Ming		China	1
Laconich	Marco Antonio	Paraguai	1
Lamas	Vicente	Espanha	8
Larbaud	Valery	França	1
Linares Araque	Pedro		1
Llorens Torres	Luis	Puerto Rico	1
López Decoud	Arsenio	Paraguai	19
López Uriarte	Carlos H.		1
Long	Huey	EEUU	3
Ludwig	Emil	Alemanha	1
Madariaga	Salvador	Espanha	1
Maíz	Fidel	Paraguai	1
Manco Campos	Alejandro	Peru	1
Maurois	André	França	1
Montanaro	Domingo	Paraguai	2
Montenegro	Pedro		20
Moreno	Fulgencio	Paraguai	14
Morínigo	Víctor	Paraguai	26
Mussolini	Benito	Itália	1
Nerval	Mario		1
Nin Frías	Alberto	Uruguai	1
Ocariz	Francisco		1
Ojeda	Juan Blas	Paraguai	1
O'Leary	Juan	Paraguai	13
Orsi	Pietro	Itália	1
Ortiz	José Concepción	Paraguai	5
Pane	Ignacio	Paraguai	3
Pérez Concha	Jorge	Equador	2
Ramos Pimentel	Rubén		1
Recalde	Facundo	Paraguai	1
Richard	René		1
Ritter	Rodolfo	Rússia	1
Rosa	José María	Argentina	1
Royère	Jean		1
Sabat Scarty	Carlos	Uruguai	1
Salas Pérez			1
Salvi	Adolfo		1
Samain	Albert	França	1
Sánchez Quell	Hipólito	Paraguai	7
Santayana	Jorge	Espanha	1
Santos Chocano	José	Peru	1
Saravi	Guillermo	Argentina	3
Saturno-Canelón	Juan	Venezuela	1
Schiaffino	Rafael	Uruguai	1
Silva Valdés	Fernán	Uruguai	4
Sotela	Rogelio	Costa Rica	1
Spinetti Dini	Antonio	Itália	1
Supervielle	Julio	Uruguai	1
Shaw	Bernard	Irlanda	1
Tacconi	Emilio Carlos	Uruguai	1
Tagore	Rabindanah	Índia	1
Talavera	Natalicio	Paraguai	2
T.M.A.			1
Thorp	Williams		1
Valencia	Guillermo		1
Vitor Hugo		França	1
Zweig	Stefan	Áustria	1
Não especifica			28
Total			433

Quadro 5. Autores publicados na segunda fase da *Guarania* (N^{os}. 1-12).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Alsina	Arturo	Argentina	2
Balarezo Pinillos	Ezequiel	Peru	1
Ballesteros	Montiel	Uruguai	1
Benavídes	José D.		1
Bertrand	Aloysius	França	1
Caso	Antonio	México	2
Casson	Jean	França	1
Correa	Julio	Paraguai	3
Correa	Luis		1
Domínguez	Manuel	Paraguai	8
Fariña Núñez	Eloy	Paraguai	2
Fernández	Heriberto	Paraguai	1
Garay	Blas	Paraguai	1
Giménez	Pastor		3
Goycochea Menéndez	Martín	Argentina	1
González	Juan Natalicio	Paraguai	27
Herrera	Luis Alberto	Uruguai	1
Hidalgo	Alberto	Peru	2
Hurtado	Ramón		2
Jiménez y Núñez	Pablo	Paraguai	1
Körner	K.W.	Alemanha	1
Kou-Houng-Ming		China	1
Lamas	Vicente	Espanha	1
Llorens Torres	Luis	Puerto Rico	1
López Decoud	Arsenio	Paraguai	9
López Uriarte	Carlos H.		1
Maurois	André	França	1
Montanaro	Domingo	Paraguai	2
Moreno	Fulgencio	Paraguai	7
Morínigo	Víctor	Paraguai	10
O'Leary	Juan	Paraguai	5
Ortiz	José Concepción	Paraguai	1
Pane	Ignacio	Paraguai	2
Richard	René		1
Ritter	Rodolfo	Rússia	1
Royère	Jean		1
Sabat Scarty	Carlos	Uruguai	1
Samain	Albert	França	1
Sánchez Quell	Hipólito	Paraguai	1
Supervielle	Julio	Uruguai	1
Shaw	Bernard	Irlanda	1
Tacconi	Emilio Carlos	Uruguai	1
Thorp	Williams		1
Zweig	Stefan	Áustria	1
Não especifica			6
Total			121

Quadro 6. Autores publicados na segunda fase da *Guarania* (N^{os}. 13-24).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Antuña	José Gervasio	Uruguai	2
Bareiro	José Doroteo	Paraguai	11
Bertrand	Victoria	Honduras	1
Boggiani	Guido	Itália	2
Capece Faraone	Roque	Itália	1
Cantilo	José María	Argentina	1
Capitãozinho Caduveo	[cacique caduveo]		1
Correa	Julio	Paraguai	2
Correa	Luis		1
Dallegri	Santiago	Uruguai	1
Díaz de Vivar	Justo	Paraguai	1
Domínguez	Fermín	Espanha	1
Domínguez	Manuel	Paraguai	7
Farant	Coronel (¿)		1
Fariña Núñez	Eloy	Paraguai	2
Fernández de la Puente	J. L.		1
Garay	Blas	Paraguai	5
Gil Fortoul	José	Venezuela	1
Giménez	Pastor		1
Giusti	Roberto F.	Itália	1
Goycoechea Menéndez	Martín	Argentina	1
Gómez Bueno de Acuña	Dora	Paraguai	2
González	Juan Natalicio	Paraguai	19
Guillén	Alberto	Peru	2
Hurtado	Ramón		1
Laconich	Marco Antonio	Paraguai	1
Lamas	Vicente	Espanha	4
López Decoud	Arsenio	Paraguai	8
Long	Huey	EEUU	3
Montenegro	Pedro		10
Moreno	Fulgencio	Paraguai	2
Morínigo	Víctor	Paraguai	10
Nin Frías	Alberto	Uruguai	1
Ocariz	Francisco		1
O'Leary	Juan	Paraguai	4
Ortiz	José Concepción	Paraguai	4
Pane	Ignacio	Paraguai	1
Pérez Concha	Jorge	Equador	2
Recalde	Facundo	Paraguai	1
Sánchez Quell	Hipólito	Paraguai	4
Santayana	Jorge	Espanha	1
Santos Chocano	José	Peru	1
Saravi	Guillermo	Argentina	2
Schiaffino	Rafael	Uruguai	1
Talavera	Natalicio	Paraguai	1
T.M.A.			1
Valencia	Guillermo		1
Vitor Hugo		França	1
Não especifica			6
Total			140

Quadro 7. Autores publicados na segunda fase da *Guarania* (N^{os.} 25-37).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Abente	Victorino	Espanha	2
Alberti	Rafael	Espanha	1
Antolinez	Gilberto	Venezuela	1
Argüelles Elguera	Manuel		1
Argüello	Santiago	Nicarágua	1
Arvelo Larriva	Alfredo	Venezuela	1
Azara			1
Azuela	Salvador	México	1
Badoglio	Pietro	Itália	1
Báez	Cecilio	Paraguai	1
Bareiro	José Doroteo	Paraguai	12
Barret	Rafael	Espanha	3
Barrios	Blanca	Paraguai	1
Boggiani	Guido	Itália	1
Cansinos Assens	R.	Espanha	1
Carrancá Trujillo	Raúl	México	1
Carrera Andrade	Jorge	Equador	1
Carrillo	Max		1
Chamorro	Delfín	Paraguai	1
Correa	Julio	Paraguai	6
Dahlquist	Juan	Argentina	1
D'Annunzio	Gabriele	Itália	1
Domínguez	Manuel	Paraguai	7
Enciso Velloso	Guillermo	Paraguai	15
Ferrero R.	Raúl	Peru	1
Finol	Sisoos	Venezuela	1
Garay	Blas	Paraguai	5
García Maynez	Eduardo	México	1
Ghiraldo	Alberto	Argentina	1
Giménez	Guillermo	México	1
Giménez	Pastor		3
Giusti	Roberto F.	Itália	1
Godoy Chalbaud	Alfonso	Venezuela	1
Gondra	Manuel	Argentina	2
Gómez Freire Estéves		Paraguai	2
González	Juan Natalicio	Paraguai	13
Guanes	Alejandro	Paraguai	1
Guillén	Alberto	Peru	1
Hidalgo	Alberto	Peru	1
Jara	Juan	Paraguai	1
Jaramillo Meza		Colômbia	1
Lamas	Vicente	Espanha	3
Larbaud	Valery	França	1
Linares Araque	Pedro		1
López Decoud	Arsenio	Paraguai	2
Ludwig	Emil	Alemanha	1
Madariaga	Salvador	Espanha	1
Maíz	Fidel	Paraguai	1
Manco Campos	Alejandro	Peru	1
Montenegro	Pedro		10
Moreno	Fulgencio	Paraguai	5
Morínigo	Víctor	Paraguai	6
Mussolini	Benito	Itália	1
Nerval	Mario		1
Ojeda	Juan Blas	Paraguai	1
O'Leary	Juan	Paraguai	4
Orsi	Pietro	Itália	1
Ramos Pimentel	Rubén		1
Rosa	José María	Argentina	1
Salas Pérez			1
Salvi	Adolfo		1
Sánchez Quell	Hipólito	Paraguai	2
Saravi	Guillermo	Argentina	1
Saturno-Canelón	Juan	Venezuela	1
Silva Valdés	Fernán	Uruguai	4
Sotela	Rogelio	Costa Rica	1
Spinetti Dini	Antonio	Itália	1
Tagore	Rabindanah	Índia	1
Talavera	Natalicio	Paraguai	1
Não especifica			16
Total			172

Quadro 8. Artigos publicados na terceira etapa da *Guarania* (1942-1944)⁶⁶⁸.

Revista N ^o .	Quantidade de colaborações	Escritores	Jornalistas	Colaboradores Paraguaiois	Colaboradores Estrangeiros
1	16	4	12	3	5
2	14	6	8	4	5
3	13	4	9	2	9
4	28	19	9	4	20
5	10	4	6	2	4
6	12	6	6	3	5
7	11	5	6	1	6
8	13	7	6	1	8
9	10	5	5	2	4
10	5	5	-	2	1
11	16	16	-	4	11
12	4	4	-	1	2
13	5	5	-	1	3
14-15	5	5	-	3	-
16	4	4	-	3	1
17	3	3	-	2	1
18	3	3	-	2	1
19	3	3	-	2	1
20	3	3	-	2	1
Total	178	111	67	44	88

Quadro 9. Autores resenhados na terceira etapa da *Guarania* (1942-1944).

Revista N ^o .	Quantidade de resenhas	Autores Paraguaiois	Autores Estrangeiros
1	4	1	2
2	7	2	4
3	7	1	5
4	3	1	1
5	3	-	3
6	6	3	3
7	3	1	2
8	3	1	1
9	6	-	3
10	-	-	-
11	-	-	-
12	-	-	-
13-14	-	-	-
15	-	-	-
16	-	-	-
17	-	-	-
18	-	-	-
19	-	-	-
20	-	-	-
Total	42	10	24

⁶⁶⁸ Não foram contados os autores resenhados. A partir do número 10, se interrompem as seções “Panorama”, “Através da vida americana” e “À margem dos livros novos”. A origem nacional de alguns autores não foi possível identificar.

Quadro 10. Escritores publicados na terceira fase da *Guarania* (1942-1944).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Alsina	Arturo	Argentina	4
Arciniegas	Germán	Colômbia	2
Arraiz	Antonio	Venezuela	1
Baudelaire	Charles	França	1
Bello	Andrés	Venezuela	1
Blanco	Andrés Eloy	Venezuela	1
Blanco Villalta	J. G.		1
Blomberg	Héctor Pedro	Argentina	1
Borges	José Luis	Argentina	1
Bufano	Alfredo R.	Argentina	1
Capdevila	Arturo	Argentina	1
Caro	Miguel Antonio	Colômbia	1
Córdoba Itutuburu	Cayetano	Argentina	1
Cova	Jesús Antonio	Venezuela	5
Decoud	Diógenes	Paraguai	1
De la Cuadra	José	Equador	1
Del Mazo	Gabriel	Argentina	8
Domínguez	Manuel	Paraguai	1
Enciso Velloso	Guillermo	Paraguai	1
Fernández	Macedonio	Argentina	1
Fernández Moreno		Argentina	1
Gil Fortoul	José	Venezuela	1
González	Gustavo	Paraguai	5
González	Juan Natalicio	Paraguai	19
González	Juan Vicente	Venezuela	2
Guillén	Alberto	Peru	1
Gutiérrez	Federico A.		1
Haya de la Torre	Raúl	Peru	1
Heredia	José María de	Cuba	1
Ipuche	Pedro Leandro	Uruguai	1
Isaacs	Jorge	Colômbia	1
Lasso de la Vega	Rafael	Espanha	1
Ledesma	Roberto	Argentina	1
López Decoud	Arsenio	Paraguai	1
López Merino	Francisco	Argentina	1
Lozano	Abigail	Venezuela	1
Mata	Andrés	Venezuela	1
Molinas Rolón	Guillermo	Paraguai	1
Morínigo	Víctor	Paraguai	4
Neruda	Pablo	Chile	1
Nezahualcoyotl		Chichimeca-México	1
Núñez	Rafael	Colômbia	1
Núñez	Enrique Bernardo	Venezuela	1
Olmedo	José Joaquín	Equador	1
Ortiz Guerrero	Manuel	Paraguai	2
Otero Silva	Manuel	Venezuela	1
Palacios	Alfredo I.	Argentina	1
Pedretti	Carlos A.	Itália	1
Portal	Magda	Peru	1
Potentini	Tomás Ignacio	Venezuela	1

Recalde	Facundo	Paraguai	1
Rega Molina	Horacio	Argentina	1
Riccio	Gustavo A.	Argentina	1
Sánchez Quell	Hipólito	Paraguai	1
Sarnain	Albert	França	1
Silva	José Asunción	Colômbia	1
Taborda	Saúl	Argentina	2
Triffin	Robert	Bélgica	1
Valdelomar	Abraham	Peru	2
Valery	Paul	França	1
Vallejo	Carlos María de		1
Venegas Filardo	Pascual	Venezuela	1
Yunque	Alvaro	Argentina	1
Zola	Emile	França	1
s/a			12

Quadro 11. Jornalistas publicados na terceira fase da *Guarania* (1942-1944).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Arcaya	Pedro M.	Venezuela	1
Benítez Vinuesa	Leopoldo	Equador	4
Cova	Jesús Antonio	Venezuela	1
Espinosa Rojas	José		4
Gallegos	Gerardo	Equador	4
Gómez	Jorge		6
Henestrosa	Andrés	México	4
Hernández Matos	Román		4
Herrera y Reissig	Julio	Uruguai	1
L.C.D.			1
Morínigo	Víctor	Paraguai	8
Reyes	Antonio		7
Roullin		França	1
Sanz	Mariano		1
Silva Uzcátegui	Jorge		1
Steck Martínez	Jorge		4
Uribe Cualla	Luis E.	Colômbia	3
Vernaza	Ricardo		1
Zabal	Sora		1

Quadro 12. Artigos publicados na quarta etapa da *Guarania* (1947-1948).

Revista N ^o .	Quantidade de colaborações	Artigos sobre Paraguai	Outros Assuntos	Autores Paraguaio	Autores Estrangeiros
1	5	5		4	1
2	4	3	1	1	2
3	9	7	2	3	6
4	5	3	2	2	2
5	7	4	3	2	4
6	5	4	1	3	2
7	3	3	-	1	1
Total	38	29	9	16	18

Quadro 13. Autores publicados na quarta fase da *Guarania* (1947-1948).

Sobrenome	Nome	País de Nascimento	Número de colaborações
Arciniegas	Germán	Colômbia	1
Boettner	Víctor (Cnel.Dr.)	Paraguai	1
Cadogán	León		1
Calmón	Pedro	Brasil	1
Cova	Jesus Antonio	Venezuela	1
Frankl	Víctor	Áustria	1
Freyre	Gilberto	Brasil	1
Gandía	Enrique de	Argentina	2
González	Juan Natalicio	Paraguai	6
González Alsina	J. Ezequiel	Paraguai	1
Kempski			1
Morínigo	Víctor	Paraguai	3
Muñoz Cota	José	México	3
Pacheco	Toribio	Peru	1
Pane	Ignacio A.	Paraguai	1
Pérez Acosta	Juan F.	Paraguai	2
Porras Barrenechea	Raúl	Peru	1
Rey del Castro	Carlos		1
Southey	Robert	Inglaterra	2
Taboada	Edmundo	México	1
Triffin	Robert	Bélgica	1
Ynsfrán	Edgar	Paraguai	1
s/a (nota ed.)			5